



AMÉRICO F. MARQUES

Livreiro Antiquário

R. da Misericórdia 52-1.º

Tel: 34977 Lisboa

N.º 6415

Je ne fay rien  
sans  
**Gayeté**

*(Montaigne, Des livres)*

Ex Libris  
José Mindlin





# Brazil Illustrado

ARCHIVO DE CONHECIMENTOS ÚTEIS

Atelier artistico de Alfredo Pinheiro, rua Sete de Setembro n. 157

N. 1

PINHEIRO & C.—editores-proprietarios—RIO DE JANEIRO

1887



Brazil Illustrado, que ora apparece á luz da publicidade, é mais do que uma simples tentativa litteraria, é tambem o resultado de perseverantes

esforços e da unificação de dous pensamentos que de ha muito, cada um na sua esphera de accção, lutam por uma idéa, a qual nem por modesta, minima mesmo á primeira vista, deixa de ser muito util.

Ha quinze annos, quando pela primeira vez e pelo *Jornal do Commercio* procurei attrahir a attenção dos philantropos e do

Estado para um estabelecimento da maior benemerencia publica, que até então lutava com as mais serias difficuldades e por vezes estivera a ponto de desaparecer — o Lyceo de Artes e Officios —; no intuito de desenvolver e completar tão proveitoso estabelecimento lembrei a criação de algumas officinas, como preceituam os seus estatutos fundamentaes, e entre outras, procurei tornar patente como seria de grande vantagem uma aula de gravura em madeira, demonstrando o quanto desse ramusculo artistico depende o progresso da instrução popular.

Desde então, sempre que se me offerencia ensejo, voltava ao assumpto, tentando mesmo mais de uma vez levar a effeito uma publicação que auxiliasse essa propagauda; infelizmente faltou-me tambem sempre o principal elemento — os gravadores. Por diminutos em numero não podiam elles auxiliar-me efficazmente, porquanto tornava-se necessario um concurso quasi quotidiano, o que entre poucos seria por demais oneroso.

Em 1882 tive o prazer de ver o Sr. conselheiro Rodolpho E. de Souza Dantas, como ministro do imperio, decretar a criação de uma cadeira de xylographia, mas em vez de ser no Lyceo, como eu sempre pedira pela imprensa, e com verba especial para mantel-a com a maior largueza, S. Ex. collocou-a na Academia das Bellas Artes, em substituição á de gravura em medalhas que ali cahira em desuso.

Externel, e por mais de uma vez, a minha opinião desfavoravel a essa ideia e vaticinei desde logo o que de facto veio a succedor; desde que a nova cadeira era posta no mesmo nivel dos mesquinhos honorarios das antigas, tornava-se impossivel mandar contractar no estrangeiro um professor nos casos de fundar uma escola de gravura, e no paiz ninguem por certo satisfaria todas as condições de um bom concurso, foi justamente o que se deo.

A cadeira ficou vaga até agora, sendo afinal supprimida ou antes substituida por uma outra de perspectiva aerea e theoria das sombras.

Não cabe nos estreitos limites deste artigo, nem é esta occasião opportuna para entrar em considerações á respeito; mais de espaço e a seu tempo o farei no interesse desta mesma propaganda.

Emquanto por um lado e por taes meios eu procurava despertar entre nós o gosto por uma arte tão simples quão util, e que tão bella quão vantajosa carreira offerece á mocidade intelligente; por outro lado, o

Sr. Manoel Pinheiro trabalhava mais pratica e efficazmente em favor da nobre causa.

Ha muitos annos que este laborioso e intelligente industrial, dirigindo o seu bem montado estabelecimento de artes graphicas, applicava-se ao estudo da xylographia, já gravando letras e emblemas, já ensaiando processos de impressão e reproducção dos *clichés*; e como em taes casos soe acontecer; foi-se realizando em suas mãos o bello aphorismo mongolico — com o tempo e paciencia a folha da amoreira transfoimou-se em setim. — O amator fez-se artista tão consummado quanto póde ser quem na sua propria vocação tem o unico niestre; e o que nos primeiros periodos não passava de mero passatempo, tornou-se um amor predominante e com taes extremos que o levou não só a introduzir em seu estabelecimento officinas complementares de stereotypia e galvanoplastia, como a mandar á Paris um de seus filhos, o Sr. Alfredo Pinheiro, expressamente estudar e aperfeiçoar-se na arte xylographica.

Como aquelle operario de Cromarty, de que nos falla Smilles, que depois de juntar *specimen* por *specimen* colhidos inconscientemente nas pedreiras em que trabalhava, formou a sua primeira colleção e guiado pelo que lhe ensinavam os livros, sem auxilio de mestres, chegou a ser o celebre geologo Hugh Miller, assim o Sr. Pinheiro, applicando-se ao dezenho e á gravura, foi dia por dia accumulando elementos graphicos com os quaes ora enceta esta publicação.

A seu exemplo outros se foram applicando, quasi que pelos mesmos processos intuitivos, e pouco e pouco, assim se formou o pequeno nucleo de xylographos que já tem permittido a publicação de algumas obras illustradas, senão com maxima perfeição, pelo menos de fórma a satisfazer os menos exigentes; principalmente em relação á trabalhos technicos e didaticos. Alguma cousa pois já existe, o que cumpre é congregar essas pequenas forças, e no proprio interesse desses poucos, encetar a propaganda pela imprensa: — eis o principal objectivo desta publicação.

Comprehende-se, a vista do exposto, que não se trata de um periodico de grande formato, de apparatusas gravuras e aprimorados artigos, mas sim de uma pequena revista illustrada, assumpto por assumpto, feita com o concurso de todos, — escriptores e artistas — que levados pela mesma boa vontade que anima os dignes editores, nos queiram auxiliar nesta benemerita empreza.

E' um periodico de propaganda e consequentemente tem por fim desenvolver quanto

lhe caiba em posses, o gosto pela gravura e pelo desenho; assim pois, franqueando as suas columnas aos trabalhos litterarios, o BRAZIL ILLUSTRADO insta e espera merecer, de amadores e artistas igual collaboração graphica, á semelhança do que se pratica em outros paizes, como por exemplo Portugal, onde senhoras e cavalheiros da mais alta distincção esmaltam de primores as paginas das publicações congeneres desta.

Não é um periodico litterario este, na mais restricta acepção do vocabulo, mas como bem diz o sub-titulo — um modesto archivo de conhecimentos uteis, isto é: consagrado á boa lição de tudo quanto póde instruir recreando, especialmente em relação as cousas patrias, á historia, geographia, uso, costumes, flora, fauna, paisagem e obras d'arte do Brazil, como esbóça este primeiro numero.

Tencionam os seus editores dar esta publicação, por enquanto, duas vezes por mez, procurando sempre ser em dia certo, mas em todo o caso publicando 24 numeros em um anno; tempo pelo qual tomam o compromisso e o cumprirão com a seriedade que de ha muito estão costumados a servir o publico.

Estabelecida ha 35 annos e possuindo um dos mais completos estabelecimentos graphicos do paiz, nenhuma casa por certo se acha entre nós em melhores condições de emprender e levar por diante uma publicação desta ordem; e por conseguinte nos casos de desempenhar-se honrosamente de seus compromissos. Oxalá o publico, sempre generoso para com os cometimentos nobres, anime e proteja este tentame, que muito poderá ainda vir a fazer a bem da instrucção do povo e aperfeiçoamento das artes graphicas, senão tambem das bellas artes nas suas mais elevadas manifestações.

Convidado e conjunctamente o meu amigo Dr. Pires d'Almeida, para dirigir de accôrdo com os illustradores Pinheiro pae e filho, esta publicação, aceitei o gracioso encargo menos certo da minha competencia que da boa vontade com que dedicarei á modesta empreza os meus limitados conhecimentos litterarios e sentimentos artisticos.

FELIX FERREIRA.



## A Escola Militar da Côrte

Martim Affonso de Souza, correndo a costa do Brazil, desembarcou no dia 1º de Janeiro de 1532 n'uma praia arenosa entre somontes Urca e Babylonia, e teve a idéa de ahi fundar uma colonia, idéa que abandonou, seguindo a sua róta para o sul. Por muitos annos foi esta praia conhecida pelo nome de « Porto de Martim Affonso, » e só mais tarde passou a chamar-se Praia Vermelha, naturalmente pela côr avermelhada das arêas. Em 1701 foi ahi construido um forte, que foi muito augmentado pelo 1º vice-rei do Brazil Conde de Cunha, D. Antonio Alvares, e consideravelmente desenvolvido pelo 3º vice-rei do mesmo estado D. Luiz de Almeida Portugal. Já em 1699 fôra creada na Bahia uma Escola de artilharia a architectura militar, começando com tres partidistas e depois em 1713 augmentada com mais tres.

No reinado de D. Maria I, sendo regente o principe D. João e ministro da guerra D. Rodrigo de Souza Coutinho, Conde de Linhares, mandou o mesmo principe, por carta régia de 4 de Dezembro de 1810, crear no Rio de Janeiro uma Academia de sciencias physico-mathematicas para instrucção dos officiaes que se destinassem ás differentes armas do exercito.

Nessa mesma data deram-se os estatutos da real Academia militar, que por decreto de 22 de Janeiro de 1811 foi mandada estabelecer no largo de S. Francisco de Paula, no edificio que fôra ha muito começado para igreja de S. Sebastião e Sé do Rio de Janeiro; sendo logo inauguradas as aulas, no dia 23 de Abril, em uma sala da casa do Trem, donde passou a funcção no largo de S. Francisco de Paula no dia 1º de Abril de 1812.

Os seus estatutos foram reorganizados no tempo de D. João VI por aviso de 26 de Dezembro de 1818, e mais tarde por decreto de 9 de Março de 1832 foi unida á Academia de marinha; da qual foi desligada por decreto de 22 de Outubro de 1833.

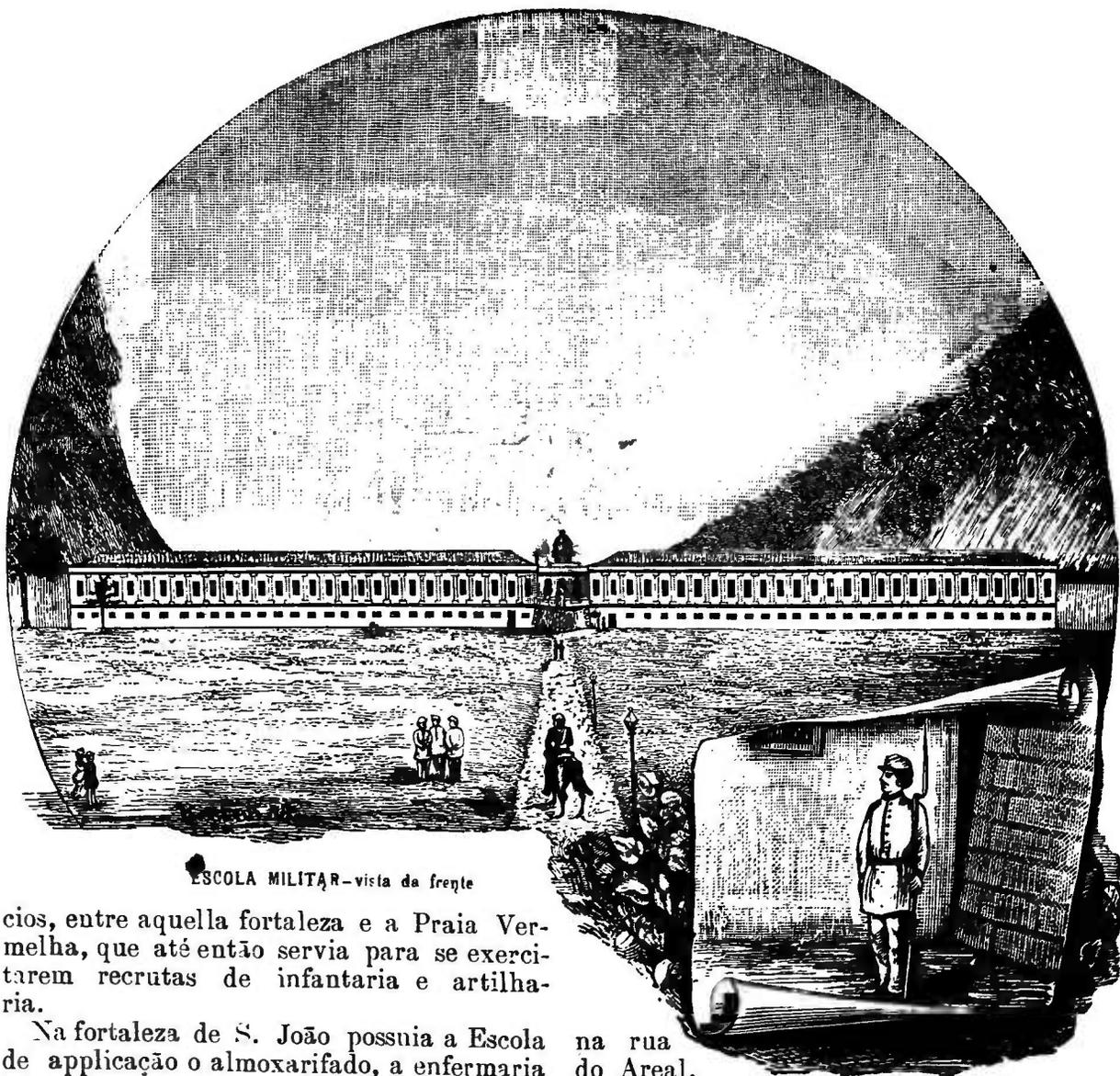
O seu regulamento foi ampliado pelos decretos de 3 de Fevereiro de 1834, 23 de Fevereiro de 1835, e pelos decretos de 14 de Janeiro e 12 de Fevereiro foi reorganizada passando a chamar-se Escola Militar; soffrendo ainda em 9 de Março de 1842 alterações, creando-se um observatorio, uma aula de geologia, e outra de sciencias juridicas sociaes, administração e legislação militar.

O regulamento de 1º de Março de 1845 creou o Imperial Observatorio Astronomico, que foi construido sobre as abobadas e muralhas da igreja, começada pelos jesuitas no morro do Castello, tendo por fim o ensino de astronomia aos alumnos da Escola Militar, e creando o mesmo decreto o grão de doutor e bacharel em sciencias phisicas e mathematicas.

Por decreto de 23 de Janeiro de 1855 foi creada a Escola de applicação para officiaes e praças de pret praticarem; e foi instalada na fortaleza de S. João, á qual se addicionou uma chacara com alguns edifi-

Com a criação da Escola de applicação foi alterado o curso de estudos da Escola Militar, desligando-se o 5º e 6º annos desta para aquella por decreto de 25 de Janeiro de 1855.

Pelo regulamento de 25 de Março de 1858 foi reorganizada a Escola Militar com a denominação de Escola Central, e a de applicação passou a chamar-se Escola Militar e de applicação, construindo-se para esse fim o actual edificio sobre as muralhas da antiga fortaleza da Praia Vermelha, mandando o governo desapropriar alguns predios adjacentes a ella e começando-se um picadeiro



ESCOLA MILITAR—vista da frente

cios, entre aquella fortaleza e a Praia Vermelha, que até então servia para se exercitarem recrutas de infantaria e artilharia.

Na fortaleza de S. João possuia a Escola de applicação o almoxarifado, a enfermaria de convalescente, o asylo de invalidos mandado fazer pelo marquez de Lages, e mais um edificio chamado do Salitre, junto da lagoa Rodrigo de Freitas, e uma cavallariça no campo da Acciamação, entre as ruas do Areal e Conde, no antigo quartel de cavallaria.

na rua do Areal.

Com a reforma passou a funcionar tambem uma aula preparatoria de mathematicas elementares.

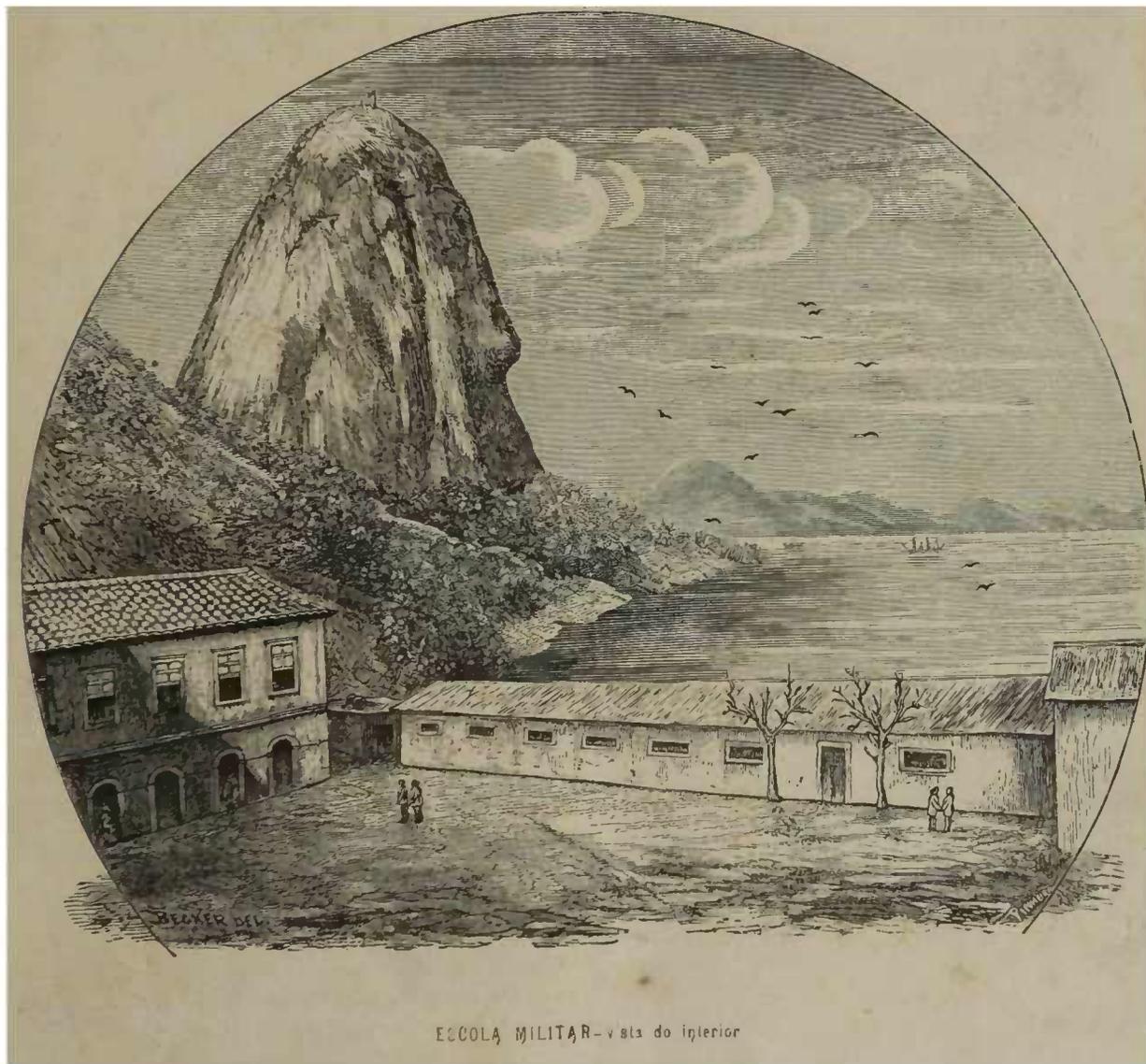
Em 1859 a Escola militar foi desapossada da fortaleza de S. João, ficando sómente com algumas casas e o terreno fóra da mesma fortaleza.

Em 10 de Julho de 1863 foi creada uma escola preparatoria annexa, cujo regulamento foi ampliado pelos decretos de 22 de Setembro de 1866, 22 de Agosto de 1871 e 17 de Janeiro de 1874, sendo por este decreto organizado o curso actual de cinco annos, ficando a escola central transferida para o ministerio do imperio.

De então para cá tem havido grandes melhoramentos, taes como a construcção de

No edificio principal acham-se: no andar superior os dormitórios e aulas, e no andar terreo uma ala do batalhão de engenheiros; cozinha, refeitório, arrecadações, lavatorios, sala d'armas e musica do corpo de alumnos, corpo da guarda, prisões e arrecadação geral do mesmo batalhão de engenheiros.

Encostados ao terrapleno do baluarte que olha o mar está a cavalharia, arrecadações de artilharia, cozinha e refeitório do ba-



ESCOLA MILITAR - vista do interior

uma aza do edificio principal, creação de corpo de alumnos, mudança de fardamento, construcção de uma torre com relógio, e uma arrecadação para artilharia e outra para generos do corpo de alumnos, bem como outros aperfeicoamentos que não cabe aqui enumerar neste esboço.

Os edificios formam um quadrilatero, tendo a um lado o edificio principal com a aza; no centro fica um pateo grammado e circumdado de arvoredos.

talhão de engenheiros. Fecha o quadrilatero um edificio onde funciona a administração, aulas, enfermaria e bibliotheca com cerca de 8000 volumes. Além desses edificios existem: uma arrecadação para generos do corpo de alumnos, caixas d'agua e um edificio em construcção. O baluarte do lado do mar está guarnecido de velhos canhões de ferro, montados em reparos de madeira.

TOBIAS BECKER.

## PHYSIONOMIAS FLUMINENSES

### CECILIA

Uma vez uma viuvinha...

Se, para fixar o verdadeiro sentido que dou á palavra *viuvinha*, eu fosse obrigado a tomar em linha de conta a presumpção e agua benta de todas as esposas que enterraram os caros companheiros das canceiras da vida, estaria ainda agora a patetear, sem rumo, sem norte.

Como a belleza do enunciado não está na confusão, mas — inversamente — na sua brevidade e clareza, fica estabelecido — muito embora a moda não pegue — que qualificámos de *viuvas* áquellas que passaram pelo duro transe de perder o esposo,—e *viuvinhas*, ás que tiveram a fortuna...

Perdão! não vou bem... e passo a explicar-me.

*Viuva*, quero eu dizer, é a *moça* que perdeu o marido depois dos quarent'annos; *viuvinha*, a que o *enviuvou* aos vinte. A primeira tem uma troça de filhos, todos resmelengos e tagarells; a segunda, apenas um... um unico, que esconde com receio de comprometter seus futuros planos. São ambas pobres: as viuvas ricas e bonitas são mais difficéis de encontrar na vida real que os mosquitos brancos. Sahem ambas á rua, com o mesmo proposito, o de *lograr* alguém, e com o coração cheio dos mesmos peccados... mas, a verdade seja dita, deixam os véos em casa.

Assim, pois: era uma vez uma viuvinha. E bonita. Chamava-se Cecilia. Cecilia? Se a memoria não me falha, era esse o seu nome.



Dotada de mais cabeça que coração, sabia dominar-se. Geralmente, quando as viuvas podem dominar-se, sabem fingir: quero dizer, preside a todos seus actos e

palavras uma especie de diplomacia machiavelica, baseada no *póde ser que sim, póde ser que não*.

Atirei-lhe a setta. Se a pontaria foi certa ao coração, não sei: ella, porém, rendeo-se.

Quizera pintar-lhes os primores d'aquella descommunal belleza, porque — como é facil comprehender — historizando os meus amores mais não faço que prestar homenagem a cada um desses anjos, que—por seus encantos e atractivos—torturavam-me outr'ora o coração; mas, para que? para que encher-lhes a bocca d'agua?

Querem soffrer? Escutem. Não é o marmore de Paros mais alvo que sua transparente cutis; não é mais fresca a rosa humedecida pelo orvalho, que seus perfumados labios. Jantem-lhe os cabellos pretos, curtos, ondeados, em mil caixosinhos, em gracioso atropêlo sobre o niveo collo, onde se destaca uma pintinha... Ai, que malvada pintinha!

E os olhos?

Seus olhos.. Não prosigo; peço oito dias para procurar na inteira natureza algum primor com que comparal-os. Não basta a palavra humana para exprimi-los.

Insisto no prazo pedido. Nesse entretempo, pedirei ás flores que abram seus calices á minha passagem, rogarei ao mar que desvie as suas aguas, aos passaros —que voem mais alto— que me revelem os segredos do espaço, porque nas alturas do céu, nos abysmos do mar, ou entre as flores mais bellas, eu encontrarei talvez uma pedra preciosa, o doce azulado de uma perola, o brilho de uma estrella, a luz de uma luz com que possa comparar aquelles olhos.

Em resumo: aquelles olhos são os rivaes... de si mesmo.

Adiante.

Encontrei-a uma vez seguida da mamãe,

Estas mamães, que acompanham as filhas, em passeio ou ás compras, são a arrelia dos *penantes*.

Não mais a perdi de vista. Ella n'uma calçada,— eu, n'outra. Entrou no armarinho do Leitão. Não desejando tornar me importuno por que as viuvinhas são sempre muito susceptiveis,— passei um pouco adiante, e entrei,—por minha vez no Castellões, collocando-me de sentinella ao queijo londrino.

Poucos momentos depois ella passou com um embrulhinho, pendido do dedo minimo por uma fita.

Perguntei-lhe com um movimento rapido se consentia que a acompanhasse. Seus olhos disseram *sim*, com muito gósto; e poderiam ter exprimido muito mais, porque aquelles olhos fallam... de amores.

Fiquei sabendo a casa da interessante viuvinha.

Estas reticencias não têm a maliciosa interpretação que os leitores lhe querem dar.

Entre o franco ataque em que caíi vencido ao encontro da honesta moça, houve uma pausa. Quinze dias se passaram sem que eu a visse; como, porém, não ha desgracia que sempre dure, regressando de uma visita de etiqueta, topei-a á janella.

Era esplendida a noite que presidio á nossa primeira entrevista. O céu e a terra pareciam combinados para protegê-la.

As estrellas, ciosas da minha felicidade, apagaram os seus lumes; em compensação, a brisa embalsamada pelo perfume das flores, que—em densa latada—escondiam-n'a aos poucos que ainda transitavam áquella hora, colhia nossas almas n'um só véo, lançando-as juntinhas n'um mundo de inefaveis delicias.

Aproveitando os primeiros momentos de sepulchral silencio, da mais admiravel tranquillidade, chamei-a á susto:

- Cecilia?
- Falle baixinho...
- Amo-te.
- Duvido.
- Teus olhos.
- Heim?
- Teus olhos captivaram-me.
- Não ouço.
- Teus olhos capt...
- Não posso ouvir...
- Teus olhos...
- Não grite assim: mamãe está na alcova.
- Teus olhos...
- Um pouquinho mais alto.
- Teus olhos...
- Teus, o que?
- ... olhos. Não ouvio, ainda? Teus olhos captivaram-me... teus olhos, como os raios vivificantes do sol sobre a florinha amortecida...
- Não ouço nada.
- Eu repito: teus lindos olhos..

Tendo parecido que ella ouvira finalmente, eu ia proseguir, animado das mais puras intenções e do muito amor em que me abrasava, quando atiram-me de cima dous litros de agua de rosas, que deixaram-me á tremer de... raiva.

--

D'ahi em diante, jurei nunca mais gostar de viuvinhas, vígiadas pelas mamães que distillam essencias, ainda mesmo que tenham os mais lindos olhos do mundo.

DR. PIRES DE ALMEIDA.



### A marinha do Sr. Rouéde

A marinha que damos neste numero representa a entrada da barra do Rio de Janeiro e foi expressamente dezenhada pelo Sr. Rouede para o nosso jornal; é pois este talentoso artista o primeiro a acceder ao nosso convite, vindo graciosamente auxiliar-nos nesta empreza verdadeiramente artistica e litteraria.

E' uma inspiração de momento e não um estudo aturado do assumpto, mas quanto basta para pôr em evidencia a não vulgar intuição artistica do nosso distincto collaborador. O Sr. Rouede effectivamente é dotado de extraordinaria vocação para a arte e possui o que os antigos chamavam—o fogo sagrado.

Não queremos com isto dizer que o autor da marinha que orna este nosso primeiro numero, seja—um mestre—na accepção do vocabulo; não por certo, falta-lhe ainda muito para lá chegar, mas ha de chegar e com grande brilhantismo.

A gravura interpreta fielmente o dezenho, e neste ha bellezas que se descobrem a primeira vista. O *chaveco* que de velas enfunadas parece desafiar as iras do mar alto, está bem talhado e os dous tripolantes são perfectos typos dos negros que, em larga escala, foram outr'ora empregados na nossa navegação costeira, e que com a extincção do elemento servil vão desapparecendo.

Em geral o negro é avesso ás lides do mar, e só forçado pelo captiveiro, a ellas se entregava; por isso, á proporção que se vae libertando acolhe-se á terra que é o seu elemento unico, d'ahi o despovoamento dos pretos, que ora se nota, na pequena navegação. O dezenho do Sr. Rouede fica aqui pois archivado como um apontamento para a historia dos nossos usos e costumes; e poderá servir para no futuro dar idéa do systema de transporte da pequena lavoura por via maritima, que ainda actualmente empregamos, mas que tende a desapparecer breve.

F. F.



ENTRADA DA BARRA DO RIO DE JANEIRO - Marinha, de Rouéde

# VARÕES ILLUSTRÉS

## D. JOÃO VI

**I**naugurando a nossa galeria de illustrações e benemeritos do Brazil, somos apenas justos offerendo aos leitores o retrato do principe que, com mão generosa, e despreoccupado de pequenas rivalidades e ciumes entre povos, que fallam o mesmo idioma, lançou á terra próvida os germens de uma brillante nacionalidade, os alicerces de um grandioso edificio social, pois— a despeito de tudo o Brazil irá a ser o fóco irradiante do mais longo e bello periodo da civilisação. Objectam os refractarios á monarchia que D. João VI nada fez, e que tudo quanto levou-se a effeito foi obra dos homens que o rodeavam; é certo, mas tambem não é menos certo que nem esses homens estariam a seu lados e elle não quizesse, e muito menos o Brazil ter-se hia convertido—de colonia—em centro da metropole, se essa não fosse a sua soberana vontade, e vontade que — como rei absoluto—não podia ser contestada.

Desde que, aportando á Bahia, ouviu attentamente o que lhe affirmava um brasileiro, para elle desconhecido, e compenetrrou-se tanto do seu conselho que — immediatamente—decretou a franquia dos portos, o bondoso principe deu mostras de haver comprehendido os destinos que aguardavam a sua até então abandonada colonia.

Ao chegar ao Rio de Janeiro só teve uma preocupação: constituir novo reino para a sua dynastia, nova patria para a lingua portugueza; e a serie de medidas, que decretou, com o fim de organizar uma côrte completa com todos os ramos de administração publica, prova até a saciedade que aquelle era o seu unico objectivo;

tanto mais quanto é sabido que, se voltou ao antigo reino, fel o constringido, quasi á violencia; velho, cansado e cheio de desgostos, não teve forças para resistir. Debalde olhou em torno de si, não vio homens bastante fortes para auxilia-lo no remate da grande empreza; e foi só então que, partindo, disse ao filho estremecido: *Vela por esta terra, que tanto amamos, e — antes que algum aventureiro della se a posse — assegura para ti a nova corôa.*

Nesta phrase, que regou com as mais sentidas lagrimas deixava escapar a intenção que sempre nutria,

de fazer do Brazil imperio, e constituir-se o seu primeiro imperador, como de direito ainda procurou ser quando — no tratado preliminar de reconhecimento de nossa independencia — reservou para si esse titulo.

Foram muitos os serviços prestados por D. João VI ao Brazil: em trabalho de maior



D. JOÃO VI

folego os inventariámos, ainda que sumariamente

Como jornal artistico, o *Brazil Illustrado* estampa hoje o retrato do benemerito rei fundador da nossa dynastia reinante, por ser tambem o fundador da Imperial Academia de Bellas-Artes, de cujo seio tem sahido a pleiade de artistas notaveis, que engrandeceu e engrandeca o culto do bello nesta parte do mundo civilizado.

A' colonia artistica, vinda da Europa por conta e ordem do illustre principe, não foi dado fundar—ainda sob a fulgente egide de tão magnanimo protector—a *Escola de desenho e pintura*, conforme estava projectada; mas—desde logo—lançou os primeiros lineamentos da instituição, mandando desenhar

*D. João VI — rei de Portugal e dos Algarves, e imperador titular do Brazil—Elogio-historico, pelo Dr. Pires de Almeida, edição commemorativa de 2 de Dezembro de 1885.*

retratos e vistas, paizagens e decorações, que excitaram o enthusiasmo publico por tão nobre ramo dos conhecimentos humanos.

Foi ainda em seu benefico reinado que fundou se a Imprensa Régia, o primeiro estabelecimento graphico que funcionou tão completo no Brazil, pois—além da typographia—possuia tambem uma officina calcographica, dirigida por habilissimo mestre de gravura em cobre, como demonstram os trabalhos que ali se fizeram, e dos quaes ainda existem as respectivas chapas originaes.

A justiça da historia ainda não fez soar a hora da reparação para este principe: rasão pela qual—no Brazil—não tem elle o mais simples testemunho de gratidão do povo, do qual—aliás—é grande credor.

DR. PIRES DE ALMEIDA.

## SCIENCIA NO LAR

Quando entrei no jardim, Lulú acabava de colher as ultimas flôres para o ramalhete que ia offerecer a uma camarada de collegio, cujo anniversario celebrava-se nesse dia.

— Bons dias, doutor: disse-me ella.

— Bons dias, quegadinha: repeti.

— Achta bonitas estas flôres?

— Como achal-as feias se vossé as escolheu!

— Pedí-lhe cumprimentos para miúdas flôres, e não para mim.

— Nesse caso, acho-as tão lindas como a dona.

— Falle serio.

— Não estou rindo. Realmente! a corolla desta rosa, por exemplo, é tão fresca quão perfumada.

— O que disse?

— A corolla.

— O que é corolla?

— O conjuncto das petalas, ou — mais claro ainda — das folhas coloridas, que — para vossé — constituem a flôr.

— Para mim?! Então, para o senhor, isto não é a flôr?

— Para mim, não; porque não o é tambem para a sciencia.

— Que sciencia?

— A botanica.

— O que é então a flôr?

— Vê, no meio das petalas, esses pequenos corpos amarellos que cercam um filamento alongado?

— Sim,—vejo perfeitamente.

— Pois bem, estes corpusculos de forma variavel, porque a forma varia com a especie,

constituem propriamente a flôr; as petalas, cuja junção denominamos *corolla*, são apenas o berço da flôr.

— E eu que ignorava.

— Não core disso; ha muitas pessoas nas suas condições, quando—aliás—com pequeno esforço e um pouco de boa vontade—poderiam ter noções el mentares de botanica e de medicina domestica, tantas quantas bastassem para distinguir as plantas, suas familias e principaes generos, sua utilidade, applicação, etc.

— Se eu pudesse aprender...

— É sem custo, bella menina. Antes que se arrependa, comecemos. Botanica é o ramo da historia natural que ensina a conhecer os vegetaes, e a descrevê-los e classificar-los.

Os vegetaes são seres organizados e vivos; tão fracos alguns que o insecto mais pequenino é — para elles — enorme peso, ao passo que outros são tão fortes e robustos que resistem aos mais violentos vendavaes.

Para bem conhecer a botanica, ou — melhor ainda — para a boa direcção e aproveitamento do estudo dessa sciencia, que parece talhada para as moças bonitas, deve procurar-se primeiramente conhecer as plantas communs, que nos cercam, cultivadas de preferencia em os nossos jardins, nas chacaras: conhecidas estas, por analogia conhecem-se facilmente as outras.

Do capim da Angola, por exemplo, tão commum e tão conhecido, facil é conduzir-nos o estudo ao trigo, seu primo, o qual fornece — como a menina não ignora — a bella farinha que o padreiro transforma em saboroso pão; á sua prima, a canna

doce, cujo caldo agradável fornece o assucar; ao outro primo, o milho, com o qual se prepara uns bolinhos, cuja fórmula proporcionarei à menina no dia em que classificar uma flôr à primeira vista; ao outro primo ainda, o arroz; etc.

Ah! cá está uma margarida no seu ramalhete; pois bem, por analogia, indicada pelos mestres, chegaremos ao estudo de plantas da mesma família, que é numerosíssima: a dahlia, o gyrasol, a sempre-viva, a alface, a chicorea, a alcachofra, etc.

Estamos na horta. Naquelle canteiro, confiado aos seus cuidados, sobresahem os pés de salsa; as mesmas regras de observação hão de revelar-nos os laços de parentesco com o aipo, que também allí está, com o cerefolio, com a herva-doce, com a cenoura, etc.

A herva-moura, com suas pequenas flôres, seus fructinhos pretos, lembrará a planta que dá a batata ingleza, a trombeta, a belladona, a figueira do inferno, etc.; mesclando quasi sempre o util com o agradável, isto é, a flôr com o fructo.

A camelia — quem o dirá?! — é prima-irmã do chá, — a malva, do algodão; o lupulo é primo do cabano, — e o quiabo, daquelle mesmo algodão; a rosa é mui proxima parenta do pecegheiro, da amoreira, da macieira, etc.; a pitanga é irmã do jambo, do cambucá, da jaboticaba, e de muitas outras fructas.

Estes simples exemplos, interessante Lulú, mostram quão agradável e util é o estudo da botânica, e — mais ainda — que só botanisando pôde chegar-se a ser botânico.

— Permite-me uma pergunta?

Faça-a com franqueza.

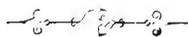
— Não se zangará comigo?

— Não tenho esse direito. Constitui-me espontaneamente seu mestre, e devo-lhe docura e paciência.

— *Botanisar* é correcto?

— Porque não? Ha *botanographia*, *botanographo*, *botanologia*, *botanomancia*, *botanogapho* e *botanophilo*: porque não crearei também *botanisar* desde que o vocabulo exprime perfeitamente o meu pensamento?

DR. PIRES DE ALMEIDA.



Em 1723, segundo Baena, ou em 1725, segundo o capitão-tenente Amazonas, foi o rio Madeira conhecido pela primeira vez, até a parte superior das cachoeiras. Era então governador do Pará o general João da Maia Gama. A noticia recebida de alguns individuos que se davam ao trafico de indigenas, de que ácima das cachoeiras haviam habitações de gente branca que se suppunha hespanhola, motivou a primeira expedição que ordenou aquelle general, ao mando de Francisco de Mello Palheta.

## IVAHY

Trecho da *Monographia* sobre a Evolução Paranaense. Obra inédita pelo Dr. Páu Brazil.



**S**HEREZINA ou freguezia de Santa Thereza. — A ex-colônia Thereza foi fundada em 1846, por ordem de Sua Magestade a Impratriz, com a condição de nunca haver allí esciavisados, pelo finado Dr. Faivre, um distincto medico francez. que levou consigo para os sertões do valle do Ivahy, um grupo de immigrants francezes e belgas.

Tal é o começo deste nucleo, que passou a freguezia pela lei n. 274 de 12 de Abril de 1871.

Therezina dista da cidade de Guarapava, pela estrada velha e intransitavel que passa pelo toldo das *Marrecas*, 92 kilometros ou 13 leguas e 3¼.

Dista da cidade de Ponta Grossa, por uma estrada muito menos acidentada que a precedente, cortada de pinhaes e campestres em abundancia, 21 leguas.

Em fim, entre esta freguezia e Coritiba, medem-se 200 kilometros ou 30 leguas e 3¼. Actualmente Therezina retrográda de um modo espantoso.

Este phenomeno é devido aos pessimos caminhos, que ligam tão importante localidade aos centros populosos e á incuria do governo.

As casas da freguezia, construidas na sua mór parte com pedra e cal, algumas dellas até caiadas, hoje estão em ruinas e outras vão-se lentamente desmoronando.

*Posição.* — A freguezia de Theresina está situada á margem direita do rio Ivahy, no ponto onde o rio Ivahysinho faz barra.

Latitude austral 24° 34'

Longitude oeste 53° 45' (de Greenwhich)

Altitude 482 a 480<sup>m</sup>

*Clima.* — Clima temperado. Nos fins de Janeiro e no começo de Fevereiro de 1884, quando lá estive, a temperatura elevou-se, entretanto, de 80° a 90° Fahrenheit.

*Formação geologica dos terrenos.* — Camadas de schistos, ferro, cobre, sal-gemma, argilla, grés ferruginosos, marmore e calcareos, que elevam se em altos paredões verticaes nas margens do Ivahy, perto de Therezina; finalmente, rochas vulcanicas de trachytos, que formam a base dos saltos, corredeiras e rapidos. Existem terrenos de

alluvião, formando uma extensa zona alagadiça, na foz do Ivahy

A vegetação característica consiste principalmente em piulheiros, nas elevações e palmeiras, palmitaes, etc., nas regiões baixas.

**Agricultura.** — A qualidade excellente das terras produz, com abundancia, a canna de assucar, o milho, o feijão, a banana, a laranja, o limão, excellentes pecegos, uvas, figos etc. Fabrica-se allí a guardente, mel, rapadura, que os habitantes vendem para Guaruapuava, Mangueirinha, Palmas, Ponta Grossa e Cupim.

**Industria.** — Cal hydraulica, que é exportada para o Cupim, Guaruapuava e Ponta Grossa.

A arêa extrahida das margens do Ivahy é transportada para aquêlles centros commerciaes.

**População.** — Mil e tantas almas, que vivem em habitações ao longo do rio Ivahy. Na freguezia, só se contam umas cem pessoas.

Em Theresina existem apenas duas casas de commercio ou melhor duas pequenas vendas: a do francez *Petit-Jean* e a do portuguez Manoel Caetano, importante fazendeiro do lugar.

**Rio Ivahy.** — (*Uba-hy*, o rio das cannas bravas) é habitado, ao longo de suas margens, desde a *Barra Vermelha* até Theresina e desde Theresina até a barra do rio S. Francisco, tres leguas abaixo da freguezia, onde se acha o toldo dos bugres Coroados.

O rio Ivahy nasce na serra da Esperança, onde toma o nome de rio dos Patos e desemboca na barra no rio Paraná, onde tem 300 metros de largura.

Suas aguas rolam sobre um leito de pedras, lageados e pequenos seixos rolados. Este rio é muito piscoso e contém, na composição das rochas de seu leito, muitos saes de cobre, prata, ouro, ferro, carbonato de calcio (pedra calcarea), marmore, quartzo, etc.

A temperatura das aguas do rio Ivahy é de 30° centigrados.

Segundo os engenheiros Keller, pae e filho, o valle do Ivahy é limitado a OE e SO pelas serras que formam o divisor das aguas entre o Ivahy, o Iguassú e o Piquiry; a E e NE pelas que estabelecem igual divisa para o Tibagy e Paranapanema.

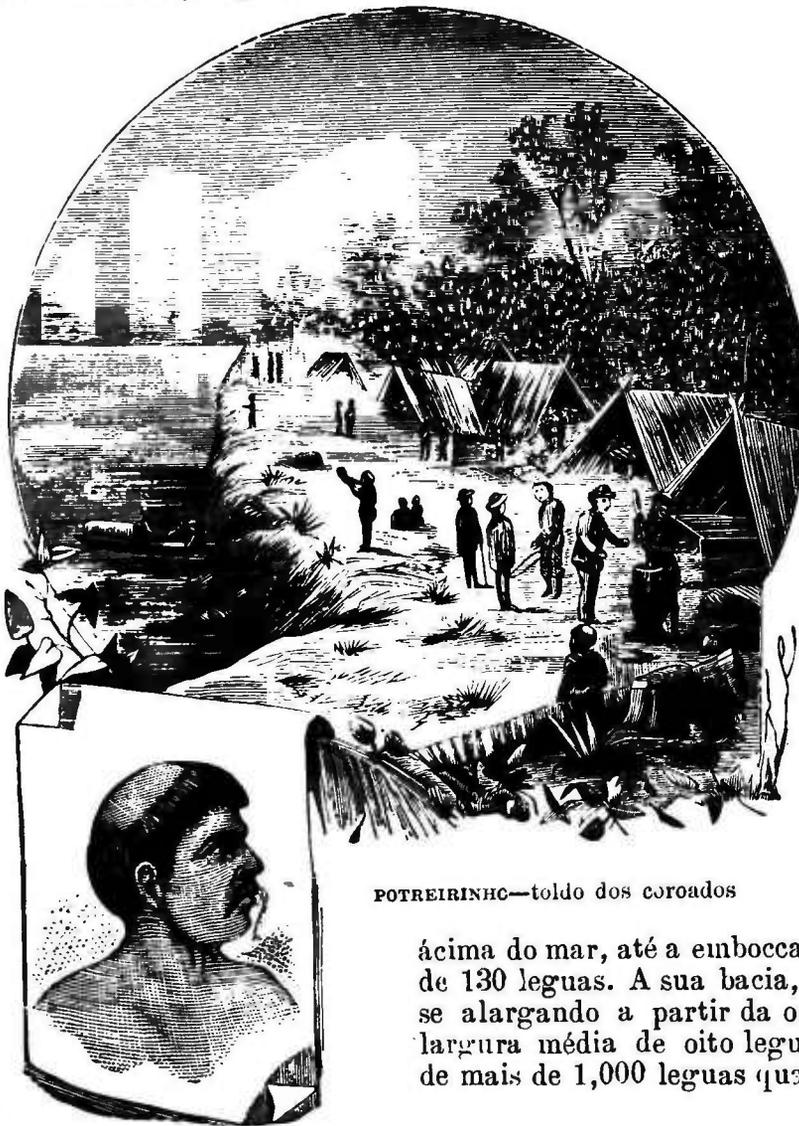
O desenvolvimento do rio Ivahy, desde as suas nascentes, que estão de 900<sup>m</sup> a 1,000<sup>m</sup>

ácima do mar, até a embocadura, é de cerca de 130 leguas. A sua bacia, que vae sempre se alargando a partir da origem, tem uma largura média de oito leguas e a superficie de mais de 1,000 leguas quadradas.

**Indios coroados.** — Esta nação de indios é chamada Coroados pelo seu costume de cortar os cabellos, como os frades franciscanos.

Viviam, a principio nos suburbios de Theresina; porém, como soffressem dos antigos colonos uma guerra constante, retiraram-se lentamente diante da civilisação e hoje acampam a seis leguas daquella freguezia, no lugar denominado *Potreininho*.

Este toldo, sito á margem direita do Ivahy, á seis leguas ácima da freguezia, foi por mim visitado em companhia do meu amigo o



POTREIRINHO—toldo dos coroados

Sr. professor publico de Therezina, Paulino E. de Freitas, um fluminense illustrado e talentoso, a quem, deste logar, agradeço cordialmente a hospitalidade que me deu em sua residencia.

A gravura da pag. 12 representa a nossa visita aos bugres do *Potreirinho*.

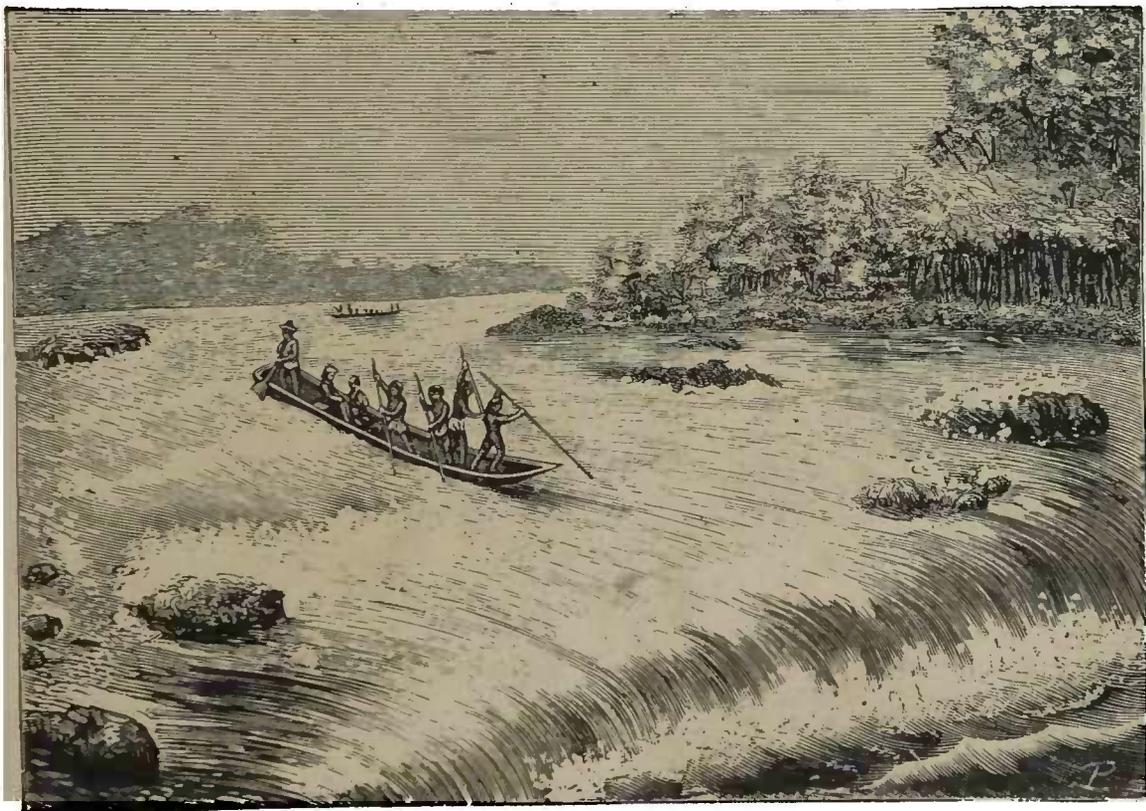
Habitam os Coroados em cabanas de palmeiras, a 300<sup>m</sup> d'agua. Em ambos os lados, estendem grandes cascas de arvores, as quaes servem de assento, mesa e cama, ao mesmo tempo.

Ahi dormem enfileirados, com os pés para o lado do fogo e sem distincção de sexo.

Quando estes fiéis animaes morrem de fome, os bugres lamentam-n'os e os choram, como se houvesse morrido um parente dos mesmos indios.

Costumam fazer o primeiro casamento, quando apparece um astro junto á lua. O genro deve acompanhar ao sogro e á sogra. Do contrario, ficará elle sem mulher. Esta passará a outro, que se sujeite ás condições dos paes da mulher.

Quando a esposa fica um pouco velha, é trocada por outra mais nova, a qual muitas vezes é a propria filha. A esta, a mãe, a antiga esposa, é obrigada a servir como escrava.



UM SALTO NO IVAHY

Ao primeiro canto do gallo, levantam-se e vão lavar-se no rio. Comem caça, fruta, milho, feijão, etc. Do milho fazem uma qualidade de pão; apodrecem o milho, secam-n'o, o amassam com as mãos e cuspo. Formam uma roda para assar o pão na cinza.

Gostam muito de armas. Fazem arcos com o pão de guaiuva, todo enleado com a casca de imbê. Flechas de dous metros, com farpas de ossos de macaco e de ferro, assim como businas de taquara ou guampa, são pelos bugres muito usadas.

Gostam muito de cães, aos quaes não dão de comer, para que não fiquem preguiçosos.

Os que se distinguem na guerra e na caça tomam duas ou tres mulheres. Chamam-se *Turumany*, que significa valentes.

A industria destes selvagens consiste em tecer uma trama grossa, feita com os fios da urtiga grande (*uafé*).

Esses tecidos são executados sobre os joelhos das mulheres.

As indias pejadas não comem carne. Alimentam-se de palmito, fructas, etc., para engordar o filho. E' rarissimo morrerem de parto.

Os coroados copulam *ad instar animalium*.

*Usos e costumes.* — Combates simulados, enterrarem-se uns aos outros, na lama,

queimarem-se, lutarem ou treparem nas mais altas arvores.

Por qualquer cousa fazem muita algazarra.

Viajam de cinco a seis leguas por dia, as pernas cobertas com o couro de porco selvagem, amarradas com o cipó imbê.

Quando adoecem, apertam o corpo com as cordas de imbê e deitam, embaixo do doente, desde a cabeça até o grosso das pernas, umas ervas sobre brazas, para haver fumaça. Sentam-se, de um lado, as pessoas encarregadas de fazer os remedios e do outro, um homem ou uma mulher das mais velhas continuamente assopra sobre o corpo do enfermo. Quando a molestia se aggrava, começam as mulheres a chorar em altos gritos até melhorar ou morrer o paciente.

Logo que morre este, é levado para a sepultura por tres homens, envolto em *curi*.

Os indios collocam na cova folhas, armas, pennas etc. e um tição de fogo.

As mulheres vão carpir na sepultura durante oito dias: ao romper da aurora, ao meio dia e ao pôr do sol.

Bebem o milho soccado e o pinhão, depois de mastigarem-nos com a bocca, para mais depressa fermentar. Misturam-nos, depois, com o mel de abelhas. Forma-se então d'ahi uma bebida embriagante, pouco agradável, a que denominam *aquiqui*.

Oito dias depois do enterro, a um signal de busina, reúnem-se em casa do morto, com os corpos pintados de preto. Sentam-se em redor do fogo, ficando por detrás delles as mulheres. O cacique canta em louvor do morto. As mulheres choram. Os homens comem e bebem *aquiqui*. Repentinamente levantam-se todos, cantando e dançando em torno do fogo, com passos certissimos e um cacete na mão. Quando alguma mulher se embriaga, serve de zombaria para as outras. Depois de bebados, sujos, correm para o rio e lavam-se.

Eu assisti a um *fandango* dos bugres do S. Francisco. Beberam, nos intervallos do canto muita cachaça, a que denominam *Goio-Fá*. Cada vez que cantavam e dançavam, havia um novo thema descrevendo as façanhas da tribu. Ora, era, o *nhon*, *nhon tercá*, matar a minhoca; ora, a morte da anta ou do tigre, o que esses honrados bebados cantarolavam.

Conservam as cabanas simplesmente até ficarem estas inhabitaveis. Achan mais facil queimá-las do que limpá-las.

Em cada choça ha dous indios, que as governam.

As festas destes selvagens é no tempo do milho verde.

Admittem uma divindade, a que chamam *Tupan* e um ente malfazejo que elles denominam *Acritio*. Chamam a trovoadá, *deus bravo*.

Para os coroados, Deus é ora o sol ora a lua. Outras vezes, quando se lhes pergunta: o que é Deus: Respondem *Saquigtedi*, nada sei a este respeito.

Os indios velhos são difficeis de sujeitar-se á catechese.

Os bugres gostam da gente civilisada, só por interesse.

São inclinados ao roubo e ao homicidio. Existe entre os coroados um dialecto.

**Ruínas de Villa Rica.**—Dista de Therezina 42 leguas. Existem neste trecho do Ivahy, 64 saltos e corredeiras. Restam apenas os alicerces das casas deste povoado pertencente á antiga provincia de Guayra (Vide pag. 1).

Vem-se ainda os vestigios das ruas. Em plena floresta descobrem-se signaes de forno de telha, barras de ferro. E' ahi que se acha o leito da corredeira do cobre. Fabricam outro'ora os jesuitas, em Villa Rica estabelecidos, dous sinos. Um destes sinos foi levado para a Sé de S. Paulo, onde ainda se acha hoje e outro ficou na propria Villa Rica.

O ex-official de marinha, Sr. Nascimento, habil e activo explorador de minas, enviou em Janeiro e Fevereiro do anno de 1884 uma commissão á Villa Rica, afim de estudar e explorar a corredeira do cobre. D'ahi enviou á Therezina a mesma commissão uma magnifica amostra daquelle metal.

O eminente francez Gastavo Rumbelsberger, ex-director da colonia Thereza, foi á Villa Rica, com um itinerario á mão e conseguiu descobrir, nas ruínas da igreja de Villa Rica, apenas a caveira com os dentes do jesuita, fundador desta redução, onde hoje só existem bananeiras e laranjeiras azedas.

**Synthese e Conclusão.**—O valle do Ivahy pela sua fertilidade geologica e situação geographica e estrategica, está destinado a um futuro esplendido.

Essa zona occidental, onde o terreno se eleva com o excessivo pendor ou apresenta depressões profundas, tam sido explorada e visitada pelos engenheiros finado Antonio Rebouças, José e Francisco Keller, Lloyd e outros, que projectaram linhas ferrea, as quaes, atravessando essa região privilegiada, estabelecessem a famosa communicação entre Matto Grosso e a provincia do Paraná.

Tambem os engenheiros capitão Palme e Tourinho (fallecidos) e Dr. André Rebouças

discutiram largamente sob o ponto de vista tecnico e industrial, se devia ou não passar, pelos valles do Ivahy, do Tybahb e Paranapanema, do Piquiry ou do Igussú, o traçado de uma estrada de ferro interoceânica, que levaria ligar a magnifica bahia de Paranaguá no Atlantico de um porto da Bolivia ou do Perú, no Pacifico.

Estudaremos este importante assumpto, algures; quando tratarmos da historia do povoamento e Evolução da engenharia, no Paraná.



## I

## O pedinte para as almas

Como este, vão desaparecendo, levados pela onda da civilização, muitos typos da nossa sociedade que bem mereciam o lapis de um Callot: e muito é para lastimar que os nossos escriptores tenham deixado que elles desapareçam na voragem dos tempos sem ao menos descrevel-os fielmente para lição do futuro.

Em uma das suas mais aplaudidas comedias o nosso Penna, immortalizou o *andador das almas*, mas, infelizmente, si o moral é tão exacto quão chistosamente photographado o physico não o pôde ser pois isso pertence à *mise en scene*, que copia fielmente do original quando se trata de contemporaneos ou das gravuras quando se refere as gerações passadas. Ora o *andador das almas* que ainda hoje pôde ser imitado de um ou outro raro *specimen* que resta por alguma parochia suburbana, dentro em pouco desaparecerá completamente.

O *pedinte para as almas* em geral é um sujeito magro, ossudo, cara de sachrista ou badalador de sinos, hebedor de aguardente e comilão. Vive da credence popular, — « pede para as almas benditas que estão no purgatorio — »; incongruencia que só elles sabem explicar ou antes que não sabem, até mesmo porque ninguem lhe pergunta.

Os distinctivos da profissão, são — opa verde, *bacia* de prata na mão direita e vara, tambem de prata, na esquerda, — as vezes addiciona-se um lenço de tabaco, que serve para limpar o nariz e cobrir a cabeça quando chove ou faz sol

O typo que o nosso inteligente desenhista apresenta, é um tanto falsificado, ou pelo menos não é — industria nacional —. é portuguez, e por isso tem a barba inteira, cerrada e ponteaguda. O brasileiro, o legitimo, com a marca registrada, tem a barba falhada e o pescoço comprido.

O dia de pedir para as almas é o da segunda-feira, não sabemos se por determinação canonica ou praxe do officio; o certo é que dahi é que vem chamar-se — segunda-feira das almas —. ao primeiro dia da semana.

Outr'ora cada parochia punha nesse dia à rua um ou dous pedintes; no de finados porém aos effectivos acrescia enormissimo numero de extraordinarios, que ás portas dos cimiterios e das igrejas salteavam os cidadãos por todos os lados. Uma ordem, cremos que do Dezembargador Sequeira, quando chefe de policia, prohibio expressamente essa emmissão de pedintes extranumerarios no dia 2 de Novembro.

Mais tarde, outra ordem policial só permitio que pedissem para almas os mesarios das irmandades, e estes, que em geral eram negociantes, illudiam o regulamento mandando os caixeiros em seu lugar. Com o tempo desapareceu este costume.

Na *classe*, como em todas as outras, havia tambem suas celebridades e entre estas passava por *primus inter pares* o famoso Chico Cambraia, grande cantador de modinhas e tocador de viola, de quem algumas velhinhas ainda hoje se lembram com muitas saudades.

Chico Cambraia era um mulato, fóra do typo commum dos pedintes, além de gordo nada tinha de hypocrita, era abertamente pandego. Pedia para as almas bem como para todos os santos e santas do paraiso celeste, com certo amaneirado pachola, entre beato e galhofeiro. Subia desembaraçadamente as escadas ou entrava nos corredores, pedindo em voz bem alta e arrastada, e quando lhe vinha trazer o vintem do estylo alguma nucaua vistosa, ao dar a vara a beijar segredava um madrigal d'inproviso, uma phrase, garota que fazia sorrir a portadora murmurando ao mesmo tempo.

— Credo! que homem este, até diante do santo!

Dizia-se que Chico Cambraia era tambem grande jogador. Quando se recolhia de pedir, abria em casa o oratorio e convidava Nossa Senhora a jogar com elle o pacáu. Despejava a collecta em uma mesa, sentava-se de um lado, e pondo a imagem de outro, partia com toda seriedade o baralho e punha-se jogar, ora por si ora pela santa. Si acontecia elle ganhar dizia pachorrentamente.

— Tenha paciencia, minha Nossa Senhora, a fortuna não lhe ajudou desta vez. E arrecadava o dinheiro.

Quando porém perdia, tornava sem se desconcertar.

— Ora minha Nossa Senhora, pois eu que sou pobre é que hei de perder? Tenha paciência, não desta vez não valeu. E empunhava nova partida

Assim ia até ganhar *conscientiosamente* metade da collecta, pois a outra metade dizia elle, pertencia-lhe por lei.

De outro pedinte para as almas, conta-se que dera-se tanto ao vício da embriaguez que lhe tiraram a vara e a opa, pelo que ficou sem meios de vida. Vagava pelas ruas, gaudendo dos ex-companheiros, alguns copinhos de aguardente, até que á tarde já muito bebado, encaminhava-se para a rua da Alfandega canto da do Regente, e collocando-se em frente a uma imagem que ali havia em um oratorio de pedra, ainda lá existente, cutabelava numa conversação com a santa, fallando em nome della com a voz muito esgançada.



E começava elle.

— Veja minha Nossa Senhora, veja a que estado estou reduzido, porco, sujo, molambudo e o que é peor sem uma de X. Veja só isto.

Calava-se fictando a imagem com os olhos lacrimosos; e com pouco afinando o vóz o mais que podia replicava.

— Que quer que lhe faça, você não tem juizo, beba menos e compre roupa.

Então baixando a cabeça e cobrindo a cara com as mãos, fingindo-se envergonhado, dizia para o povo que o cercava

— Hi! agora borrou-me ella de verde!

Mas, logo como realquirindo o animo perdido, tornava altivamente.

— Sim bebo, mas não é com o seu dinheiro; seus mesarios tiraram-me a opa e a vara, já não peço para a Senhora, o que peço é só para mim.

E voltando-se para os ouvintes notava chocarreiro, Agora, babeia em de amarello.

Passado um ou dois instantes voltava com a voz esgançada.

— Se lhe tiraram a vara e a opa fizeram muito bem, você tudo quanto apanhava metia na gaveta da venda.

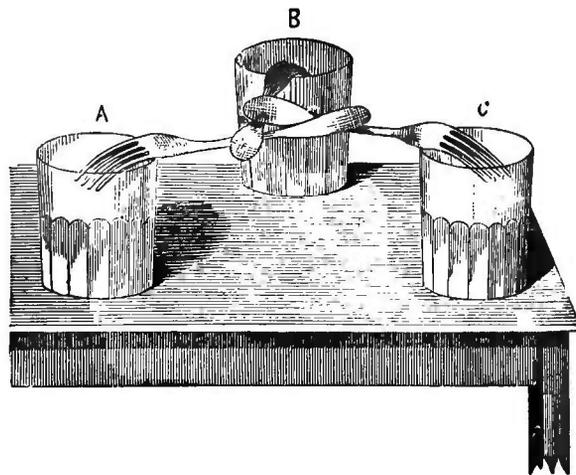
E de novo voltando-se para os circumstantes com feições de envergonhado gemia.

— Ui! que estou perdido! Agora borrou-mo ella de verde

A multidão que ia engrossando a ponto de obstruir todo o cruzamento das ruas ria á bandeiras desprezadas; o dialogo continuava cada vez mais animado, e a final o vagabundo exausto de pillherias appellava para o seu publico que o gratificava generosamente, chovendo-lhe no chapeo os vintens com que na venda da propria casa do oratorio acabava elle de emborchar-se.



## DIVERSÕES DE SALÃO



### A Ponte de garfos

Com tres garfos levanta-se uma ponte, que põe em comunicação outros tantos côpos.

Para isso, toma-se o garfo A, cujos dentes se apóiam n'um dos côpos, conservando o cabo erguido de maneira a formar com a horizontal um angulo agudo.

Applica-se depois, por igual modo, o garfo C no segundo côpo, accommodando-o pelo cabo debaixo do garfo A; depois, passando pelos dentes o terceiro e ultimo garfo no côpo, que ainda resta, insinua-se pelo cabo—por um lado—debaixo do C, e—por outro—em cima do A.

Os tres garfos acham-se assim ligados entre si, e por fórma tal, que os cabos conservam-se no ar, aguentando-se reciprocamente.

Ter-se-ha a cautela de collocar, previamente, os côpos de modo tal que occupem os tres apices de um triangulo equilateral.

## O DR. DOMINGOS FREIRE

As conquistas civilisadoras do seculo impuzeram uma lei á sociedade, de harmonia com os aperfeiçoamentos humanos: não basta ter talento, é necessario tambem encaminhal-o utilmente. Tempos se foram em que tudo era permittido ás intelligencias fóra da craveira commum; hoje assim não acontece: as excentricidades no homem de talento quando muito são toleradas, os desvios do caminho do bem condemnados; para ser-se sabio não basta parecel-o; o ouro do silencio soffreu grande baixa de quilate.

No caminho da humanidade só os lutadores se impõem á admiração; o *struge for life* tornou-se o moto universal. Os que recuam desanimados diante das barreiras da vida, e desertam para os arraiaes da morte, já não são aquelles infelizes suicidas a quem a caridade dava a esmola de algumas lagrimas, não, a sociedade moderna chama-os rudemente — covardes—; e os mais severos exigem penas rigorosas para os que forem apanhados e in flagrante attentado contra a propria existencia.

Na grande galeria dos benemeritos o operario foi posto ao lado do sabio; á estatua de Newton enfrentou-se a de Stephenson, o labor nivelou-os. Tanto mais humilde é a origem da notabilidade quanto mais se lhe exalçam os meritos. Os modernos biographos só rendem preito ao trabalho; os mais bellos livros são publicados em honra dos trabalhadores; com justa razão Tissandier fez delles os seus heróes. Por toda parte acclamam-se e applaudem-se os Pasteur e os Lesseps, cada um na sua esphera de accção e relativamente ao *meio* em que vivem.

O laço confraternizador—o bem commum—une todos os sabios do universo; entre elles não ha grandes nem pequenos, e muito menos nobres e plebeus; na grande obra do aperfeiçoamento da humanidade todos são bem vindos. Tanto é credor de applausos o que lança ao embazamento pesadissimo monolitho, como o que o nivela com algumas pedrinhas; o que erige a columna bellamente talhada, como o que a enflora de capitel esplendido; todos trabalham, todos concorrem para o levantamento desse interminavel edificio que se chama—sciencia.

Alheios a essas lutas mesquinhas, puramente individuaes, e que não sahem dos estreitos circulos locaes, os operarios da civilização têm sempre lugar para acolher generosa-

mente aquelles que levam-lhes ainda o mais pequenino contingente para a dilatação de suas impereciveis conquistas. E é por isso que se instituiram os congressos, e é para isso que cada vez mais se multiplicam os meios de manter a constante permuta de ideias.

As nações já não disputam a primazia das descobertas, venham ellas donde vierem; o que se quer é que a sciencia progrida em bem da humanidade.

Agora mesmo não vemos os Estados-Unidos dar a presidencia de

um congresso ao brasileiro Domingos Freire, e Paris preparar um dos seus grandes laboratorios para que o nosso compatriota alli confirme o resultado de suas experiencias?

Que importa á sciencia saber donde lhe vai Domingos Freire, nem tão pouco conhecer a sua origem nem os seus precedentes; o que quer, sim, é que lhe preste contas de seus estudos e de suas investigações. E se disso lhe advir algum adiantamento, alguma nova conquista, o nome do novo sabio



DR. DOMINGOS FREIRE

passará ao catalogo universal; Domingos Freire deixará de ser nosso compatriota para sel-o da humanidade.

No momento em que elle vai jogar tão arriscada partida, na qual ou terá de naufragar com applauso de seus crueis adversarios, ou de cobrir-se de gloria para maior desespero destes, é que tanto me apraz lançar um olhar retrospectivo para a carreira brilhante deste batalhador, em todo caso sempre illustre para a sua patria, e admirar essa coragem nunca desmentida, esse indefeso amor pelo estudo, essa exemplar disposição para o trabalho, com que caminhou sempre desde o banco escolar até a cadeira do professor.

Filho de um obscuro mestre-escola do arrabalde de S. Christovão, Domingos José Freire, com o auxilio unico da sua força de vontade, emergio das sombras a que o havia condemnado a pobreza e condição paternas, e bem moço ainda attrahio a attenção dos mestres, conquistando ao mesmo tempo a admiração dos condiscipulos.

E desde o dia em qua recebeu o gráo scientifico, com tanto brilhantismo, pôde-se dizer que para elle não houve mais treguas; empenhou uma luta de todos os dias, de todas as horas. Quando á sombra dos louros colhidos ia gozar um momento de descanso, adversarios implacaveis agrediam-n'o, suppondo-o talvez despercebido; — mas, sem olvidar o decasyllabo do grande epico, o combatente jámais achou-se em condição do—não cuidei. Cuidava sempre em manter a sua reputação illesa, e até agora a tem mantido a despeito do silencio, que, como arma de uma guerra covarde, se lhe faz ás vezes em torno do nome.

Basta ler o extenso catalogo de suas obras publicadas, para se avaliar o trabalho herculeo dessa organização excepcional; nada menos de 64 opusculos e volumes tem sahido dos prelos com seu nome, avulsos uns, appensos a revistas outros, este em francez, aquelle em portuguez, mas todos escriptos por seu proprio punho.

E quando se considera que a maior parte desses trabalhos dependeram de aturados estudos e numerosas experiencias, e que tudo isso se entremeiava com as lides de clinico e as lições do professor, sobe de ponto a admiração por esse produzir, que parece superior á absorpção de todas as horas de uma vida por mais regular que seja.

E' assim que o homem conscio do seu proprio merito responde ás invectivas da inveja e da maledicencia; é assim que não se apparenta de sabio, mas demonstra-se que se estuda e trabalha; é assim finalmente que se

póde dizer aos mais incredulos:—ahi tendes o que tenho feito; analysai e provai que tudo isso nada vale.

A inveja mordica á socapa, a maledicencia regouga, mas ninguem se aventura a vir a publico negar a luz do sol; contentam-se apenas em dizer que tem manchas, julgando com isso impedir que elle brilhe com maximo fulgor.

Um dia, por um espirito de classe mal entendido, o Dr. Domingos Freire foi desclassificado em um concurso da materia em que é professor emerito da Faculdade de Medicina, e um *sabio official* tentou amesquinhal-o, agredindo-o baixamente pela imprensa. Esse dia foi o da sua maior gloria: a mocidade, os estudantes de medicina, tomaram a si a desaffronta, e nunca professor algum entre nós recebeu tão brilhante, tão esplendida e tão justa manifestação do mais sincero apreço.

Só laurel tão fragrante e bello poderia desannuiar a frente do illustre chimico brasileiro; era bem funda a magoa, se assim não fôra, talvez nunca de todo se lhe apagasse da lembrança.

Como esse não lhe tem faltado outros sabores; mas, verdadeiro combatente do seculo, Domingos Freire, longe de desanimar, retempera-se nesses revezes; quanto mais tentam derribal-o, mais fortemente caminha elle pcr esse terreno que com suas proprias mãos desbravou, e que ha de achanal-o com sua inquebrantavel perseverança.

Caminha sempre, desajudado e só que importa! mas caminha, porque tem certeza de que ha de chegar ao termo da viagem, ha de passar por entre alas respeitadas de admiração e tomar o logar que lhe compete entre as verdadeiras illustrações do seu tempo.

O Dr. Domingos José Freire pertence á pleiade daquelles que, como Tissandier, colloquei na galeria dos meus heróes, para os quaes tenho mais que admiração, tenho entusiasmo, e que com o tempo irei apresentando nestas paginas, sem ordem, sem nexo, mas com essa expontaneidade que têm aquelles que, como eu, conscios de suas poucas forças, não podem ter invejas: admiram e applaudem os homens menos pelo que são na apparencia do que pelo que valem na realidade.

FELIX FERREIRA.



## O TUMULO DE UMA CRIANÇA

NO ALTO DA SERRA DE THERESOPOLIS

Succumbindo escorchada pela variola purulenta, a pobre criança não sabia, nem lhe era dado comprehender, como de querida e amimada até então ia ser repellida e desprezada.

Ella, a pobresinha, cujas forças chegavam apenas para desfolhar uma flor, passava a tornar-se um objecto de pavor e asco; sómente porque de um mal que não era culpada fôra victima inconsciente e imbelle.

Nunca alli se dera nenhum caso dessa terrivel enfermidade; sabia-se que lavrava com grande intensidade na côrte, o que não admirava aos moradores das formosas veigas, pois conscios da pureza dos costumes que entre elles reinava, e da inocuidade da atmosphera que respiravam, estavam certos de que nunca os iria polluir essa asquerosa enfermidade, só propria dos grandes centros, onde, com o progredir da civilisação, progredem tambem os vicios e as torpezas.

Mas um dia a formosa criança, que brincava descuidosa á sombra do lar querido, foi acommettida de violenta febre, o mal declarou-se francamente, a pobresinha enlangueceu qual *suspiro da noite* ao despontar do dia, e, como esta dourada flor succumbe aos ardentés beijos dos raios do sol evolando aos espaços a vida breve em uma onda de perfume, assim a debil criança desprende dos liames terrenos a almasinha não menos perfumosa, para abrigar-se ao quente seio divino.

Como a borboleta multicolor e fugidia que abandonando a escamosa vestimenta com que rasteja pela terra, vai iriar a dourada luz da tarde a rutilante gaza do chromo aveludado de suas azas, assim a criança desprendendo o vô de anjo em demanda da celestial mansão, deixou no berço os informes destroços da tunica inconsutil que a prendêra ás miserias da vida.

Diante dos restos inanimados gottejando pús, da face entumescida e do olhar inexpressivo da pobre criança, recuaram todos cheios de horror, e por uma dessas superstições que se apodera, ás vezes, dos espiritos mais fortes quando incultos, entendeu todo o povoado que terrivel castigo de Deos se manifestava nessa morte; que amaldiçoados eram aquelles restos mortaes e que consequentemente devia ser-lhe negada sepultura em sagrado, tanto mais quando a criança morrêra sem baptismo.

Debalde a afflicta mãi estendeu os braços supplices e vergou a fronte humilde, como

se de grande crime fôra culpada; em vão correram-lhe lagrimas de sangue e gemeu-lhe agonisante o coração dorido, o povo cada vez mais convicto exigia que a criança fosse atirada fóra como um cão leproso. Mão mercenaria e indifferente sepultou-a no alto da serra, á mercê das evoluções do tempo.

Entre hervaçoes incultos de espessura brava escondeu-se aos olhos da vida aquelles destroços da morte. Uma tosca cruz foi alli posta, menos para sagração do lugar que para assignalar ao viandante a passagem onde, é tradição, que vaga á noite gemebunda a almasinha da bexiguenta.

Menos cruel que a humanidade, a natureza fez brotar da sepultura um pé de maravilhas, que quando coberta de flores semelhava um bando de borboletas de côres vivas esmaltando aquelle cantosinho da terra.

Tudo em torno é agreste e silente; mais acima conglobam-se as nuvens, dilatam-se os horisontes, e pela encosta desdobram-se paizagens de variiegadas nuanças. Quando o sol surge pela manhã illumina de intensa luz aquellas alturas, e quando desce á tarde envolve todo esse bello scenario em uma atmosphera dourada e quente de tons magicos.

Foi por alli, passando um dia descuidoso, que ao nosso artista Ribeiro deparou-se-lhe aquella cruz, e tão poetico pareceu-lhe o tumulo e tão triste a historia da innocente victima, que em seu *carpet* de turista bosquejou a paizagem que damos em outro lugar deste numero.

A' simples vista reconhece-se logo um *croquis* de occasião, uma lembrança de artista em seu livro de apontamentos; é como tal que o damos e sem pretensões do autor que tem bastante talento para commettimentos mais altos; nestas mesmas paginas terá elle occasião de o comprovar e breve.

F. F.



A provincia de Mato Grosso representa na carta do imperio uma area de terreno correspondente a 50.000 leguas quadradas; cerca de dez vezes mais que o territorio portuguez no continente.

Por occasião do recenseamento geral do Brazil, apuraram-se apenas 53.750 individuos de ambos os sexos, de todas as idades e condições, isto é, cerca de um individuo para cada légua quadrada.



# FAUNA BRAZILEIRA

## O Tamanduá bandeira

*Du Climats, Geologie, Faune et Geographie Botanique du Brésil par Emmanuel Liais — Paris, Garnier Frères, 1872 — 4 gr. VIII — 640 pags.*

O Tamanduá pertence á terceira familia da ordem dos desdentados peculiares da America do Sul, chamada communmente *Papa-formigas*, o *Myrmecophaga*, de Linneu. E compõe-se essa familia de tres unicas especies:

1.ª O Tamanduá de Buffon ou *Myrmecophaga jubata* de Linneu, que é justamente o Tamanduá bandeira, da nossa gravura. Como se sabe, Tamanduá é palavra indigena, que com maior ou menor alteração graphica e phonetica passou ao dominio das linguas cultas modernas; bandeira foi-lhe acrescentado pelos portuguezes para distinguir a especie em razão da fórma graciosa e fluctuante da sedosa cauda e corresponde talvez ao *guarani* ou *urami* da lingua guarany.

2.ª Tamanduá-cavillo, *Fourmilier* (Papa-formigas) de Buffon, *Myrmecophaga tetractyla* de Linneu.

3.ª O Tamanduá-mirim; adjectivo este que entre os indigenas serve para distinguir a especie, é o *Myrmecophaga didactyla* de Linneu; o *Myrmecophaga-tamanduá* de Desmarest, e ainda indistinctamente o Tamanduá de Buffon.

Alguns naturalistas, entre outros Cuvier, designam quatro especies, sendo a ultima o Tamanduá preto, cõr esta, porém, que Liais affirma depender unicamente da idade do animal. Tambem nos individuos da terceira especie nota-se em uns uma linha ruiva sobre o dorso e em outros completa ausencia desse distinctivo, o que levou Saint Hilaire a consideral-os como duas especies distinctas que se achavam confundidas, e denominar aos desprovidos da lista *Myrmecophaga incolor*.

Os Tamanduás são notaveis pelo estado rudimentar da mandibula inferior, que é muito delgada e apenas movel, bem como pela ausencia das arcadas zygomáticas, e o que assignala o genero, é a falta absoluta de dentes. O focinho é alongado, de fórma tubular, e a lingua muito comprida, cylindrica e excessivamente contractil. E' com auxilio desse orgão que o animal busca o alimento, o qual consiste em formigas, principalmente quando em estado de larvas e em mel. Arrombando com a ponta do focinho o formigueiro e nelle introduzindo a lingua que é viscosa, espera que as larvas e formigas nella se aglomerem para devoral-as sem mastigar.

O corpo do Tamanduá é alongado, coberto de pello e não de casco, como o seu congenero o *Pangolin* do antigo continente, ou o nosso Tatú.

A cauda é muito comprida, os olhos e as orelhas pequenas e estas de fórmas arredondadas. Os pés são pesados, providos de unhas robustas e os dedos unidos até a base das unhas. Os ossos do nariz occupam quasi metade do comprimento da parte superior da cabeça, e as narinas são providas de duas grandes cellulas olfactivas de cada lado; ou por por outra o lobulo olfactivo e respectivos nervos têm extraordinario desenvolvimento. O *didactilo* tem fortes clavículas, o que nas outras especies é menos resistentemente confirmadas.

Uma outra particularidade muito notavel entre os Tamanduás consiste na disposição das phalanges ungueaes ou unhosas nos membros anteriores; são dispostas coma as da *Preguiça*, contraem curvando-se

para baixo. As unhas são embutidas em fortes bainhas osseas. São muito possantes, mas menos, no entanto, nos membros posteriores que nos anteriores. O andar é muito lento, acarretando terra na borda externa dos pés, e então, andando, as unhas se curvam para dentro apoiando-se em uma larga calosidade do punho.

O Tamanduá bandeira, segundo a nossa estampa, que como já dissemos é o *Myrmecophaga jubata* de Linneu, é um bello animal, sobretudo pelo largo e sedoso penacho da arqueada cauda. Notado por Dampier na sua viagem em torno do mundo, em razão da cor do pello foi chamado por esse navegante *urso que vive de formigas*. O pello é longo em todo o corpo e principalmente na linha dorsal, onde forma uma especie de crina, nos flancos, coixas posteriores e a cauda; esta não se enleia, nem se prende nos ramos como os das outras especies, é porem muito comprida, de pello longo escuro, anelado de preto e branco, formando um soberbo penacho que o animal conserva, às vezes elevado, mas quasi sempre de rastos pela terra; quando dorme ou chove, serve-se da cauda como de um chapéo, ou manto, cobre-se com ella.

O Tamanduá bandeira é relativamente grande, o comprimento da ponta do focinho á origem da cauda é de 1<sup>m</sup>,20, pôde mesino ir além e medir 1<sup>m</sup>,40. Neste caso com a cauda estendida horizontalmente, o animal tem cerca de 2<sup>m</sup>,50 de comprimento total da ponta do focinho ao extremo da cauda. A cõr geral desta especie é cinzenta nas partes superiores e trigueira carregada nos flancos. Uma fita preta bordada de branco, começa de cada lado do peito, passa pela espadua e dirige-se para os lombos, onde acaba depois de ter diminuido sensivelmente de largura. As pernas dianteiras são de cõr cinzenta mesclada de trigueiro com duas manchas pre-

tas, uma nos dedos e outra no tarso. As pernas trazeiras são de um trigueiro bastante carregado, quasi preto. O baixo ventre dissimulado pelos longos pellos dos flancos, é cinzento.

O Tamanduá bandeira habita toda a extensão do Brazil, as Goyanas e mesmo até o Perú. Encontra-se tambem no Paraguay, mas mui raramente. Não trepanas arvores como os das duas especies do genero, que para isso são munidas de unhas mais aguçadas. Domestica-se facilmente, e então nutre-se de migalhas de pão e mesmo de carne desfiada, que amassa primeiramente com a lingua para deglutil-a; familiarisa-se docilmente soboreando com prazer o mel e substancias assucaradas.

O Tamanduá bandeira, finalmente, é um animal inteiramente inoffensivo, e com razão lamenta Liais que a guerra dos caçadores destrua e aniquile sem piedade esta bella raça da nossa fauna; tanto mais, diz esse illustre autor que estamos seguindo neste artigo, que no Brazil os formigueiros são inumeros e as formigas uma praga.

Quando o Tamanduá é atacado pelos cães, sabe muito bem defender-se, firmando-se sobre os pés, apurmando-se e enterrando as suas possantes unhas nas carnes inimigas. Não ataca porém nenhum animal ainda mesmo de inferior especie, limita-se á defesa e a colher formigas para o seu sustento. Quando se defende porém, pôde tornar-se perigoso, pois se



TAMANDUÁ BANDEIRA

consegue agarrar o inimigo deita-se com elle e aperta-o valentemente entre os braços até suffocal-o, cravando-lhe ao mesmo tempo nas carnes as terríveis unhas. E' de vida tenaz, não morre facilmente, salvo se receba uma pancada no nariz, particularidade esta que também tem o *Tamandua-mirim*.

Quando perseguido corre e bem, atravessa facilmente os rios a nadar. A femêa só tem de cada vez, um filho, que carrega às costas, proximo à nuca. O couro é muito resistente, emprega-se vantajosamente como capa de sellins e mesmo em sapatos. A carne é boa e estimada pelos nossos caçadores. E' notavel a irratibilidade muscular deste animal depois de morto.

Desta mesma especie ha uma variante, hoje muito rara, é inteiramente preta e de menor corpulencia.

Não terminaremos esta pallida noticia, sem addicionar-lhe uma anecdota que parece-nos ser de cunho inteiramente nacional, e por conseguinte interessar a collectanea dos nossos contos, lendas e tradições populares.

Um rapaz muito mentiroso querendo dar um passeio á Europa, preveniu-se de um criado fiel a quem secretamente deu a incumbencia de dvertil-o quando o visse cahir em excessos ridiculos da mentira; puxando-lhe para isso nas occasiões criticas a aba do paletó.

A' bordo, reunidos no tombadilho, aconteceu acertar a conversa em cousas de caça, e cada um por sua

vez narrou uma proeza ou particularidade de certas especies da nossa fauna. Chegado o momento do nosso heroe, affirmou elle ter matado um *Tamandua bandeira* com uma cauda de seis metros.

O criado puchou-lhe o casaco.

— Seis, não digo bem, emendou elle, mas... cinco.

Novo signal.

— Cinco metros! exclamaram alguns dos incredulos.

— Cinco, não, mas..

Ia a dizer quatro, quando nova advertencia o fez emendar:

— Tres metros.

— Tres?! repetiram ainda pasmos.

— Sim tres... tres ou dous metros e cincoenta...

O criado sacudiu-lhe ainda valentemente o paletó; o amo porém desta vez voltando-se para elle irado exclamou:

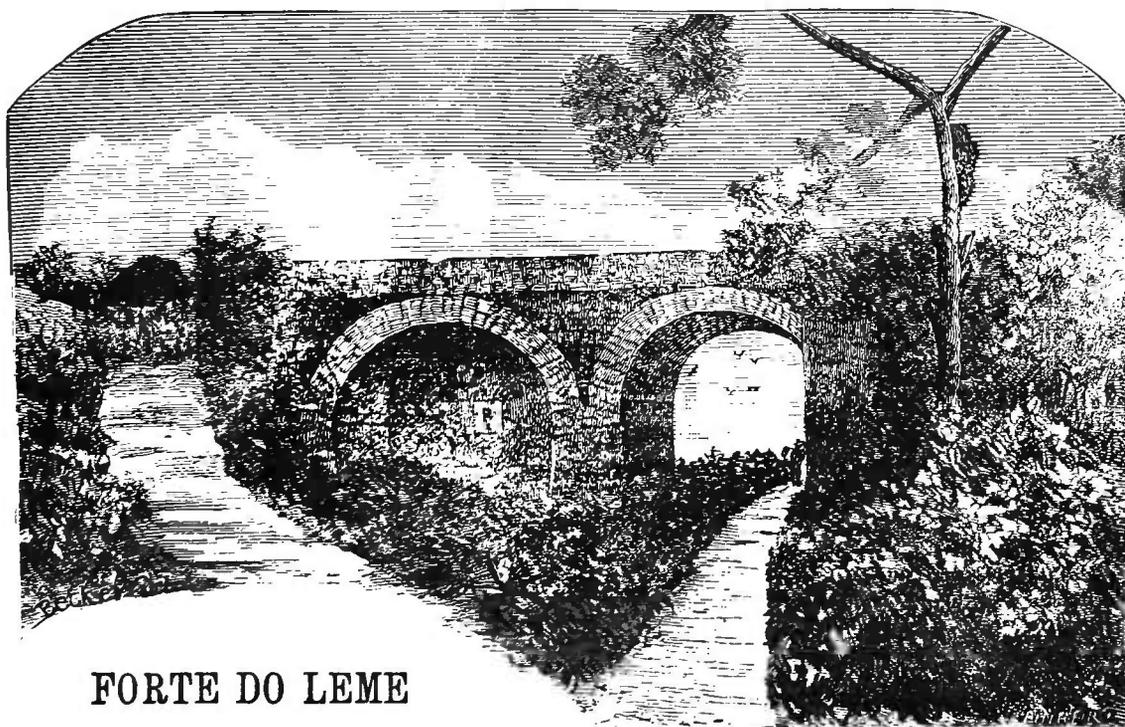
— Se te parece deixa-me sem rabo o meu *Tamandua!*

E' também popular, em referencia a um discurso muito extenso ou questão tratada com extrema minudencia, dizer-se:

— Que *Tamandua!*

Dirá o outro tanto leitor de tudo isto?

F. F.



FORTE DO LEME

As discordias entre hespanhoes e portuguezes fizeram-se sentir immenso no Brazil nos seculos XVII e XVIII.

As invasões á colonia do Sacramento em 1687, 1704, 1735 e 1762, e as mais recentes do Rio Grande do Sul em 1775 e Santa Catharina em 1777, fizeram com que o Rio de Janeiro fosse-se fortificando progressivamente com o temor de uma invasão.

Foi em 1778 que se começou o forte do Leme, governando o Brazil na qualidade de vice-rei D. Luiz de Almeida Portugal Soares Alarcão Eça Mello Silva Mascarenhas, Marquez do Lavradio.

Entre os governadores deste forte, o que mais se distinguio foi o sargento-mór Luiz

Sotero da Costa, que o governava ainda em 1799.

Pouco a pouco, porém, foi sendo abandonado, sendo a sua guarnição reduzida pelo decreto de 2 de Dezembro de 1831 a um cabo e dous soldados, e o decreto de 1 de Março de 1832 supprimio-lhe o almoxarife; pouco depois foi cahindo em ruinas, bem como a casa que servia de quartel ao destacamento, que nem vestigios restam já.

Nas suas proximidades acham-se enterrados pelo mato alguns velhos canhões de bronze, e a apparencia actual do forte do Leme é mais de um aqueducto do que de uma fortificação.

TOBIAS BECKER.

## PHYSIONOMIAS FLUMINENSES

### QUININHA

Entre os trabalhos de observação a que consagrei-me na mocidade, nenhum deu-me tanta volta ao miolo como a mulher; mas a mulher pura, ingenua, bem ingenua, com o coração immaculado, que nunca tivesse amado e fôsse eu o objecto do seu primeiro amor.

Era o meu ideal.

E, comquanto as fluminenses sejam—por indole—excessivamente voluveis, desvaneco-me de ter encontrado o meu ideal. A Quininha, por exemplo.

Eu conto.

Não me gabo de conhecer as mulheres; inversamente, dignando-se Deos conceder-me uma existencia tão longa como a do papá Mathusalém, e mais perspicacia do que a qualquer Lavater, irei caminho do Cajú sem ter chegado a comprehender essas debéis e ao mesmo tempo fortes creaturinhas, que trazem estampadas no semblante—a um tempo—a innocencia e a perversidade—o céu e o inferno.

A mulher, no meu humilde pensar, é um *x*,—um problema, cuja solução cabe mais facilmente ao tolo que ao esperto.

E já o explico.

Lembro-me ainda. Era eu estudante. Morava na rua Formosa, n'um modesto sobradinho, do lado esquerdo. Atravessavamos um verão ardentissimo. Chovêra; mas, não tendo a trovoada, que precedêra á chuva, diminuido de muito o calor, as fluminenses procuravam á janella um lenitivo áquelle rigor. Em cada janella, uma moça; cada moça, cada ventarola.

Eu, tão mortal como os demais, abri tambem as vidraças, e empolerei-me na sacada.

Defronte, mas um pouco para o lado, ficavam as janellas de uma casa pintada de tão viva côr, que alegrava a vista. A um canto, recostada ao portal, *crochetava* uma moça. Comquanto não pudesse bem distinguir os traços, porque tinha o rosto abaixado, o instincto, e essa prática que a malicia nos proporciona, revelaram-me uma dessas bellezas que, se não matam de assombro, enchem a boca d'agoa.

Trajava vestido de lanzuk branco, todo enfeitadinho de rendas e entremeios, que se cruzavam em varios sentidos, e uns laçarotes, o que tudo dava-lhe assim a

apparencia de fronha de noivado ou toalha de altar. Mas, estava bonita, estava.

Emendarei a mão—estava linda. Os cabellos,—ó céos! negros como o collo do corvo!

Os olhos... duas grumixamas! E o nariz? a fronte altiva? O pé... bispei-lhe agora o pésinho através o rendilhado da grade... E' um pé chinês!

O dito por não dito: a moça é simplesmente fascinadora.

Deve ser muito inclinada ás paixões: a dona daquelles olhos não pôde ser desenxabida.

Com licença. Faço reticencias ao entusiasmo, e não prosigo nas minhas reflexões philosophico-observadoras, porque o vento, que seguio-se á tempestade, obriga-me a cerrar por um pouquinho a janella. Não obstante, a faceira conserva-se á sacada desafiando os elementos.

Da parte de dentro, continúo a vê-la pela vidraça. Pude olhal-a agora, bem de frente. Ai, não é já um anjo,—é uma visão!

E, reatando o fio das minhas reflexões, accrescentei:

—Será esse o meu ideal?! Se o seu coração estivesse ainda virgem de estranhos affectos, e su'alma candida como a de uma criança! Sinto-me capaz de amal-a... Mas, agora observo: está impaciente... não cessa de entrar e sair... e tão depressa apparece n'uma janella como n'outra... Debruça-se tanto que a linda rosa, mal prêsa ao cabello, quasi saltou á calçada. Foi buscar o cachorrinho felpudo, que tortura entre as mãos... Finge catal-o... ergue-o ao pescoço... acarinha-o...

Quem me dera ser aquelle cãosinho! Se ella o amasse?... Não, não é possível. Mas, a soffreguidão continúa. Todos seus movimentos são de uma viveza admiravel. Sorrio-se. Para quem? Procuro acompanhar o fio do seu olhar...

Horror! é o boticario que se diverte telegraphando para ella. Estão vendo? leva a mão ao peito... e do lado esquerdo... E' onde se aloja o coração! Aquelle boticario parece saber mais anatomia do que preparar cataplasmas...

Têmol-a travada. Ella, desconfiando que a' espreito, olha-me de soslaio. Elle disfarça, torcendo entre os dedos umas pilulas de quinino.

Fui interrompido por um toque de corneta. Era uma columna de infantaria, que ia em marcha dobrada.

Ao passar por baixo das nossas janellas, notei que a moça não tirava os olhos da calçada opposta. Abri a janella; reconheci-o: era um rapaz empregado no Thesouro. Dobrando a rua, saudou-a com o lenço; ella devolveu-lhe o cumprimento com graça e fauceirismo.

— Perfida! E eu que julgava o seu coração puro e immaculado como o arminho.

Bateram à porta.

Neste entretempo, sem que me apercebesse da sua entrada, tão desapontado estava, sacode-me o hombro o Magalhães, que fazia-se de vela para a Escola.

— Por aqui!

— Gósto muito desta rua.

— Devéras!

— E mais ainda daquella *pequena*. E' uma tetéa! Faço uma enorme viagem para vê-la. Imagina que venho de Catumby, a pé.

— Quem lucra com isso é o teu sapateiro.

— Pareces-me de máo humor...

— Assim, assim.

— Adeus!

— Adeus!

E sahio. Tornei a ficar só.

— Ai, mulheres! mulheres!!

E abundei nestas observações philosophicas:

Quando vejo a minha linda vizinha, tão vigiada pela familia, e não obstante trazendo pelo queixo a tanta gente, lembro-me daquella dama das *Mil e uma noites*, encerrada em uma grande caixa de crystal, por um genio maligno, com quatro fechaduras de fino bronze.

Apresentando-a certo feiticeiro a dous principes, emquanto o genio dormia, disse-lhes:

— *Esta moça, que aqui vêdes, apesar de toda a vigilancia e precaução deste medonho genio, tem tido mais de cem amantes. Por mais que a feche em caixas de crystal, e as guarde no fundo do mar, nem assim deixa de illudir a sua vigilancia.*

Tanto importa como dizer que, quando a mulher fórma um projecto, ninguem é capaz de estorval-a em sua execução.

Desta verdade deve estar plenamente convencida a minha vizinha. Como a dama do conto arabe, vive encerrada, não em caixa de crystal a quatro chaves, mas entre as quatro paredes de sua casa. Ella, do mesmo modo que a dama da historia de fadas, é guardada constantemente, não por um genio feio, mas pela feia mamãi... de *genio* igualmente *medonho*.

E, não obstante, ella—a moça—como a da lenda—ha de ter tambem uma fada, não de feitiços, mas de azeviche, a qual leve e traga bilhetes amorosos aos *principes* da moda, que os ha por aqui á granel.

Apezar de tudo, aquella moça é apreciabilissima. Tem encantos, é moça, bonita, linda mesmo, interessante, talvez prendada, pura...

Pura?

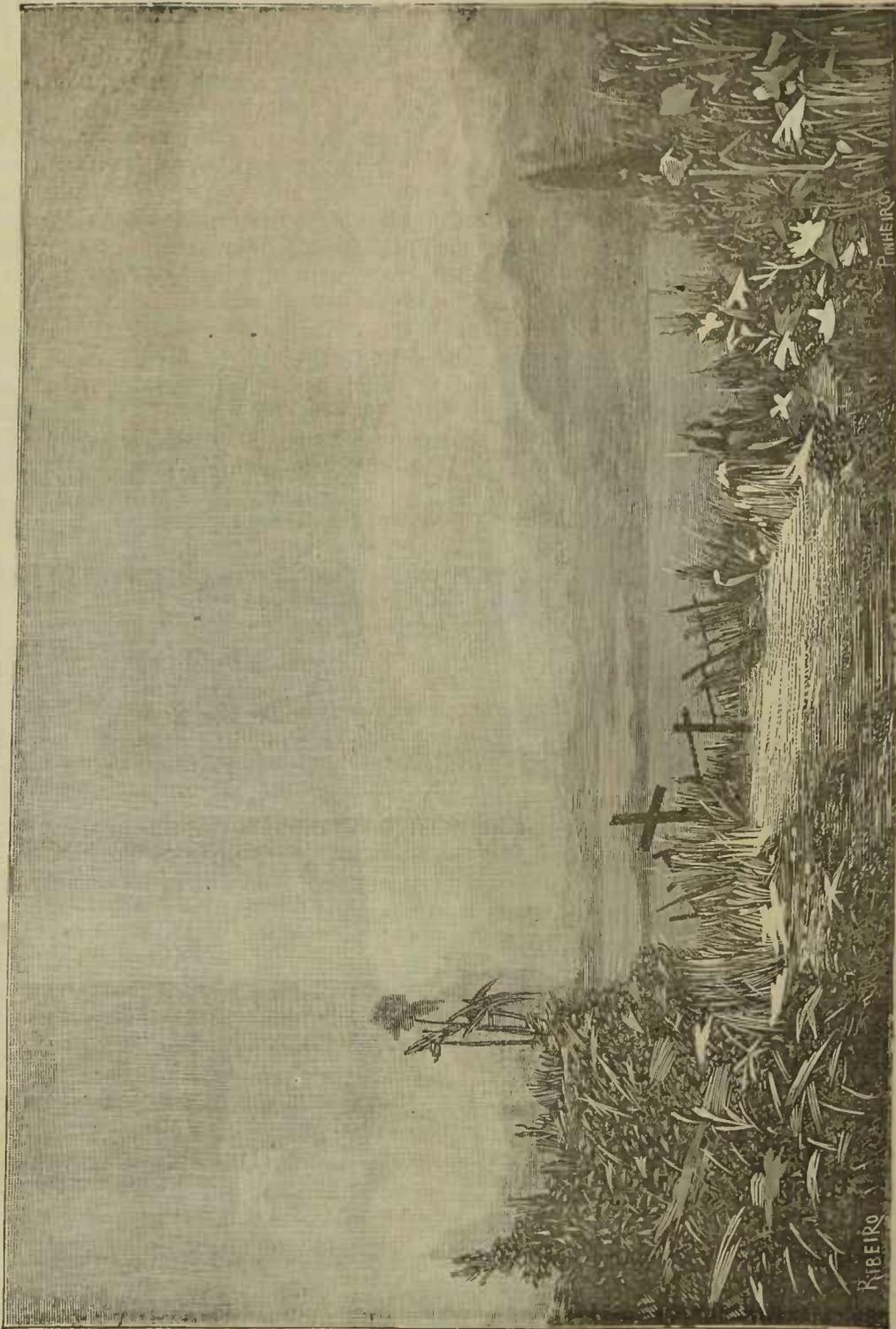
Não sei. O pensamento deve ter-lhe inundado o coração de amores; e se o pensamento não corrompe a carne, corrompe não obstante a alma. Oh, mas n'um seculo tão material como este, o pensamento e a alma entram por nonada nestas cousas.

Mas, o que tem a encantadora vizinha que tanto olha para aquelle lado?

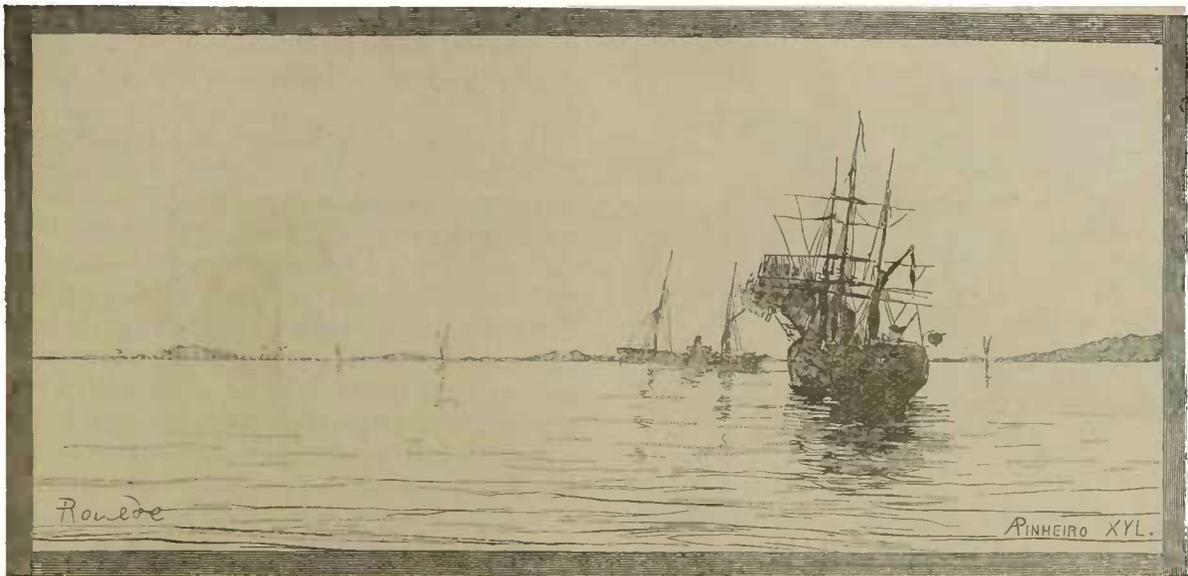
Ai, o boticario! o boticario outra vez! Quem te dera, meu basbaque, um visicatorio na nuca... e outro em mim, por andar em busca de moças que nunca tivessem *gostado* de ninguem.

PIRES DE ALMEIDA.





O TUMULO DE UMA CRIANÇA, FAIZAGEM DE RIBEIRO



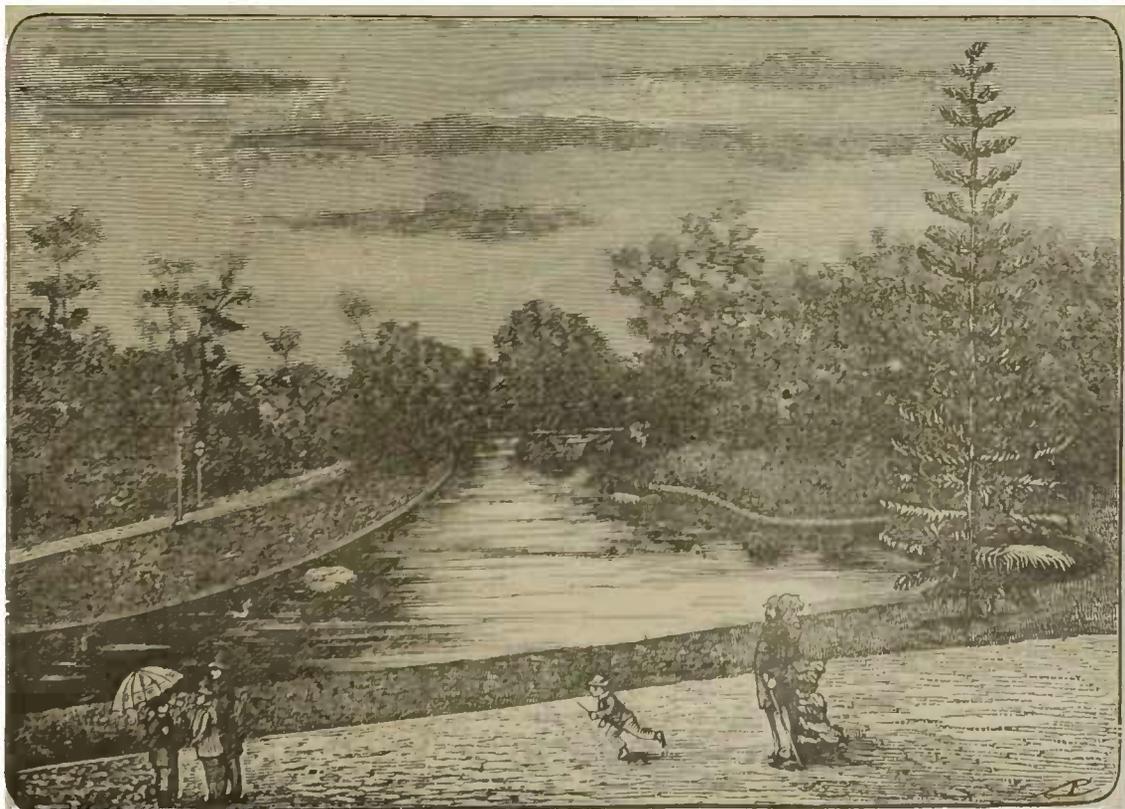
MARINHA, DE ROUÉDE

## PARQUE DA ACCLAMAÇÃO

Damos neste numero a primeira de uma serie de vistas do *parque da Acclamação*, desenhada expressamente para o *Brazil Illustrado*, reservando-nos para mais de espaço tratar minuciosamente deste bello monumento que tanto honra a cidade do Rio de Janeiro, que com elle se embelleza, como aos Srs. conselheiro João Alfredo,

que ordenou, e ao Sr. commendador Glaziou que delineou e executou tão primorosa obra de arte, cujo principal elemento é a soberba flora brasileira.

Trabalho de tanta magnitude pede estudo aturado e minuciosa descripção; é o que em tempo, promettemos, desde já fazer dentro dos nossos limitados recursos.



PARQUE DA ACCLAMAÇÃO



Auspicioso foi por certo o começo deste anno para as bellas-artes; logo em seus primeiros dias, a directoria do Gabinete Portuguez de Leitura convidou os respectivos accionistas e representantes da imprensa a fazerem uma visita ás obras do monumental edificio dessa utilissima instituição; e os jornaes dando conta da visita teceram justos louvores áquelles que, com uma perseverança digna de servir de exemplo, iniciaram e têm levado por diante tão bella empreza.

Lembrou-se por essa occasião a necessidade de formar-se uma praça diante do formoso edificio, o que equivale a pedir-se o mutilamento da Escola Polytechnica. Não é este edificio por certo nenhuma obra de arte, e a parte que deve ser cercada para a praça talvez se limite á occupada por um telheiro que abriga a machina a vapor das aulas praticas; mas tambem não é menos certo que com esse córte ficaria escantilhado um magnifico terreno onde um dia se poderá fazer um monumento publico de muito maior valor que o do Gabinete.

Si se tencionava levantar uma construcção de cunho artistico como é incontestavelmente a do Gabinete, porque não se procurou melhor localidade, quando até a ultima hora, ao lançar-se a pedra fundamental, em 1882, ainda se poderia obter terreno mais bem localizado, como, por exemplo, na praça da Constituição, onde hoje se acha o theatrinho do Príncipe Imperial? Não é hoje que se reconhece o erro que deve ser remediado á custa da regularidade de uma propriedade do Estado.

Razão não menos ponderavel para não aceitação de semelhante alvitre, nos parece a da importancia do monumento artisticamente considerado: é um bello edificio, vistoso e principalmente attrahente pela pouca vulgaridade entre nós do estylo

gothico, ainda mesmo abastardado; mas não é esse, como já se disse, o unico monumento que actualmente existe na capital do imperio.

O edificio do Gabinete não representa os adiantamentos da arte pela fórmula, nem o seu estylo symbolisa as conquistas da sciencia, cujos productos alli serão archivados em estantes de ferro. A architectura gothica ou ogival, nacionalisada na Lombardia sob a denominação de lombarda, na Inglaterra de izabelina e em Portugal de manoelina, não se presta senão á grandes massas. Em edificios pequenos, como o do Gabinete, não tem harmonia na relatividade das partes componentes; basta comparar-se a saliencia das pilastras e rudeza dos respectivos embazamentos com os rendilhados dos sobre-nichos e columnatas das ogivas, para se reconhecer esta verdade.

A ideia de applicar estylo tão grandioso a construcção tão diminuta, e ainda para maior mal nas proximidades de duas massas graniticas como são o Theatro de S. Pedro e a Escola Polytechnica, sempre me pareceu infeliz.

A architectura, antes de tudo, é a expressão das ideias do tempo em que se levanta o monumento; ora, nem o Gabinete, de estylo manoelino, nem a Imprensa Nacional, do izabelino, traduzem o que somos e o que pensamos no fim do século XIX.

\* \*

Não póde o *Brazil Illustrado* ter senão expressões da mais profunda gratidão, pela gentileza com que foi acolhido por toda a imprensa diaria, mas com pezar vimos que a face artistica da publicação foi em geral tomada como cousa secundaria, talvez mesmo sem importancia. Sómente o *Jornal do Commercio* e o *Paiz* alguma cousa disseram a respeito, sem fallar no *Rio de Janeiro*, cujo redactor chefe só teve flores para lançar ao berço do recém-nascido.

A *Gazeta de Noticias* limitou-se a summariar o prospecto, o que muito é para admirar quando o seu principal redactor é reconhecidamente um grande amator de bellas-artes. A *Gazeta da Tarde* nem tanto fez, apesar de ser actualmente o seu chefe de redacção um dos novos e mais esperançados vereadores do municipio neutro.

Dirão talvez que é por demais modesto o commettimento para merecer a attenção dos dous illustres jornalistas; mas, observo de antemão, que não se medem taes emprezas senão pelo meio em que nascem.

Na França ou nos Estados-Unidos o *Brazil Illustrado* nada representaria; entre nós, porém, assim não acontece, pois como bem notou o distincto redactor do *Jornal do Commercio*, as suas gravuras «representam um progresso immenso, n'um paiz em que a xylographia era quasi inteiramente desconhecida.» Ora, como não ignoram os dignos redactores das *Gazetas de Noticias e da Tarde*, a xylographia é um poderoso agente da instrucção popular, é a democracia na arte, a que põe ao alcance de todas as classes a cópia das mais bellas obras-primas; e conseguintemente a sua introdução e desenvolvimento têm direito a algumas palavras ao meos de animação por parte daquelles a quem incumbe a missão de amparar tudo quanto se destina ao bem publico.

F. F.



O descobridor da America não nasceu em Genova, como geralmente se crê, mas sim na *republica de Genova*, conforme elle mesmo declara no ante-rostro de um breviario que lhe havia dado o papa Alexandre VI, e que leu á sua patria—*a republica de Genova*.

A recente descoberta do lançamento do seu baptismo esclareceu completamente a questão.

Foi na povoação de Calvi, na Corsega, que fazia então parte daquella republica, que nasceu e foi baptizado este grande homem, pois reza o referido documento: «Christovão, filho de Domenico Colombo e Susana Rosa Fortuna, da povoação de Calvi.»



## POMPAS FUNEBRES EM MINAS

Uma das provincias que maior ostentação fez da sua fortuna e prosperidade, a tr'ora, foi a de Minas Geraes. Contam-se casos a tal respeito, que, por tão faustos chegam a parecer exagerados, quando ali se póde dar pleno credito desde que se considere que as explorações auríferas, durante período colonial, foram tão productivas que só a corôa portugueza absorveu, de quintos e outras taxas, 500.000:000\$000.

A grandeza de algumas cidades de Minas então, só póde ser comparada por antithese com a actual decadencia, e em algumas a miseria. A exploração das minas de ouro produziu fortunas enormes, mas como em taes casos sóe acontecer todas essas fortunas desapareceram nas mãos de herdeiros inhabeis,

que não souberam sequer conservá-las senão em constante pé de prosperidade, pelo menos em boa guarda.

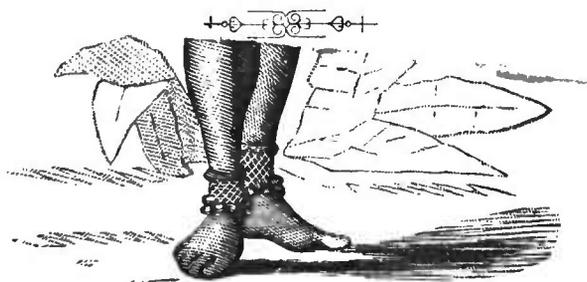
Francisco Xavier de Salles, natural do lugar denominado Carrancas, dedicando-se á mineração do ouro, tornou-se um dos homens mais opulentos de seu tempo; por serviços prestados ao Estado obteve a patente de tenente-coronel de milicias e o habito da ordem de Christo, o que naquelles tempos era mais que seria hoje um viscondado.

Fallecendo em 1814 este prestante cidadão, na verdade muito caritativo e philanthropico, foi o seu corpo embalsamado ou antes salgado por dous cirurgiões do lugar, que o encerraram em um grande caixão de madeira grossa, envolto em espessas camadas de sal. Depositado na igreja de Nossa Senhora das Dores, da Campanha, por espaço de quatro dias ahi se lhe celebraram pompas exequias.

No quinto dia, tendo chegado toda a milicia de Baependy, Tres Pontas e Pouso Alegre, o conduziram á igreja do Rosario da mesma cidade da Campanha, onde o aguardava um sumptuoso catafalco; collocado sobre elle, ahi ficou oito dias, durante os quaes se celebraram ainda novas e cada vez mais pomposas exequias.

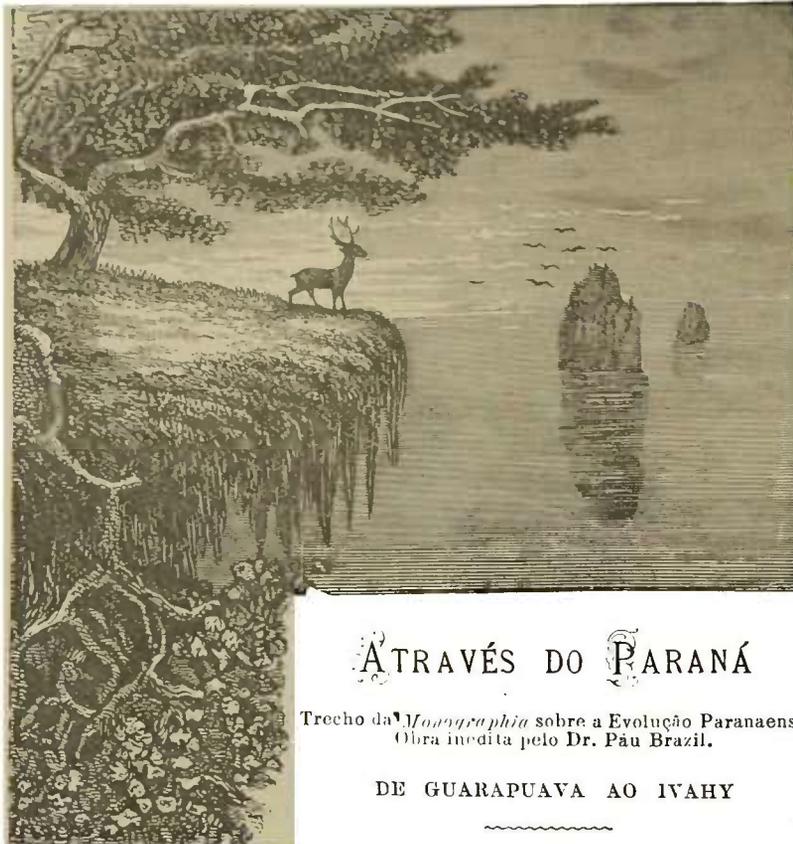
Reforçada aquella milicia com a de Lavras, Ayouruoca, Caldas e Jaguary, volveu de novo o corpo á igreja de Nossa Senhora das Dores, acompanhado por um verdadeiro pé de exercito; e ahi, finalmente, foi dado á sepultura ao som de musicas funebres e ao troar de toda essa fuzilaria.

E tudo isto por um simples tenente-coronel de milicias!



INDIO UAUPÉ

por uma grande cheia, concorda com o lugar que descobri na costa do Parú, entre Jamundá e Trombetas, que denominei *tauaquera das Amazonas*, porque ahi, segundo a historia, Orellana vio as Amazonas. Essa *tauaquera* só apparece em occasião de grande vasante, é uma ilha ou península, devorada pelas aguas do Amazonas, onde ainda se encontram os vestigios de aldêas pelos innumerables fragmentos de louça, machados de pedra, etc.



## ÁTRAVÉS DO PARANÁ

Trecho da *Monographia* sobre a Evolução Paranaense  
Obra inédita pelo Dr. Páu Brazil.

DE GUARAPUAVA AO IVAHY

Na vespera, no dia 25 de Janeiro de 1884, eu havia combinado sobre os detalhes desta arriscada jornada com o Sr. Delfino, um sujeito quarentão, de estatura regular, magro, barba e cabellos ruivos, olhos azues, tez branca, mas tostada pelas soalheiras dos pampas paranaenses. Vestia ellê um *costume* sertanejo feito de lã grosseira.

Moralmente, o nosso homem era sisudo, taciturno, fallando por monosyllabos, grave, austero, rhythmico, methodico e cadenciado, como são os *incultos* do *Gabinete*.

Si se tencionava levantar uma construção de cunho artistico como é incontestavelmente a do Gabinete, porque não se procurou melhor localidade, quando até a ultima hora, ao lançar-se a pedra fundamental, em 1882, ainda se poderia obter terreno mais bem localizado, como, por exemplo, na praça da Constituição, onde hoje se acha o theatrinho do Príncipe Imperial? Não é hoje que se reconhece o erro que deve ser remediado á custa da regularidade de uma propriedade do Estado.

Razão não menos ponderavel para não a aceitação de semelhante alvitre, nos parece a da importancia do monumento artisticamente considerado: é um bello edificio vistoso e principalmente attrahentissimo pela pouca vulgaridade entre nós do esty

de pequenos barris quasi cheios de cachaca; que eu travei o conhecimento de tão singular personagem, em casa de um seu parente, no povoado da Mangueirinha, no municipio de Palmas.

Voltava então o Sr. Delfino de sua longinqua excursão até o Nono-hay, na fronteira do Rio Grande do Sul com a provincia do Paraná. Fizera máo negocio e recolhia-se aos bastidores, pousando successivamente em Belém de Guarapuava e em Therezina.

Lá, naquella cidade, cuja magnifica posição domina os afamados campos guarapuavanos, foi que o nosso excêntrico tropeiro, sciente dos meus planos de ir visitar esta ex-colônia, offereceu-se espontaneamente para ser o meu *cicerone* em tão ousada excursão através das sertanias im-

possiveis do valle do Ivahy.

Na manhã seguinte, 26 de Janeiro, ás seis horas, partimos, o Sr. Delfino, eu e os nossos dous camaradas, todos montados em boas cavalgadas e levando á nossa frente um reforço de cavallos de sella, além da tropa de burros carregados, do meu silencioso guia.

O ceu era de um azul puro admiravel.

O sol começava a elevar-se acima da orla circular da campanha, que ondeava atraz de nós, inundada de luz e coalhada de rezes, que se retouçavam na gramma umedecida pelo orvalho de uma noite de verão, no alto das *cochilhas* verdejantes.

Diante de nós erguia-se a floresta densa e gigante as *araucarias*, assim como um exercito phantastico, eternamente immovel, fazendo a sentinella muda ao templo mysterioso e sombrio da natureza.

A atmospherá, após o resfriamento nocturno, começava a vibrar com os primeiros raios do calor solar, e estava toda perfumada com as exhalações aromaticas das flores agrestes.

Cantavam o hymno matinal as aves, nos bosques dos arvoredos.

E as brandas virações, que sopravam, animam as suas vozes áquella *symphonia* de sons e de côres; quando as montanhas agitam a coma frondosa e psalmeam na immensidade.

Era ao amanhecer. A estrada apertada e ingreme estendia-se ás nossas vistas, como uma immensa serpente interminavel, ao mesmo tempo attrahente e cheia de traições inesperadas.

Iamos os quatro, quedos na contemplação extatica dessa pagina scintillante, pittoresca e inimitavel do 'grande livro' do Universo.

Caminhámos assim durante longas horas, num silencio apenas interrompido pelo tilitar do cinorro pendente do pescoço da mula madrinheira, a qual abria o longo prestito por entre os espinheiros encurvados sobre a velha senda esburacada e má, e evitando os troncos de arvores abatidos pelo furor das tempestades.

A's 11 horas parámos para almoçar, e, durante o intervallo, fazer descansarem os animaes.

Tinhamos já satisfeito os nossos estomagos, mastigando um pouco de feijão e xarque; quando eu e o meu camarada, de nome Justino, resolvemos proseguir em nossa viagem apenas encetada.

Esqueciamo-nos, porém, de que o dia era sabbado. Ora o nosso excentrico *cicerone*, um leitor assiduo da *Biblia*, já estava com o famoso livro em punho e recitava uns tercetos muito edificantes, mas extemporaneos.

Em vão, tentámos convencer o original Sr. Delfino, o qual obstinava-se em pousar no velho paiol desabrigado, onde parámos um momento; que melhor era aproveitar o resto do dia viajando até encontrar-se um abrigo em casa habitada, do que ficar rezando numa especie de choça deserta e exposta ás feras bravias do sertão Ivahyense, afamado pelos seus tigres e serpes venenosas.

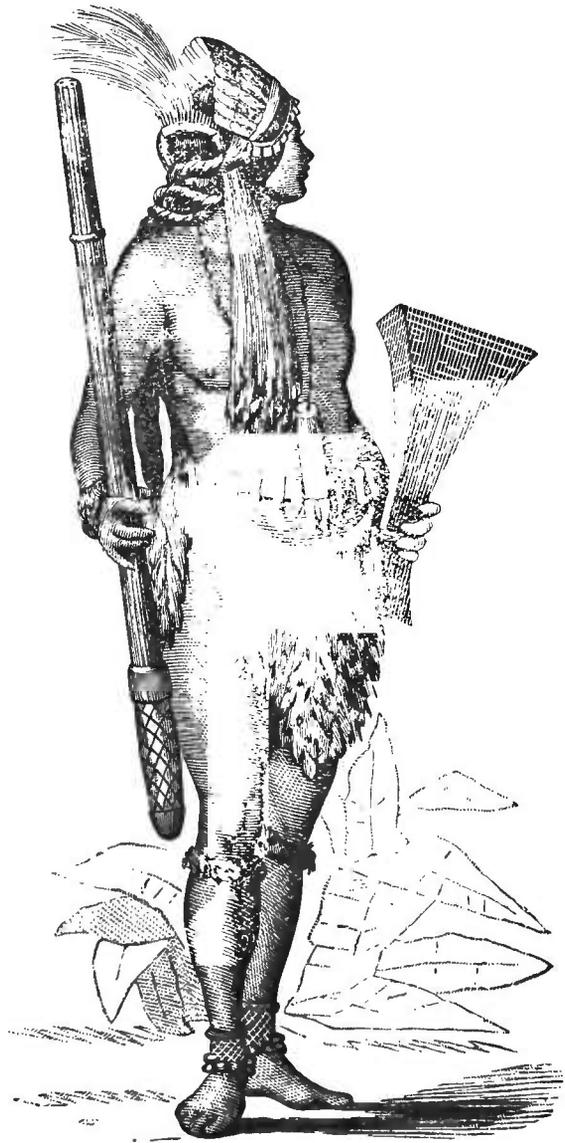
Impossivel. Tudo foi baldado e inutil, até o meu pedido instante, exigindo o cumprimento da palavra dada de ser o Sr. Delfino o meu guia numa floresta, onde as picadas de cargueiros multiplas e enviezadas mais assemelhavam-se a trilhos de antas do que a caminhos de gente civilisada. Simplesmente unico, o novo converso continuava imperturbavel, mergulhado em uma meditação mystica; enquanto os burros pastavam afastados e nós arrejavamos os nossos cavalloos soffregos de trotar.

Afinal despedimo-nos seccamente e apartámo-nos, enveredando eu e o Justino pelo desconhecido, que se apresentava a nossos olhos.

(Continúa.)

## TRIBU DOS UAUPÉS

Para mim esta é a celebre tribu, conhecida na historia pela das Amazonas, encontrada por Francisco Orellana. A tradição existente entre os Uaupés, hoje habitantes do Alto Rio-Negro, de que outr'ora habitaram as margens do Amazonas, deixando-o obrigados



INDIO UAUPÉ

por uma grande cheia, concorda com o lugar que descobri na costa do Parú, entre Jamundá e Trombetas, que denominei *tauaquera das Amazonas*, porque ahi, segundo a historia, Orellana vio as Amazonas. Essa *tauaquera* só apparece em occasião de grande vasante, é uma ilha ou península, devorada pelas aguas do Amazonas, onde ainda se encontram os vestigios de aldêas pelos innumerables fragmentos de louça, machados de pedra, etc.

Se a historia e a tradição não falham, ali foi a aldêa das Amazonas, porque lá encontrei os *muirakitans* e fragmentos da rocha de que são feitos, assim como tambem ali foi achado o *idolo amazonico*.

As Amazonas usavam e fabricavam a *pedra verde*. Entre os vestigios de povoação ha provas de que sua população usava tambem e fabricava aquella pedra. No meio dos *muirakitans* de jade, jadeite e chloromelanite, encontram-se tambem os de quartzo, iguaes aos que ainda hoje usam os Uaupés, como signal de distincção: por conseguinte a tribu que emigrou, que usa o *muirakitan* ainda hoje, é a pretendida das Amazonas, que se dirige para o Rio-Negro, o que concorda com a sua marcha dada pela historia. Ainda uma

prova de que os Uaupés são as antigas Amazonas é a seguinte:

Além de conduzirem as mulheres aos combates, os homens têm um aspecto afeminado, o que, unido ao uso de trazerem os cabellos divididos na frente e depois trançados dá-lhes a feição de mulheres.

Um moço vestido será tomado pelo mais atilado por uma mulher, tal é o aspecto que lhe dá o uso do penteado. É a unica tribu que utiliza-se do pente, já para se pentear, já para prender as tranças. Junto dou aqui a cópia do *croquis* de um Uaupé da maloca Tracuá-tyba, com seus ornatos festivos, empunhando um *cuidaru* e um *kuraby*.

J. BARBOSA RODRIGUES.

## SCIENCIA NO LAR

### SEGUNDA LIÇÃO

Vimos, querida menina, que é pura ignorancia, mesmo de pessoas mais esclarecidas, chamar *flôr* aos envolveros coloridos, cheios de taes encantos que attrahem a vista e convidam o olfacto.

É erro analogo áquelle que faz-nos empregar constantemente as expressões *levantar ou nascer do sol* e *ocaso ou pôr do sol*, quando sabemos perfeitamente que esse astro é immovel no centro do systema planetario.

As partes das plantas, á que acima alludimos, e que dissemos prender a nossa attenção por vistosas, na época da floraescencia são: o calice, a corolla, as bractees, etc. Para o botanico, taes partes são accessorias, podendo a flôr existir sem ellas.

Os principaes orgãos, que constituem a flôr propriamente dita, são pequenos corpos collocados—em geral—no centro do calice e da corolla, encarregados da formação do fructo e da reproducção de outro vegetal semelhante áquelle que os produz.

Um destes orgãos é o *pistillo* ou *gynecéo*, orgão essencialmente feminino; os que o cercam, na maior parte dos casos, são chamados *estames*, o seu todo *androcéo*, isto é, orgãos essencialmente masculinos.

O *pistillo* chamou-se tambem *orgão germinifero*, porque contém o germen do fructo e da nova planta: o estame, *orgão pollinico*, porque nelle se encontra um pó amarello fecundante, chamado *pollen*. Os orgãos femininos são ás vezes designados pelo nome de *carpellas*.

Algumas flôres apresentam unicamente *pistillos*,—outras, estames: são chamadas *dioicas*, significando que a flôr completa habita duas plantas;—várias outras, na mesma planta, têm os sexos separados, e chamam-se *monoicas*; em muitas outras, finalmente, e assim me exprimo porque é o caso mais commum, a flôr contém ao mesmo tempo *pistillos* e *estames*, e chamam-n'a *hermaphrodita*, o que significa macho e femêa ao mesmo tempo.

Flôres completas são as que offerecem, do centro para a circumferencia: orgãos principaes, o *pistillo* e os *estames*,—e orgãos accessorios ou envolveros floraes, a corolla e o calice.

A menina terá sem duvida notado que certas e determinadas flôres acham-se—pôde dizer-se—colladas ou rentes aos ramos, como—por exemplo—a do cambucáeiro, ao passo que outras têm um *pé* mais ou menos comprido, como as violetas, as rosas, etc. As primeiras chamam-se *sessis*,—as outras, *pedunculadas*.

A parte superior do pedunculo dilata-se, e a essa dilatação dá-se o nome de *receptaculo*.

Insistindo nestes pormenores, mais não faço de que procurar com que fiquem bem gravadas, e claramente, na memoria da menina, as primeiras noções, de modo a mais tarde—quando entrarmos em materia complicada—não encontrar embaraços.

**PISTILLOS.**—Como sabe-o já a minha interessante discipula, ao conjuncto das *carpellas*

ou *pistillos* dá-se o nome de gynecêo, e occupa quasi sempre o centro da flôr.

O numero de pistillos é variavel, — as mais das vezes tem um, e outras muitos. Na maioria dos casos o gynecêo separa-se do androcêo por um disco, ou por qualquer outro meio.

Quando o pistillo é unico, como acontece —por exemplo—no lirio (*Liliaceas*), serve de terminação ao caule do ramo ou da haste.

Quando ha muitos pistillos, fixam-se estes em um prolongamento do receptaculo, que augmenta às vezes consideravelmente de volume, e torna-se succulento e polposo, como no morango (*Fragaria sativa*), *Rosaceas*.

O pistillo compõe-se de tres partes: ovario, estylo e estygma.

O ovario occupa a parte inferior do pistillo, —desenvolvido, constitue o fructo. Havendo muitos pistillos, os ovarios collam-se uns aos outros, deixando entre si sulcos ou paredes de separação, como se vê no fructo do nosso arcerio (*Hura crepitans*), *Euphorbiaceas*.

O estylo é o prolongamento delgado e filiforme, com cujas divisões corresponde em numero. Não é orgão essencial, tanto que falta a muitas flôres. Neste caso o estygma é sessil no ovario.

Estygma é a parte superior e terminal do pistillo. Apresenta muitas fórmas: é achatado, como no urucú (*Bixa orellana*) *Bixaceas*,—duplo e curvo, como no cravo (*Dianthus caryophyllus*), *Caryophylleas*;—offerece tres divisões, como no maracujá (*Passiflora*), —ou no chá (*Thea sinensis*), *Ternstræmiaceas*, etc.

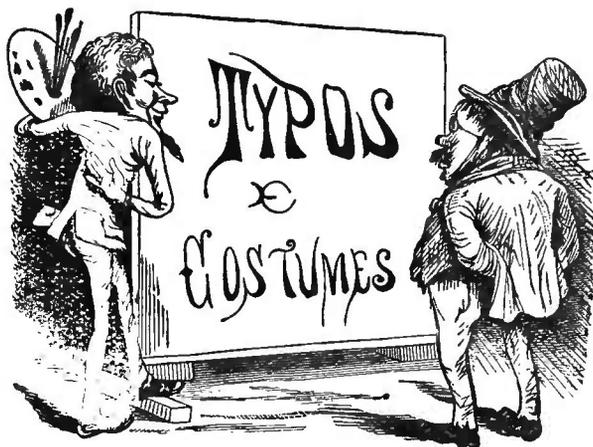
DR. PIRES DE ALMEIDA.



A freguezia de S. Gonçalo, da provincia do Rio de Janeiro, completa brevemente 240 annos de existencia.

Um certo Gonçalo Gonçalves, tendo alcançado uma sesmaria á margem esquerda de Guaxindiba, mandou alli edificar uma igreja dedicada a S. Gonçalo de Amarante, a qual foi elevada a parochia por alvará de 10 de Fevereiro de 1647, tendo por filiaes Nossa Senhora da Luz, do campo de Itaoca; S. Francisco, da povoação de *Quibango*, e Nossa Senhora da Esperança, na *Phiba Pequena*.

Jaz esta povoação em um sitio aprazivel, ao pé de um monte, por onde passa a estrada publica. Confina com Itambi e Itaborahy, do lado do norte; Maricá, ao léste; Nictheroy, ao sul; ao oeste banham as aguas da bahia, povoada de algumas ilhas.



## O PROPHETA

Desde remotos tempos conhecem os fluminenses o significado desta palavra: —o *propheta*.

Nas boas épocas em que o Sr. visconde de Mauá era simplesmente—o Irineu—e o canal do Mangue existia na doce paz dos creados, apresentou-se ao publico, sempre respeitavel, o nosso famigerado herôe.

Naquellas priscas éras o propheta trajava blusa de gola encarnada e calça de algodão azul, e trazia o chapéo de lado, e á marinheira, na cópa do qual lia-se a palavra *gaz!*

Mudam-se os tempos, mudam-se os costumes.

A democracia, confundindo todas as classes sociaes, começou a imperar no paiz das araras, como está imperando na terra dos *canards...*

O propheta modificou seus trages e começou a disfarçar-se com a multidão: unicamente trazia ao hombro uma escada vermelha e a lanterna á mão. Sobre a blusa de gola rezou o *De-profundis*, e substituiu o antigo chapéo de oleado por um elegante bonet, tambem de oleado, e desta vez sem o distico.

Ao bater das trindades, á hora em que, antigamente, os « morcegos » sahiam das *tócas*, para eterna tranquillidade dos gatunos, o nosso herôe desponta no horisonte... do Mangue, munido de um vara-páo, em cuja extremidade está um accendedor.

E lá vem elle, o antipoda das trévas, o creador das chammas nos lampeões das ruas, a correr, a correr, deixando atraz de si, pelo magico poder do vara-páo, myriades de astros rutilantes.



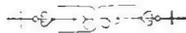
O PROPHETA

E' caso para se dizer, parodiando o distico do gazometro :

*Ex typo dare lucem.*

E não só dá luz, como é capaz de fazer dar à luz.

THADEU.



## DIVERSÕES DE SALÃO

### Tirar o collete sem tirar o paletó

A' primeira vista parece isto uma magica, no entanto é a coisa mais facil deste mundo.

Antes do mais, cumpre desabotoar o collete e o paletó. Manda tambem a prudencia que se tire o relógio. Para o rapido exito quanto mais larga for a cava do collete tanto melhor.

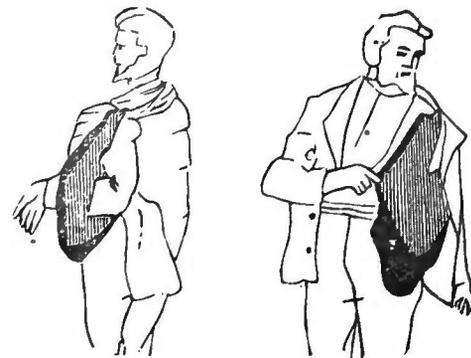
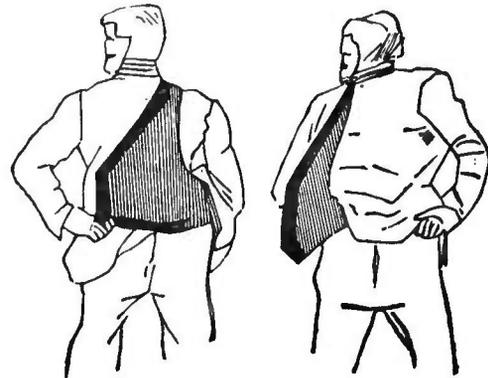
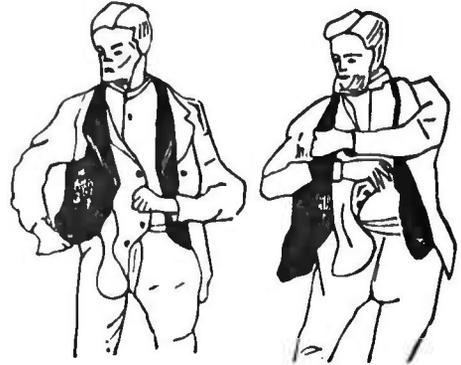
Conforme vemos na primeira figura, começa-se por fazer passar uma aba do paletó por dentro da cava do collete, que fique do mesmo lado; e assim se consegue pôr por cima do paletó uma parte do collete.

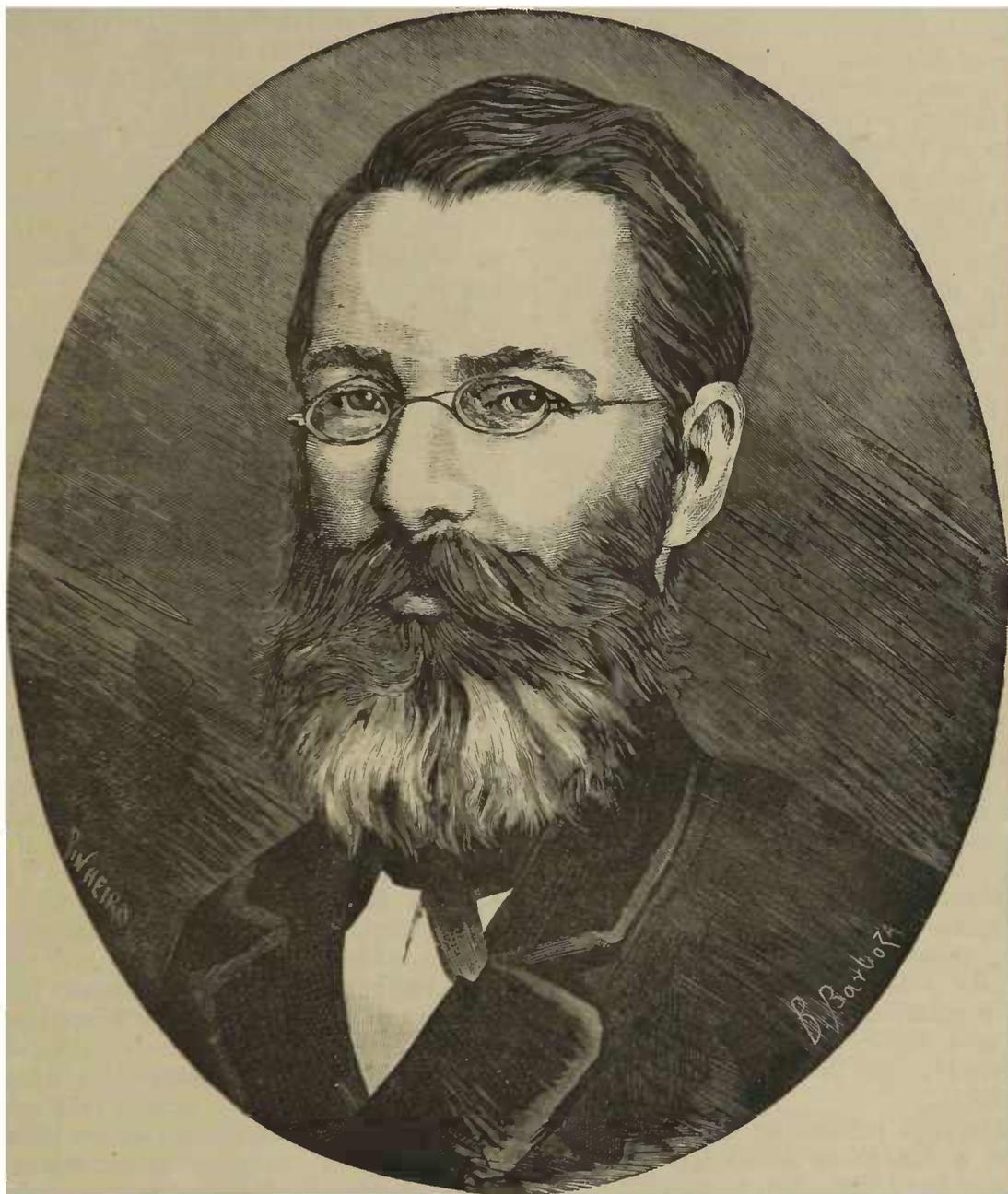
Então introduz-se o braço, que fica desse lado, pela cava, como apresenta a segunda figura, e por um movimento rotativo tira-se assim metade do collete. Esta parte da operação é a mais difficil.

A terceira figura já apresenta metade do collete completamente livre, e pela quarta vê-se que temos de

repetir a primeira operação: — passar a outra aba do paletó pela outra cava da collete.

Feito isto, repete-se o tal movimento do braço rotativo pela cava presa, como apresenta a quinta figura, e assim se consegue, conforme indica a sexta, soltar de todo o collete; tiral-o com a frescura com que o está fazendo a sétima figura para dizer, como parece estar dizendo a oitava: — E que tal?





## JOSÉ DE ALENCAR

**C**abe á provincia do Ceará a honra de haver dado o berço á gloria mais esplendente da nossa litteratura. José Martiniano de Alencarahi nasceu em 1 de Marco de 1829, e formou-se na faculdade de Olinda em 1851, começando nessa mesma cidade a sua vida publica.

Advogado distincto, lente de direito mercantil do Instituto Commercial, deputado geral em varias legislaturas, consultor do

ministerio da justica e mais tarde ministro da mesma pasta, antes de tudo isso atirara-se ás lides jornalisticas; o *Correio Mercantil*, esse bello florão do jornalismo fluminense, de 1853 a 1855 publicou artigos seus sobre a reforma hypothecaria e outros assumptos de igual transcendencia, e de Setembro de 1854 a Junho do anno seguinte a revista hebdomadaria, em folhetins, aos quaes dera o titulo—*ao correr da penna*.

Foi sob esta rubrica que, quasi se pôde dizer, estreou esse talento litterario, que bem depressa teria de impôr-se á admiração publica.

Tres folhetins escreveu elle seguidamente no *Jornal do Commercio*, tres primores, d'entre os quaes se destaca, como gemma de precioso fulgor, o que se refere ao commovente sermão do grande Mont'Alverne, quando, depois de longa ausencia do pulpito por motivo de cegueira, para satisfazer o desejo que tinha S. M. o Imperador de ouvil-o sequer uma vez, volveu ao theatro das suas glorias, cercado já da auriflamma da immortalidade. Da redacção do *Correio Mercantil* passou-se José de Alencar para a do *Diario do Rio de Janeiro*, que foi o campo das suas mais pujantes lides e da messe mais ampla dos seus louros jornalisticos.

Além de artigos de fundo, nos quaes aventou e discutio as mais importantes questões politicas e administrativas, escreveu tambem uma nova serie de folhetins de bom apreço, o seu mimoso romancete *Cinco Minutos*, seguido logo do seu admiravel *Guarany*, e antes a famosa critica da *Confederação dos Tamoyos*.

Como era natural, essa critica levantou grande celeuma no nosso Olympo litterario; os semi-deuses levantaram-se a uma, irados, para trucidar o ousado que tentava derrocal-os das alturas a que mutuamente se haviam alçado; o Olympo, porém, ruio por terra, e o ousado, sagrando-se por suas proprias mãos, elevou-se acima dos semi-deuses.

O primeiro romancete que sahio de sua penna, *Cinco Minutos*, foi um idyllio admiravel de sentimento e naturalidade; foi como o primeiro botão de uma roseira da mais rara especie, que se abre ainda mal conformado, mas já com petalas de suavissimo olor.

Sustando a publicação da *Viuvinha*, que seguira a dos *Cinco Minutos*, o romancista levantou mais forte vôo, e como a aguia já possante foi com as azas, no dizer do poeta, « roçar o semblante do sol. »

Com a appareção do *Guarany* surgiu a escola nacional applicada ao romance. A feição característica não está tanto nas scenas do indigenismo, na linguagem um tanto artificiosa de Pery, nas lutas dos selvagens com os portuguezes, como no colorido do estylo, no amaneirado mesmo embora menos correcto, e sobretudo no descriptivo, que é a pedra de toque de seu fulgurante diadema.

Um escriptor e um artista fundaram, no campo das artes e das letras, a escola brasileira; duas obras immortaes são as pedras

angulares do edificio que com o revestimento ganhará o cunho de verdadeiramente nacional: o *Guarany* de José de Alencar e a *Primeira missa no Brazil* de Victor Meirelles, a despeito de seus detractores, são dous monumentos impereciveis das nossas letras e artes.

Na *Primeira missa* tudo é novo: a natureza, os indigenas, o altar, o colorido, os agrupamentos, tudo emfim é original; no *Guarany* tambem a linguagem, que é o colorido; o descriptivo, que é a natureza; os homens, as cousas, o seu modo de estar e de sentir, tudo tambem é fóra dos moldes communs.

Em que peze aos que negam a existencia da *litteratura brasileira*, o *Guarany* não é, não pôde pertencer á litteratura portugueza; nesse mesmo descuido da fórma com que uns tantos criticos pretendem abater a bella obra d'arte, nisso mesmo está o *brazileirismo*, que é o *cachet* das producções de Alencar. Se o *Guarany* fosse escripto no estylo cerrado e terso de um Herculano, seria uma obra-prima não o duvidamos, mas nunca brasileira; ahi está a *Virgem Guaraciaba* de Pinheiro Chagas, escripta na intenção de doutrinar Alencar, que é de todo ponto inaceitavel como romance brasileiro.

Transportada a acção para Portugal, mudados os elementos constitutivos, ainda mesmo escripto por Alencar, o *Guarany* daria um producto muito diverso. Demais, onde iria Portugal emmoldurar em seu solo essa primorosa paizagem do Paquequer? como vestil-a da nossa secular vegetação, e animal-a com o viver livre e aventureiro dos nossos incolas ou bandeirantes?

A influencia do *meio* faz-se sentir poderosamente sob os tropicos; os povoadores do Brazil, brancos e negros, modificaram-se extraordinariamente, e, comquanto apenas a raça portugueza roçasse mui de leve pela indigena, ainda assim tanto bastou para que no lar do civilisado penetrassem certos usos do selvagem. Esta assimilação, por muito diminuta que pareça á primeira vista, nem por isso deixou de actuar na formação da nossa nacionalidade.

José de Alencar, filho já de brasileiros, não procurava furtar-se á influencia do seu *meio*, mas antes nisso como que fazia certo timbre; não lhe eram desconhecidos os classicos, mas não procurava imital-os como ao inverso fazem outros escriptores nossos, que por exagero, parecendo tocar as raias do classismo, tornam a linguagem artificiosa e arida. Desde que lhe roubam a naturalidade, que presume a espontaneidade, a lingua portugueza perde todo o seu viço e colorido.

Ao *Guarany* succedeu as *Minas de Prata*, chronica fidelissima dos tempos coloniaes. Menos conhecido do que aliás é merecedor, este trabalho firmou a reputação de José de Alencar como chronista romantico.

Dous livros apparecem successivamente, e sob iniciaes de *G. M.*, que revelam uma face inteiramente nova do illustre cearense; dous estudos physiologicos, tão admiraveis pelo lado anatomico como pelo sociologico do meio em que se desenvolve a acção. *Luciola* e *Diva* são dous modelos no genero.

Emquanto assim caminha o romancista; como Protheo, o talento e a imaginação de Alencar, iriando-se á luz da rampa, cobrem-se de louros, produzindo o *Demonio Familiar*, *As azas de um anjo*, *Mãe*, *Verso e Reverso*. O primeiro é uma comedia de um atticismo parisiense.

No meio desse produzir admiravel, a politica, minotauro voraz e insaciavel, lança-o no vortice medonho, onde os partidos, á semelhança de Saturno, devoram os proprios filhos; o jornalista, o romancista, o dramaturgo e o poeta, emfim, transmudam-se em uma entidade sphynxica que se chama—estadista. José de Alencar passa a ser ministro da justiça e da guarda nacional!

O eclipse obumbrou por momentos o astro radiante e bello; mas em breve, irrompendo d'entre a pesada caligem, eleva-se de novo ao nadir e vai caminho da gloria.

Uma vez retirado da *alta politica* activa, depois de tragar o amargo que sempre deixa o contacto dessa ambicionada taça que se chama—poder—o homem de letras, volve ao remanso do gabinete de trabalho, o poeta evoca a musa fugitiva, e em pouco surge o *Gaúcho*, talhado por moldes homericos; extravagante, porém bello; fabuloso mas epico.

Antes de ser sequestrado pela politica escrevera Alencar a *Iracema*, mimo de estylo poetico, imaginoso, sem rival emfim no nosso idioma.

Depois do *Gaúcho* appareceu o *Tronco de Ipé*, fluente narrativa comparticipante da vida da côrte e do campo, drama intimo e singelo, em que o adoravel typo de Alice fulge como uma estrella limpida em céu de primavera. A este seguiram-se os *Sonhos de Ouro* não menos bello e attrahente, tanto pelo fundo como pela fórma.

Se o *Til*, trabalho de encomenda, sombrêa por momentos o astro, é para logo vê-lo reaparecer com dobrado fulgor; o perfil correcto da *Senhora*, juntando-se aos de *Luciola* e *Diva*, fórman os tres um grupo digno de um Phidias.

Infatigavel e fecunda, a imaginação de Alencar não queria repouso; apenas de quando em quando descia o olhar dos altos horizontes aos floridos vergeis. Como os grandes artistas emquanto descansam esboçam, assim Alencar quando depunha o pincel do pintor historico era para tomar o *crayon* do paizagista.

Nos intervallos de suas producções de maior folego dava a *Pata da Gazella*, o *Garatuja*, a *Ermida da Gloria*, a *Alma de Lazaro* e a *Encarnação*, florinhas mimosas, variegadas e louças, como essas humildes e perfumadas que vestem as nossas campinas.

*Ubirajara* enriquece a sua collecção de narrativas indigenas, emquanto que a *Guerra dos Mascates*, collocada entre o *Guarany* e as *Minas de Prata* fixa as normas do nosso romance historico.

Sobre ser escriptor litterario tão fecundo, foi tambem abalisado jurisconsulto; como consultor dos negocios da justiça escreveu numerosos pareceres, que se fossem publicados dariam bem para seis grossos volumes.

José de Alencar foi sem contestação um dos talentos mais uteis á patria, e por isso mesmo é quem tambem menos pesou sobre ella. Trabalhador incansavel, modesto e economico, tirava da sua profissão de advogado o preciso á familia, juntando as demasias para formar o peculio que legou aos filhos.

A sua vida, quer publica quer particular, é um bello exemplo que pôde ser apontado. A sua individualidade moral é tão digna de admiração e respeito como a sua individualidade litteraria.

Os ultimos annos da sua existencia foi uma luta perenne entre o espirito e a materia; o debil envolvero a muito custo podia conter tão grande espirito. Só a esforços da sua vontade tenaz, que o levou a peregrinar desde os sertões do berço natal até Paris, conseguiu disputar á morte o ultimo alento até de todo cahir exausto como um combatente em pleno campo da lucha.

Trabalhou quasi até a hora extrema.

Um mez antes de se lhe aggravarem os padecimentos, entregando-me o primeiro canto dos quatro que deixou compostos dos *Filhos de Tupan*, para dal-o aos prelos, disse-me: « Quero publical-os para presentear a alguns amigos, e, para não perder de todo o que está feito. Vai assim mesmo; d'ali, quem sabe, talvez que com a revisão das provas me volte a inspiração para acabar o poema. »

A morte sorprendeu-o revendo essas provas!

FELIX FERREIRA.

## TRIBU DOS CAUXANAS

Orinnda do rio Branco, hoje está esta tribo espalhada principalmente pela margem esquerda do Solimões, sobretudo nas proximidades de Tunantins, onde são tam-



Indio Cauixana

bem conhecidos os indios dessa tribo por Cauixanas.

Em geral são feios, mal feitos de corpo, de boa indole e de caracter pacifico.

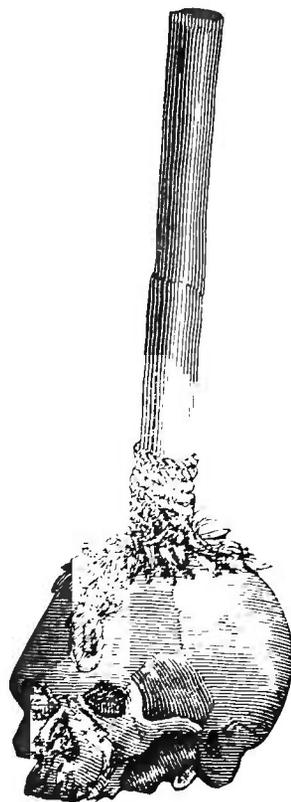
Costumam ambos os sexos andar pintados com o *urucú* para evitar as mordeduras dos piuns, usando os homens os cabellos compridos, suspndidos no alto da cabeça e seguros dentro de uma especie de chapéo, feito de *timbó teteca* (cipó), que tem o aspecto de um

pañeiro afunilado. A cintura aperta-se uma tanga feita de foliolos de palmeira, desfiados, ou de estopa de *sapucaia* (*Lecythis* sp.). E' uma das tribus que usam tambem o *uirary*, mas cuja composição é diferente da dos Ticunas, o que se conhece não só pelos seus efeitos, como pela reacção chimica. Este veneno é empregado nas flechas da *sarabana*, que preparam de outro modo. Feita de *pachiuba-y* (*Ireartea setigera*), em vez de ser entanniçada, é polida e envernizada com *cumaty*, o que dá o aspecto de ser feita de xarão.

A aljava tambem é diferente das outras tribus: é feita de um colmo de taquarussú, coberto de foliolos de *curuá*, superpostos longitudinalmente e ligados por uma espiral de fio de tucum encerado.

Além da sarabana empregam tambem na caça grande ou nas guerras o *kuraby*, feito da haste floral da *ubá*, armado de uma longa *suumba* triangular de *pachyuba* (*Ireartea exhorhiza*). Pelo seu dialecto o curare tem o nome de *apary*.

J. BARBOSA RODRIGUES.



Trompa dos indios do Amazonas feita de um craneo humano e de um pedaço de bambú.



o amanhecer de um sabbado os habitantes da villa de B\*\*\* viram, no largo da Matriz, plantado um grande poste, do qual pendia um cartaz enorme á guiza de estandarte.

O Manoel barbeiro, como o mais madrugador, foi o primeiro que se approximou, todo pequeno, a cabeça resguardada por um barrete de seda velha, as mãos cruzadas para traz das costas. E depois d'elle vieram o Antonio taverneiro, o escrivão da collectoria, um sujeitinho amarello e de oculos azues, o resmelengo Borges, official de justiça, e mais curiosos.

Fizeram roda ao poste.

No grande estandarte de lona pintada, onde umas figuras extravagantes, como os monstros das illuminuras bysantinas, aguçavam a curiosidade dos indigenas, lia-se em letras garrafaes :

**COMPANHIA LEMOS**  
(ARTISTAS DA CÔRTE)

*Grande espectáculo de Estréa*

HOJE Sabbado 16 de Julho HOJE

**A MORGADINHA DE VAL-FLOR**

Do immortal escriptor portuguez  
**M. PINHEIRO CHAGAS**

A's 6 1/2 horas da tarde.

O Antonio taverneiro, alisando, com orgulho, as suas suissas ruivas, participou aos circumstantes que os comicos chegaram ás 11 horas da noite de sexta-feira, e que por serem muitos não lhes deu pousada. « Mande-os p'ro Candido, qu'ê hotel », dizia elle, e continuava ameigando os fios ruivos e asperos das suas populares suissas.

Algns dos circumstantes olhavam, instinctivamente, para um sobrado que ficava

no angulo da praça. Era uma casa caiada e velha, com tres janellas de gradil de ferro, espremida entre uma fila de casarias desconjunctadas, tristonhas, soturnas. Sobre o arco da porta central destacavam-se, em caracteres negros, os seguintes dizeres :

## HOTEL DO CANDIDO

Alugam-se quartos. Recebem-se animaes a trato.

Debruçado sobre o gradil estava um estrangeiro, magricella, o rosto comprido, chupado, hetico e sem barba.

— Olhem. Lá está um dos sucios.

Disse o taverneiro apontando para o hotel.

— Aquelle é o galã.

Aventurou o Manoel barbeiro, cuspinhando longe, sem retirar as mãos da posição em que, já por velho costume, as trazia.

— Disso é qu'elle não tem cara.

Objectou o resmelengo Borges, e fazendo um movimento de hombros :

— Dahi póde ser que no theatro faça figura. Como á noite todos os gatos são pardos...

— E esta é que é a verdade, *sór* Borges, interrompeu o Antonio. Olhe qu'eu vi na côrte muita menina fatia, mas isso emquanto estava ao palco... Cá fóra... Valha-me o Senhor Bom Jesus do Monte ! Era um horror. Que bichos !

O escrivão da collectoria acompanhava as palavras do palrador com assentimentos de cabeça. E, lá no hotel, o entanguido, que parecia ter percebido servir de assumpto á *assemblée*, desviou o corpo do gradil, fez um gesto com a mão como se chamasse alguem no interior. Um corpanzil de mulher veio collocar-se ao seu lado.

— E aquella, o que será ?

Perguntou Borges.

Os companheiros arregalaram os olhos. A mulher conversava com o hetico, fazia gestos explicativos com a mão, sorria, sacudindo o busto desenvolvido, oscillando a cabeça penteada a *frou-frou*.

— Aquella deve ser a ingenua.

— A ingenua ! interjectou o Borges. Ora faça-me o favor, *sór* Antonio !... Pois aonde se vio uma ingenua daquelle feitio ! E aquelles seios, aquelle corpo, aquella barriga ! Pelo amor de Deos ! O que ella póde ser é a avó da ingenua.

O Antonio encavacou. A phrase final do Borges despertou hilaridade. Riram-se ás soltas, e um sujeito, que estava na roda, batia na espadua do official de justiça, exclamando :

— Ahi, Borges. Esta foi bem sacada ! Bate a musica nesta solfa !

Mas o Antonio explosio : — *Home*, vossê o que me parece é que tambem pertence aos sucios ! E desenrolou a lingua explicando a supposiçào, demonstrando, com irrefragaveis provas que o erro em que cahira era perdoavel. Citava os theatros da còrte, as actrizes que vira representar de ingenua apesar de maduras... Um discurso interminavel.

## II

As seis horas da tarde, os habitantes da pacata villa de B\*\*\* encaminhavam-se para o improvisado theatro que a companhia Lemos levantára, durante a manhã, em uma estrebaria abandonada.

Trabalharam ás pressas para não perder tempo. E, posto que o local escolhido não favorecesse muito ao embelezamento de uma sala de espectaculos dramaticos, conseguiram com o auxilio de galhos de arvores, de arbustos, folhas de mangueira e sanefas sovadas, arranjar uma sala que seria pittoresca se não fosse um implicantre cheiro de palha secca e estrume resequido que pesava no ambiente.

Na frente da estrebaria estavam collocados dous mastros, oude duas velhas e desbotadas bandeiras, portugueza e brazileira, eram despertadas de quando em quando, do grande torpor em que jaziam, pelo perspassar das virações. Então os dous pedaços de panno, pendentes para o chão melancolicamente enrugados, oscillavam devagar, desfranziam-se um pouco, agitavam-se quasi sem forças e pendiam outra vez, tristes e desolados, para o solo em que os pés da gentilha varria as folhas de mangueira.

Collocaram nma sineta á porta, que um sujeito, de capacete de papelão prateado e farda encarnada, fazia soar de momento a momento.

« Meus senhores (clamava elle), é hoje a grande estréa da companhia Lemos, cujo elenco está formado com os melhores artistas da còrte. Representar-se-ha a *Morgadinha de Val-Flor*, drama original do maior escriptor da antiga Lusitania, o Sr. Dr. Manoel Pinheiro Chagas ! A' grrrande estréa, meus senhores ! Cada lugar nos bancos custa mil réis. Entrada geral a quinhentos réis. As crianças menores de doze annos pagam apenas um tostão sem direito de assento ! Um ovo por um espêto, meus senhores. A' grrrande estréa da companhia Lemos, sempre elogiada e applaudida em todas as capitaes civilisadas do mundo ! »

A sineta, tangida, echoava no espaço : tém : tém : tém : tém : tém...

« E' aproveitar ! Cada lugar nos bancos custa mil réis ! Entrada geral quinhentos réis. A grande estréa, meus senhores ! »

A noite descia calma e vagarosa. No horisonte os ultimos reflexos do sol empallideciam lentamente, como uma grande saudade que se apaga do fundo de uma alma. Do lado das montanhas, ao fundo da villa, a vegetação tinha tons uniformes, accusava-se em manchas pardas. A concorrência crescia.

Pretos cambaios, morrinientos, a boca aberta e aguada, estacionavam em frente do theatro, em grupos, uns achegados aos outros, acabrunhados, enervados, n'uma passadeira idiota. Entrava-se. Duas meninas, de vestidos brancos e chapéos de palha com laços encarnados, estacaram diante da porta, olhando com espanto para o theatro ; porém uma senhora idosa, que vinha atraz, trazendo o vestido apanhado pelo regaço, empurrou-as brandamente, e um homeim, de chapéu do Chile, dizia-lhes « que fossem andando, que aquillo não era para se vêr da porta. » O louro promotor, um conquistador terrivel, chegou com ares de conhecedor de platéas, apertou os olhos para a multidão, fez a boca desdenhosa, e encostou-se á entrada, açoutando a perna da calça branca com a *badine* de junco vermelho, encastoadade ouro. A dous passos de distancia, o Dr. Regadas, o maior clinico da localidade, conversava com o juiz de direito que, de instante a instante, esgaravatava as narinas e esfregava o pollegar no indicador, á maneira dos pharmaceuticos que enrolam pilulas. Entrava-se.

O Antonio chegou em companhia do Borges. Vinha endomingado, luzidio, o cabelo oleado, as suissas galhardamente repartidas. O Borges afastou-se para ir, humilde e curvo, cumprimentar o Sr. Dr. juiz de direito, e, como o juiz desse-lhe a mão a apertar, voltou alegre, irradiante, engrandecido.

No interior já havia muita gente. Um cheiro acre de folhagens novas, mesclado com emanações de estrebaria, pesava no ar. A luz era fraca, interrompida pelas massas de folhas que pendiam ao longo das paredes. No tecto, muito alto e de telha-vã denegrida, esfuziavam morcêgos. Na rampa, uma fila de lampeões projectavam intensa claridade sobre o panno, um velho panno amarrotado pelas excursões da *troupe*, pintado por algum amator de scenographia que empregára tres kilos de ocre em pannejamentos e troncos de arvores, tendo por fundo um horisonte com montanhas rôxas e céu branco.

A voz do annunciador, já enrouquecida, continuava a berrar, á porta : « E' a *Morgadinha*, meus senhores ! Entrem. Mil réis cada lugar. »

— Tem gente.

Murmurou o Antonio ao ouvido do Borges.

Os actores entravam para o palco por uma pequena porta aberta ao lado da orchestra. Oentanguido, de cara rapada, esteve durante algum tempo a observar a platéa. Brilhava-lhe no olhar um contentamento infindo, uma satisfação profunda pelo feliz resultado da estréa. Depois passou a sujeita gorda. Andava com difficuldade, dando com os braços para os lados, remexendo todo o corpanzil. Era baixa, plethorica, a cara larga, os olhos miudos. Tinha o ventre pejado, muito saliente, redondo como uma melancia. E, após ella, entraram outros comicos, que o Antonio ia notando, procurando adivinhar-lhes a importancia scenica, fazendo commentarios opportunos.

Mas a sineta soou tres pancadas lentas, espaçadas, longas.

Fez-se silencio. A orchestra, duas rabecas, um piston e uma flauta, deu signal de começo e as notas da polka *Qu'è da chave* encheram a sala de uma alegria garôta, arrastada, langurosa, réles. E o panno subio, rangindo, pelo passar das cordas nos carreteis.

Era um interior pobre. Um sujeito amarello, de bigodes pretos, acabava de pintar o retrato de uma moça que estivera assentada em sua frente. Conversavam, mas, subitamente, soaram pancadas nervosas á porta do casebre, e uma grande figura gorda, trajada de homem, com a barriga enorme, appareceu em scena, jogando, para cima de uma cadeira, um capote de merinó preto.

### III

O panno cahio ao estrepitar de palmas.

A platéa ergueu-se com rumor. Fallava-se á meia voz. Nuvens de fumaradas ennovelavam-se no espaço. A mulher do juiz de direito, uma senhora esvelta, apertada em um vestido de sedinha azul pallido, conversava com o louro promotor, abanando-se devagar, cheia de morbidez ; no movimento do braço reluziam os braceletes de ouro, faiscavam os brilhantes do anel.

O Antonio disse em segredo ao Borges, olhando de soslaio para os dous :

— Que escandalo !

Perto das paredes, grupos de rapazes namoriscavam meninas pudibundas, que olhavam de esguelha e occultavam os sorrisos com o lenço dobrado em triangulo. Um velho de olhos, e barbeado como um padre, contemplava admirado o panno, tendo o beijo cahido e babado. Do lado opposto o Manoel barbeiro, o escrivão da collectoria e mais outros individuos palestravam.

O entre-acto demorava.

A platéa inquietava-se. E lá por dentro, por traz do panno, havia certo rumor de passos, o telhado tremia, o panno oscillava. Passou de boca em boca a noticia de um ataque nervoso que accommettêra a Morgadinha... Um tombo que levára o Luiz Fernandes.

Um caixeiro de pharmacia, que fôra educado na côrte, atreveu-se a miar ; diversas cabeças voltaram-se para o lado em que elle estava, porém um segundo miado partio da multidão que estava em pé, perto da porta da entrada, e houve hilaridade.

— Isto dá em droga, *sór* Borges.

Aventurou discretamente o Antonio.

— Pelos geitos...

Alguns gaiatos, animados pelo exito do caixeiro de pharmacia, tossiam alto, escarravam, cantavam como gallo.

Do fundo do palco chegavam rumores de vozes, arrastamento de passos, um ruido confuso, incomprehensivel. Ouviam-se gemidos abafados.

Por fim o panno oscillou com mais força e subia rangindo pelas cordas.

Luiz Fernandes appareceu em scena, muito pallido, porém sem bigode.

Veio até a rampa, perfilou-se, tomou attitude de quem vai fallar :

« Minhas senhoras, meus senhores... Tenho a honra de participar ao respeitavel publico que...

Tossio um pouco. Estava atrapalhado ; tinha os labios seccos, e a mão, como que frouxamente gesticulava, tremia extraordinariamente.

« ... que (continuou elle) o espectaculo não pôde continuar... visto a Sra. Morgadinha, quero dizer, a senhora que fazia o papel de Morgadinha de Val-Flor...

Tossio de novo :

« ter...ter...—procurava a palavra, olhando lentamente a platéa ; depois levou a mão aos labios como usam os actores para agradecer os applausos, e concluiu:—ter dado á luz a uma criança. Assim pois o espectaculo fica transferido. »

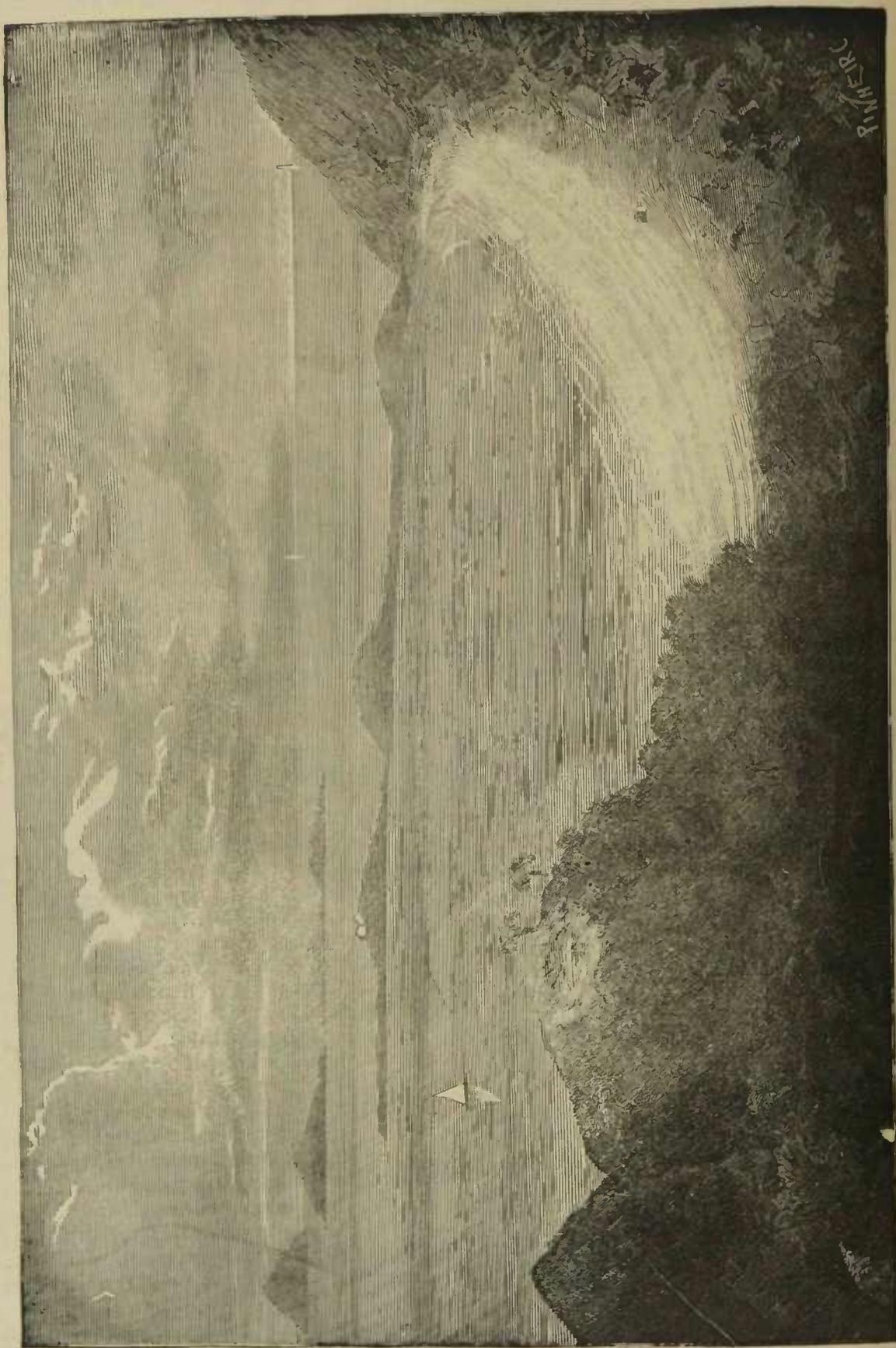
A multidão ouviu em silencio as razões do actor, e, todos a um mesmo tempo, como sujeitos a uma machina galvanica, levantaram-se. Houve um rumor pesado e lento. E o Borges, ao ouvido do taverneiro :

— Vês tu em que deu a Morgadinha ? Pois é lá de mulher decente o trajar-se de homem... e de mais a mais, andar sósinha até alta noite !

O outro meneiou a cabeça, cheia de reflexão:

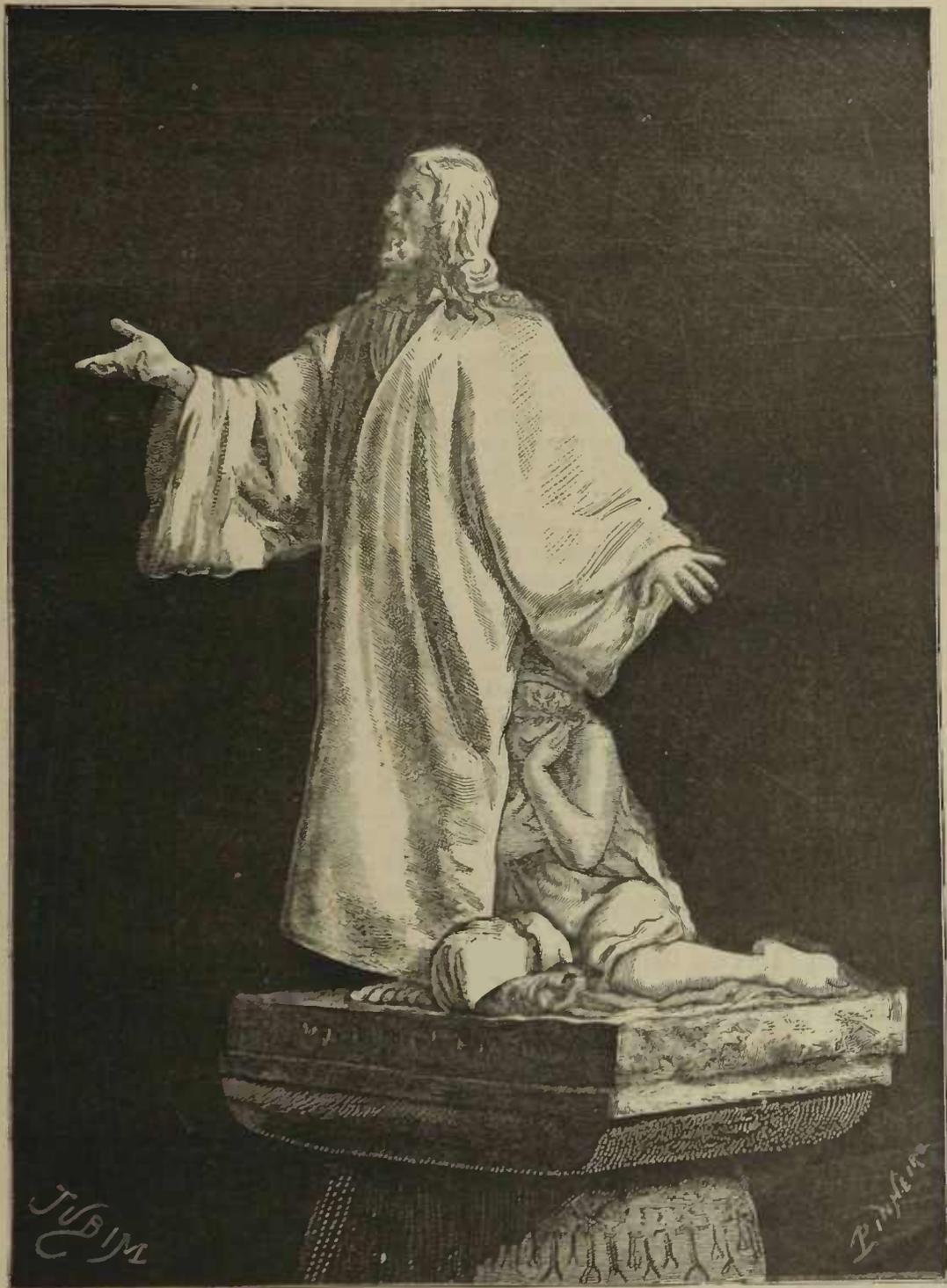
— Esta é que é a verdade, *sór* Borges ! Esta é que é a verdade !

L. GONZAGA DUQUE-ESTRADA.



P. M. R. C.

PRAIA DA COPACABANA



CHRISTO E A ADULTERA, DE R. BERNARDELLI

## PRAIA DA COPACABANA

Entre rolos de espuma ruga e brama  
Na curva praia a onda buliçosa :  
Copacabana o nauta appellidára  
Essa plaga deserta e descarnada.  
Juncam-lhe o seio variegadas conchas,  
Purpureos astros, esmaltados búzios,  
E a polida muralha que a ressaca  
Desnuda, encapellando em furia as ondas.

PORTO ALEGRE, *Brazilianas*.

**E**stá situada esta praia no municipio neutro, ao sul da cidade do Rio de Janeiro, e pertence á freguezia de S. João Baptista da Lagôa.

E' limitada pelo morro da Babylonia e outeiro de Nossa Senhora da Copacabana. E' uma praia arenosa, coberta de dunas de fina areã, onde o mar rebenta em vagalhões. Tem cerca de tres kilometros de comprimento e um de largura.

E' em toda a extensão coberta de cajueiros, pitangueiras, jambeiros, maçarandubeiras e alguns arbustos que formam capões bem interessantes.

Dão-lhe ingresso tres caminhos : a subida do Leme, que vem a ser a continuação da rua da Passagem, antigamente Pasmado e depois rua da Copacabana ; o caminho aberto nas terras de José Martins Barroso, que vindo da Restinga, na lagôa Rodrigo de Freitas, vai até o alto da Babylonia, onde se encontra com a rua da Real Grandeza no ponto onde se acha situado o hospital para molestias contagiosas, da Real Sociedade Portugueza de Beneficencia ; finalmente, a travessa da Praia Funda, que corta a fazenda do Fialho (antiga da Copacabana) e communica as praias da Copacabana e Arpoador.

Todo o terreno da praia é foreiro á Camara Municipal pela carta de aforamento passada por Martim de Sá em 1609.

Os Tamoyos chamavam a esta praia de *Sacopenopan* ou *Sacopinankan*, denominação esta que estendia-se á lagôa Rodrigo de Freitas. Esta ultima tomou depois varias denominações, taes como : Diogo de Amorim, Sebastião Fagundes Varella, e só em 1660 tomou o nome actual.

Reza a chronica que no meiado do seculo passado apparecêra uma imagem no local da actual capella, em uma lapa. Os marinheiros e pescadores levaram a santa para uma capella do centro da cidade. No dia seguinte a santa tinha desaparecido e foi encontrada na lapa. O povo considerou o caso como milagre, e o sargento-mór Antonio Coelho de Barros, casado com D. Maria Felippa Caetana, incumbio-se da edificação de uma capella para a santa, cuja torre ainda subsiste.

A capella teve para primeira administradora D. Aldonsa da Silva Rosa.

Em 1864 foi completamente restaurada por occasião do apparecimento de uma baleia proxima á praia e que trouxe os habitantes do lugar em alvoroço.

Tal foi o escarcéo, que Sua Magestade o Imperador desejou vê-la e perguntou porque os pescadores não a arpoavam : estes responderam que não se arriscavam nas frageiras canoas que tripolavam ; então o Imperador mandou vir lanchas a vapor para esse fim.

No dia seguinte, quando as lanchas dobravam o canal da Cotunduba, o enorme animal fazia-se ao largo : o povo apinhado na praia tomou isso como um milagre da santa.

Com a reparação creou-se uma irmandade.

Na rocha em que está a capella existe um marco que foi fincado em 1757 para determinar-se a sesmaria de 1565. Junto está a casa dos romeiros.

Todos os annos no mez de Julho ha a festa da santa, á qual concorre grande numero de romeiros que vão prestar-lhe culto na sua capellinha modestamente caiadá.

Entre muitos edificios dissemnados pela praia existe uma escola publica e a capella de S. José, na descida do Leme (Inhangá), inaugurada a 21 de Abril de 1872.

Existem tambem ruinas de fortificações mandadas fazer na praia, no reinado de D. José I e por ordem do marquez do Lavradio, que temia uma invasão de Ceballos que já se tinha apossado da ilha de Santa Catharina.

No mar, bem proximo á praia, estão enterrados alguns canhões e uma linda columbrina ricamente ornada de relevos, que foi abandonada por não ser possivel conduzir-la dahi em 1840, quando essa fortificação foi desarmada.

TOBIAS BECKER.





### A Rodolpho Bernardelli

**Q**ue poderei dizer da vossa obra de primor no estrondo dos applausos da academia, do governo e da cidade!

Graças vos rendo; vi, admirei e fui transportado.

Não posso esquecer; e como se fôra propria concepção, quando tão vivo e real, como no marmore, está o Christo (salvator) e a mulher (peccatrix); o Christo (medicus) e a mulher (aegrot); o Christo (misericordia) e a mulher (miseria)!

A tocante e inspirada narração da aguia de Patmos sahe bella, harmoniosa e imponente do marmore esculpido pelo genio do joven artista. Espiritualisou a pedra morta até exprimir a palavra viva; o evangelista pelo escultor!

A execução excusa a temeridade.

Nem as lagrimas do bemaventurado Angelico de Fiéselo, nem o poderoso genio de Leonardo de Vinci na Cêa, nem os milagres de Miguel Angelo no Juizo Final, nem as intuições de Murillo na Agonia de Santa Clara, nem a originalidade de Rubens na Descida da Cruz, nem a profunda sciencia de Bossuet e Pascal, attingiram em suas obras o ideal do bello, puro e completo do Filho do Homem.

Os poetas, desesperados, arrebentaram as cordas da lyra; os artistas, despeitados, quebraram o pincel e o escopro; os oradores e os philosophos cerravam os labios e suspendiam o pensamento para cahir de joelhos, e com a multidão dos crentes adorar a perfeição inexprimivel.

Não se attribua a defeito do artista a impotencia da propria arte.

A bella sombra da realidade, que a imaginação nem idealisar pôde, é já obra de genio.

Quanto me senti livre e feliz transportado ao templo de Jerusalém, ouvindo o clamor

dos accusadores impuros, os gemidos da peccadora e a sentença do Divino Mestre!

Aquella scena não é judaica, mas da humanidade.

Em todos os tempos e lugares os hypocritas exageram no publico as culpas alheias e de que são em consciencia endurecidos réos; em todos os tempos armam os mãos ciladas ao justo e desprevenido; em todos os tempos a multidão desvairada se mostra cruel contra a fortuna que cahe.

Aquella mulher sorprendida em flagrante, arrastada até o templo por mãos de accusadores implacaveis, insultada em sua desgraça, perseguida pela grita dos vagabundos, exposta ao olhar do Justo, a cuja sombra se refugia, coberta de vergonha e dominada pele terror, é admiravel, bello, eloquente!

Bravo, bravissimo!

Livre do punho dos delatores, como o pa-decente que vê o seu salvador, ella cahe aos pés de Jesus Christo, envolta no lençol do adulterio, que apenas cobre o pudor, toca com a cabeça a tunica santa, ou porque procure um véo que esconda o seu rosto, ou porque arrependida implore a salvação (*et tetigit fimbriam vestimenti ejus*)—(Math. IX, 20 et XIV, 36), e muda supporta o supplicio do terror e da ignominia!

A situação da mulher está trabalhada com perfeição; ousa dizer: não podia ser mais verdadeira e harmonica.

A belleza e correcção das fórmãs, apesar dos precedentes da scena, não inspiram sentimento incompativel com a presença do Divino Mestre e o templo.

A figura dominante de Jesus Christo impõe reverencia; o delicto apparece no escuro como um vestigio remoto; sente-se a alegria das primeiras illuminações de uma regeneração inevitavel. A mão firme e poderosa do Mestre sobre a cabeça da peccadora assegura a salvação.

Os sophismadores dos evangelhos averbam de legenda apocrypha a historia da mulher adultera, e a attribuem á mão temeraria e posterior.

A belleza pura e sobrenatural sabedoria da narração e dos conceitos revelam a inspiração divina.

S. Jeronymo attesta que a lêra em numerosos textos gregos e latinos, e existe nos manuscriptos e edições das versões arabes, persas, ethiopes, slavas, anglo-saxonias, na italica antiga e na vulgata (*L'Evangile*, par Dehaut). Suppõe Santo Agostinho que a supressão desta historia de alguns manuscriptos é devida ao temor que se abusasse das

palavras de Jesus Christo para a defesa do adulterio. Esta supposição funda-se na inexacta interpretação do texto.

Em verdade, da narração de S. João não se deduz que Jesus Christo defendesse o adulterio ou a adúltera; pelo contrario condemnou ambos, dizendo: « *Vade, et jam amplius noli peccare.* » (Joan. VIII, II).

O sabio e santo bispo de Hyppona explica perfeitamente o texto: « Jesus não diz:—Eu não quero que esta mulher seja lapidada; seria oppor-se á letra da lei; menos diz: lapidai-a; porque não viera para perder, mas para salvar os peccadores arrependidos. Contenta-se com dizer aos phariseus: Eu não me opponho á punição da peccadora, pois que a lei o determina; mas que aquelle

d'entre vós que se reconhecer innocente do crime por que a accusa lhe lance a primeira pedra, mas não os que se declaram vingadores da lei, e são seus prevaricadores ousados e mais culpados do que a peccadora (*Puniatur peccatrix, sed non a*

*peccatoribus; impleatur lex, sed non a prevaricatoribus legis.* »

A attitude de Jesus Christo não é de defensor da mulher accusada, mas do mestre que ensina no templo (— *sedem docebat eos* — Joan. 2) Elle a um tempo desarma a cilada dos phariseus, que pretendiam collocar-o entre o rigor da lei antiga e a misericordia da nova, e firma o principio:—ninguem accuse em outro o peccado. (*Non est ferendus accusator qui, quod in altero vitium reprehendit, in eo ipso reprehenditur* — Cic. in. Ver.)

Em vez de defender a mulher, o Doutor da nova lei oppoz contra os accusadores a excepção de incompetencia, e porque os accusadores eram essenciaes ao julgamento

(S. Paulo ad Heb. X, 28) a adúltera sahio salva. (*Muller, ubi sunt qui te accusabant?*)

A impunidade da mulher resultou, como effeito, da excepção.

O que determinou a fuga dos accusadores emmudecidos, aterrados, confusos e humilhados, não foram as palavras de Jesus: « *Qui sine peccato est vestrum, primus in illam lapidem mittat,* » mas o que escreveu com o dedo sobre a poeira do pavimento do templo (*digito scribebat in terra*) uma e duas vezes (*et iterum scribebat in terra*).

Nessas letras com tanta caridade confiadas ao vento, os accusadores sentiram a consciencia traspasada pela espada da unica justiça, que não carece de accusadores e de provas, penetra nas dobras mais reservadas

da alma (*Oculi Domini multo plus lucidiores sunt super Solem, circumspicientes omnes vias hominum et profundum abyssi, et hominum corda intuentes in absconditas partes.* — Eccl. 23, 28).

Emquanto os phariseus perseverantes expõem a

mulher á vergonha e clamam pelo castigo, Jesus Christo guarda silencio, e inclinado escreve no chão a culpa delles, poupando-lhes a humilhação!

O silencio de Jesus Christo é o elemento decisivo do desenlace da scena evangelica; nelle está a suprema belleza moral e artistica.

O Doutor da lei nova não usa da palavra senão depois de muito interrogado (*Cum ergo perseverarent interrogantis e um* — Joan. VIII, 7).

Elle tudo espera das letras escriptas no pó e onde está o fundamento da resposta; não queria fallar. Com o silencio tudo consegue: annulla a astucia dos phariseus, confunde os accusadores e salva a mulher!



UMA VISTA DO AMAZONAS

Esta é a força daquelle que passou a noite em supplicas no monte das Oliveiras, ás inclemencias do tempo, e sem lugar em que repousasse a cabeça!

Descalço no templo, elle é o pobre sem o fino linho e vestiduras preciosas dos que habitam os palacios regios, observando com rigorosa modestia os usos de sua nação. Em vez da toga caudata dos Scribas e dos Pharisaeus, a tunica curta e inconsutil — (Joan. XIX, 23), que os Gregos chamam *chiton* e os hebreus *chetoneth*, e o manto fluctuante (*talith*) deposto para o lava-pedes, cingin-

do-se da toalha (*et ponit vestimenta sua; e cum scepisset linteum praecinxit se* — Joan XIII, 4).

Honra ao governo, que galardoou o merito provado; aos mestres que o animaram com seus applausos; aos amadores que o admiram e aos jovens discipulos que o cobrem de flores.

Rodolpho Bernardelli! — o bello é infinito; fica na patria e trabalha.

ANTONIO FERREIRA VIANNA.

## FAUNA BRAZILEIRA

### II

#### O jacaré

O jacaré pertence á classe dos réptis e ordem dos *saurios*; no Brazil contam-se varias especies vivas, entre as quaes citaremos: o jacaré commum, *Alligator cynocephalus*, que attinge as maiores dimensões, e que habita quasi todos os rios do Brazil; o *Alligator palpebrosus*, especie menor que a precedente, mas não menos feroz; o «tejú-assú,» *Tupinambus nigropunctatus*: e, finalmente, os conhecidos da sciencia pelos nomes de *Iguana delicatissima*, *Lacerta marmorata* ou *Polychrus marmoratus*, *Lacerta sciencus*, *Lacerta striata* e *Tupinambus viridis*.

De um interessante trabalho do nosso distincto escriptor o Sr. conego Francisco Bernardino de Souza, *Commissão do Madeira*,

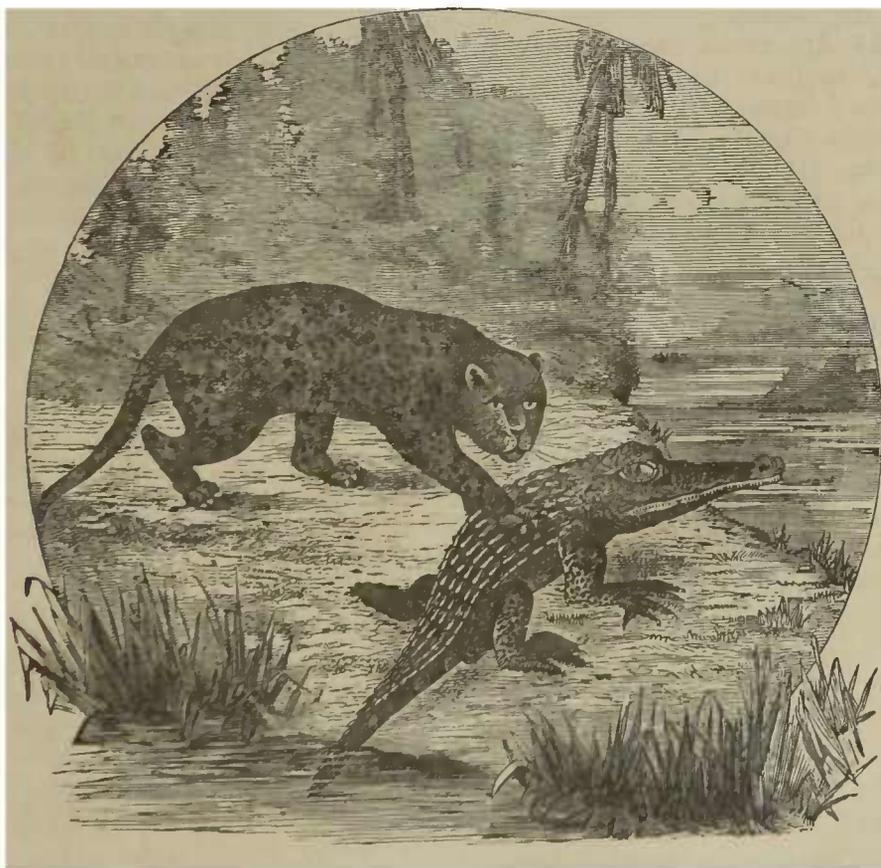
*Pará e Amazonas*\*, extrahimos as seguintes e curiosas particularidades a respeito deste *saurio* brasileiro.

E' extraordinaria a quantidade de jacarés que infestam os rios e lagos, que abundam nas duas provincias do Pará e Amazonas. Afirmaram-me, e terei ainda occasião de verificar pessoalmente a exactidão do que me referiram, que muitas vezes são as montarias, que cortam os rios, obrigadas a passar por entre alas numerosas desses terribes amphibios.

Ha muitos de um tamanho descommu-

nal e que são verdadeiros monstros dessas paragens perigosas.

\* Rio de Janeiro, typographia Nacional, 1874. primeira parte 145 paginas, segunda 177 paginas, terceira 145 paginas todas em 8º grande.



O JACARÉ

Nas montarias muitas vezes atacam os homens que as tripulam, mórmente quando se vêm perseguidos e arpoados. Tornam-se então furiosos, e vibram com a enorme cauda taes pancadas na montaria que as quebram e fazem-n'as virar. Referio-me um dos mais dextros pescadores de Obidos, e homem sisudo, que, arpoando uma vez por engano um jacaré, investira este furiosamente contra a montaria em que se achava, e com tal força agarrava a borda da canoa que despedaçou-a, e victimas seriam do monstro os que nella se achavam se a mão possante de um remador não vibrasse contra a cabeça do terrível *saurio* um golpe violento e certo, que atordou-o, obrigando-o a largar a presa e a submergir-se no fundo do rio.

Como este, muitos outros factos me foram referidos. Afirmou-me Fr. Samuel, superior dos missionarios capuchinhos, em Manaós, e um dos homens mais conhecedores das regiões banhadas do Amazonas e seus afluentes, que nas cabeceiras dos rios e nos lagos inferiores são em extremo ferozes os jacarés, investindo contra as jangadas e montarias, e assaltando os tripulantes.

Os jacarés do Amazonas são em geral muito grandes, medindo alguns 24 e mais palmos. A cabeça é immensa, alongada e pesada, constituindo só ella a terça parte do seu comprimento. Os olhos superiores á superficie do casco, parecem mostrar a malicia e a ferocidade de que são dotados. A guela enorme, e têm armadas as queixadas de uma ordem de dentes muito fortes e ponteagudos. O corpo é sustentado por quatro patas cobertas de uma casca durissima. O dorso de côr escura, é coberto de escamas espessas, e tão duras que offerecem resistencia ás balas de espingarda, que nella se achatam como no couro do bufalo ou do rhinoceronte.

Para matal-os é mister que seja feita a pontaria nos olhos, nos ouvidos, na parte inferior da garganta ou no ventre. Como têm as vertebrae da garganta arredondadas e unidas umas ás outras por falsas costellas, sentem grande difficuldade em se mover ou em mudar de posição. Em linha recta correm com a rapidez da flecha, mas custam muito a se mover e tomar differentes posições, de modo que é facil evitar-lhes a perseguição, cortando-lhes o caminho e correndo em zig-zag. Em terra são muito mais ferozes do que n'agua, e dizem que depois de se acostumarem á carne humana são perigosissimos, porque assaltam com muita temeridade.

Ao passo que é tão feroz e terrível o jacaré para com o homem, é covarde e pusilanime com a onça.

Parece incrível o que vou referir, mas é a verdade, é facto muito comensinho, que todos conhecem no Pará e Amazonas.

A onça agarra o jacaré pela cauda e devora-o sem que este se atreva a fazer a menor resistencia; salta no rio ou no lago, puxa-o para terra, vira-o uma e muitas vezes, dá-lhe na queixada, mette-lhe as garras no ventre e martyrisa-o á imitação do gato antes de devorar o rato. Depois de haver assim martyrisado aquelle enorme e possante amphibio que allí está quieto, immovel e como fascinado, pula sobre elle e começa a devoral-o pela cauda. Terminada a primeira refeição, cobre com folhas a parte encetada, e afasta-se da victima certa de que a encontrará no mesmo lugar quando voltar.

Se por allí acontece passar alguma pessoa, embravece-se o jacaré, abre a guela enorme e ameaça atirar-se contra o viajor, entretanto que espera, sem fazer o menor movimento, sem tentar sequer fugir, que volte de novo a onça para acabar de devoral-o.

Não sei explicar essa especie de fascinação que exerce a onça sobre esse gigante dos lagos e dos *ygarapés*. Creio que duvidosa não seria a victoria em favor delle se ousasse travar luta corporal com a onça, porque é prodigiosa a força que tem o jacaré na cauda e nas queixadas. Entretanto não ha exemplo de haver elle tentado semelhante acommettimento; deixa-se covardemente agarrar pela onça e morre sem tentar a mais pequena resistencia.

Parece a onça conhecer a fascinação que exerce sobre elle, assim como parece respeitar as terriveis phalanges de dentes que lhe encham as queixadas. Antes de saltar n'agua, quando tem de atravessar algum rio uiva duas ou tres vezes, como para annunciar a sua passagem, e os jacarés, que seriam capazes de a devorar se não a conhecessem, fogem espavoridos para o fundo do rio ou dos lagos.

Para atacarem o homem mais a salvo, costumam os jacarés occultar o corpo debaixo d'agua, ficando-lhes sómente os olhos proximos á superficie, de modo a poderem espreitar a presa sem correr o risco de serem vistos, e assim assaltam as pessoas que descuidadas se vão banhar á margem dos *ygarapés* e dos lagos.

Os lugares mais frequentados pelos jacarés são proximos ás povoações.

Durante a vasante dos rios, e quando as praias ficam a descoberto, costumam sahir dos lagos e rios as femeas, afim de irem depositar os ovos nas praias e *igapós*. D'entre todos os animaes são talvez os jacarés que

mais variam de tamanho no estado adulto. Um jacaré que no maior crescimento attingirá 20 a 24 palmos, começa a multiplicar a especie com 8 a 10 palmos.

Na época propria sahe a femea da agua, cava com as patas dianteiras na praia ou igapó, em lugar abrigado, uma especie de ninho, e ahi deposita os ovos, que geralmente são de 20 a 60, em camadas regulares, cobrindo-os depois com folhas sêccas. Ai do imprudente que tivesse a infelicidade de sorprendel-a nesta operação; a não fugir com a rapidez da flecha, seria devorado pelo monstro depois de uma luta corpo a corpo.

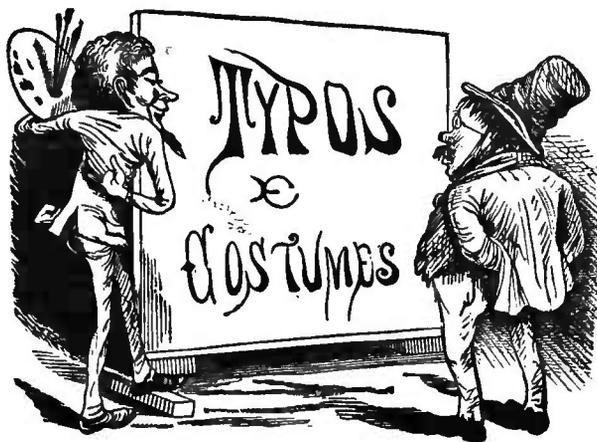
Quasi nunca se afasta o jacaré do lugar em que se acham depositados os ovos, e quando a femea tem necessidade de ausentar-se ahi fica o macho de guarda para preserval-os de qualquer perigo, defendendo-os com furor da menor aggressão. Não se encontra no Brazil o celebre *ichuemon*, que dizem ser o destruidor dos crocodilos do Nilo.

Asseveram-me diversas pessoas que os jacarés nunca atacam no fundo dos rios ou lagos; póde-se passar impunemente por elles e até abalroal-os. Em Villa Bella havia um *tapuio* que, armado de uma faca, atirava-se ao rio, e começava no fundo a matar jacarés, esfaqueando-os pela barriga.

No Amazonas ha muita gente que aprecia a carne de uma das especies do jacaré, o *tinga*; dizem ser um prato muito saboroso.

Que lhes faça bom proveito! Tanto esta como as outras especies exhalam um cheiro activissimo de almiscar, que é realmente insupportavel.

F. BERNARDINO DE SOUZA.



### O tocador de realejo

Debalde consultámos a *Revista do Instituto Historico*, folheámos em vão as paginas valiosas das chronicas do Mello Moraes, consultámos sem proveito o bibliophilo Martins, da Bibliotheca Fluminense, nada pudemos colher de exacto a respeito da origem deste typo.

Que é exotico não resta a menor duvida, como tambem não resta a respeito da nacionalidade; — é italiana — ou se preferem na gíria popular — é carcamana, legitima; é ouro sem liga. O que se sabe é que o tocador de realejo appareceu depois das aguas do monte, pois no seu limitado repertorio ainda não foi encontrado o celebre

*Vem cá Bitú*

a quem o Sr. Theophilo Braga chama *Vitú*, e a quem o Sr. Sylvio Romero empresta uma antiguidade que está bem longe de ter, pois com todo o fundamento affirmam dous outros contemporaneos que ainda existem, do celebre cachaceiro, que o Bitú era do tempo do rei, e que as aguas do monte deram-se em 1811.

Apurado este ponto, só nos resta seguir a opinião de um autor anonymo, cujo manuscrito inedito de suas *Memorias* pára em nossas mãos; diz elle que o tocador de realejo coincide com o segundo reinado de facto; e até sustenta ter sido o typo importado por occasião do casamento de Suas Magestades, o que é bem provavel, pois o velho Archangelo Fiorito, que fez parte do pessoal que acompanhou de Napoles para esta côrte a nossa terceira imperatriz, corrobora esta asserção, dizendo que effectivamente a bordo vinham alguns *artistas em realejo* disfarçados em *bichos de cosinha*.

Verdade ou não, o certo é que a planta exotica deu-se bem no solo, medrou, cresceu, florio, mas jamais fructificou, pois até hoje continúa ella a ser importada da Italia.

Houve quem tivesse a ideia de enchertal-a, mas não produziu rebento que désse fructo. O

elemento servil jamais a contaminou com a sua impureza, e por isso é que os abolicionistas nada ainda acharam que dizer do tocador de realejo.

Esta especie hoje pouco commum, mas ainda não rara nesta cidade, desenvolve-se bem em qualquer terreno, dando, porém, sempre preferencia á area da cidade nova e ruas pouco commerciaes, e isto por uma razão muito simples: só nas familias pobres é que o tocador de realejo encontra sempre o seu Mecenas.



TOCADOR DE REALEJO

O seu inseparavel companheiro é quasi sempre o macaco; algumas vezes, como apresenta a nossa estampa, em vez do *Simão*, faz-se acompanhar por uma criança resmenlenga, o que vem a dar no mesmo.

O tocador de realejo foi aproveitado por Joaquim Manoel de Macedo em seu chistoso *Phantasma Branco*, dando lugar a alguns ditos do imperterrito capitão Tiberio, que faziam as delicias dos antigos frequentadores do theatro de S. Pedro, no tempo em que o Martinho era, como elle proprio diz, *gente*. Hoje é... cobrador do Seguro.

Conta-se que um desses tocadores de realejo, levado pela sua paixão de viajar, interrando-se por uma invia floresta, lá para Mato Grosso, vio-se de subito presa de uma tribu indigena, que pelos modos por que lhe mostravam os dentes, pareciam querer fazer delle um bom almoço, em churrasco ao Rio Grande.

Julgando-se quasi perdido o nosso heroe, que tinha suas noções de mythologia, lembrou-se de Orpheo abrandando os diabos, e

como taes julgando os nossos indigenas, abriu o tempo de madeira da caixa dos bonecos e começou a tocar a *Maria Carava*.

Prodigioso milagre! Os caboclos ficaram maravilhados, e por pouco que o não acclamam rei, como fizeram com o Caramurú. Levaram-n'o em charola, deram-lhe paca assada com pão de mandioca, cauim e favos de mel para sobremesa.

Grato por tão gentil hospitalidade, o ingenuo italiano entrou logo a ensinar os bugres a tocar realejo; porém mal se acharam elles de posse do segredo da manivela, voltaram á ideia primitiva e comeram assado de espeto o nosso heroe. Fizeram nesse dia uma grande pandega, embriagaram-se, mas tanto tocaram realejo que o quebraram; curiosos de ver o que havia dentro puzeram afinal a caranguejola em cacos.

F. F.



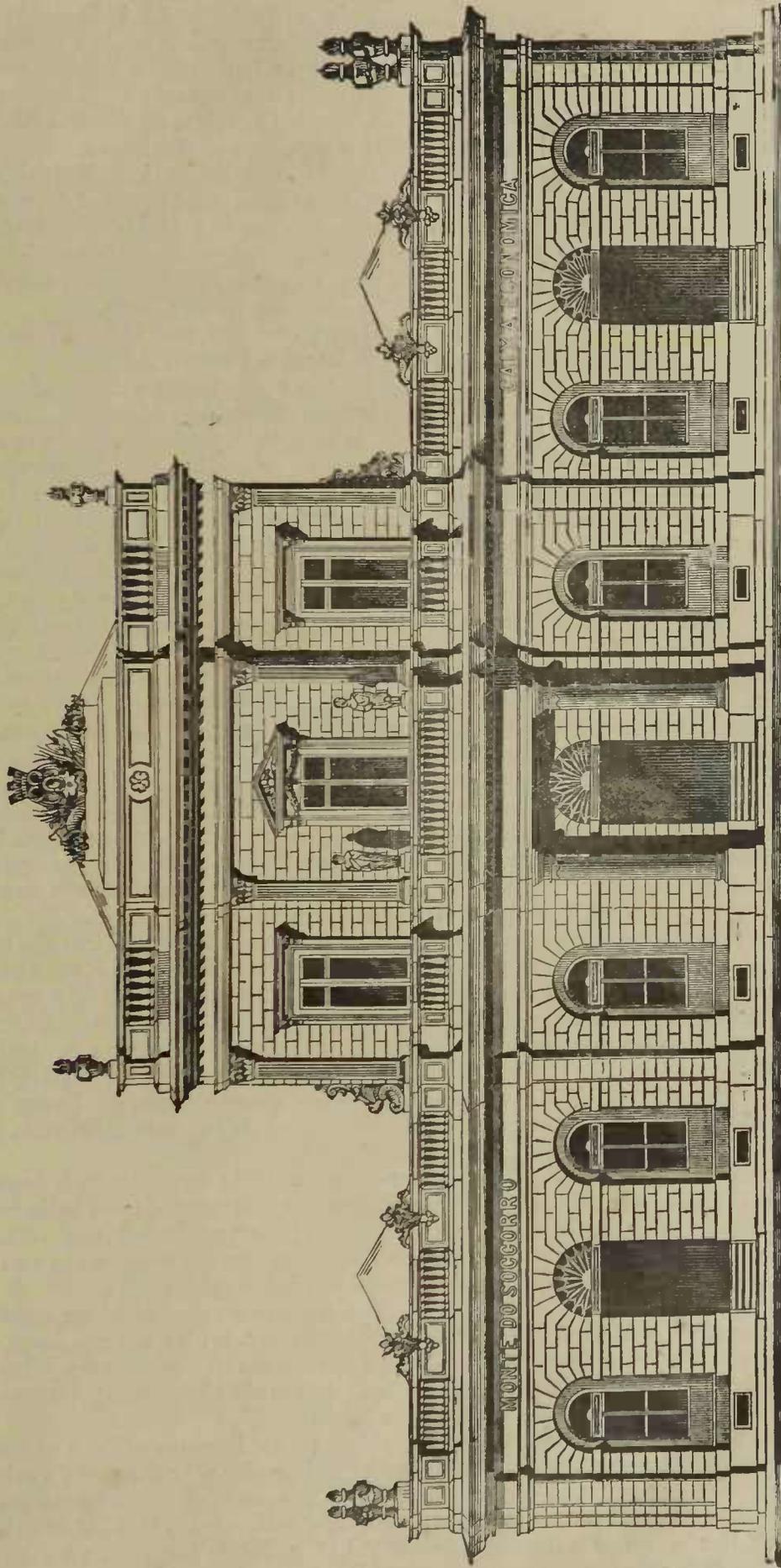
## DIVERSÕES DE SALÃO

EQUILIBRAR UMA MOEDA NA BORDA DE UM CÓPO

Eis uma experiencia de equilibrio, de natureza a excitar o maior interesse, pois á primeira vista não se sabe onde se acha a vertical do centro da gravidade. A experiencia consiste em manter em equilibrio, por exemplo, uma moeda de nikel, de 200 réis (vide a figura), pela circumferencia exterior sobre a borda de um cópo d'agua.



Para manter a moeda nessa posição, passa-se ella entre dous garfos, depois de haver-a pousado sobre a borda do cópo; inclina-se então mais ou menos a direcção dos garfos até o momento em que estes chegam quasi a borda da moeda, e assim se obtem o equilibrio. O centro de gravidade do sistema formado pelos dous garfos e a moeda de nikel cahe sobre o centro da circumferencia formado pela borda do cópo.



EDIFICIO DA CAIXA ECONOMICA E DO MONTE DO SOCCORRO

## O edificio da Caixa economica e do Monte do soccorro

Poucos, bem poucos, são os nossos estabelecimentos e repartições publicas, que têm casa propria ou apropriada, e em geral os que as possuem estão deslocados em edificios, que ou foram a principio destinados para outros fins, ou traçados por quem não se deu ao trabalho de estudar a indole do estabelecimento para o qual foi encarregado de construir abrigo.

Taes são, por exemplo, o do Correio, que é tão mío que necessita de luz artificial até nos dias mais claros; o da Imprensa Nacional, cujas officinas não recebem a luz segundo os preceitos da sciencia; o da Secretaria da Agricultura, que está á beira-mar quando devêra ser central, e finalmente o recém-construido para a Caixa economica e Monte do soccorro, que pecca pela mesma má collocação que o da Agricultura.

Tratando-se de uma Caixa economica, parece que se deveria escolher local accessivel ás classes operarias; ora, não se dirá que estas se acham concentradas no perimetro em que foi collocado o novo edificio, e muito menos que seja alli o melhor lugar para quem precisa ir empenhar as suas joias, justamente em um centro de actividade mercantil e de ajuntamento da marinhagem de navios de todas as nações que fazem escala pelo nosso porto.

Sabemos muito bem que, em consequencia de ter sido a área offerta graciosamente por S. M. o Imperador, é que alli se collocou esse edificio, mas parece-me que tudo se remediaria aceitando-se o terreno, e, com a devida venia, permutando-o por outro mais bem localisado.

Pondo, porém, de parte este senão, o edificio da Caixa economica e do Monte do soccorro, cuja fachada principal damos hoje na estampa em perspectiva, á pag. 49, faz honra á capital do imperio: é uma bella e solida construcção, que para alguns só tem o defeito de não ser todo de dous pavimentos, o que talvez relativamente pouco mais importasse no custo.

A Caixa economica e Monte do soccorro formam um só edificio, completamente isolado, enfrentando a fachada principal com a rua D. Manoel, e a dos fundos com a rua Fresca, e pelas faces lateraes correndo duas ruelas, que, servindo de isoladores, servem ao mesmo tempo para dar por uma dellas entrada ao Monte do soccorro, poupando assim ao vexame aquelles a quem a necessidade obriga a procurar essa casa.

Toda a construcção é de estylo classico, dorico-romano puro, sendo a parte superior composita, adaptando-se á ordem corynthia; occupando uma area de 1599 metros quadrados, tendo 41 metros de frente e 39 de fundo, fóra o portico, que é saliente.

Divide-se a fachada principal em tres corpos sendo os dous lateraes de um só pavimento e o central de dous, medindo este da baze ao apice do emblema ornamental 21<sup>m</sup> de altura e aquelles da baze ao entablamento 8<sup>m</sup> e 50 tambem de altura.

O corpo central tem 11<sup>m</sup> e 50<sup>o</sup> de extensão e os lateraes 14<sup>m</sup> e 75<sup>o</sup>.

As faces da frente e dos fundos alinham exactamente com as identicas da Secretaria da Agricultura, de fórma que, quando forem demolidos os vellos edificios pertencentes á Casa imperial, os quaes serviram de antigas cocheiras, as ruas Fresca e de D. Manoel se alinharão rectamente com aquelles dous novos edificios. Para completo desafogo da Caixa economica e Monte do soccorro, torna-se tambem necessaria a demolição de um velho sobrado que se acha na rua Fresca fóra de todo e qualquer alinhamento.

Todo o embazamento externo do edificio é de cantaria bem lavrada, bem como o revestimento das quatro faces externas até a altura das cornijas, incluindo os portaes, tanto do primeiro, como do segundo pavimento, em arcada, como se vê na estampa. As portas recolhem na grossura da parede os degrãos, deixando assim completamente livre o transito das calçadas.

Todos os ornatos superiores são trabalhados em cimento de Portland, em condições de resistir ás bruscas mudanças da temperatura atmospherica. As duas bellas figuras que ornarn a fachada, no corpo central, são de ferro da celebre fundição de Val d'Osne; *nicheladas*, como se acham, produzem um bello effeito; uma representa a Sciencia e outra o Trabalho.

A' entrada do corpo central, depara-se no primeiro pavimento com um bello e elegante vestibulo; á esquerda fica a sala do gerente, á direita a escada e ao fundo a sala reservada aos empregados.

No pavimento superior, em seguimento á sahida da escada, ha um gabinete, communicando ambas as peças com o salão das sessões, que mede 15<sup>m</sup> de comprimento sobre 10 de largura.

Nos corpos lateraes, de um só pavimento, estão collocados: á esquerda o salão da recepção dos depositos da Caixa economica, medindo esta peça 36<sup>m</sup> e 25<sup>o</sup> de extensão sobre 14<sup>m</sup> e 75<sup>o</sup> de largura, e á direita a sala publica do monte do soccorro, com 10<sup>m</sup> de

comprimento por 11<sup>m</sup> de largura; a casa forte de construcção abobadada, á prova de fogo, com 11<sup>m</sup> e 50<sup>c</sup> de cada face; e finalmente a sala dos leilões com 11<sup>m</sup> de comprimento por 10<sup>m</sup> de largura.

Toda a edificação importou em pouco mais de 300:000\$, por empreitada, contratada com o fallecido mestre Antonio Alves Moreira do Couto, sem entrar a pintura que foi feita por 5:900\$. Entre as obras de carpintaria admira-se a escada que dá accessõ ao segundo pavimento, que é de primorosa execução devida ao Sr. J. Gonzales y Gonzales.

Quer sob o ponto de vista da solidez, quer da elegancia, este edificio satisfaz plenamente os seus fins, e póde ser considerado como um dos mais bellos desta cidade, honrando o nome do distincto architecto o Sr. Bethencourt da Silva, a quem se deve incontestavelmente as nossas melhores edificações publicas, taes como as escolas da Gloria e de Santa Rita, a parte nova do collegio de Pedro II, a reedificação da Academia das bellas-artistas, e finalmente a Praça do commercio, que é hoje o principal edificio civil que possuímos.

Aos edificios architectados pelo Sr. Bethencourt da Silva, póde faltar essa *novidade* que tanto se aprecia entre nós, de misturas disparatadas de tijolo crú com marmore, como no edificio do Correio, ou incrustações de monolithos manuelinos pesadões, como na parte nova do Banco do Brazil, mas do que nunca carecerá é de maior solidez, nem jamais desmentirá as imprescriptiveis regras do bom estylo; no geral as suas producções tem o cunho da simplicidade e elegancia do renascimento.

Em que pese a seus detractores, ainda em nenhuma das suas obras deram-se os tristes exemplos da Imprensa Nacional que rachou, ou do Correio que desequilibrou-se: todos os trabalhos feitos sob sua direcção estão destinados a viver e muito.

F. F.



## BOTOCUDOS

Formam os Botocudos uma tribu de caracteres physicos hoje muito conhecidos dos anthropologistas europeus e americanos, graças principalmente ao estudo das collecções osteologicas do Museu Nacional e ás informações exactas que prestaram alguns viajantes. Elles occupam certas zonas do territorio da provincia de Minas e do Espirito-Santo, nas margens do rio Doce, do Mucury e do rio Pardo.

No physico são fortes, musculosos e bem constituídos. A sua estatura, porém, não é muito elevada. Raras vezes attingem mais de seis pés de altura. O tronco é fornido e o thorax tem um notavel desenvolvimento em largura, e é achatado, em vez de convexo, na face anterior. O trônco é tambem mais alongado do que costuma ser na raça caucasica. As pernas são delgadas, as mãos e os pés relativamente pequenos e delicados.

Nas mulheres os seios são cahidos, devido isso a uma notavel inclinação para baixo do thorax. A cintura não é estreita como na raça caucasica, antes, ao contrario, ella é grossa e cheia. O abdomen é desenvolvido e proeminente, a cicatriz umbilical descendo muito mais abaixo do que na raça caucasica. Nas mulheres as pernas são não raramente arqueadas e a região glutea ampla.

No homem o craneo tem uma frente baixa e ás vezes bastante inclinada para traz, o occiput deprimido, as temporas ligeiramente convexas. A face é alongada, com os pomos salientes e os supercilios accentuados.

Na mulher esses caracteres craneo-faciaes encontram-se menos pronunciados.

O labio inferior apresenta-se quasi sempre perfurado e distendido por uma rodella de madeira. Os lóbos das orelhas são igualmente providos desse ornato, o que dá á physionomia desses individuos um aspecto dos mais repulsivos.

O systema piloso da face é muito pouco desenvolvido em ambos os sexos.

A cabeça, porém, é coberta de bastos, negros e rijos cabellos.

A coloração do tegmento externo varia entre um vermelho cuprico e uma côr escura azeitonada. Nos musculos e no tronco a coloração é muitas vezes mais carregada do que na face.

Sob o ponto de vista moral e intellectual, são os Botocudos a expressão de uma raça humana no seu maior gráo de inferioridade. Alguns conservam ainda o horrivel costume de anthropophagia, e com grande difficul-

dade chegam a adaptar-se ao meio civilizado.



Tambem elles estão prestes a extinguir-se como raça, sendo provavel que em meio seculo não se possa encontrar mais o typo puro, como aqui representa a estampa. ■

DR. J. B. DE LACERDA.



### MARINHA DE CASTAGNETO

A marinha que damos hoje entre as nossas gravuras é do Sr. Castagneto, um gentil artista que por este modo veio graciosamente em nosso auxilio enriquecendo as paginas do *Brazil Illustrado* com um dos seus inspirados *croquis*.

O Sr. Castagneto é um pintor de muito talento; estudioso e trabalhador como é, tem diante de si um esplendido futuro.

Si a marinha que damos hoje é digna de applauso pela *franqueza* com que está desenhada, mais o são ainda as suas *pay-sagens* e pinturas de genero que por vezes

tem exposto ao publico. Mais tarde contamos dar aos nossos assignantes um desses trabalhos em que tanto se distingue o Sr. Castagneto pela verdade com que reproduz o que tão adextradamente sabe ver.

convite do Sr. Rodolpho Bernardelli fui ao côro da igreja da Candelaria ver o modelo, no tamanho exacto, do tumulo de José Bonifacio, cognominado o patriarcha da nossa independencia.

O embazamento representa um catafalco, ornado com simplicidade e elegancia, e sobre elle descansa o ataude, no qual repousa o illustre morto, fardado e preparado para descer ao leito eterno. Um grande manto envolve a parte inferior do corpo, deixando cahir em gracioso desalinho algumas dobras para o lado de fóra até alcançar os dous ultimos degráos superiores.

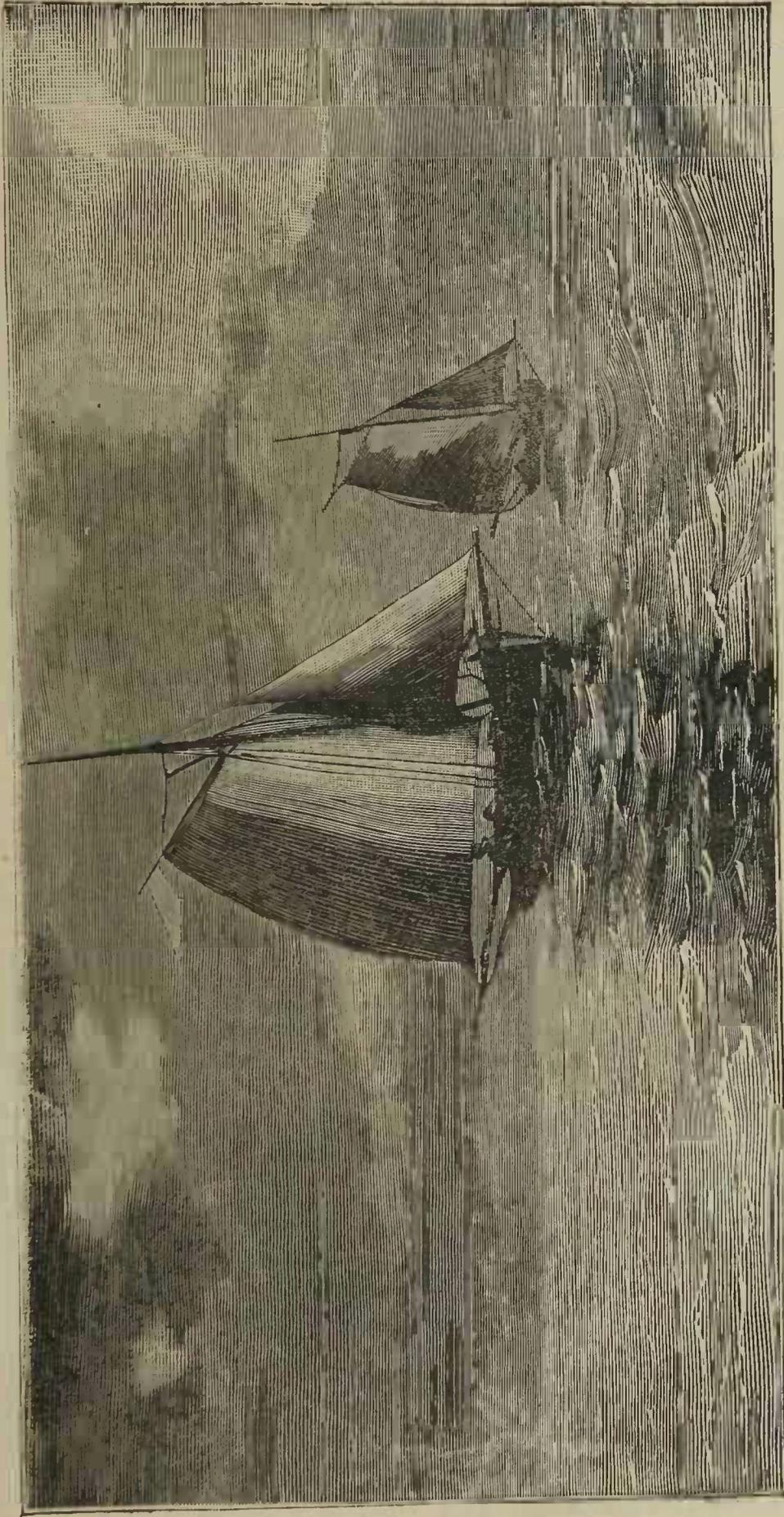
A figura é magistralmente talhada, e na physionomia estampam-se os signaes caracteristicos da morte. Está-se diante de um finado, não ha duvidal-o, e a cabeça, mal povoada de cabellos synthetisa bem o sabio encanecido ao serviço da sciencia mais que o patriota amargurado pelas agruras de uma politica nascente, tal como foi esse homem que tanto honra o nome brasileiro.

Quer estudado em seu conjuncto quer por partes o modelo pareceu-me correcto; as dobras do manto são feitas a primor e sob a parte elevada reconhece-se bem que ha alli carnes congeladas, e nervos enrijados pela accção da morte.

Só não pareceu-me feliz a idéa de depositar o corpo dentro do ataude, posto que isso seja a verdade; mas, em que pese aos ultra-realistas a verdade na arte nem sempre é bella. As linhas rectas, as paredes a prumo e as arestas quasi vivas do caixão desagradam, arranham-me o espirito. Talvez fosse preferivel um colchão; diriam, que a verdade em tal caso seria sacrificada, mas todas aquellas fórmas mais ou menos ondulosas não estariam como que emquadradas naquellas duas parallelas geometricas, como se estivessem alinhando o monumento.

\* \*  
\*

Aproveitando o ensejo vi tambem o esboço para a estatua de José de Alencar. Não gostei do pedestal, é verdade que a estatuaria não tem muito que pedir á architectura nestes casos; contudo prefereriria a fórma circular á ablonga ou octogona, até mesmo porque já temos ambas empregadas nas duas estatuas que possui a capital.



MARINHA, DE J. B. CASTAGNETO—GRAVURA DE A. PINHÍRO.

A figura apresenta-se sentada em uma cadeira, tendo em uma das mãos um livro entreaberto. O romancista medita o que leu ou deixa correr à fantasia o espirito rebelde que nesse momento não quer fixar-se nessas paginas.

Este esboço annuncia desde já uma bella obra; sómente, o artista precisa conhecer melhor aquelle cujas fórmas physicas tem de moldar sob suas mãos adextradas; o homem que alli está não é José de Alencar; não ha, ousou dizel-o, a menor semelhança.

O autor de *Iracema* era de compleição franzina, e tinha o busto um tanto desproporcional ás pernas, que eram finas e curtas. O que nelle avultava e prendia a attenção era a cabeça, não desconforme, mas bem moldada: a barba cerrada e castanha trazia-a elle cuidada, mas não apparada com a regularidade com que a esboçou o artista.

Se ha hoje na familia quem mais possa lembrar o laureado romancista é o Sr. barão de Alencar, pois ha dous ou tres annos, quando aqui estive e nos fallámos, ao avistal-o senti o impressionamento de uma evocação; pareceu-me ver modificado, por qualquer eventualidade, o autor do *Guarany*.

Seria talvez de toda conveniencia, tanto para a obra de arte como para o artista, que este travasse conhecimento com o Sr. barão de Alencar, tanto mais quando tão proximo se acha elle de nós.

\*  
\* \*

Quem vai á igreja da Candelaria, embora com outro fioto, não póde deixar de admirar mais uma vez as grandiosas pinturas do Sr. Zeferino, um artista de grande merecimento que não procura meios de se fallar delle, contentando-se em estudar e trabalhar, certo de que legará á posteridade alguma cousa de perduravel que não deixará esquecer-lhe o nome.

Por um feliz acaso achava-se presente Zeferino, a quem outr'ora tão de perto conheci quando aprendiamos desenho com o velho Miranda; o Miranda, um honrado artista, que como a sua melhor obra de arte, apresentava cheio de justo orgulho o seu discipulo Victor Meirelles. Achando-se, pois, presente Zeferino, era impossivel não ter alguma cousa nova, ao menos para mim, que ver e que admirar.

Effectivamente, ainda não tinha visto, e foi com a admiração que tenho por tudo quanto faz Zeferino, que é sempre com consciencia e gosto, que vi o esboço da pintura para o fundo do côro da igreja. Um primoroso trabalho que será a chave de ouro de toda aquella grande obra de pintura, a que elle ha annos se' consagra, e que ha de vir a ser

um dia o orgulho desta cidade, ainda mesmo quando rica de monumentos, pois o interior da Candelaria jamais terá de desclassificar-se junto de tudo quanto se possa vir a fazer de bom entre nós.

Representa aquelle esboço a festa de Santa Cecilia, a qual assiste numeroso concurso de fieis, o que permittirá ao artista fixar alli physionomias dos nossos mais distinctos contemporaneos nas artes e nas letras; bem como nos mesarios, que alli estão ás portas do templo, retratar os que mais têm concorrido para levar por diante a conclusão da monumental igreja da Candelaria.

Trata agora o Sr. Zeferino de estudar os seis quadros que devem rememorar a fundação do piedoso instituto, e que têm de occupar o vasto tecto abobadado do corpo geral da igreja.

Faço votos para que leve ao termo essa galeria esplendida de pintura sacra, onde seu nome se estampará immorredouro como o de Miguel Angelo se estampa nas abobadas da capella sixtina. F. F.



## O VISCONDE DE PORTO SEGURO

Quando se considera a enorme somma dispendida com a nossa diplomacia effectiva, e o pessoal numeroso, em bôa parte composto de illustrações que nella tem sido empregada, em relação ao que ella tem feito a bem do paiz, não se póde deixar de reconhecer que Francisco Adolpho Warnhagen, comquanto estivesse bem longe de ser o que na ampla accepção do vocabulo se chama um bom diplomata, foi comtudo o modelo dos nossos diplomatas, pois no exercicio de suas funcções jámais descurou os interesses moraes da patria, concorrendo para a organisação do nosso inventario historico com subsidios de inestimavel apreço.

A quasi inutilidade da nossa diplomacia effectiva, com raras excepções, comprova-se exuberantemente pelas continuas falsidades que se escrevem nos jornaes europeus e que ficam sem resposta; pelos livros que se publicam com erros crassos á respeito do Brazil justamente nos centros onde a nossa diplomacia é mais aparatosa. Abra-se qualquer dictionario de historia ou geographia universal, e ficar-se-ha pasmo do que nelles se encontra a nosso respeito; e de balde pediriam os seus autores informações aos nossos diplomatas, pois do que elles menos sabem é em relação ao paiz que representam.

Ao contrario da maioria senão de todos elles, foi Francisco Adolpho Warnhagen;

pois, comquanto transportado em tenra idade para a Europa, educado e instruído em uma escola militar de Portugal, tanto amava a patria e tão cedo se dedicou ao serviço de suas letras, que vivendo sempre em paizes estrangeiros, ninguém melhor do que elle conhecia as cousas do seu; a historia, a geographia, a topographia, ethnographia, litteratura, lingua, usos e costumes brasileiros tudo lhe eram de uma familiaridade extraordinaria.

Nasceu Francisco Adolpho Warnhagen, na fabrica de ferro de S. João de Ypanema, provincia de S. Paulo, a 17 de Fevereiro de 1816. Seu pai o tenente-coronel Frederico Luiz Guilherme Warnhagen, engenheiro geologo de nacionalidade allemã, ao serviço de Portugal, veio para o Brazil nos tempos de D. João VI, e a elle se deve principalmente a fundação dessa fabrica, contra o voto de Martim Francisco Ribeiro de Andrada, que em sua informação ao Conde da Barca, negou a existencia naquellas minas da terra refractaria precisa á fundição, o que o engenheiro Warnhagen sustentou e provou em contrario <sup>1</sup>.

Bem moço ainda entrou Francisco Adolpho Warnhagen para a carreira diplomatica, estreando-se quasi que ao mesmo tempo na carreira das letras e logo no cultivo do apurado ramo da historia. Contando apenas 23 annos escreveu as suas *Reflexões criticas sobre o escripto do seculo XVI*, como prefacio a obra de Gabriel Soares de Souza, escripta em 1587, que pela primeira vez vio a luz da publicidade, em Lisboa em 1839, formando o volume das *Noticias para a historia das nações ultramarinas*.

A obra de Gabriel Soares sahio então muito eivada de erros, em razão do máu codice de que se servira a Academia Real de Sciencias de Lisboa para essa publicação; mas desde então Warnhagen empreendeu a difficil tarefa de expurgal-a de todas essas imperfeições, cotejando para isso, por meio de cópias, os codices existentes em Portugal, Hespanha, França, e Brazil, até que enriquecido de preciosas notas bibliographicas foi o *Tratado descriptivo do Brazil* publicado nesta cidade do Rio de Janeiro, pelo Instituto Historico em 1851 <sup>2</sup>.

<sup>1</sup> Leta-se a este respeito a:—*Memoria historica da fundação da fabrica de ferro de Ypanema*, por Nicoláo Pereira de Campos Vergueiro, Lisboa, 1823 e os:—

*Subsidios para a historia de Ypanema*, por Frederico Augusto Pereira de Moraes (cunhado de Warnhagen), Lisboa, 1853. Reproduz toda a memoria do Senador Vergueiro e junta-lhe um appendice de mappas e documentos muito importantes.

<sup>2</sup> Além de incorporado e formando o tomo XIV da *Revista do Instituto* tiraram-se exemplares em separado.

A fundação, em 1839, deste benemerito Instituto foi para Warnhagen, motivo para grande incentivo; entrando logo no anno seguinte para socio, começou a enriquecer as paginas da sua *Revista* com memorias e apontamentos que cada vez acentuavam mais a sua irresistivel vocação para o estudo da historia sul-americana.

No mesmo anno em que entrou para o Instituto concorreu com um trabalho de merecimento—*As primeiras negociações diplomaticas respectivas ao Brazil*—, publicado no 1º e unico volume de *Memorias* que, á imitação da Academia Real de Sciencias de Lisboa, deu á publicidade o nosso Instituto.

Em Lisboa, publicou Warnhagen em 1845, o *Caramuru* de Santa Rita Durão e o *Uruguay* de José Basilio da Gama, reunidos em um volume sob o titulo *Epicos Brasileiros*, precedidos de um estudo biographico critico. E em 1850 o seu interessantissimo *Florilegio da poesia brasileira*, contendo excerptos dos nossos antigos poetas, em dois volumes, aos quaes addicionou um terceiro, em 1858, com fragmentos poeticos de contemporaneos; achando-se então em Madrid, como nosso encarregado de negocios.

Nesse mesmo anno de 1858 publicou no *Bulletin* da Sociedade Geographica de Paris: *Examens de quelques points de la histoire et de la geographie du Brésil; comprenant des éclaircissements nouveaux sur le seconde voyage de Vespuce* <sup>3</sup>; memoria por elle lida em uma das sessões desse instituto.

Numerosos trabalhos publicou ainda Warnhagen na *Revista trimestral do Instituto*, desde 1843 até 1863. Durante esses vinte annos foi elle um dos mais activos colaboradores desse importante repositório de elementos para a feitura da nossa historia <sup>4</sup>. Emquanto isto, reunia por outro lado mate-

<sup>3</sup> Sahio no t. XV da 4ª série do *Bulletin*, de pags. 145 a 215 e tiraram-se tambem exemplares em separado.

Refundida e acrescentada foi novamente impressa na cidade de Lima em 186... quando Warnhagen ahi se achava como nosso representante junto da republica do Peru.

<sup>4</sup> Entre elles são dignos de especial menção: 1) *Caramuru perante a historia* no t. X, 1843; 2) *Biographias de: 2) Salvador Corrêa de Sá Benevides*, t. V, 1843; 3) *Gaspar Gonçalves de Araujo*, t. V, 1843; 4) *Brigadeiro Ignacio de Souto Maior Rendon*, t. V, 1843; 5) *Martim Affonso de Souza*, t. V, 1843; 6) *Fr. José de Santa Rita Durão*, t. VIII, 1846; 7) *Euzebio de Mattos*, t. VIII, 1846; 8) *Antonio José*, t. IX, 1847; 9) *Manoel Botelho de Oliveira*, t. IX, 1847; 10) *Vicente Coelho Seabra*, t. IX, 1847; 11) *João de Brito Lima*, t. X, 1848; 12) *Fr. Manoel de Santa Maria Itaparica*, t. X, 1848; 13) *Thomas Antonio Gonzaga*, t. XII, 1849; 14) *Ignacio José de Alvarenga Peixoto*, t. XIII, 1850; 15) *Domingos Caldas Barbosa*, t. XIV, 1852; 16) *Antonio de Moraes e Silva*, t. XV, 1853; 17) *Jorg; de Albuquerque Maranhão*, t. XXV, 1882.

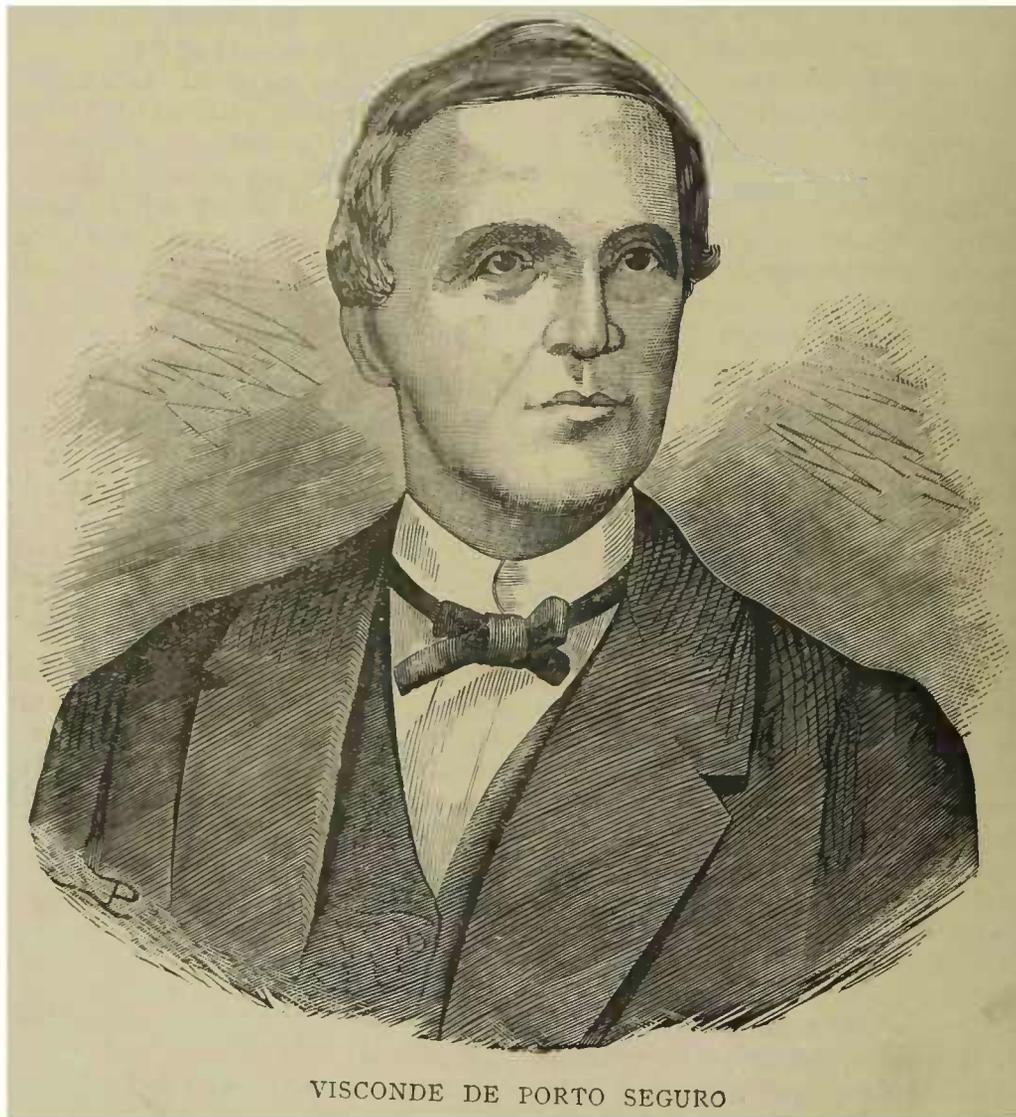
Quasi todas essas biographias na integra ou resumidas se encontram no *Florilegio Brasileiro*.

riaes em extraordinaria cópia para levantar o seu monumento imperecível que a *Historia geral do Brazil*, sahida em primeira edição dos prelos de Madrid de 1854-1857<sup>5</sup>.

Como bibliographo colheu Warnhagen em suas admiraveis investigações pelas bibliothecas europeas e americanas, varios manuscritos rarissimos que deu á publicidade a bem da lingua commum de Portugal e do Brazil, taes foram: a preciosa *Narrativa epistolar de Fernão Cardin* publicada em Lisboa em 1837; o *Diario de navegação*

Todos esses trabalhos sahiram apurados pela mais correcta revisão, e enriquecidos de notas bibliographicas, tão notaveis pela erudição que revelam como pela luz que deram nos assumptos a que se referem.

Da sua estada na Hollanda recolhendo copiosos elementos, com elles escreveu a sua *Historia das lutas com os Hollandeses no Brazil, desde 1624 a 1654*, impressa em Lisboa em 1872, obra vultuosa e da maior importancia pela veracidade de seus fundamentos.



VISCONDE DE PORTO SEGURO

de *Pero Lopes*. Ibidem em 1839<sup>6</sup> e as *Trovas e cantares da livraria do Conde de Barcellos*, subsidio valiosissimo para o estudo da philologia.

5 A 2ª edição muito aperfeiçoada foi impressa em Vienna em dois grandes volumes em 18... Edição da casa Laemmert.

6 E em 2ª edição 1847 e em 3ª na *Revista do Instituto historico*, t. XXIV, 1861 e finalmente 4ª edição em 1867.

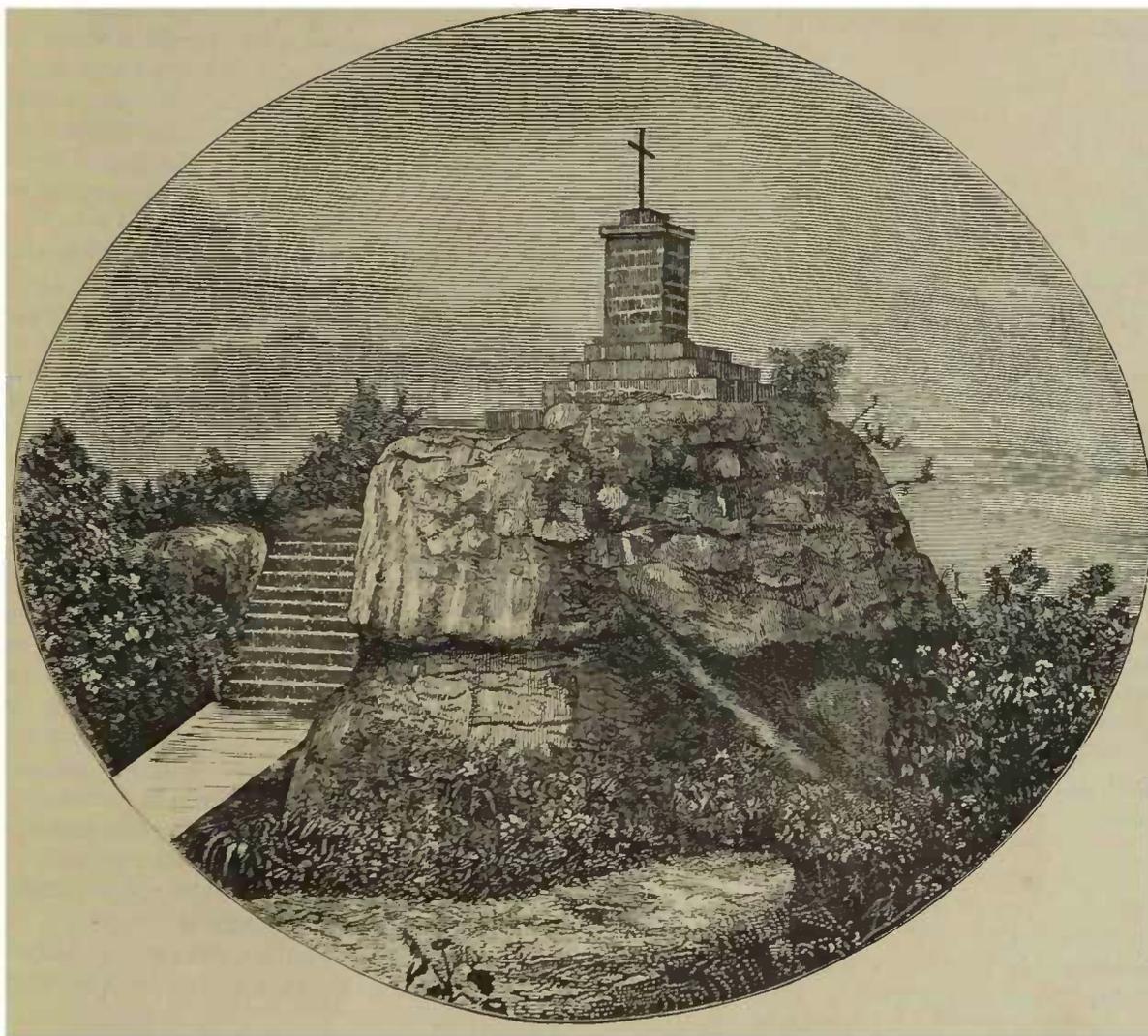
Não era Warnhagen talhado para trabalhos imaginosos, e sempre que os tentou foi-lhe certo o naufragio.— *Amador Bueno* drama historico, é de valor nullo como obra para theatro; faltava-lhe conhecimentos do palco, e até mesmo desconhecia as impressões do espectador; ao ler o seu drama dir-se-ia que nem mesmo nesta qualidade frequentára jamais o theatro. As suas lendas relativas á descoberta do Brazil e á tradição

jesuitica de S. Thomé, publicadas no *Panorama* são também destituídas de interesse, descoloridas e vulgares.

Litterariamente fallando Francisco Adolpho Warnhagen, não é uma sumidade como estylista, mas o que ao escriptor falta no brilhantismo da fórma, ao historiador compensa largamente a veracidade do fundo. A *Historia geral do Brazil* até agora não

tião da Rocha Pitta, em 1724 conseguiu pôr termo a bella missão que assumira de escrever a historia da *America Portuguesa*, mas comquanto investigasse elle os archivos e bibliothecas de Portugal, Hespanha e Hollanda, nem por isso pôde furtar-se a influencia do seu tempo sendo mais panegyrista do que historiador.

Roberto Southey, o laureado poeta inglez,



TUMULO DO VISCONDE DE PORTO SEGURO

achou competidor, e o que até então se havia publicado estava bem longe do alvo que ella attingio.

Depois de Pero de Magalhães Gandavo que em 1576 mal esboçara a infancia da nossa historia, só frei Vicente Salvador, traçara no seculo seguinte um trabalho mais completo, mas que se conservou inedito por tanto tempo, que muitos já o julgavam de todo perdido, que agora finalmente se está publicando no *Diario Official*, Sebas-

deu-nos uma historia tão completa quanto pôde fazel-a com os elementos officiaes que lhe foram ministrados pelo governo portuguez que encommendou o trabalho; o seu completador John Armitage, que proseguio a historia desde a chegada da familia real ao Brazil até ao movimento que produzio a desthronisação de D. Pedro I, foi mais feliz, pois assistiu como testemunha ocular e imparcial aos acontecimentos mais notaveis do periodo do primeiro reinado.

Não fallaremos de Beauchamp, que foi um compilador pouco escrupuloso, nem de Abreu Lima que deixa muito a desejar, já na omissão de muitos factos já na adulteração de outros. Antes do apparecimento da obra de Warnhagen, o Brazil não tinha uma historia completa até a sua independencia; cabe-lhe pois a gloria de haver preenchido essa lacuna, ainda que os annos, os successos do segundo reinado, e os adeantamentos da sciencia historica, de novo o reabrissem pedindo instantemente, pelo menos, uma refundição e assimilação de tudo quanto fizeram os precitados autores, em uma obra completamente nova.

João Francisco Lisboa, um dos mais illustres filhos do Maranhão, cujo estylo fluente e castigado orgulha os prosadores brasileiros, escreveu a respeito da obra de Warnhagen o seguinte e autorisadissimo parecer, que a todos os respeitos subscrevo sem restricções <sup>7</sup>.

« Na *Historia geral do Brazil* renovam-se e purificam-se as fontes, dilatam-se os horizontes. Plano vasto e bem disposto; feliz distribuição de materias; investigação immensa, laboriosa e conscienciosa, tudo isto está muito acima da resenha ou simples indicação.

« Poder-se-ha criticar este trabalho, discrepar aqui e acolá, dos juizos e apreciações que elles contém, desejal-o retocado e ampliado n'um ou n'outro ponto, expurgado finalmente de umas tantas imperfeições ou incorrecções de fórmãs, por ventura impossiveis de evitar neste primeiro molde, e no meio da tarefa afanosa e insana de escolher e colleccionar materiaes.

« Mas emprehender outro igual, completamente renovado, e sobretudo leval-o ao cabo, é o que provalmente se não ha de ver em nossos dias; porquanto além de talento, consciencia, paciencia e saber vasto e variado, para conseguil-o seria necessario haver madrugado no intento. »

Singular aberração do espirito humano! Este notabilissimo escriptor, que tão justo fôra com o autor da *Historia geral do Brazil* pelo simples facto de, em outro lugar da mesma obra em que escreveu tão lisongeira opinião, haver discordado de Warnhagen no ponto de vista do qual este encarava os nossos indigenas, e de acoimal-o desapiedado, como na verdade se mostra sempre que trata das infelizes raças dos nossos selviculas, Warnhagen, deixando de responder a Lisboa,

<sup>7</sup> *Obras completas* de J. F. Lisboa, Maranhão 1864-1865, t. III nota C dos *Apontamentos para a historia do Maranhão*.

emquanto este vivo, zurzio-o com extranhavel crueldade depois de morto. O seu opusculo verberado contra *Timon*, é uma nodoa que bem desejaria não existisse na larga e bella pagina da vida de um homem tão illustre, como foi o Visconde de Porto Seguro.

Fallecido a 29 de Junho de 1878 na cidade de Vienna, Francisco Adolpho Warnhagen, pediu em testamento duas cousas; uma ao chefe da nação e outra á familia. Ao primeiro solicitou a venia de permittir que seus filhos usassem como sobre nome o titulo do seu viscondado — Porto Seguro —, e á segunda que transportasse os seus ossos para o lugar de seu nascimento e na collina da fabrica de Ypanema levantasse um singelo monumento onde desejava repousar eternamente <sup>8</sup>.

Não faltava a Warnhagem as mais distinctas provas do lisongeiro apreço; as instituições litterarias mais notaveis da Europa e da America o honraram, abrindo-lhe espaço em seus gremios; os homens de letras e sciencias mais illustres consagraram-lhe paginas da mais elevada critica, distinguindo-se entre elles o eminente d'Avezac <sup>9</sup> que a proposito da sua *Historia do Brazil* escreveu um livro inteiro; os monarchas de Portugal, Hespanha e d'Austria o condecoraram altamente, mas a nenhum desses testemunhos de apreço foi elle mais sensivel do que ao titulo de Barão e depois Visconde de Porto Seguro; não pela nobreza que essa tinha consciencia que a possuia por direito de conquista nas lutas da intelligencia — mas pela denominação—Porto Seguro—que para elle era como que a posse indisputavel do titulo de—primeiro historiador do Brazil—symbolisado no nome do primeiro porto a que se abrigara Pedro Alvares Cabral. Warnhagen, como Mont'Alverne e Alencar, foi homem cheio de orgulho, mas como Alencar e Mont'Alverne tinha e muito de que orgulhar-se <sup>10</sup>.

FELIX FERREIRA.

<sup>8</sup> V. a estampa a pagns. 57, que representa o monumento que domina a fabrica.

<sup>9</sup> *Considerations géographiques sur l'histoire du Brésil; examen critique d'une nouvelle histoire générale du Brésil récemment publiée en portugais à Madrid par Mr. F. A. Warnhagen.* Paris 1853.

No t. XIV da 4ª série do *Bulletin da Sociedade geographica de Paris.* Tiraram-se exemplares em separado.

<sup>10</sup> Além dos autores citados consulte-se a respeito de Warnhagen: Innocencio Francisco da Silva, *Dicc. Bibliog.*, e a *Revista do Inst. Hist.*, An. 1878.

## FAUNA BRAZILEIRA

## III

## A Preguiça

Pertence á ordem dos *Desdentados* de Cuvier, ainda que impropriamente, porquanto não é ella desprovida de dentes, razão pela qual varios naturalistas têm proposto modificações a essa denominação.

Tratando deste ponto em seu bello livro *Du climats, géologie, faune et géographie botanique du Brésil*, que citámos em nosso primeiro artigo, referente ao Tamanduá, o Sr. Emmanuel Liais diz o seguinte :

« Na variedade, sob a designação de mamíferos monodelphos, desprovidos de dentes, de muitos typos distinctos, membros livres e proprios para andar na terra, não podem entrar todos os animaes que constituem a antiga ordem dos *Desdentados* de Cuvier, nome cuja significação, *sem dentes*, não convem á maior parte delles, mas sómente aos dous grupos de Papa-formigas americanos e Pangolins <sup>1</sup>.

O nome de Maldentados, com que De Blainville substituiu o de Desdentados, não foi de feliz acerto, porquanto é preciso convir que algumas especies dessa ordem fogem da regra, como o Tatú-gigante, por exemplo, que tem uma centena de dentes.

O de Homodontes, *de dentes iguaes*, dado a esse grupo por Paulo Gervais, em opposição a outros mamíferos que elle denomina Heterodontes, *de dentes variados*, parece indicar todos os dentes, quando alguns d'entre elles não os têm.

Estes dous caracteres se mostram na ordem chamada dos Desdentados, pois os que os têm só são molares, além disso pouco differentes entre si, e são de uma só raiz.

No *unau*<sup>2</sup>, é certo, o primeiro dente de cada lado é cumprido, separado dos outros e tido pelos naturalistas como caninos, emquanto que os demais são considerados molares.

Estudando-se sómente as especies vivas, o grupo dos Anhéterodontes parece na verdade formar muitas ordens distinctas. Os Bradypos, sobretudo, comprehendendo os *unaus* e os *aís*, parecem dever ser separados inteiramente dos outros, e certamente a sua forma geral os approxima mais dos Quadrúmanos a que os ligou Linneo do que á dos Tatús.

<sup>1</sup> Vide no segundo numero desta publicação o que ficou dito com respeito ao tamanduá.

<sup>2</sup> Especie sem canda.

Mas a descoberta de uma grande e numerosa familia de animaes fosseis, como a dos Megatherios e outros, vizinhos dos Tatús, dos quaes se não póde separar, veio encher esse grande vasio e unir mesmo intimamente os Bradypos aos Tatús, os quaes devem-se manter na mesma ordem.

Por outro lado os Papa-formigas americanos e os Pangolins, os unicos da familia a quem falta totalmente os dentes, se assemeham entre si por certos caracteristicos, taes como a cabeça alongada, a lingua protractil e apropriada ao mesmo genero de vida, pois todos vivem da formiga.

Ao mesmo tempo elles nos mostram em seus grupos os Papa-formigas americanos cobertos de pello uns e de casco outros, bem diversos na conformação é verdade, dos Tatús, mas que não são mais do que uma transição. Os Oryctéropos, que são cobertos de pello como os Papa-formigas americanos, têm a lingua extensiva como este, ainda que em menor gráo, mas já têm molares como o Tatú, e aliás com muitas semelhanças quer com o Papa-formigas, quer com o Tatú.

A America Meridional é a patria principal dos Desdentados, pois só nella se encontram tres tribus que á primeira vista dariam tres ordens distinctas, tanto são ellas differentes entre si, a saber: os Bradypos, os Tatús e os Papa-formigas. Na India ha só duas especies: os Oryctéropos e Pangolins.

Os Bradypos approximam-se muito dos macacos pela conformação geral, mas differe nos membros, pois não têm como estes o dedo pollegar opposto aos outros dedos, mas unido aos demais por uma membrana na base das unhas; e estas são muito fortes, compridas e arcadas.

Estes animaes são, segundo o numero de dedos, divididos em dous generos: um, o « unau » (*Cholopus* de Illiger), não tem nos membros anteriores senão dous dedos sómente, e tres nos membros posteriores; o outro, o « aís » (*Achæus* de Cuvier), tem tres dedos em cada um dos quatro membros.

Neste genero o numero de dentes é de cinco de cada lado da mandibula superior, e de quatro de cada lado da mandibula inferior. Mas em relação á natureza desses dentes ha uma differença entre os dous generos, a qual consiste em que nos *unaus* o primeiro dente

de cada mandíbula, de cada lado, é maior que os outros, e pôde ser tomado como canino; nos *ans* todos os dentes são molares; em cima o segundo dente é o mais forte e embaixo o primeiro.

Seu systema dentario e disposição das extremidades as afastam dos Quadruhumanos, dos quaes aliás se approximam, não sómente pelas fórmas geraes, como pela posição peitoral das mamas, o que tambem se nota em alguns Tatús e Papa-formigas, bem como pela direcção dos olhos para diante e orelhas curtas.»

Os *Unaus*, cujos caracteristicos genericos acabamos de indicar, e que compõem o genero *Cholopus* de Illiger, ou para melhor o genero *Bradypus* propriamente dito de Cuvier, formam duas especies, das quaes só uma se dissemina pelas nossas florestas, sobretudo no norte, *Bradypus didactylus* de Linneo ou o *Unau* de Buffon, entre nós tem o nome commum de Preguiça, conforme a nossa estampa.

E' a maior especie de *Bradypus*; pôde attingir a 75 centimetros de comprimento do alto da cabeça á ponta da cauda.

A cabeça é alongada e a face levemente obliqua. Os membros são pouco desproporcionados. Tem o pello um tanto eriçado, secco, completamente escuro quando novos, e mesclados de pellos esbranquiçados quando adultos e velhos.

O pello do alto da nuca é um pouco mais comprido e escuro que no resto do corpo. A face interior das mãos e dos pés, e o tuberculo caudal são inteiramente nus.

Raramente encontra-se esse animal no chão; quasi sempre anda pelas arvores, e

destas dá preferencia ás *Cecropias* (*embadbas*), das quaes tira a sua nutrição quasi exclusivamente. No chão caminha lentamente, mas nos ramos move-se facilmente, nada bem e atravessa sem difficuldade as mais largas correntes.

O que se diz geralmente de sua extrema lentidão é um exagero; é certo que os seus movimentos são muito vagarosos, cadencia-dos quasi. Uma vez installada em uma *Cecropia*, ani fica até que despojada esta dos grelos, que lhe servem de alimento, passa-se para outra. Dormem enroscadas nos ramos,

e nessa attitude se conservam a maior parte do tempo. As femeas produzem dous filhos de cada vez.

A Preguiça é noctambula; de dia dorme quasi que ininterrompidamente, e é então que seus movimentos são mais lentos; ao crepusculo mostra mais vivacidade. Quando se agarra a qualquer coisa, aperta com tanta força, que torna-se muito difficil arrancar-lhe a presa. E' mesmo muito peri-

gosa então em relação aos outros animais.

Quando se atira a uma preguiça nas arvores torna-se preciso mais de um tiro, pois tem a vida tenaz. Raramente cahem de todo mortas. Emquanto estão feridas enroscam-se com uma força extraordinaria e mesmo depois de mortas ficam penduradas nas arvores por muito tempo.

Os roceiros exageram tanto a lentidão da Preguiça, que dizem que ella leva mezes a descer de uma *embadba* para beber agua, e que morrem muitas vezes antes do termo da viagem quando o regato fica á meia duzia de metros de distancia.



PREGUIÇA



## NOTAS DE VIAGEM

CIDADE DE VASSOURAS



Para aquelles que viajam nada mais agradável que tomar notas em sua carteira; embora não as dê á publicidade sempre tem o prazer de quando as encontra, entre seus papeis velhos, relendo-as, lembrar-se de episodios da vida ás vezes de bem gratas recordações. Eis a razão destas notas sem pretensão, que aqui ficam archivadas apenas como um

protesto da minha gratidão para com aquelles que tão generosamente me acolheram na cidade de Vassouras, durante os poucos dias que lá estive.

A cidade de Vassouras comquanto em geral bem collocada e bem edificada, resente-se de falta de animação e movimento; é manifesta a sua decadencia.

A Casa da camara honra o architecto que a delineou, é um bello edificio, situado em uma boa praça, elegantemente ajardinada e resguardada por uma grade de madeira; pena é que viva em constante isolamento, ninguem alli vai, exactamente como na côrte onde mui raros são os que gozam o primoroso parque da Acclamação.

A' entrada da cidade em um lindo platô depara o visitante com uma graciosa vivenda, um edificio bellamente architectado, é o palacete do Sr. Barão do Amparo, que reunindo a opulencia ao bom gosto, cerca-se de todos os confortos que já por habito já pela sua longa estada na Europa costumou-se a gozar.

O Sr. Barão do Amparo é um cavalheiro da maior distincção, que sabe amar e ser util á patria. De volta de sua viagem a Europa, d'onde trouxe preciosas colleções de objectos artisticos, encontrando a cidade de Vassouras em decadencia em vez de abandonada como tantos outros tem feito, nella restabeleceu a sua residencia e por todos os meios e modos procura reerguel-a do abatimento, animando e auxiliando os seus mo-

radores laboriosos á reconquista da passada grandeza. E' um benemerito do lugar e que mui justamente merece as sympathias que alli goza.

No alto de uma collina vê-se a igreja matriz, edificio sem belleza e sem nenhum estylo architectonico, o exterior é pobre e merencorio, no entanto que o local presta-se a uma construcção grandiosa.

O que perde porém exteriormente ganha no interior, não pela riqueza dos paramentos nem esplendores, esculpturas, mas pelo aceio, boa ordem, singeleza e harmonia da ornamentação.

Tudo isto deve-se ao actual vigario, o Revm. Monsenhor Lino da Silveira Gusmão, um sacerdote digno a todos os respetos do acatamento que lhe tributam sem excepção as suas condignas ovelhas.

Monsenhor Lino sobre ser um sacerdote exemplar, é um fabricante desvelado, quasi que as suas expensas tem sido feitos todos os melhoramentos que tem tido a igreja interiormente; os dous pulpitos que alli se ostentam graciosamente talhados são devidos a sua iniciativa e dispendio.

Os dignos Vassourenses não se tem mostrado indifferentes a tão relevantes serviços do seu venerado pastor; ainda ha pouco tempo lhe offereceram o seu retrato como pequena prova do muito que o admiram e prezam.

Entre as representações e estabelecimentos publicos que de passagem visitei, devo aqui fazer especial menção do cartorio do tabelião do termo, o bravo major de voluntarios da patria Raymundo do Espirito Santo Fontenelle. Ahi tive occasião de ver um archivo minuciosamente cuidado, uma escripturação posta na melhor ordem possivel, tudo guardado em armarios feitos com muita arte, e de modo que mediante um simples indicador em um momento encontra-se qualquer livro ou papel que se procure.

O Sr. major Fontenelle depois de ter valorosamente concorrido com a espada para a defesa da patria, concorre presentemente e não menos utilidade com a peuna para a defesa dos interesses de seus compatriotas; pois de um bom cartorio de tabelião é que depende a segurança dos direitos da familia, direitos sagrados que o notario, como o sacerdote, tem o dever de zelar incessantemente.

Resta-me fallar do Asylo Furquin do qual pouco tenho a dizer, visto não ter tido tempo de tomar sobre elle as precisas informações; si, como espero, voltar a Vassouras occuparme-hei delle e de outros assumptos que para não alongar por hoje limito-os nestas notas.

F. F. d'A.

## A primeira exploração á costa do Brazil



João II ao firmar o famoso tratado de Tordesilhas em 1494, tinha, se não certeza, pelo menos vehementes suspeitas de que ao sudeste das ilhas que povoavam o Atlantico, pertencentes ao seu dominio, existiam terras ainda não exploradas. O empenho, a insistente tenacidade com que se esforçou, para que ás 100 leguas, como se havia estipulado um anno antes fossem ampliadas mais 270, bem demonstra que esta era a convicção do antecessor de D. Manoel.

O estudo da geographia e dos mappas confeccionados na idade média e sobre tudo a herança das descobertas, patrimonio da sua corôa, a que era obrigado ao seu maior desenvolvimento, descobertas que elle havia estendido até encontrar o famoso cabo das Tormentas, haviam, sem duvida, fazel-o pensar que podiam os geographos ter razão, fazendo unir o mar Atlantico com as regiões da Asia, e por conseguinte ser mais curto o caminho para attingir o desejado paiz do Oriente.

Não poderiam ser exactas as affirmativas de Toscanelli communicadas a seu pai Affonso V, de que elle tinha conhecimento, em que esse luminar da sciencia de então decidia com tão sincera convicção ser o Orbe menor do que alguns espiritos conjecturavam, e que entre o Oriente da Asia e Occidente da Europa não se interpunham senão ilhas e mares, chegando até com mathematica precisão a enunciar o numero de leguas que havia de Lisboa ás terras percorridas por Marco Polo no extremo Oriente?

Não poderiam ser realisaveis os projectos do amigo do imperador Maximiliano, o Dr. Jeronymo Monetarius, que lhe escrevia em 1493 por mão de Martin Behaim, cavalleiro de sua casa e seu servidor, instigando-o a que proseguisse nos descobrimentos e explorações para o Occidente, que com certeza encontraria terras do Cathai com mais feliz exito do que procurar-lhe a rota pelo Levante (1).

D. João II tinha, é certo, informações seguras dos enviados que havia feito seguir por terra até a India: tinha o testemunho de Bartholomeu Dias, que, transpondo emfim o grande Cabo, reconheceu que o continente africano prolongava-se para o norte, deixando um mar livre para penetrar nas regiões da

(1) Tanto Monetarius como Behaim ignoravam então os descobrimentos de Colombo, que nesse mesmo anno fez conhecer á Europa terras da America falsamente tomadas como do extremo Oriente,

Asia; mas o que elle não sabia calcular era justamente a extensão provavel entre os confins da Europa com o extremo das regiões orientaes, máo grado a affirmativa de Toscanelli em quem não acreditava cegamente, nem tão pouco de Jeronymo Monetarius, apesar de semelhantes idéas serem reforçadas por Martin Behaim, o portador da carta e preposto para realizar a empreza.

Para elle não restava duvida que rodeada a Africa chegava-se á terra das especiarias que Pero da Covilhã tão minuciosamente lhe descrevera. Pelo occidente tambem ella poderia ser abordada, conforme a opinião de muitos e enganosamente confirmada por Colombo, e nestes casos tambem elle podia ser conviva nas vantagens que dahi provinham, se por ventura a linha divisoria do repartimento das descobertas cahisse no quinhão que lhe tocasse.

Em todo o caso fossem exactos ou não os calculos de Toscanelli e de Colombo, o filho de Affonso V tinha tudo a ganhar e nada a perder com a concessão de maior numero de leguas além da linha imaginada de polo a polo que passava pelas ilhas do Cabo-Verde, pois nellas podiam existir terras habitaveis que elle podia explorar sem offender direitos de Castella.

E estas considerações de D. João II eram bem fundadas.

A longa frequencia dos navegadores portuguezes ao sul do Equador, sempre com a idéa fixa de pelo rumo de leste penetrar nas regiões do Oriente, tinham dado excellentes resultados. O seu commercio estendia-se cada vez mais e dos povos de Guiné arrancavam elles, em abundancia, o precioso metal a troco de bugigangas que nada valiam.

Este commercio não era porém sufficientemente conhecido e avaliado fóra das fronteiras de Portugal, porque a politica de seus reis nestes primeiros tempos de conquistas e descobertas era toda de calculos e de egoismo até certo ponto necessario, afim de que estranhos não fossem auferir os lucros das conquistas, resultado de tantos annos de trabalho, de gastos e de perda de preciosas vidas.

D. João II até do seu proprio povo escondia as riquezas e vantagens que colhia com o trato e conquista de Guiné, onde tinha mandado levantar uma fortaleza, não deixando correr voz da sua opulência para que se por ventura algum seu natural abandonasse o reino, não fosse a paiz estranho revelar a fonte onde colhia, em abundancia o precioso metal obtido em retorno de fazendas e quinquilharías que produziam fahulosos lucros.

D. Manoel ás primeiras noticias do descobrimento do Brazil fazia publicar severos regimentos, para que os carregadores do precioso páo da tinturaria assentassem com toda a exactidão as achas do mesmo Brazil que acondicionassem a bordo dos navios, para á vista de taes assentos lhe darem conta em

Lisboa do seu numero e peso, com ordens terminantes de não procurarem escala em nenhum porto, mesmo dos seus dominios, para evitar o contrabando e não dar a conhecer a carga que conduziã e a sua procedencia.

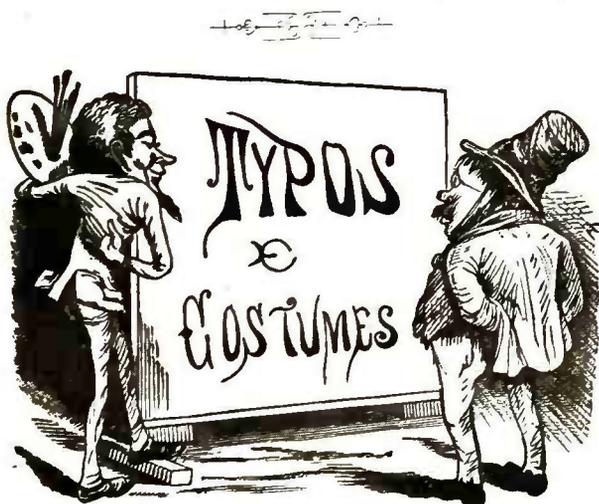
Como é sabido a arte typographica introduzida em Portugal nos fins do XV seculo não teve grande desenvolvimento e pelas razões apontadas, as noticias das descobertas, as monographias, os roteiros dos navegadores portuguezes não eram dados á luz para que as nações estrangeiras não invejassem o seu commercio e corressem a esbulhal-os, máo



grado, os direitos adquiridos na repartição das conquistas feita pelo chefe da christandade, reconhecido como competente para o fazer.

Crêm alguns autores que muitas descobertas eram sonegadas, de onde caladamente os exploradores tiravam vantajosos recursos do seu commercio e que á imitação dos seus soberanos não publicavam nem descreviã as terras incognitas onde se opulentavam.

(Continúa.)



### O negro mina

O verdadeiro typo vai desaparecendo; genericamente—era o carregador de café, por excellencia; alto, membrudo, camisa curta por fóra das calças, barretinho de algodão branco na cabeça, e rolo de palha e trança, para chapéos, a tiracolo. Economista

pratico, sabia bem o aphorismo inglez *the time is money*, que traduzia livremente « emquanto se descança carrega-se pedras ».

Não carregava pedras, mas emquanto aguardava o carreto, sentado em um banquinho á sombra, trançava palha.

Severo comprador de seus deveres, era tambem exigente na paga; a ganhar pouco preferia ficar sentado com sua trança.

O typo representado em nossa gravura já não é do proletario, mas o do capitalista; libertou-se, tem banca de peixe e casa propria no Sacco do Alferes. Vae para o lar e leva um papagaio para divertir a familia.

Os proprietarios de pretos ao ganho, davam sempre preferencia ao mina; e um desses *capitalistas* de bens semoventes, um certo Porto, tinha-os ás dezenas, ás centenas.

Porto, ha uns bons vinte annos foi o maior proprietario de pretos ao ganho, chegou a ter mais de 300, e organisava para elles um codigo todo especial.

Quando fugia-lhe algum não annunciava nem pagava a capitão do matto; impunha aos parceiros uma multa diaria de 40 rs. por cabeça; assim pois em vez de perder com o fugido lucrava, pois não pagando este mais de 2\$ a 2\$500 pordia, emquanto andava *no mato*, segundo a expressão pittoresca do tempo, o senhor abiscoitava uns 10\$ a 12\$000 diarios da capitação.

O que faziam então os parceiros?—transformavam-se em capitães do mato, e em vez de meia duzia de que dispunha a Policia o desgraçado tinha a seu encalço 300 que não queriam pagar por elle os 40 rs. diarios.

Este Porto era tambem um typo no seu genero.

Quando se achou rico comprou um carro, uma parrelha de bestas para puchal-o, e outra *parrelha* de mulatinhos para governar as besta e ser por elle governada.

Um bello dia desapareceu o lacaio, e como não pertencia elle ao numero dos 300 ao ganho, o *justiceiro* senhor teve de annunciã-o pelos jornaes; tudo porém foi debalde, o rapaz, sabia ler e escrever, e por isso internandose nunca mais d'elle houve novas nem mandados.

Já desesperava Porto de encontrã-o, quando uma manhã foi procurado por um velho roceiro que sem mais preambulos disse que sabia onde estava o rapaz, que não vinha denunciã-o mas simplesmente libertã-o.

Porto, que havia comprado o pagem como *bóã peça* por 1:200\$, pedio *conscienciosamente* 2:000\$; o roceiro não regateou, pagou.

Depois de passada a carta, e averbada nas notas, Porto perguntou, por mera curiosidade ao roceiro:

— Agora que nenhum direito tenho sobre elle diga-me: que é feito desse malandro?

— Dir-lho-hei, mas sob segredo, respondeu o velho, ha quatro annos que entrou para minha casa de caixeiro e tão bem se comportou que dei-lhe sociedade.

Ultimamente pedio-me uma filha em casamento, não lh'a neguei, quando porém tratou-se dos papeis, teve elle a coragem de dizer-me a verdade. O meu primeiro impeto



PRETO MINA

foi repelil-o, mas o receio de perder minha filha fez com que tomasse esta resolução; o casamento realisa-se dentro de poucos dias.

— Franqueza por franqueza, retorquiu Porto, se soubesse disso, ter-lhe-hia pedido 4:000\$ em vez de 2:000\$, por este preço é um ovo por um real um genro desses!

O feliz pagem era filho de uma negra mina da Bahia, sabia cantar modinhas e era um bello rapagão, por isso foi que agradou a roceirinha e... ao roceiro, afinal de contas, tambem.

F. F.

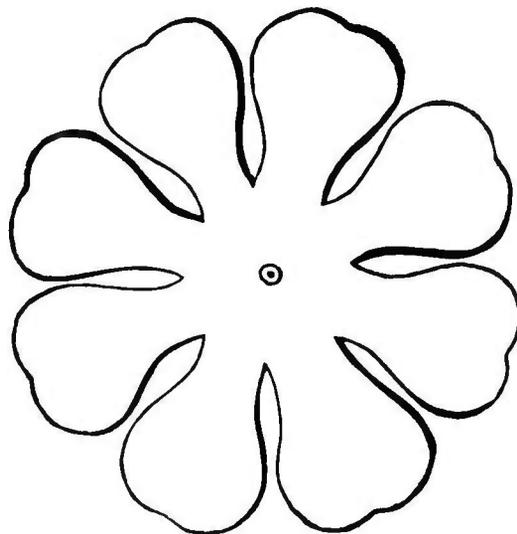


## DIVERSÕES DE SALÃO

### FLORES DE PAPEL



*Flór de romã*, ou—para melhor—*FLÔR DA ROMEIRA*, *granate*, *cravo-romã*, *cravo-granate*.  
Empregue papel escarlate, bem vivo.



Côrte seis rodellinhas, tres como as que se vêm na 2ª fig. fazendo-lhe desde logo aquelles gómos; dobre-as em oito, e de modo a formar com todas uma só petala. Amarrote-as em varios sentidos, com a pinça, e assignale—na parte inferior da petala—uma ou mesmo duas pregas, para enrugal-as.

Picando depois—com linha de seda—as rodellas, separadamente, na ponta de um fio de arame bem fino, e junte-os por fim solidamente para armar a flôr, cortando curtinho a haste inferior do fio de arame.

O calix semelha-se ao do cravo; sómente, em vez da verde, é igualmente escarlate como a flôr. Deita-se um pouco de gomma arabica no calix, e introduzem-se as pontas reunidas ou petalas preparadas.

Para tornar a flôr dupla, augmenta-se o numero de camadas das pequenas rodellas.

## PALESTRAS HISTORICAS

### A primeira exploração á costa do Brazil

#### I

(Continuação)

Não é para admirar, pois, que as terras orientaes do continente americano fossem muito antes da descoberta de Colombo visitadas e percorridas, visto a posição dos Açores e ilhas do Cabo-Verde não ficarem muito distantes do novo continente, para onde o proposito, o acaso ou as tormentas arrojarão tantos exploradores que percorriam o Atlantico em busca de novas terras e novas gentes, principalmente no proseguimento da descoberta da costa occidental da Africa, não muito distante da costa brasileira <sup>2</sup>.

João Coelho, habitador da ilha Terceira, irmão do celebre Nicoláo Coelho, bem como de Egas Coelho e Duarte Coelho, familia de intrepidos navegadores, sahindo da referida ilha em fins do decennio de 1480 a 1490, em um navio esquipado á sua custa, para fazer descobrimentos ao sudoeste, vio realizados os seus intentos, descobrindo uma terra que lhe pareceu deserta, onde infelizmente naufragou e pereceu com todos os seus tripolantes, á excepção de dous marinheiros que conseguiram salvar-se e regressar ao porto de onde tinham sahido, com a nova do achado e do desastre acontecido. Que terra fosse essa é o que os crónistas não nos transmittiram, ou porque a julgassem de pouca importancia, ou porque os dous naufragos não soubessem relatar sufficientemente o que nella tinham encontrado.

Que terra poderia ser essa ao sudoeste dos Açores?

Não é cabida a deducção de que não era outra senão a costa norte da America Meridional?

João de Barros diz na sua primeira *Decada*, que quando em 1525 uma armada hespanhola se dirigia ás Molucas, commandada por Loyaisa, tendo por immediato o famoso Delcano, como panheiro de Fernão

de Magalhães, costeando as plagas brazileiras, encontrára a dous grãos ao sul do equador uma ilha despovoada, com boas aguadas, de que ninguem dava noticia, onde desembarcando ficaram sorprendidos por encontrarem nos troncos das arvores escripto o anno em que fóra descoberta pelos portuguezes, 87 annos antes, no de 1438, e, em signal de que fóra roteada e nella estabelecidos, havia pelo emaranhado de suas matas muitas fructas europeas, especialmente laranjas doces e gallinhas como as de Hespanha, em tanta abundancia que os hespanhoes fizeram grande provimento dellas, mortas a besta, nos arvoredos onde pousavam.

Esta ilha, a que João de Barros chama de S. Matheus, parece ser a de S. João, situada proximo do Maranhão, a este da bahia de Tury-assú e em frente á fóz do rio Turinanga. A ponta mais saliente da ilha achase em 1° 17' de latitude sul. E' baixa e muito abundante de agua. Um canal bastante fundo a separa do continente.

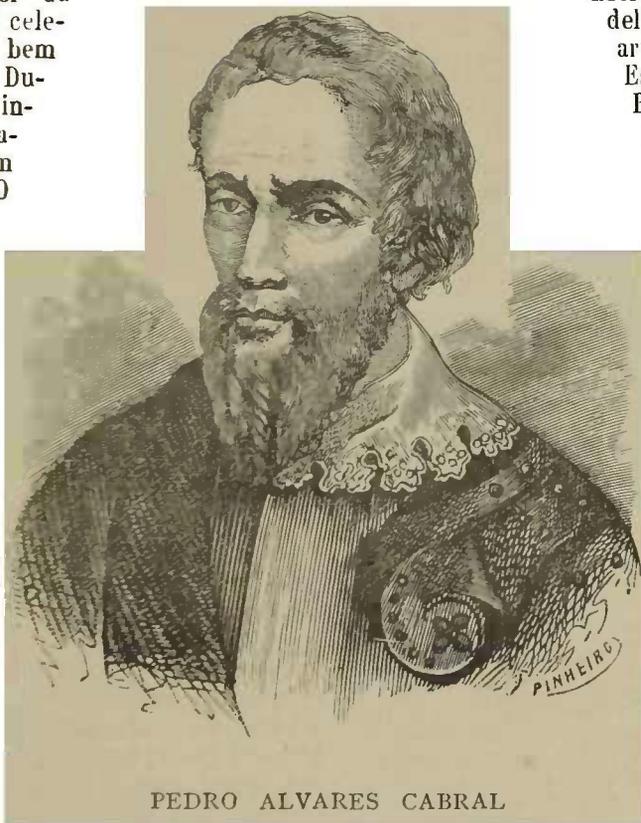
Ora, quem esteve estabelecido tão proximo da terra firme, não é possivel que a não tivesse visitado e percorrido, e por conseguinte bem cabida a supposição de que se guardasse profundo sigillo sobre semelhantes descobertas e que muito antes da época officialmente feita das

novas terras, já ellas eram conhecidas <sup>3</sup>.

A recente viagem de Colombo impressionára dolorosamente D. João II, pensando que a Hespanha iria colher o fructo de tanto labor de seus antepassados e seu proprio, pois que, pelo que o desdenhado

3 « Tambem se descobrio a ilha de S. Thomé, Anno Bom e a do Principe por mandado de El-Rei D. Affonso, e outros resgates, ilhas, das quaes não tratamos em particular por não termos quando e porque capitães foram descobertas; porém sabemos na voz commum serem mais cousas passadas e descobertas no tempo desse rei do que temos escripto: assim como uma ilha que ainda hoje por nós não é sabida e foi achada no anno de quatrocentos e trinta e oito annos; e por não

2 O ponto mais proximo do Brazil é do cabo de S. Roque ao cabo das Palmas, na Guiné, computado em 400 leguas.



PEDRO ALVARES CABRAL

navegador propalava convictamente, as regiões da latitude norte, aonde tinha aportado, faziam parte do continente asiático, aonde D. João julgava-se só com direito de estender o seu commercio, na persuasão de que as regiões do extremo oriente cahiam na demarcação convencionada, e por conseguinte exclusivas de Portugal.

Caso, porém, Colombo se houvesse enganado e com elle os que partilhavam a sua opinião; se essas terras encontradas ao occidente da Europa nada tivessem de commum com as percorridas por Marco Polo, quem poderia afirmar que a oeste da Guiné e ao sul do equador não existiam também terras como as que os hespanhoes encontraram na latitude do norte?

Poderiam porventura merecer fé os sabios antigos e as modernas notabilidades, desmentida a cada passo a sua sciencia, as suas doutrinas, por indoulos, mas arrojados navegadores, que viam, que palpavam terras e povos negados por esses pseudos luminares da humanidade?

Desfeita a crença como já então estava, de que a zona torrida era inhabitavel, não podiam ser acha-

parecer estranho o que digo, trarei um testemunho, em que entram muitas testemunhas desta verdade.

Atravessando o anno de quinhentos e vinte cinco uma armada de Castella, da costa de Guiné para a costa do Brazil, a qual ia para as nossas ilhas do Maluco, de que era capitão-mór Fr. Garcia de Loyaisa, commendador da Ordem de S. João, da qual viagem nós houvemos um roteiro, conta o autor delle umas razões, que nesta paragem houveram um D. Rodrigo da Cunha, fidalgo andaluz, capitão da náu S. Thiago daquela armada, e S. Thiago Guevara, biscainho, capitão de uma patara chamada também S. Thiago.

Isto sobre competencia de quem levaria ante o capitão-mór um navio portuguez, a que ambos arribaram, o qual vinha da ilha de S. Thomé carregado de negros; e de palavras vieram estes capitães as bombardadas, e comtudo a caravela foi levada ante o capitão-mór, o qual teve pratica com o piloto para o levar comsigo; mas deixou de o fazer por estar o navio em paragem, que carregaria sobre elle a morte de tantas almas, como nella vinham, por lhe não ficar pessoa que as soubesse navegar para este reino, na qual determinação o trouxe um dia comsigo em perguntas das consas do mar, até que o despedio sem lhe fazer damno algum: do qual piloto (segundo conta o autor do roteiro) souberam como os portuguezes estavam em Maluco, onde tinham feito uma fortaleza: e que seguindo elles sua viagem, sendo dous grãos da parte do sul, acharam uma ilha despovoada de gente, chamada S. Matheus, em que haviam duas aguedas, uma muito boa e outra não tal; em duas arvores estava escripto, que havia 80 annos que nella estiveram portuguezes, e tinha maneira de ser já aproveitada por haver nella muita fruta, especialmente laranjas doces, palmeiras e gallinhas como as desta parte de Hespanha, de que mataram muitas a bêsta, que andavam por cima do arvoredado. Conta mais outras cousas que acharam nella, de que sómente tomei estas por testemunho do que acima dissemos, terem as nossas mais terras descobertas naquelle tempo, do que achamos na escriptura de Gomes Eanes de Azurara.

E não é novidade achar-se esta memoria de escriptura em arvores, porque naquelle tempo o costumavam muito; alguns por louvor do Infante D. Henrique escreviam o motto de sua divisa, que como vimos atraz era — *Talent de bien faire*, porque sómente esta memoria escripta na casca dos dragueiros haviam que bastava por posse do que descobriram em algumas arvores de pão. Depois (como adiante veremos) El-Rei D. João II em seu tempo mandou pôr padrões de pedra com letreiro, em que diz o tempo e por quem aquella terra foi descoberta, e isto bastava por posse real, e ao presente ainda as fortalezas feitas na propria terra não bastam, porque veio a cobiça dos homens inventar leis conforme a ella. D. João de Barros, Dec. 1ª, l. 2ª, pag. 148.

das novas terras como foram as da costa africana, e tantos archipelagos e ilhas desse mar que os antigos chamavam—tenebroso, impossivel de ser navegado. Não podia na demarcação estipulada algum outro navegador encontrar essas novas terras e não se podia entender para onde o commercio portuguez se podia estender, e quem sabe mesmo encontrar a tão desejada India, em vez de a procurar pelo Oriente?

Estas apostrophes foram sem duvida as que, bem do engrandecimento de Portugal, moveram D. João II a obter mais 270 leguas na primitiva demarcação do mundo, entre Hespanha e Portugal. Com effeito, seis annos depois de firmado o tratado, eram descobertas novas terras ao oeste, dentro dos limites das 370 leguas obtidas.

D. João II não logrou vêr realizadas as suas previsões; cinco annos mais de existencia, e elle entrou Vasco da Gama triumphantemente no mar, deixando aberta a rota das incognitas regiões da verdadeira India, e Pedro Alvares Cabral, justamente na divisa por que tanto pugnava, encontrar um grande continente, de onde dous seculos depois seus successores haviam de extrahir tantas riquezas metallicas como a historia raramente ha registrado em seus annaes.

Ao seu successor, o *querido da fortuna*, é que a caprichosa sorte permittio eugastar na corôa que ainda, por acaso, a fortuna lhe fizera cingir os maiores brilhantes com que a ornára, resultado de 50 annos de pesquisas e de labutar não interrompido.

O feliz exito da expedição de Vasco da Gama, fez conhecer ao futuro almirante do mar das Indias que, para com mais celeridade se poder dobrar o tormentorio cabo, que Bartholomeu Dias descobrira, era necessario não seguir o rotineiro itinerario dos navegadores da costa africana, que poucas vezes perdiam terra de vista. Cumpria antes ao nauta atirar-se á amplidão dos mares, procurando nas longitudes de oeste os ventos favoraveis até a allura do grande cabo, para então dirigir a derrota a nordeste, afim de mais rapido abordar á India 4.

Estes conselhos foram ministrados por Vasco da Gama á Pedro Alvares Cabral, que, com uma frota de 13 velas, ia mostrar aos povos do Oriente a pujança do pequeno Portugal, cujos intrepidos filhos tão inopidamente os procuravam por caminhos desconhecidos.

A tão anciada rota da India foi emfim descoberta, e a gloria que adveio ao seu immortal descobridor por semelhante acontecimento, outra não menor por um pouco que a fortuna lhe juntava para mais o aureolar. Em seu trajecto para o Oriente, Vasco da

4 Presumem varios escriptores que as tormentas arrojaram Pedro Alvares Cabral para o poente, indo com semelhante derrota encontrar terra que ninguém suppunha deparar. Outros dizem que este afastamento da costa africana foi casual, e outros ainda, que elle tinha presunções de que para oeste de Guiné existiam terras ainda não exploradas, e com o sentido de as avistar é que mudou o rumo da sua esquadra, afastando-se do continente negro.

Nada disto é exacto. A verdade é que Pedro Alvares Cabral teve instrucções para se desviar da costa africana, pela experiencia que Vasco da Gama adquirira em sua viagem, instrucções que elle mesmo formulara, como o comprova o Visconde de Porto Seguro, que pôde encontrar o borrão dellas, de que nos dá um specimen na sua *Historia do Brazil*, bem como o assevera Gaspar Corrêa, cuja opinião nos serve de guia.

Gama tanto se afastou da costa africana para fugir ás fatigantes calmarias de Guiné, que, dirigindo sua derrota alguns grãos mais para o poente, teria encontrado um novo mundo, não imaginado nem previsto pelos geographos antigos e medievos, encontro que tres annos depois tanto concorreu para eternisar o nome de Pedro Alvares Cabral <sup>5</sup>

A segunda expedição ás Indias Orientaes tanto se afastou, pois, da costa africana, navegando ao occidente, no rumo de SO que, sem esperar, descobriu uma grande terra julgada de immensas proporções, achado que maravilhou seus descobridores, pois que nenbun cartographo antigo e moderno dava noticia de semelhante existencia em latitude tão proxima á costa occidental da Africa; e muito menos pensaram que fosse uma continuidade das terras descobertas por Colombo, o grande continente americano, que o feliz genovez teimava em asseverar ser regiões da Asia, crença que o acompanhou até morrer.

Pedro Alvares Cabral, sem tempo para explorar a nova terra, seguiu a indicada derrota do Oriente, mandando, entretanto, retroceder um navio para noticiar a D. Manoel a nova descoberta, onde o acaso o fizera aportar.

## II

O portador de tão auspiciosa noticia, dizem os autores que trataram deste descobrimento, ser Gaspar de Lemos, o commandante da não dos mantimentos. Gaspar Corrêa, nas *Lendas da India*, obra escripta nos meados do seculo XVI e impressa em Lisboa no decennio de 1860—1870, justamente 300 annos depois que seu autor lhe deu o ultimo retoque, como confessa, diz que esse portador foi André Gonçalves, piloto experimentado, que elle inclue no numero dos commandantes dos navios da esquadra de Pedro Alvares Cabral, e que acompanhára Vasco da Gama no descobrimento da India, onde tão bons serviços prestára, que o futuro Conde da Vidigueira o recommendára a Cabral.

Pero Vaz de Caminha, o autor da famosa carta a D. Manoel, que acompanhava a expedição, não diz palavra sobre o portador que Pedro Alvares mandou retroceder, nem tão pouco enumera os capitães que commandavam os navios, para se verificar se com effeito André Gonçalves era um delles, como assevera Gaspar Corrêa, com a circumstancia notavel de dizer que fóra um dos pilotos que acompanhára Vasco da Gama.

O piloto portuguez, autor da navegação de Pedro Alvares Cabral, igualmente não relata o nome dos

capitães que commandavam os navios, omissão para sentir, pois que tanto elle como Caminha seriam os mais seguros guias para se elucidar este ponto historico controvertido pelos antigos chronistas.

Postas de lado estas duas testemunhas coevas, por nada dizerem sobre o assumpto, ficam-nos Castanheda e João de Barros, que escreveram, muitos annos depois, os quaes dizem que este portador foi Gaspar de Lemos, menção seguida pelos autores que posteriormente trataram do mesmo assumpto. Ora, a opinião destes dous chronistas é muito valiosa, mas a de Gaspar Corrêa não é menor, tendo ainda a seu favor a circumstancia de ser ainda mais proxima dos acontecimentos e pertencer-lhe a prioridade na narrativa delles, embora as suas *Lendas* só em nossos dias vissem á luz da imprensa.

O finado senador Candido Mendes, em uma importante e erudita *Memoria*, inserta na *Revista* do Instituto Historico, dá fé ao que diz Gaspar Corrêa e acredita que o portador da noticia, mandada por Cabral, foi o enunciado pelo autor das *Lendas*.

D. Manoel jubiloso pelo descobrimento da India, ao mesmo tempo inquieto pelo acolhimento que teria o seu enviado aos potentados do Oriente, considerando que se esperasse pela volta de Pedro Alvares Cabral, só na monção do anno seguinte podia enviar outra armada a tão longinquas regiões; deliberou fazer sahir do Tejo em cada anno, na monção propria de Março, uma armada com o mesmo destino, até que entre os potentados da India e Portugal se estabelecessem amistosas relações commerciaes, o que Vasco da Gama não pôde conseguir, o que igualmente poderia acontecer a Pedro Alvares Cabral, solução que só em Setembro ou Outubro podia ter hechecimento.

Assim, pois, em Março de 1501 enviou á India João da Nova, com quatro navios, cujo regimento de navegação, pelas informações da terra do Brazil, que André Gonçalves lhe levára, elle tinba de procurar como a mais conveniente para dobrar o cabo da Boa-Esperança, instrucções que igualmente tiveram todas as armadas que se seguiram, hecchidas as vantagens de refrescar, fazer escala em uma terra que parece Nosso Senhor milagrosamente quiz que se achasse <sup>6</sup>

João da Nova era um habil marinheiro, intrepido e experimentado capitão, e que nesta arriscada viagem ainda a fortuna lhe sorriu, pois que voltou á Portugal com a sua esquadra intacta, carregada das ricas especiarias do Oriente, tendo ainda na sua volta de ligar o seu nome á famosa ilha que descobriu, situada no meio do Atlantico, entre o con-

<sup>5</sup> Pela carta demonstrativa da viagem de Vasco da Gama, habilmente confeccionada por Diogo Kopke, bem se evidencia que na ida, ao largar de Cabo Verde para atravessar o cabo da Boa Esperança, a pequena frota muito se aproximou da costa do Brazil, na sua parte mais oriental, isto é, do cabo de S. Roque e de Santo Agostinho.

O *Roteiro* da mesma viagem mais accentúa a proximidade de terras americanas que Vasco da Gama deixava para oeste na larga travessia para o tormentorio cabo africano. Diz o autor do *Roteiro*:

« ... indo na volta do mar, ao sul, quarta do sudoeste, achamos muitas aves feitas como os garções, e quando veio a noite tiravam contra o su-sueste, muito rijas, como aves que iam para terra, e neste mesmo dia vimos uma baleia, e isto bem 800 leguas em mar. »

<sup>6</sup> D. Manoel, noticiando a seus sogros, Fernando e Izabel, de Hespanha, o successo da segunda viagem á India por Pedro Alvares Cabral, no referente ao descobrimento do Brazil, diz:

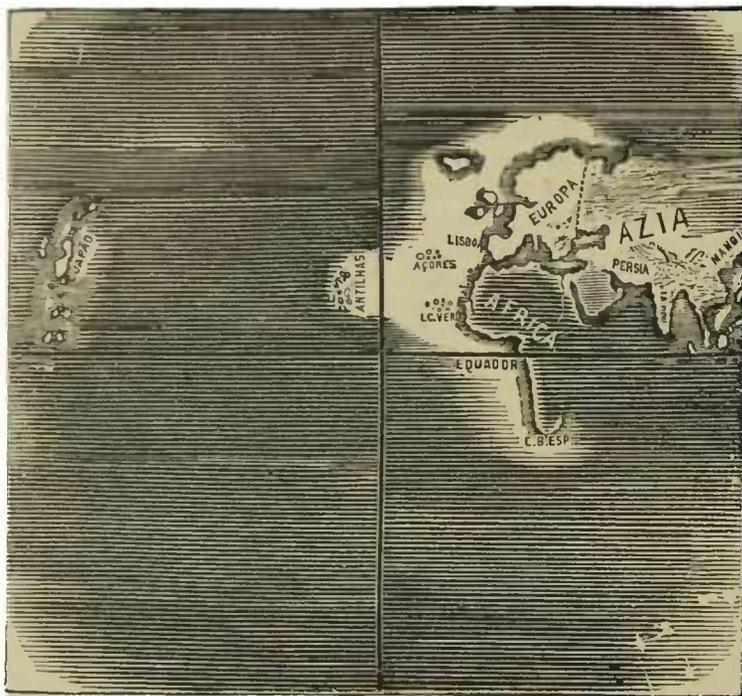
« O dito meu capitão partio com 13 náos, de Lisboa, a 9 de Março do anno passado, e nas oitavas da Paschoa seguinte chegou a uma terra que novamente descobriu, á qual poz nome de Santa Cruz, na qual encontrou gente nua como na primitiva innocencia, mansa e pacifica; a qual terra parece que Nosso Senhor quiz que se achasse, porque é muito conveniente e necessaria para a navegação da India, porque alli reparou seus navios o tomou agua; e pela grande extensão do caminho que tinha de percorrer, não se deteve afim de se informar das cousas da dita terra, sómente me enviou de lá um navio para me noticiar como a achou. »

tinente negro e a costa brasileira, a 15° 57' e latitude sul, a que poz o nome de Santa Helena, que ainda conserva, onde em nossos dias morreu prisioneiro da Inglaterra o maior capitão dos antigos e modernos tempos.

evidente que a sua derrota foi dirigida bastante ao sul, não longe, senão á vista, de uma boa porção da costa brasileira, talvez que até á paragem do Rio da Prata, que fica na mesma latitude do famoso cabo 34° 22' latitude sul.

Quando João da Nova sahio de Lisboa já André Gonçalves havia chegado ao Tejo com a noticia do descobrimento do Brazil, máo grado não se saber ao certo o dia em que elle chegou. Sahido de Porto Seguro, como se sabe, em principios de Maio, embora André Gonçalves se demorasse em seu trajecto explorando demoradamente a terra, como Cabral lhe determinára, é certo que nesse mesmo anno chegou á Lisboa, e muito ampliou as novas que Pero Vaz de Caminha noticiava, bem como Cabral e mais capitães.

Ora, semelhante descobrimento era um feliz achado para os navegadores da India, porque em lugar de navegarem encostados á costa africana, lutando com as eternas calmarias de Guiné, que tanto desesperavam os traquejadores dos mares, tinham uma terra fresca, de benigno clima, com portos e enseadas seguros, onde podiam ancorar á vontade; ricas nascentes d'agua para o supprimento necessario em tão longa viagem, e sobre tudo a latitude propicia dos ventos



MUNDO CONHECIDO ATÉ O TRATADO DE 1494

João da Nova sabindo de Lisboa a 5 de Março de 1501, dirigio a sua derrota necessariamente ás illhas de Cabo Verde como era de praxe, e engolfando-se depois para sudoeste, foi achar terra do norte do Brazil, sem duvida guiado pelas cartas e informações do explorador que Cabral mandou retroceder com a nova do descobrimento. Dobrado o cabo de Santo Agostinho, o ponto mais oriental de toda a America, procurou, sem duvida, o ancoradouro de Porto Seguro ou outro qualquer, aonde refrescou, continuando em seguida a sua viagem, tão proximo de terra, que aos 20° 38' latitude sul, descobriu a ilha da Ascensão ou Trindade, á 600 kilometros da costa da actual provincia do Espirito Santo <sup>7</sup>.

A João da Nova pertence, pois, a gloria de ser o primeiro explorador das terras de Santa Cruz, ainda que se não saiba ao certo os lugares que visitou e a extensão que percorreu, que nos parece não ser demasiado pequena, pois foi dobrar o cabo da Boa Esperança sem o ver, signal

<sup>7</sup> Por muito tempo prevaleceu a opinião de que na latitude sul de 20°, enfrentando com a provincia do Espirito Santo, 100 a 200 leguas distante da costa, existiam duas ilhas, uma com o nome de Ascensão, descoberta por João da Nova em 1501, e outra conhecida



PLANISFERIO DO MUNDO ACTUAL

pelo de Trindade, interpondo-se entre ambas 80 a 100 leguas, sendo mais proxima da terra firme a da Ascensão.

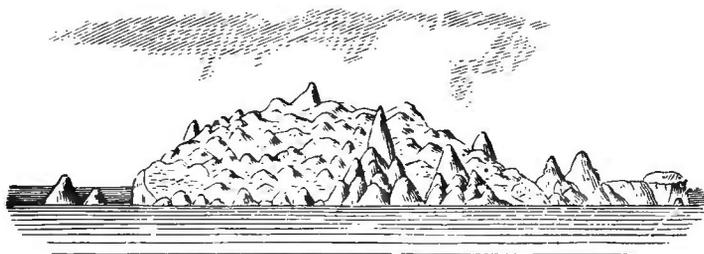
Os Roteiros da costa do Brazil, bem como os dictionarios geographicos antigos e modernos, inclusive o que acaba de concluir a impressão em Lisboa,

para montar o grande cabo, como reconhecera Vasco da Gama.

E' pois de boa razão pensar que a João da Nova foi dado o regimento para que fizesse escala pela nova terra descoberta por Cabral, como diz Gaspar Corrêa; e pela derrota que elle fez, descobrindo a ilha da Trindade, em frente da provincia do Espirito Santo, tão proxima de Porto Seguro, é logica a deducção que para alcançar a sua latitude, tinha forçosamente de tocar, ou pelo menos correr com terra à vista, desde a altura do cabo de Santo Agostinho até à referida ilha, como melhormente se pôde ajuizar, lançando-se uma vista d'olhos no mappa da costa do Brazil, desde as ilhas de Cabo Verde até a latitude em que está collocada a supradita ilha da Trindade.

mencionam a ilha da Ascensão, mão grado, commissões scientificas a haverem procurado inutilmente, bem como officiaes da marinha brasileira terem sulcado seus mares, em viagens de instrucção, sem que tenha sido descoberta, reconhecendo portanto que semelhante existencia é um mytho, confundindo-a com a ilha da Trindade, unica existente na mencionada latitude.

Emquanto á ilha da Trindade, apesar de ter sido occupada pelos inglezes em 1781, quando em guerra com



VISTA DA PARTE SUL DA ILHA DA TRINDADE

a Hespanha, evacuando-a um anno depois, e em seguida mandada occupar pelo governo portuguez, abandonando-a totalmente em 1787, escassas são as noticias do seu interior e quaes os recursos de seu solo.

Pelo officio do vice-rei do Brazil, Luiz de Vasconcellos, dirigido ao seu successor em 1787, se depreheende que a terra e seus valles não se prestam ao cultivo, pelo fogo subterraneo que nella lavra.

Emquanto á agua, dizem os diversos escriptores que della têm tratado, que só no tempo das chuvas é que alguns regatos regam seu accidentado solo, seccando, porém, logo que as chuvas desapparecem. A residencia da guarnição do pequeno forte que o governo portuguez mandou construir em 1782, e que lá se conservou cerca de 5 annos, bem como a occupação dos inglezes, parece desmentir esta asserção. Como quer que seja, o interior da ilha da Trindade não está sufficientemente conhecido, pois os autores que a descrevem, baseam-se unicamente no que a vista alcança de bordo dos navios, não tendo feito desembarque pelos obstaculos dos rochedos que banham seu littoral e sem porto capaz de segura ancoragem.

Sobre as suas dimensões pouca discrepancia fazem os autores que della têm tratado, dando-lhe tres milhas em sua maior extensão e approximadamente seis em sua circumferencia.

A vista da parte sul, que damos acima, é copiada das que foram tiradas pela commissão portugueza em 1782, insertas na Revista do Instituto em 1877, 2º vol., mandada lithographar pelo coronel de engenheiros Dr. Pedro Torquato Xavier de Brito.

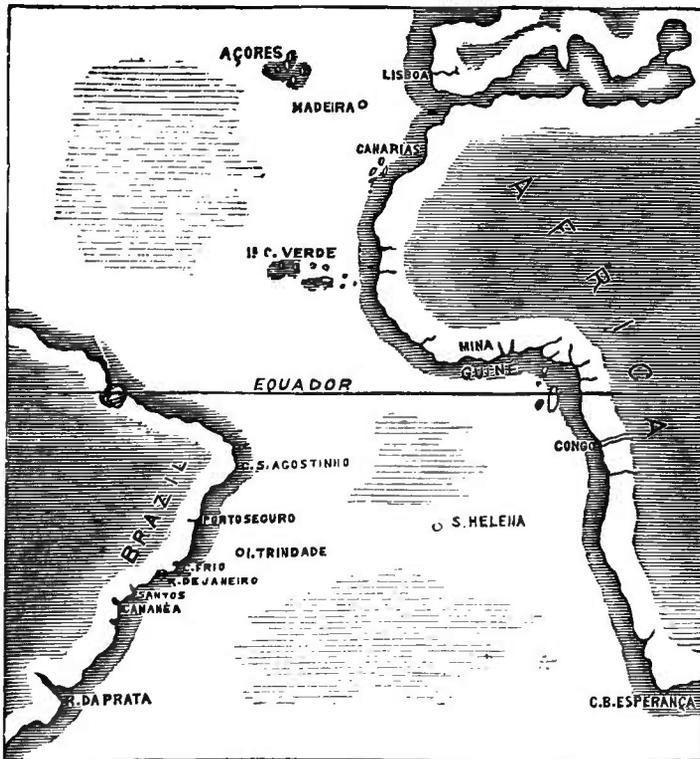
Ora, estando João da Nova com terra á vista, já descoberta e demarcada, infallivelmente havia de ancorar em algum porto, quando menos para refrescar, pois a distancia das ilhas de Cabo Verde até dobrar o cabo da Boa Esperança era enorme, sem portos intermediarios onde o podesse fazer.

Se por acaso existirem os roteiros dos capitães que nos primeiros annos fizeram o trajecto da India, é muito provavel encontrar nelles amplas noticias do Brazil, pois que todos ou quasi todos fizeram escala pela terra descoberta por Cabral, conforme D. Manoel noticia aos reis de Hespanha 8.

(Continúa.)

8 Tão obrigativa era esta escala e condemnada a viagem costeando a Africa, que Castanheda conta o seguinte, referente á derrota de Tristão da Cunha em 1506:

« A seis de Abril de 1506 partio de Lisboa Tristão da Cunha com uma armada composta de 10 navios. Em Bezequiche, onde ancorou, deixou elle os doentes que trazia affectados da peste que então grassava em Lisboa. De Bezequiche, Tristão da Cunha foi costeando a costa d'Africa até se fazer na altura da costa brasileira, para onde atravessou, indo dar vista do rio de S. Sebastião á ré do cabo de Santo Agostinho, e querendo dobrar este cabo não o pôde conseguir pelos tempos contrarios que então reinavam, vendo-se forçado a arribar á costa de Guiné, onde houve vista do cabo do Monte, em cuja paragem se desgarrou da sua companhia, uma noite, Job Queimado, o qual foi ter á ilha de S. Thomé, de onde, continuando a sua viagem para a India, foi correndo ao longo da costa e chegou a Moçambique, o que nunca aconteceu a nenhum navio da carreira da India. Em Moçambique encontrou-se Job Queimado com Tristão da Cunha, que voltando da costa de Guiné em procura da costa brasileira, conseguiu dobrar o cabo de Santo Agostinho, e continuando a sua derrota da India, ainda chegou primeiro a Moçambique que Job Queimado. »



COSTA OCCIDENTAL DA AFRICA E ORIENTAL DA AMERICA DO SUL

## NOTAS DE VIAGEM

## VALENÇA

E' Valença uma das cidades do interior do Rio de Janeiro, que mais impressiona o viajante, não só por sua situação, mas ainda pela belleza que nos apresenta a sua boa construcção cheia de edificios dignos de nota.

A praça onde está a casa da camara, uma das melhores não sómente pela solidez, bom gosto e architectura, mas também pelo cuidado, nitidez, boa ordem, elegancia que se observa em seu interior, ornamentada com mobílias custosas e até luxuosas, agrada em absoluto o mais exigente visitante; é seu presidente o Sr. José Lopes Domingues, moço intelligente, de trato ameno e cavalheiroso, que, sendo fazendeiro, mesmo assim não se furta ao trabalho de ir todos os dias á camara, de modo que pôde dizer-se que é ella um modelo, que deveria ser aproveitado pela da capital do Imperio (digna de melhor sorte), mas descurada, e, se o termo não fosse muito forte, diríamos até desmoralizada.

Nesta praça acha-se um bom logradouro publico, um jardim magnifico, imitação do parque da Acclamação, onde se reúne ás tardes e noites de luar o *high-life*, da cidade.

Na parte posterior a esse edificio está situado o collegio Magalhães, um edificio que penalizou-me não ter quem tirasse um *croquis* pela belleza de sua collocação; a boa ordem que notei, o aproveitamento dos alumnos honram a seu distincto director e mestres.

Um outro jardim muito parecido com o nosso do largo do Rocío, onde tem um lindo palacete de um titular, cujo nome não me occorre e que lhe dá o nome é também o recreio de parte da população; ahí os advogados sentados, ás vezes, pelo lado de fóra em um banco, intrigam os circumstantes, fazem grandes discursos e sentenciam, absolvendo e condemnando á seu talante.

A igreja tem a architectura antiga, e se não fóra estar em um alto dir-se-hia acaçapada e chata; do interior nada posso dizer pelo curto espaço de tempo; o que é certo, porém, a ser tomadas as notas pelo merecimento e prestigio, que merecidamente tem o Exm. Rvm: vigario Luiz Alves dos Santos para com seus parochianos, deve estar provida de boa ornamentação e bom cuidado.

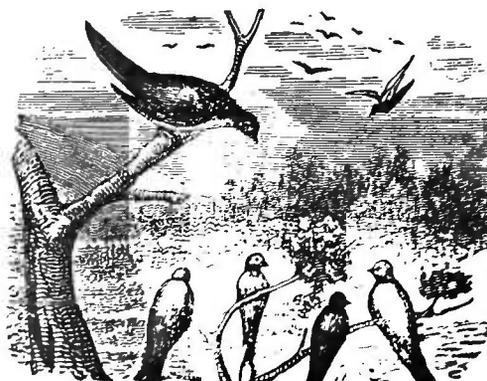
Agradei-me em absoluto da cidade de Valença; ahí encontrei amigos velhos que me trouxeram á reminiscencia agradaveis lembranças de dias passados ha longos annos,

quando juntos defendiamos a causa da patria; foi grande o meu regosijo ao abraçar o meu distincto amigo o Sr. Dr. Antonio Gonçalves de Carvalho, juiz de direito da comarca, verdadeiro magistrado brando como a sensitiva na delicadeza do trato particular, forte como o bronze inquebrantavel no magisterio; qualidades que o tem popularisado, tendo já por esses predicados tão difficéis de possuir-se sido eleito deputado geral por uma provincia que não é a sua; não menos senti-me contente deparando com meu antigo companheiro de lutas e mocidade o tenente Luiz da Costa Firmo, moço que se tem recommendado pelo seu procedimento, boa ordem em que traz o destacamento que tão dignamente commanda, sendo, quando por intrigas foi mudado, reclamado pela população que reconhece nelle o sustentaculo da ordem da cidade de Valença.

Não deixaria de merecer grave censura se esquecesse de em minhas notas fallar do distincto alferes de voluntarios, tabellião do lugar o Sr. Gaudencio Cesar de Mello, um dos bons auxiliares que tive na minha excursão áquella cidade.

Convidado pelo meu delicado patricio para ir á sua casa, tive occasião de notar que o anno que viajára á Europa não foi sómente para deleitar a vista e sim para fazer soberbas colleccões de pedras do Vesuvio e outros artefactos, grande quantidade de estampas e vistas da Europa, objectos de arte que não bastaria dous dias para vel-os: eis a razão por que não podemos, com grande sentimento, descrevel-os. Daqui destas columnas envio a todos que me coadjuvaram um sincero agradecimento, pedindo desculpa de não ser minucioso, e deixar de fallar na casa de Misericordia e outros edificios, o que farei na visita proxima que tenciono fazer aos distinctos habitantes de Valença.

F. F. DE ARAUJO.





Damos á estampa mais uma marinha do nosso sympathico collaborador Emilio Rouède, a quem devemos o mais gracioso auxilio prestado ás paginas desta Revista.

A nova composição do distincto pintor representa a *Secca*, se tal é o nome que, na terminologia nautica, se dá ao desdobramento dos pannos depois dos fórtes agua-ceiros.

O céo conserva o tom plumbeo da temp-tade passada, porém, no horisonte, as nuvens vão-se dispersando devagar, e o clarão da bonança começa a ferir tranquillamente as primeiras vagas que, a pouco e pouco, baloiçando-se indolentes, retomam a serenidade perdida. Ao mormaço do sol, que anuncia-se, a maruja abre os pannos, como se desdobrasse vélas em signal de triumpho.

Tal é o momento que o artista nos apresenta.

A gravura corresponde brilhantemente ao trabalho do pintor. Está fidelissima, pois é burilada pelo Sr Alfredo Pinheiro, o unico xylographo de merito que actualmente possui o paiz.

Já que fallamos no Sr. Alfredo Pinheiro seja-nos permittido dizer mais duas palavras:

Temos ouvido, por diversas vezes, opiniões injustas a respeito dos nossos xylographos, sem que, pelo menos, abram excepções.

Julga-se, em geral, que os defeitos do desenho e a má impressão das gravuras dependem exclusivamente dos xylographos, quando, na realidade nenhuma parte têm elles nessas duas questões tão differentes entre si.

Basta ter um pequeno conhecimento de gravura para se verificar de onde parte o erro. Pelo modo de conduzir o buril, isto é, de dar o tom, poder-se-ha fazer juizo justo do merito do gravador.

Por esse lado o Sr. Pinheiro satisfaz a todas as exigencias da arte; mas nos faltam desenhadores especiaes deste genero. E' ahi que se funda toda essa questão, e é tambem

por este motivo que, apesar de todos os esforços por nós empregados para darmos excellentes gravuras, ainda não conseguimos dal-as nitidas e perfeitas como as gravuras francezas e allemães.

No entanto, nos resta uma consolação: temos conseguido muito, relativamente ás nossas forças, e teremos persistencia para conseguir mais

\*  
\* \*

Na casa De Wilde acham-se expostos dez estudos de paizagem por Caron, discipulo de Hanoteau.

Os progressos alcançados pelo laborioso companheiro de Vasques são dignos de elogios, mas estamos convictos de que não é este o fim que Caron almeja alcançar. A sua poderosa força de vontade, o seu talento, o seu intimo amor pela arte nos deixam a esperanza de maiores progressos.

O que, por emquanto, mais nos agrada, é o colorido. As suas tintas são limpas, os tons são felizes, a harmonia do todo provoca boa impressão.

E, por isso, receba as nossas felicitações, porque aqui estaremos para saudar o futuro artista.

L.



## A entrada da rua Primeiro de Março

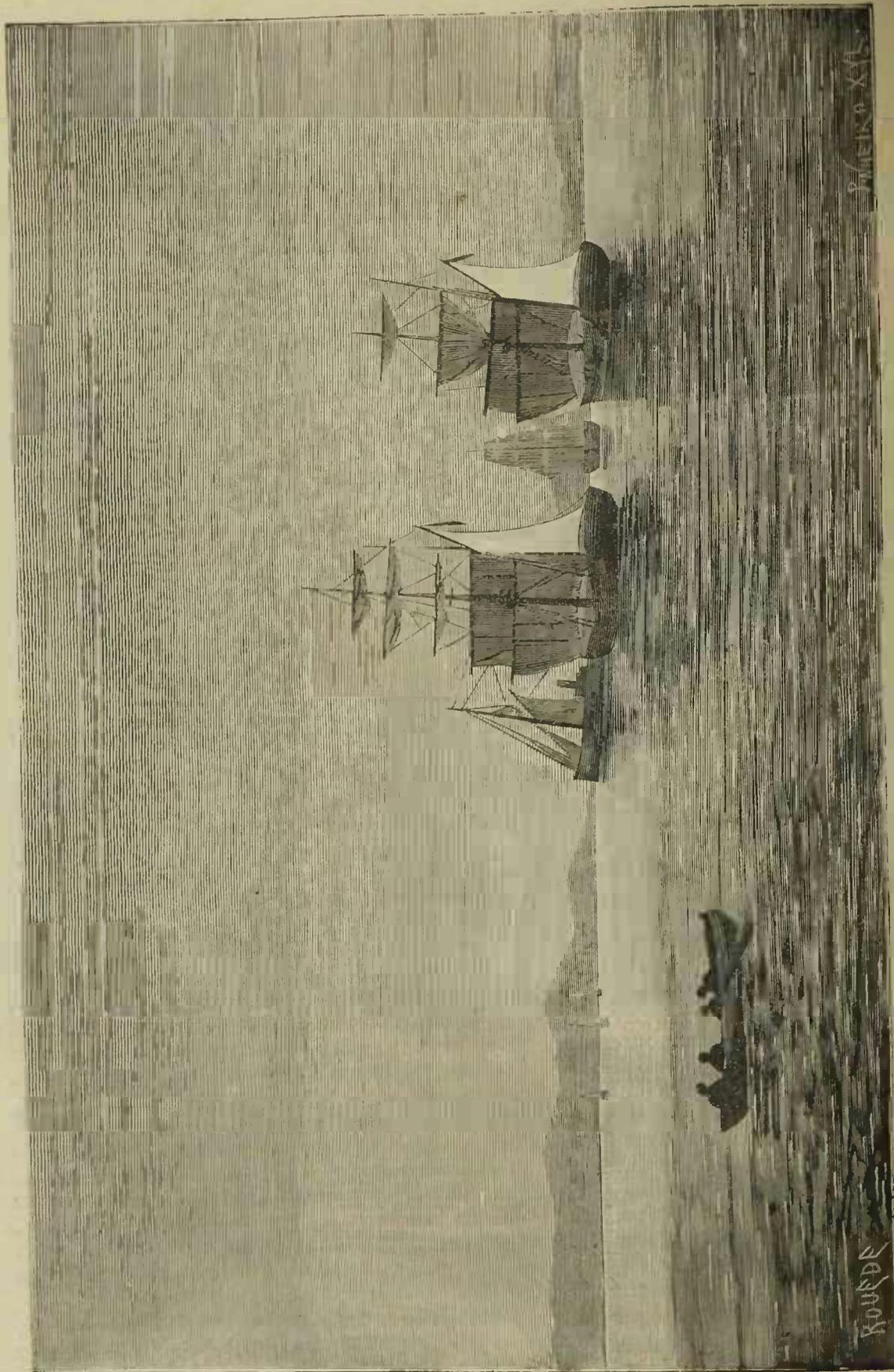
A vista desenhada pelo Sr. Martinet, que damos á pagina 73, representa a entrada da antiga rua Direita, hoje Primeiro de Março.

Como se sabe, principia ella na praça D. Pedro II, antigo largo do Paço, e termina junto ao morro de S. Bento, justamente onde começa a escadaria que dá accesso ao pateo do mosteiro.

Larga e bem alinhada no começo, bem depressa se torna estreita e tortuosa, offerecendo em razão desse cursivo varios pontos de vista, mais ou menos bellos, mas sempre de grande movimento. A parte que representa a gravura é uma das mais vistosas, tanto mais quanto á esquerda alteiam-se, logo á entrada, a Capella imperial e a igreja de Nossa Senhora do Monte do Carmo.

A Capella imperial externamente nada tem de notavel: é uma construcção acaçapada, sem gosto nem ornamentação; o interior, porém, é digno de ver-se, em razão da obra de esculptura, que é do estylo de Luiz XV e trabalhada a primor.

Junto á Capella imperial ha outra de menores dimensões, dedicada ao Senhor dos Passos que como a Imperial pertenceu conjunctamente ao convento do Carmo, do qual ainda



MARINHA. DESENHO DE E. ROUÉDE E GRAVURA DE A. PINHEIRO

se conserva a antiga portaria, que serve actualmente de entrada particular a ambas as capellas.

A igreja de Nossa Senhora do Monte do Carmo é uma bella e solida construcção, tendo todo o frontão trabalhado em cantaria do paiz, perfeitamente lavrada; as torres feitas posteriormente, são tambem emolduradas em cantaria, de fórmãs elegantes e curucheos airosos.

O portico é de pedra de lioz e de um esculpturamento academico; pena é que o

Em seguimento a este templo acha-se o *boulevard* Carceller, ensombrado por magnifico arvoredos; as linhas de bondes, de bitola estreita que servem a differentes bairros da cidade, ahi estacionam e entrecruzam-se.

Na rua Primeiro do Março começa a verdadeira rua do Ouvidor, pois o trecho que fica aquem, para o lado do mar, em nada se parece como o ponto de reunião da sociedade fluminense. A' esquerda ha ainda tres edificios notaveis: a igreja de Santa Cruz dos Militares, uma verdadeira joia da architectura a que se

póde dar o nome de brasileira; o edificio do Correio, vasto mas de effeito mesquinho, e o da Bolsa ou Praça do Commercio, que indubitavelmente é a mais importante das nossas modernas construcções. Com todos esses edificios nos occuparemos tambem mais tarde.

No fim da rua, desse mesmo lado, fica a entrada do Arsenal de Marinha, e quasi fronteiro, do opposto, está collocada uma das casas de machinas da Companhia *City Improvements*. Tambem quasi em frente ao edificio da Praça fica o do Banco Commercial, de recente construcção. A rua Primeiro de Março é a mais importante do Rio de Janeiro; ahi se acham estabelecidas casas de commercio do mais alto credito, bancos, companhias de seguro e de navegação. O valor locativo sobe ahi a preços extraordinarios; agora mesmo o Banco Internacional arrendou um terreno para construir o seu predio por 13:500\$ annuaes, devendo entregar o edificio sem indemnisação alguma no fim de 25 annos.

No leilão de um predio bastante velho, attingio o terreno ao preço de 10:000\$ o metro de frente; um sobrado de dous andares em bom estado, mas de antiga construcção, foi vendido por 230:000\$000. F. F.



ENTRADA DA RUA PRIMEIRO DE MARÇO

gradil, ultimamente levantado na frente do adro, occultasse tão bella obra.

A seu tempo daremos uma gravura deste igreja e para então reservamos o seu interessante historico e minuciosa descripção.

# FAUNA BRAZILEIRA

## IV

### O Tatú

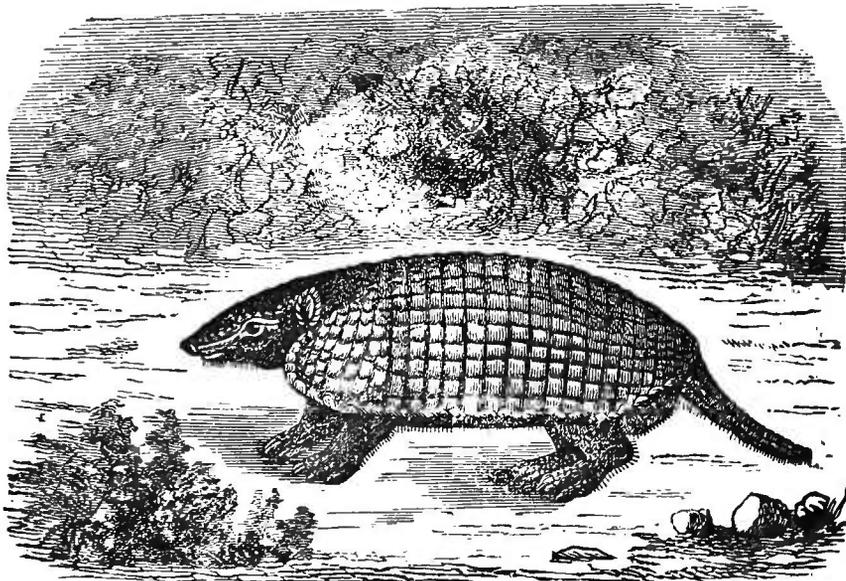
**U**ma das familias da ordem dos desdentados que póde ser dividida em muitos generos é a dos Tatús. Estes animaes, effectivamente, em lugar de serem revestidos de pello, trazem uma especie de couraça formada por um tecido osseo composto de escamas polygonaes. Estas escamas, além de dispostas em fiadas transversaes, formam uma placa sobre a fronte, um grande escudo sobre o dorso entre as espaduas, e cutro na anca. Entre estes dous escudos encontram-se cintas transversaes mais ou menos numerosas, segundo as especies, e moveis de fôrma a permittir ao animal a flexão do tronco. A cauda é tambem coberta de escamas na maior parte das especies, emquanto que em outras essas escamas se reduzem a uma especie de tuberculos. Quanto á fôrma geral, os Tatús assemelham-se entre si geralmente; têm todos o corpo volumoso e as pernas curtas, a testa pequena, o focinho prolongado e o alto do craneo abatido; os olhos são pequenos e collocados lateralmente; as orelhas em fôrma de corneta são pontudas, bastante compridas e moveis. Nos pés de traz têm sempre cinco dedos, e nos da frente quatro ou cinco, conforme a especie; todos os dedos são armados de unhas longas e aduncas, proprias para escavar a terra.

No ponto de vista do systema dentario, podem ser divididos em tres generos, dos quaes um, o *Dasypus* propriamente dito, tem incisivos e molares, e os dous outros molares sómente, e em pequeno numero, sete a nove de cada lado de cada mandibula, no genero *Tatusia*, de Cuvier, e em grande numero, vinte e quatro a vinte e cinco igualmente de cada lado de cada mandibula, no genero *Priodontes* do mesmo autor.

Deste ultimo genero não ha senão uma especie, é o maior animal actualmente vivo

da familia dos Tatús — o Tatú gigante, *Dasypus gigas* de Cuvier, *Priodontes giganteus* de Lesson.

A especie de Tatú, considerada como tendo ao mesmo tempo incisivos e molares, apesar da semelhança de todos esses dentes entre si, porque o primeiro dente superior de cada lado insere na intermaxillar, constitue por si só o genero *Dasypus* propriamente dito, genero chamado *Euphractus* por Wagler. E' o *Dasypus gilvipes* de Illiger (*Dasypus* de pés cinzentos) ou *Tatú-poyñ* de Azara.



O TATÚ

Entre nós é conhecido por *Tatú-pêba*; este nome indigena *pêba* parece provir das numerosas galerias que elle escava no solo, com grande rapidez, pois esta especie de Tatú, a que mais cava, tem sempre a seu dispôr um grande numero de caminhos subterraneos. Buffon o descreve sob o nome de *Encoubert*, nome este derivado da palavra portugueza *Encoberto*.

Desmarest conservou o nome dado por Buffon, chamando-o *Dasypus Encoubert*.

Para Linneo é o *Dasypus sexcinctus* ou *Dasypus octocinctus*, *octocinctus* em consequencia de um erro de apreciação a respeito das cintas moveis.

O *Tatú-pêba* tem em todos os membros cinco dedos armados de unhas fortes, levemente curvas, alongadas, de dous centimetros

de comprimento, chatas em baixo e proprias para cavar a terra. Tem a testa larga e abatida; comprimento 12 centímetros sobre oito de largura. Pernas curtas. Os pés, a cabeça e a cauda são couraçados. O comprimento desde a ponta do focinho até a origem da cauda é de 52 centímetros, e o da cauda 22.

Esta especie é muito commum na provincia de Minas Geraes e em todo o valle de S. Francisco; no entanto, não é a mais espalhada nesta região.

A sua nutrição consiste em fructas, raizes tuberculosas e insectos; a carne é pouco estimada e muito inferior á do *Tatú-eté*. Corre pouco, mas em compensação cava com extrema rapidez; uma vez entrado na toca, difficilmente é agarrado, pois como já dissemos, tem á sua disposição grande numero de galerias subterraneas.

As outras especies compõem o genero *Tatusia* de Cuvier, e são caracterisadas pela ausencia dos incisivos, ou para melhor, nenhum de seus dentes se insere no intermaxillar, pois na realidade o *Tatú-peba* não possui verdadeiros dentes incisivos.

E' entre os *Tatusias* de Cuvier que se colloca o Tatú mais commum e mais derramado pelo Brazil, designado na lingua indigena sob o nome de *Tatu-eté* (Tatú verdadeiro), nome este pela qual é geralmente conhecida entre nós essa especie.

No *Tatú-eté*, quando o desenvolvimento do animal é completo, as cintas moveis são constantes e não variaveis, como suppõem alguns naturalistas; o numero fixo é de nove, e a cinta posterior, muito serrada no centro contra o escudo da anca, não é perfeitamente livre nesta parte, de sorte que só ha oito cintas que o são.

Considerado por esta fórma, não é de todo sem razão o nome de *Dasytus octocinctus* dado a esta especie por Linneo. O principe Maximiliano de Neuwied deu-lhe o nome de Tatú de longa cauda, *Dasytus longicaudatus*, por talvez confundido com o Tatú-mirim. Essa cauda tem cerca de 32 centímetros de comprimento, ao passo que a couraça mede apenas 40 e a da cabeça 11, o que dá 51 centímetros de comprimento desde o focinho até a origem da cauda.

A cabeça do *Tatú eté* é alongada, e mais pequena que a das outras especies, comparativamente ao volume do corpo. Placas arredondadas o recobrem até a extremidade do focinho. Os pés são couraçados em cima; os membros anteriores, por fóra, trazem cintas moveis de 10 centímetros de comprimento; os posteriores mostram os traços da couraça na extensão de 15 centímetros. A pelle do interior dos membros é nua e esbranquiçada.

Esta especie é não sómente a mais commum, mas também a mais derramada. E' uma das mais estimadas pelo sabor agradável da carne, tão clara e delicada como a do frango. A sua nutrição consiste em raizes e insectos. Nas plantações atacam de preferencia a batata, o aipim e a mandioca; também sugam a canna, bem como roem os cereaes doces.

Esta especie é muito abundante em Campos e no valle do Alto de S. Francisco; fura também o chão, mas não com a presteza do *Tatú-peba*. Uma vez mettido na toca ninguem consegue arrancar-o segurando pela cauda.

O *Tatú-mirim*, também conhecido por *Tatú das folhas*, por viver nos bosques entre folhas seccas sem cavar a terra, foi primeiramente assignalado pelo Dr. Lund, como distincto do precedente; é muito commum na provincia de Minas-Geraes. Tem quasi metade da corpulencia do *Tatú-peba*, e se distingue deste pelo focinho muito alongado, cuja couraça fórma para diante uma abobada bastante saliente. Tem 10 cintas moveis, cuja ultima é quasi fixa contra a anca. A côr é plumbea-carregada; de resto, parece-se muito com o *Tatú-eté*. Como este tem oito molares em cada mandibula de cada lado, mas o ultimo é quasi rudimentar. Quando este animal procura alimento no meio das folhas, faz muita bulha, denunciando assim a sua presença.

Outra especie habita as provincias do Rio de Janeiro e de Minas-Geraes: é do *Tatú-ay* de Azara, conhecida entre nós pelo nome de *Tatú de rabo molle*. E' levemente bombeado, de uma côr plumbea-carregada. O comprimento total, desde a origem da cauda até o focinho, é de 50 centímetros, e a cauda attinge 20 centímetros. As orelhas são grandes e redondas. Tem oito dentes de cada lado em cima e sete em baixo. Todos os pés têm cinco dedos e as mamas são peitoraes. As cintas são em numero de 12, formando placas rectangulares.

Ha ainda outra especie conhecida entre nós por *Tatú-bola*, em razão de, mergulhando a cabeça na couraça, rolar exactamente como uma bola. E' commum no valle de S. Francisco, no Rio Grande do Norte e Piauhy. De todos os naturalistas que della se têm occupado, nenhum a descreve melhor que Marcgraaf.

Do *Tatú-veludo* de Azara só se encontram alguns exemplares nos confins da provincia do Rio Grande do Sul, limitrophes com a Banda Oriental.

F. F.





no *Sacré-Cœur*, fallava regularmente o francez, o inglez e o italiano, desenhava e aquarellava com notavel *shic*, conhecia a musica, cantava e adorava Gauthier.

Casára com o barão para não contrariar a vontade paterna, porém a sua verdadeira paixão fôra um pintor francez, que viera para o Rio da Prata no mesmo paquete em que ella voltára ás plagas nataes, depois de concluida a sua educação.

Nos salões fluminenses commentava-se muito a sua belleza, as suas maneiras, e um ou outro malevolo arriscava a seu respeito certas desconfianças subtilmente disfarçadas. No entanto o seu procedimento irreprehensivel, a sua extraordinaria inexpugnabilidade á guerra atroz e constante de adoradores, irritavam, seriamente, a maledicencia da sociedade inutil. E, em quanto aos seus ouvidos arrebetavam, como bolhas de sabão, as frivolidades coloridas do Hector Ribeiro, um addido de legação e conquistador official do *high-life*, os seus ternos olhos azues, doces e

hamava-se Eugenia; era, alta e loura; tinha a pelle eburnea, os olhos azues.

Teve uma educação esmerada

scismadores, pousavam n'um extase mudo, contemplativo, unctuosamente devoto, na feição infantil e pura de Jorge, um dos filhos de uma amiga sua, a D. Leocadia.

A conversa serenava. E, como alheia de tudo que a cercava, esquecida de tudo quanto ouvia, dizia devagar, com deliciosa flebilidade de voz, comparavel ao lento rolar de uma perola sobre um manto de velludo azul:

— Como é adoravel aquella cabeça!...

Nem isto acalmava o escandescente ciume do barão. Elle era um homem positivo, creado em outro *meio*, sujeito a outra ordem de idéas. Não comprehendia a esposa, achava-lhe o quer que fosse de suspeito. Percebia através da sua glacial indiferença, dos seus caprichosos gostos, um amor adultero, crescendo, crescendo, aos poucos, estendendo os filamentos da raiz para dentro daquelle coração que lhe parecia insensivel, avassallando-o, polveando-o, sugando, intermitente, toda a sua seiva, todo o seu vigor.

Apparecia-lhe, nestas occasiões, uma angustia refinada. A consciencia doia-lhe, e fazia-o tombar n'um narcotismo estúpido, procurando descarnar esse imaginario segredo da esposa.

Passava revista aos amigos que frequentavam a sua casa, calculava-lhes a ousadia, apalpava-lhes o character, a um por um, procurando estudar-os bem, crente no resultado da analyse. Mas, apenas um ou outro traço de duvida, rápido, tibio, incerto, passava diante de seus olhos, e esta suspeita inquina penetrava-lhe o coração inflamado como uma lamina fria e aguda. E' que ainda o seu character não estava puido pela sociedade. No fundo, nos recessos do seu sêr, na massa do seu sangue, conservava toda a burguezia pacata e ingenua em que fôra criado; unicamente a pretensão e a vaidade obrigaram-n'o a entrar no grande mundo, trazendo ao peito um *crachat*.

Mas os ciumes mitigavam-se diante da formosura da mulher. Aquella delicada belleza loura, elegantemente vestida, fazia-lhe na alma o effeito de uma aurora deslumbrante em alto mar. Inundava-o de luz. E, quasi criança, sentia-se arrependido das duvidas levantadas contra a sua virtude; tinha impetos de cair-lhe aos pés, os olhos rasos de lagrimas, as mãos postas, os labios misturando as supplicas de perdão com o ardor dos beijos.

Um dia porejou-lhe na alma o fastio da sociedade em que vivia. A burguezia suppura-va através da sua vaidade. Veio-lhe então o desejo de fugir daquelle *meio* em que sentia-se vacillante, de procurar o remanso do campo, perto do mysterioso silencio das florestas, onde poderia gozar o seu amor, por uma fórma nova, até então desconhecida para ambos.

Fallou á mulher nesses desejos, e ella, promptamente, annuo a elles.

Escolheram o lugar. Friburgo, Theresopolis, qualquer povoado em Minas... Não; antes Theresopolis.

Devia ser Theresopolis, concordou a mulher, mostrando-se muito satisfeita. Estava contente e queixou-se, tambem, do enojo que ia tendo pela sociedade :

— Quasi não se vivia... Era preciso estar sempre a illudir. Afinal, isto não era vida! Era um supplicio. A gente definha-se.

O temperamento nervoso da baroneza cedia facilmente á expectativa do marido. Estava cansada daquella existencia da côrte, uma côrte pretenciosa, tristemente burgueza; tinha avidez de novas impressões, desejava outro *meio*, outra atmospheria, outra luz.

O barão ia fallando, lentamente, nos preparativos da viagem...

Emquanto ella, recostada ao espaldar da cadeira, immovel, o olhar fixo na ponta do sapatinho de setim rosa que surgia por baixo da fimbria do *peignoir* de batista, a cabeça curvada, apoiada á mão; o braço nú, branco, liso, torneado e macio, fincado ao descanso do *fauteil*, architectava, mentalmente, mouriscos castellos, caprichosos rendilhados de ouro e azul, perola e lilaz, sobre um fundo transparente, neviro-sado, ethereo, ideal.

Estavam na sala de jantar. O ar entrava livremente pelas tres janellas abertas para o jardim. A' força do sol as arvores pendiam, enervadas, a ramaria verde. Uma parede

branca, erguida por traz de duas palmeiras, fazia doer a vista :

— Então... dito e feito !

Exclamou o barão.

Eugenia não respondeu logo. Levantou os olhos para elle, fíctou-o, e, como se lhe custasse a desapertar os labios, murmurou vagamente :

— Sim.

## II

Algun tempo depois Eugenia mostrou-se entediada.

— Isto aniquila ! Parece um exilio. Os hotéis vazios, pouca gente, nenhum divertimento. Nada, absolutamente nada.

Relampejou no espirito do marido uma suspeita. Ella começava a sentir saudades de alguém; a sua exclusiva e intima companhia enojava. Dissimulou a desconfiança. Pinchou-se, á espreita, prompto para saltar sobre o crime, aferrar-lhe as garras, fundo, bem fundo, na primeira occasião em que ella, desprevenida, deixasse de occultal-o.

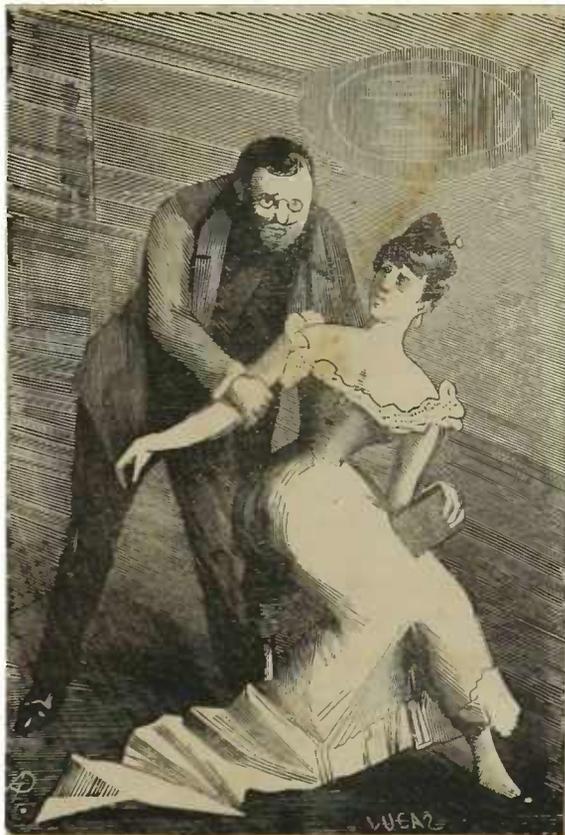
E os dias desfaziavam-se, um após outro, n'uma successão lenta e fastidiosa

A's vezes, á tardinha, demoravam mais o passeio costumario. Iam longe, perdiam de vista as casas da estrada, embrenhavam-se pelos atalhos.

Estes dous entes tão

diferentes, por educação e por temperamento, tinham, então, as mesmas impressões : o isolamento, a mudez feliz dos vegetaes, a melancolia da hora, actuavam em ambos de uma maneira quasi identica. Sentiam-se sós e desunidos.

Intimamente, entre ambos, nenhuma relação existia; nenhuma sympathia de idéas, nenhuma igualdade de aspirações os confundiam. Mas ahi, nesse retiro, sem se comprehenderem, longamente afastados um do outro pela differença dos caracteres, partilhavam juntos do mesmo fastio.



REPARE QUE ESTAMOS EM UM HOTEL

Quando voltavam, o marido offercia-lhe a mão, e vinham lado a lado, os dedos entrelaçados, porém silenciosos.

As horas adiantavam-se. O céu empallidecia mais; uma tinta côr de café com leite, muito fraca, alastrava-se sobre elle, vindo dos horisontes para o centro. O relevo das moutas confundia-se em manchas escuras; no solo, n'um ignorado e insignificante labyrintho, que o pé do lenhador reduz a estilhaços, grilos angustiados trinavam sem cessar; na rama do arvoredor, um ou outro alado entesinho retardado, entrava, rapidamente, sem embaraçar-se nos galhos, sem despertar a quietude das folhas... e, ao entrar, uma alegria depilosespiritualisava a folhagem.

Por diversas vezes, nesses momentos, o barão procurou apanhar a supposta causa do aborrecimento em que ella resvalava; mas possuía uma perspicacia vulgar, não sabia escolher armas nem pôr em acção a estratégia do espirito. Arrotava tolices. A's vézes Eugenia sorria ás investidas do esposo. Adivinhava-lhe o intento.

Em uma manhã, depois do almoço, o barão encorajou-se, dispoz-se a sustentar uma luta séria e triumphante.

Estavam ambos no salão de visitas, do hotel. Eugenia relia um livro de Gauthier, e elle refestelou-se sobre o sofá.

Logo de manhã fizera-se aborrecido, quasi não fallára e conseguiu comer pouco:

— Estou com vontade de convidar a um dos meus amigos para me fazer companhia. Já me vou aborrecendo. Disse.

A mulher flectiu-o com serenidade, e depois, com um ligeiro movimento de labios, fez um gesto de indiferença.

— Talvez prefiras voltar à côrte?

— Eu?... Não.

— Na verdade, é difficil encontrar aqui um companheiro. Esta gente é tão insipida! Calaram-se.

Eugenia folheava o livro, lentamente, demorando a vista sobre algumas paginas. O barão erguera-se; enfiou as mãos nos bolsos da calça, fez passadas pelo salão, com o charuto apertado ao canto da bocca. Esteve, por instantes, defronte do espelho oval, que pendia da parede por cima de um velho sofá de estofado de *reps grenat*, a reparar a barba, mirando a roupa de linho branco, o peito lustroso da camisa com botões de ouro, o laço da gravata de panuo claro...

De repente voltou-se:

— Queres enviar um convite a D. Leocadia?

Eugenia acudio alegremente:

— Sim. Sim. Que alegria! E que o Jorge tambem venha. Sim? Que alegria!

O marido não se pôde conter. Explosão de contentamento. Estendeu-lhe os braços:

— Ah! Eugenia! E eu que estava a pensar mal de ti!

La tomar-lhe a cabeça entre os braços, babujar-lhe o rosto de beijos; porém ella o deteve, rubrasinha, os olhos humidos, e com calma murmurou, reprehensivelmente:

— Repare que estamos em um hotel.

L. GONZAGA DUQUE-ESTRADA.



## TIPOS E COSTUMES

### Uma familia que vai á missa



leitor que nunca sahio da côrte não faz, nem sequer, pallida idéa do que vale a vida do interior.

Alli onde a locomotiva ainda não troou os ares, nem as empresas fabris reuniram nucleos; alli onde o fio telegraphico seria um assombro e a moda um eterno ridiculo, pensa-se, dorme-se, anda-se, veste-se, vive-se de modo mui diverso do nosso.

E para a prova contarei o seguinte:

Um amigo meu, tendo recebido delicado agasalho em uma fazenda, das mais internadas em provincia vizinha do Rio de Janeiro, pensou, ao voltar para o lugar, em levar um presente á filha do dono da casa.

— Que seria?

— Um leque.

— Um chapéo.

— Um vidro de perfume...

Afinal opinou por um vestido de seda; porém um vestido X P T O.

Escreveu para a provincia pedindo ao pai da moça que lhe mandasse a medida do corpo da filha. Depois do vestido confeccionado comprou uma anquinha pouco volumosa, para não parecer ridicula, e levou o presente, seguro do effeito.

Dias depois, por occasião de uma festa, a sinhásinha teve ensejo de estrear o vestido, pois iam assistir o sermão na matriz.

Ai! Santo Deus!

Nem imaginam os leitores qual fosse a interpretação que essa morena sinhá deu á anquinha. Não imaginam.

Pois eu lhes digó. Julgou que fosse um chapéo e appareceu com ella na cabeça!

Vêm os leitores que lá pelas terras do feijão preto as modas são menos conhecidas que os presuntos. Mas, vamos ao caso.

Uma das cousas mais engraçadas de ver-se é a maneira pela qual se dirigem para a igreja, nos dias de missa.

Ao sabbado, o dono da casa (fallamos da gente que não tem criados) avisa a familia—

# A UBA

Por ocasião da Exposição Antropológica do Museu Nacional, os visitantes puderam examinar á vontade uma *uba* (canoa) carregada e manobrada por um indio, conforme representa a nossa gravura.

A *uba* é uma canoa feita da casca de varios *jutahys* (*Hymenaea*) cortadas longitudinalmente nos troncos, e depois mantidas abertas por travéssas roliças, amarrando-se as extre-

Além dos *jequiás* de taquara para a pesca, de varios formatos, transporta elle um enorme *pirarucú* e um cacho de bananas.

O *pirarucú* é o bacalháo do Amazonas; o seu commercio é alli avultadissimo, pois vende-se secco como alimentação mais procurada pelas classes pobres. Affirmam algumas pessoas que o provaram, preparado pelos indigenas, ser excellente; outros, porém, asseveram o contrario. Quer nos parecer que



UBÁ

midades (pôpa e prôa) com cipó, formando uma especie de trançado que lhe dá fortissima resistencia.

São rasas, leves e impermeaveis, vogam com extrema rapidez e mantêm-se bem equilibradas até nos saltos mais perigosos. Os selvagens ribeirinhos do valle do Amazonas dão-lhes preferencia.

A gravura, que representa o exemplar exposto no Museu, está carregada e em viagem, o indio impulsiona-lhe o movimento e a dirige com a maior vigilancia, pois está a ponto de vencer perigosa passagem.

o peixe não seria máo se fosse mais bem preparado e sobretudo bem salgado. Seria talvez genero de exportação se assim fosse tratado; mas n'ò Amazonas, como por todo o Brazil, os processos de salgação são muito empiricos; a prova está na carne secca do Rio Grande do Sul, que não pôde competir com a do Rio da Prata.

Os indios ribeirinhos são em geral bons navegadores; em qualquer *casquinha de noz* percorrem leguas e leguas de rios bastantes volumosos e profundos. O eminente romanista Julio Verne não se deu ao trabalho de

estudar bem os varios systemas da nossa navegação indigena, por isso ao seu romance a *Jangada* falta a feição característica, e principalmente o variado do descriptivo, que aliás é a parte mais bella de seus romances do novo mundo e das regiões asiaticas e australianas.

A vida indigena não está ainda bem estudada, do ponto de vista industrial; a descripção dos instrumentos de trabalho ou passatempo são mal descriptos pelos antigos chronistas; os de guerra são um tanto melhores, mas ainda assim deixam muito a desejar. E uma das causas de semalhante falta é a gravura, que nos seculos XVI a XVIII era mal explorada em Portugal; as obras illustradas sobre o Brazil daquelle periodo são na maior parte estrangeiras.

Modernamente pouco mais temos adiantado, apesar do auxilio da photographia; os nossos colleccionadores descaram muito essa parte da nossa ethnographia. Muito é para

lastimar-se que nem sequer a Academia de Bellas-Artes tenha uma collecção de taes desenhos, como aliás muito seria proveitoso ao ensino e mórmente ao nacionalismo da arte.

Posto não seja ainda tão nitido quanto desejamos o desenho desta embarcação, comtudo o exemplar da *ubi* que acompanha este artigo dá bem idéa desse producto da industria dos indigenas amazonenses. Não ha arte, é tudo primitivo, mas ainda assim observa-se certa elegancia no talhe da piroga, é *quebrada* com destreza, formando angulos obtusos suaves, e posta a nado apresenta uma fórma que exprime bem o sentimento do bello, do architecto naval das florestas, que só com o auxilio da natureza forneceu ao homem tão seguro meio de locomoção maritima.

F. F.



## BIBLIOGRAPHIA

Offereceu-nos o Sr. Dr. Rozendo Moniz um exemplar do estudo biographico-critico que escreveu a respeito de seu illustre pai, Moniz Barreto—o repentista; e que acaba de ser editado pelo Sr. B. L. Garnier, a quem se deve tantas e tão boas edições de obras nacionaes.

O livro do Sr. Dr. Rozendo Moniz é o que se pôde chamar um bom trabalho; estudo consciencioso, investigação profunda e critica sincera. Outros mais exigentes notariam talvez excesso de entusiasmo, e extrema benevolencia, mas tudo isso não pôde deixar de ser desculpavel em um critico desde que tem de occupar-se de seu proprio pai, tambem como elle escriptor e poeta. Está acima da contingencia humana o furtarmo-nos a taes ditames do coração, e não seriamos nós por certo quem applaudiria o filho que tivesse bastante dureza de animo para escapar a tão natural quão irresistivel influencia.

Ainda assim o Sr. Dr. Rozendo Moniz não se esqueceu de que é tambem philosopho, e nem tudo achou só para applaudir e exaltar; mais de uma vez aponta eclipses desse bello astro poetico que por tanto tempo brilhou no céu de sua querida provincia da Bahia.

Moniz Barreto foi um genio poetico, não ha duvidal-o. Estude-se o *meio* em que

viveu, avalie-se o seu gráo de instrucção logo em começo interrompida pelo dever sagrado de combater pela independencia da patria, acompanhe-se par e passo a vida trabalhosa e quiçá mesmo intercalada de profundos desgostos, e se reconhecerá, com inteira justiça, o valor real do grande repentista.

Não foi creador de uma escola, mas o seguidor da de Bocage e emulo do mestre. Como o poeta sadino. Moniz Barreto possuia em alto gráo o dom do improviso, e nas composições meditadas era tambem poeta notavel que muito honrou a lingua portugueza. Suas numerosas producções são dignas de ser colleccionadas para serem legadas á posteridade como documento irrecusavel do brilhantismo da poesia brasileira no largo periodo que abrange a longa vida do laureado vate bahiano.

O Sr. Dr. Rozendo Moniz, sobre o levantar um bello monumento á gloriosa memoria paterna, enriqueceu a nossa bibliographia com uma obra de incontestavel merecimento e valia.

F. F.

## SORRISO ETERNO



ênê arde de febre.

Andam todos nas pontas dos pés, tristemente, enxugando o canto dos olhos.

Os labios murmuram orações.

O ninho de Nêê, onde todas as manhãs o sol é saudado com o aroma dos sorrisos e a musica da sua vozinha, transformou-se em leito de hospital. Esquecem-se de mudar-lhe os lençóis; algumas gottas de medicamento mancharam a sua almofada de paina e seda, e, a seu lado, n'uma pequena mesa de cabeceira, enfileiraram uma bateria de armas contra a morte—as tisanas.



E nas laranjeiras do pomar chilream os canarios da terra.



Os seus cabellos são louros, louros da côr ouro-baço, ondulantes e fartos como os cabellos de uma fada; seus olhos têm um pouco do céu e um pouco do mar, mas, neste momento, têm mais as ardentias do mar em dia de verão do que da tranquillidade do céu em manhãs de Maio; seus labios, vermelhos como os bagos da romã, foram crestados pela febre, e entreabertos deixam luzir docemente umas contas de neve. A côr da sua pelle, a linha do seu rosto fazem lembrar as virgens das balladas allemãs, e os seus dedos de santinha pousam sobre o peito que a doença faz arfar

Emquanto Nêê definha-se, os canarios da terra chilream nas laranjeiras do pomar.



Entrou o medico.

Andam todos nas pontas dos pés.

A esperança adeja pelos cantos da casa. E' uma ave invisivel, mas todos a presentem.

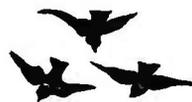
Dir-se-hia que o sol brilhou mais puro, que o céu tornou-se mais azul, a aragem soprou mais leve.

Oh! Deos! Os dias hão de ser menos pesados.

A doença cede. Nêê reanima-se.

Que illusão !...

Mas Nêê ha de erguer-se em breve. O bando de canarios da terra chilream nas laranjeiras do pomar.



— Filhinha, minha filhinha, reanima-te ! Que não dava eu para te ver sã ! Deos que me peça pela tua vida minha vida... Diz a mamãi.

E a avósinha, toda tremula, murmura ao canto, passando entre os dedos as contas do rosario :

— Virgem Santissima, ó misericordiosa ! Levai-me em lugar do anjo, levai-me. E meus cabellos brancos serão, para gloria vossa, tão louros como os della ; e meus labios resequidos, que só sabem orar, saberão sorrir. Levai-me por ella, ó doce, ó piedosa mãe dos afflictos !...



Jesus !

Todos tremeram. Passou pelo quarto de Nêê um máo agouro. O ar está tão frio ! O dia tão melancolico !

Mas, lá fóra, o céu é azul, e o sol aquece.

Nêê sorrio.

Não foi nada.

Ergueram-se todos. Nêê continúa a sorrir.

— Vejam, vejam. Nêê vai melhor. Diz a mamãi.

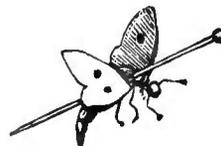
Mas Nêê continúa a sorrir, sempre a sorrir, e o seu sorriso é eterno.

— Acudam. Nêê está morta... Acudam.

A avósinha continúa a rezar no canto do quarto.

E os canarios da terra chilream nas laranjeiras do pomar.

SYLVINIO JUNIOR.



## PALESTRAS HISTORICAS

### A primeira exploração á costa do Brazil

#### III

(Continuação)

D. Manoel, apesar de todos os seus pensamentos e cuidados estarem imersos na recente descoberta da India, não descurou a noticia da nova terra que Cabral descobrira e tomára posse. Uma armada composta de tres navios foi equipada para percorrer e demarcar a sua extensão, reconhecer melhor quaes os seus recursos, e se porventura existiam nella povos mais adiantados dos que aquelles que André Gonçalves observára na sua ligeira exploração e conduzira para mostrar em Lisboa.

Sobre a identidade do chefe que commandava esta pequena esquadra, de que Americo Vesputio fez parte, como nos transmittio, são as opiniões desencontradas. Asseveram alguns que este commandante fôra o mesmo Vesputio, e assim é considerado pela maioria dos escriptores estrangeiros, e por alguns portuguezes que escreveram no XVI e XVII seculo, sem duvida guiados pelas suas famosas cartas publicadas pela imprensa em seguida ás suas explorações, o documento mais antigo referente á historia da exploração nesta parte da America.



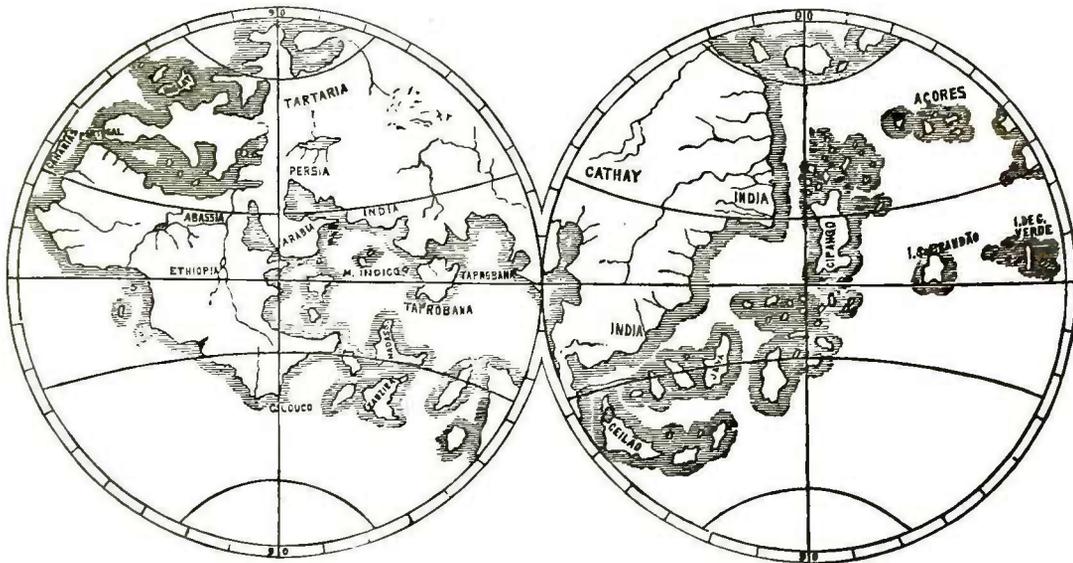
AMERICO VESPUTIO

Esta affirmativa não tem razão de ser, pois é destruida pela propria carta de Vesputio, deprehendendo-se de toda a sua narrativa que outro era o encarregado do commando em chefe, sem comtudo lhe declinar o nome.

A má interpretação de suas cartas e sobretudo a falta de documentos, destruidos ou guardados com todo o recato para que ninguem os podesse manusear, concorreu para que a Vesputio fosse dada a chefia desta primeira exploração. Documentos ccevos, posteriormente encontrados por eruditos em afanosas investigações, têm emfim, ainda que não bem claramente, dado muita luz em tal assumpto, pela qual fica bem evidenciado que Americo Vesputio não veio em nenhuma exloração ao Bra-

zil como chefe supremo no commando, mas que effectivamente percorreu a sua costa, e lhe cabe o melhor quinhão na gloria de seus primeiros exploradores.

O visconde de Santarem, e antes delle outros escriptores, são de opinião que ao celebre florentino não cabe a gloria de haver feito viagem alguma



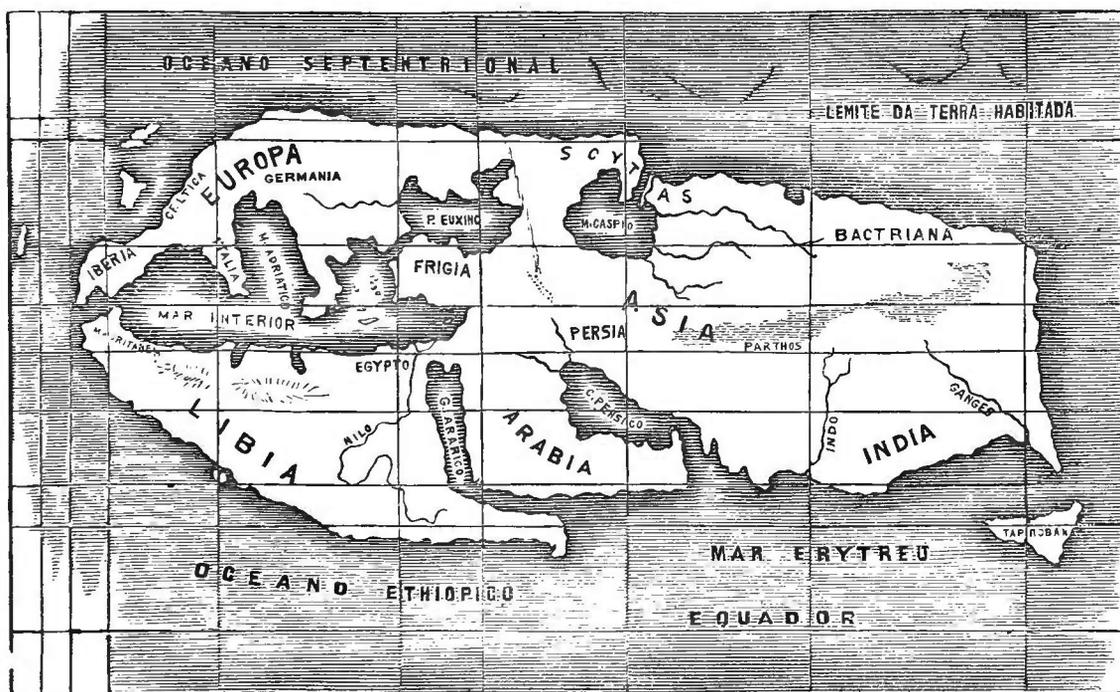
GLOBO DE MARTIM BEHAIM

à terra de Santa Cruz ; que as cartas delle referentes á sua exploração nesta parte da America, não são mais que um parto inventivo delle, proveniente de informações que lhe foram prestadas, e que elle chamára a si essa gloria, movido por amor proprio, muito principalmente pela fama que lhe adviria, fazendo conhecido um novo mundo na sua patria, no resto da Europa, onde não chegavam noticias detalhadas de semelhantes descobrimentos, pelo empenho que os portuguezes e hespanhoes faziam em não querer que taes noticias passassem as fronteiras da peninsula iberica.

Os autores de tão desfavoravel juizo sobre Vespuccio encontraram, porém, um valente adversario no autor da *Historia do Brazil*, o finado visconde de Porto Seguro, que em diversos escriptos pretende provar que, embora o visconde de Santarem não podesse encontrar nos archivos portuguezes e estrangeiros documento algum que confirmasse haver

dizem que o commandante em chefe foi Gonçalo Coelho, entretanto que dão como portador da nova descoberta Gaspar de Lemos, em lugar de André Gonçalves, portador que por justas razões devêra ser o nomeado, pelo conhecimento que adquirira da terra, fosse elle André Gonçalves ou Gaspar de Lemos<sup>9</sup>.

Gonçalo Coelho é certo que era um marinheiro experimentado, mas que não estava nos casos de preterir André Gonçalves ou Gaspar de Lemos, que infallivelmente não lhe eram somenos em conhecimentos nauticos, e como elle acostumados aos tufões do Atlantico, além do que não seria de bom grado que se sujeitasse a servir debaixo de suas ordens, considerando-se em igualdade de merito. Dizemos não se sujeitar, porque é evidente que André Gonçalves fazia parte da expedição, conduzindo-a ao noroeste da costa brasileira, lugar sem duvida explorado no retrocesso que fez para Lisboa.



MUNDO DE STRABÃO

estado em Portugal o mesmo Americo e ser encarregado de fazer as explorações no Brazil, já como commandante-chefe, já como cosmographo, effectivamente Vespuccio fez parte da primeira exploração, não commandando toda a frota, nem simplesmente chefe de um dos tres navios, mas encarregado da parte scientifica, bem como acompanhou a segunda expedição commandando um navio, que pelo littoral do Brazil procurava uma passagem por onde podesse penetrar nas ilhas das especiarias e em Malaca, como então se afigurava facil semelhante empreza.

Americo Vespuccio não foi, pois, o commandante em chefe desta primeira exploração, ainda que nella se achasse e nos transmitisse o que della sabemos.

A maioria dos escriptores portuguezes e brasileiros, fundados em Damião de Góes, que escreveu sessenta annos depois do descobrimento do Brazil,

O visconde de Porto Seguro presume que o commandante desta primeira expedição foi D. Nuno

<sup>9</sup> Os autores que dão Gaspar de Lemos como o portador da noticia do descobrimento, não mencionam sequer André Gonçalves como fazendo parte dos companheiros de Cabral. Gaspar Corrêa, nas *Lendas da India*, e com elle o autor das *Armadas Portuguezas*, publicado pelo Dr. Mello Moraes no *Brazil Historico* (que nos parece copia do codice 10,023, existente na Bibliotheca Real de Paris, descripto pelo visconde de Santarem), dizem que um dos capitães de Cabral foi André Gonçalves, o mesmo que Gaspar Corrêa dá como enviado a Lisboa com a noticia do descobrimento. Gaspar de Lemos, o mesmo Corrêa o dá naufragado na altura do cabo da Boa Esperança, sendo o seu navio um dos quatro que o terrivel cyclone submergiu á vista da esquadra, com toda a gente que os tripolava.

O que é certo é que embora Gaspar de Lemos não fosse um dos naufragos, não figura dessa data em diante em nenhuma das expedições da India, nem é mencionado nas relações dos feitos maritimos, na Africa ou Brazil.

Manoel, grande valido do successor de D. João II, que com elle se criára quando ainda não sonhava subir ao throno.

Semelhante supposiçãp parece-nos não ser admissível, porquanto D. Nuno Manoel, além de nada entender da nautica, era um alto empregado da côrte, com valiosos proventos e um dos fidalgos que o rei considerava como seu colago; tinha numerosa familia, filhos que educar, além do que de semelhante empreza não lhe podia advir grande gloria, visto as informações de Pero Vaz da Cunha, e, muito melhor ainda, as que levou André Gonçalves, nada serem lisonjeiras, nada terem de attrahentes <sup>10</sup>

Não parece provavel ser D. Nuno o commandante, porque mezes antes de partir a expedição havia fallecido em Hespanha seu irmão primogenito, D. João

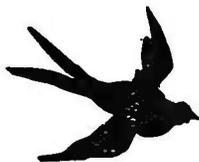
<sup>10</sup> D. Antonio Caetano de Souza, na *Historia Genealogica da Casa Real Portugueza*, que tanto se estendeu na vida de D. Nuno Manoel, nada diz sobre qualquer viagem que o mesmo D. Nuno fizesse ao Brazil. O autor das *Razões* para o tratado de 1681 entre Hespanha e Portugal, historiando as primeiras explorações ao Brazil, apenas se refere ás viagens de Vespuccio. Parece que os documentos naquella época já escasseavam como hoje, ou estavam aferrolhados, que ninguem os podia lobrigar.

Manoel, camareiro-môr e grande privado do monarcha, que o havia enviado á côrte de Fernando e Isabel para contractar o seu segundo casamento com a princeza D. Maria, filha dos reis catholicos.

Ora, D. Manoel, com o pezar ainda tão recente da perda de D. João, é mais que provavel não se lembrasse de mandar D. Nuno a uma expedição arriscada, a uma terra desconhecida, aonde lhe podia acontecer o mesmo que um anno depois aconteceu a Gaspar Corte Real, perdido nas inhospitas regiões do noroeste das novas terras descobertas por Colombo.

Mais ainda: como se sabe, a primeira expedição para explorar o Brazil sahio do Tejo em 10 de Maio de 1501 e recolheu-se em 7 de Setembro de 1502. Ora, em Outubro seguinte do mesmo anno de 1502 D. Nuno Manoel, segundo Damião de Góes, acompanhou o monarcha portuguez á romaria de S. Thiago de Compostela como seu almotacé-môr. Não é crível que sendo D. Nuno o commandante da expedição, antes de um mez, em que o tempo era pouco para descansar das fadigas da viagem, fosse em excursão com D. Manoel á Galiza, quando o tempo lhe era escasso para o repouso.

(Continua.)



## Reisebilder

Da Côrte ao Macuco

Partimos.

Eramos um grupo alegre e ruidoso de estudantes em férias.

Iamos nós, os alumnos da Escola Polytechnica, em exercicios praticos, percorrer a estrada de ferro de Cantagallo e buscar um abrigo contra a temperatura candente deste alto forno — a côrte.

A's 5 horas e <sup>3</sup>/<sub>4</sub>, de uma manhã de janeiro findo, a barca, em que tomámos passagem, singrava nas aguas tranquillas, como uma superficie especular, da formosa Guanabara.

O espaço começava rapidamente a desnublina-se.

O sol vinha espaiarecer-se num céu retalhado de azul.

A atmosphera serena e limpida côava em nossas almas uma paz profundamente consoladora.

Ao longe, na frisa dos horizontes ensanguentados, estendia-se a linha harmoniosa e ondulante dos contornos da serra dos Orgãos, dourados pelos lampejos da luz matinal.

No fundo deste quadro, destacavam-se imponentes as fachadas dos edificios e as flechas dos templos da grande capital, que despertava languidamente, após uma noite calida de verão.

Toda a natureza vibrava com o rhythmico de umas palitações de vida.

Quantá belleza no firmamento!

Quantas estrophes crystallinas, cheias de um lyrismo ideal, na pagina obscura de nossas phantasias!

Como era bello sonhar umas tantas cousas risonhas e perfumadas de encantol!

E os sonhos evolavam-se em grossas espiraes ascendentes, assim como os rolos de fumo da chaminé.

De repente, ouvio-se um ruido surdo. Abicavamos em Sant'Anna de Maruhy.

Era pouco depois das seis horas.

Após havermos examinado detalhadamente, durante algum tempo, todas as locomotivas Baldwin e Fell pertencentes á via-ferrea, que deviamos estudar; seguimos em trem especial para o Macuco, ponto

terminal da linha. Viajava, em nossa companhia, além dos nossos illustrados lentes, Srs. Drs. Viriato Belfort e Ortiz, o sympathico engenheiro Sr. Dr. S. Paulo, que veio expressamente ao nosso encontro, por especial recomendação do distincto director da estrada de ferro de Cantagallo, Sr. Dr. J. Teixeira Soares, uma das glorias da engenharia brasileira e cavalheiro de uma amabilidade extrema.

Seis horas e 30<sup>m</sup>. Fôra dado o signal da partida. Embarcámos ás pressas, sobraçando as nossas malas. O comboio poz-se logo em movimento.

A nossa viagem em *wagon* estrepou estupidamente; mas acabou com as alegrias sonoras de uma *première*, cheia de visualidades estupendas.

A principio, a natureza repetia-se com uma monotonia insipida.

Tudo era banal e chato, prosaico e desanimador, em torno de nós.

A vegetação rachitica e enfesada arrasava-se por uma zona esteril e alagadica.

A planicie corria extensa e baixa, coberta de pantanaes medonhos. Os decadentes povoados e as velhas fazendolas, que se adivistavam espalhados aqui e acolá, eram como antitheses pifias, na grande solidão daquellas paragens desertas.

Felizmente chegámos a Cachoeiras. Haviamos percorrido 73,440<sup>m</sup> kilometros.

Estavamos na raiz da serra.

A estrada de ferro, cuja bitola é de 1<sup>m</sup>,10, além da grande quantidade de trilhos Barlow, atirados á margem da estrada, após a sua substituição pelos trilhos Vignole, nada possui digno de nota, neste trecho, a não serem extensos alinhamentos rectos e pequenas pontes metallicas, de viga recta e treliça americana, contraventadas superiormente em arco; o que é de um máo gosto incrível.

Proximo á estação do *Porto das Caixas*, existe tambem um tunnel de 33<sup>m</sup>,85 de comprimento, perfurado em rocha pouco consistente e revestido de alvenaria de tijolo.

Até a estação de Cachoeiras, a famosa estrada de ferro de Cantagallo, um verdadeiro desastre sob o ponto de vista tecnico e financeiro, não tem opportunidade de empregar o decantado systema *Fell*.

Este systema, verdadeiro meio termo entre o de locomotiva de simples adherencia e os systemas especiaes, foi provisoriamente, durante a perfuração do tunnel, empregado no monte Cenis, onde os accidentes repetidos patentearam os defeitos da locomotiva de *trilho central e pressão lateral*, defendida

pelo barão Séguier e applicada pelo engenheiro inglez, Sr. Fell.

Da Italia foi importado o systema *Fell* para a Cantagallo, onde, apesar das innumeradas tentativas de aperfeiçoamento, tem sido uma das causas da ruina economica daquella ferro-via, em má hora encampada pela provincia do Rio de Janeiro.

Pelos abalisados engenheiros Srs. Drs. R. Vieira Souto, nosso digno lente e H. Hargreaves, foi projectada para a E. F. de Cantagallo, a substituição do systema *Fell* pelo de planos inclinados, cujo motor seria a agua.

Ultimamente encommendou-se á fabrica Baldwin, em Philadelphia um typo de poderosas locomotivas, com freios especiaes adherindo ao trilho central, caracteristico do systema *Fell*, que, em uma palavra, fôra totalmente desprezado. Aquelles freios servem para regular a velocidade, na descida das rampas assaz escarpadas.

Na America do Norte, sobre o monte Washington, no New-Hampshire, applicou-se igualmente o systema *Fell*, sem nenhum resultado. Esta disposição, que emprega, para obter maior adherencia, o trilho central, contra que fazem pressão, num plano horizontal, as rodas motrizes conjugadas da machina, foi alli substituido pelo de cremalheira Riggenbach, sendo munida a machina de uma roda dentada, que engrena com aquella ultima.

Digamos de passagem que os systemas Agudio e Righi são os unicos destinados a vencer a subida das nossas serras, no Brazil.

De Cachoeiras para cima, opera-se uma mutação lenta e gradativa no vasto panorama circumdante. O scenario não se transforma bruscamente. Os effeitos surprehendentes de sombra e colorido, a variedade e o novo aspecto das fórmas naturaes, as deformações do solo e os pequeninos detalhes de *mise-en-scène*: tudo isto parecia estudado com esmero, ensaiado a capricho e montado artisticamente, como nas magicas theatraes, para produzir uma impressão esthetica e duradoura aos olhos estupefactos dos espectadores.

*Natura non facit saltus.*

Todas essas perspectivas, que se desenrolam, com uma successão logica, ao longo do valle do Macacú, cujas aguas limpidas e marulhosas rolam sobre um leito de rochas, que nascem á flor do terreno de tons avermelhados; todos esses paineis assombrosos, em que o ponto de vista varia a cada instante, á medida que se sóbe, são realmente lindos; mas brutaes, fatigantes e esmagadores.

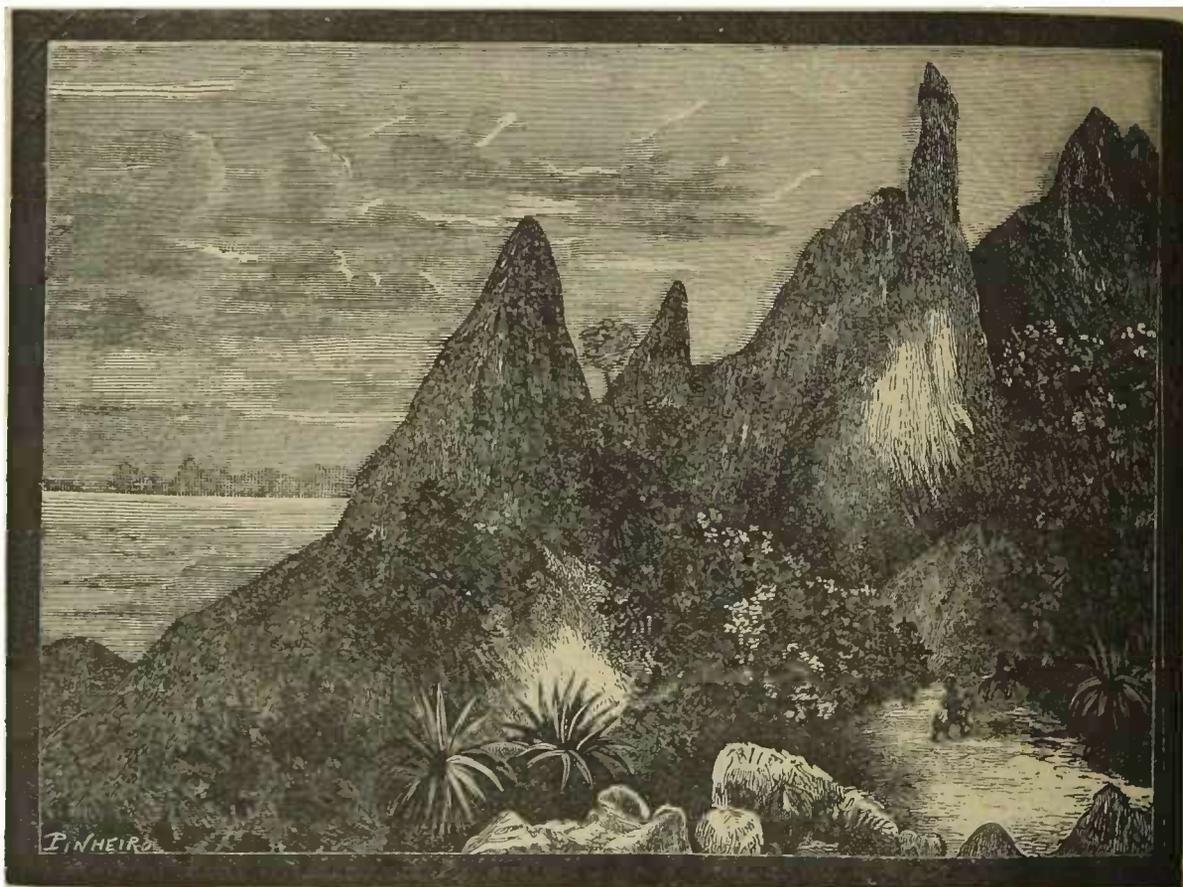
Com effeito, desde a estação de Villa-Nova até a de Cachoeiras, que fica a 48<sup>m</sup>,22 de altitude, a linha segue o valle do rio Macacú, no qual ella desenvolve-se até o *Alto da Serra*, situado a 1080<sup>m</sup>,58 acima do nivel do mar.

Nesse importante trecho percorrido, em cujos ultimos 13k372<sup>m</sup>,740 empregou-se o condemnado systema *Fell*, os declives chegam até 10 % e as curvas descem a ter raios de 25<sup>m</sup>: o que se póde chamar um *tour de force* inaudito, tornando-se por isso a ascensão difficil e muitas vezes perigosa.

de despezas e empregar os actuaes trilhos de aço Bessemer, que só se deterioram no fim de tres annos approximadamente

Não são, pois, raros os desastres occasionados ao galgar essas rampas fortissimas, em que os alinhamentos curvos de raios tão diminutos multiplicam-se á borda de precipicios insondaveis; nas depressões profundas e sombrias rasgadas no seio dos rochedos, onde se cavam os debarrancados junto de despenhadeiros horriveis.

Emquanto o monstro de aço contorcia-se, soltando gemidos estridentes ao cavalgar



SERRA DOS ORGÃOS

Sirva de exemplo o desmoronamento de uma montanha, destruindo a ponte sobre o rio Pomba, que foi substituída por um viaducto mixto, de viga armada; afim de não ser interrompido o trafego. Dizem que, ao sahir desse viaducto, a estrada faz uma curva, cujo raio é de 20 metros!

De mais, justamente por causa da subida muito ingreme, os velhos trilhos de ferro gastavam-se depressa, sendo renovados de tres em tres mezes mais ou menos. Consumia-se assim grande parte da renda da estrada, com a conservação da linha, nesta secção, que vai da *Bocca do Matto* até o ponto culminante da via permanente. Tornou-se preciso estancar semelhante fonte permanentemente

o dorso da penedia; nós contemplavamos absortos e pensativos a paisagem esplendida, feérica, scintillante e grandiosa, onde avulta a floresta densa das arvores gigantescas; ou ouviamos attentos o sussurro longo e monotono das catadupas, cujos echos casavam-se ao ruido aspero da locomotiva, num dueto estranho.

Estamos no *Alto da Serra*, onde se acham estabelecidas as officinas para os reparos necessarios ao material rodante da estrada.

Alli, opera-se a divisa das aguas e a temperatura baixa consideravelmente.

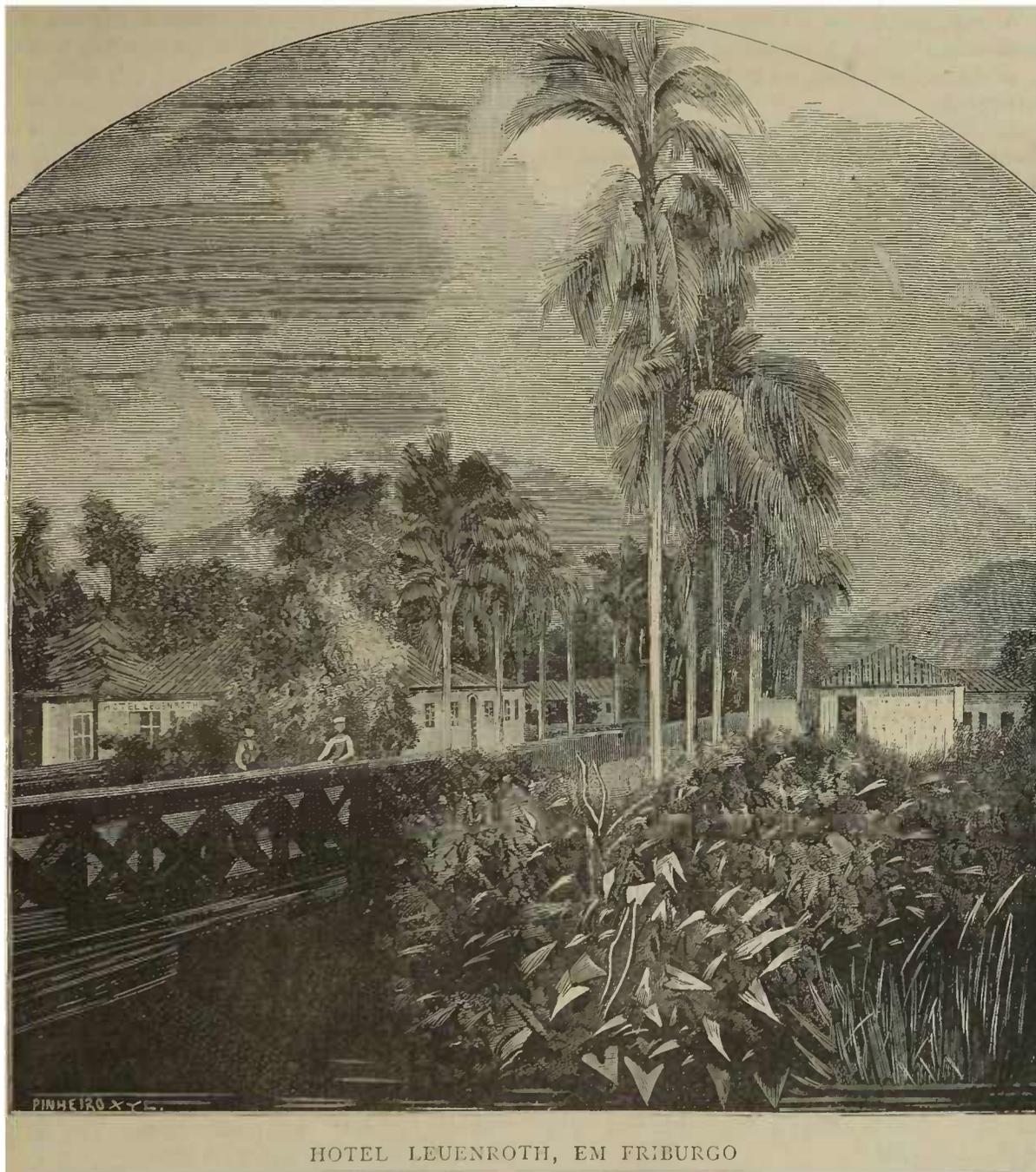
A vista dilata-se por uma area mais ampla e goza-se de um bem-estar confortavel.

Depois, principia-se a descer suavemente, através do valle do rio Santo Antonio, até Nova Friburgo, onde fica a estação central no kilometro 108,622<sup>m</sup>. Chegámos ás 10 horas e 35<sup>m</sup> e pousámos.

No dia seguinte, após uma ligeira refeição, proseguimos em nossa viagem de estudos

dona este valle e ganha uma das margens do rio Bom Jardim, para alcançar o valle do rio Macuco, seguindo-o até a Cachoeira dos Paulinos.

Ora afastavamo-nos, ora approximavamo-nos do rio Macuco, cortando-o repetidas vezes, antes de chegarmos ao entron-



HOTEL LEUENROTH, EM FRIBURGO

e recreativa, pela margem direita do rio Bengala, sendo antes atravessada aquella formosa villa. Transpuzemo-nos para a margem esquerda e internamo-nos pelo prodigioso valle do Rio Grande, onde a linha apresenta, no seu traçado, notavel movimento de terras e importantes exemplos de curvas reversas. Em seguida, ella aban-

camento do ramal de Cantagallo.

Proseguindo, descemos para o arroio da Varzea e penetrámos no municipio de Santa Magdalena.

Tendo attingido ao ponto terminal da linha, na estação do Macuco, que acha-se no kilometro 179,121<sup>m</sup>; gastámos cerca de meia hora, visitando a localidade.

A' tarde, voltámos para Friburgo, delicioso retiro, onde devíamos demorar-nos alguns dias.

Antes, porém, de nos occuparmos com este feliz recesso de tranquillidade espirital; externemos rapidamente a nossa opinião de conjuncto a respeito da estrada de ferro de Cantagallo.

A impressão, que a visita desta via-ferrea fluminense deixa no espirito do observador, é, a principio, pessima; por fim, bôa e favoravel.

Realmente, a linha, além de ser pobre em obras d'arte, tem graves defeitos de tracado, taes como curvas muito apertadas e rampas de 8% a 10%; defeitos que, reunidos ao deploravel emprego da disposição *Fell*, em excesso complicada, deram um resultado totalmente negativo.

Mas, as bellezas naturaes e as difficuldades vencidas, á proporção que se caminha para a ponta dos trilhos, servem de uma especie de compensação.

Além disto, a conservação do leito da estrada muito deixa a desejar.

Entretanto, a actual administração do illustre Sr. Dr. Teixeira Soares tem envidado todos os esforços para melhorar aquelle estado de cousas, principalmente quanto ao horario e serviço dos trens.

E' devido á dedicação, zelo e competencia technica deste infatigavel e benemerito director, que a interessante via-ferrea cantagalense tem conseguido realizar progressos imensos e incontestaveis.

Não era de esperar outra cousa do abalizado engenheiro, que dirigiu as obras em construcção da estrada de ferro do Paraná, esse trabalho colossal da engenharia brasileira.

Voltemos para Friburgo.

#### NOVA FRIBURGO

Fundado em 1819, a expensas do Estado, este antigo nucleo colonial suiso, sito no *Morro Queimado*, tornou-se mais florescente com a localisação de immigrants allemães feita em 1824, e emancipou-se em 1831, passando desde então a denominar-se villa de Nova Friburgo.

Está collocada no fundo de um valle estreito, contornado de montes alpestres, cujos altos cabeços apresentam fórmulas conicas graciosas; tornam, porém, excessivamente acanhado o horizonte do lugar, que parece achar-se no fundo de uma enorme taça de pedra.

E' na linha de maior declive daquella bacia apertada, que correm os rios Bengala,

Conego e Santo Antonio, cujas aguas avolumando-se com as cheias periodicas, extravasam pela zona lateral, onde foram lançadas as fundações da ex-colonia, produzindo inundações perigosas e causando graves danos ao povo laborioso daquella villa.

Foi no sentido de evitar os effeitos prejudiciaes da grande elevação do nivel das aguas daquelles rios, que a turma dos engenheiros civis de 1886, em exercicios praticos de hydraulica, acaba de proceder alli a estudos importantes de canalisação, sob a direcção do distincto lente da Escola Polytechnica, Sr. Dr. Luiz Carlos Barbosa de Oliveira.

Os estudos consistem no seguinte:

Levantamento da planta e nivellamento de um trecho de 3 kilometros, dos rios Bengala, Conego e Santo Antonio, no qual os dous primeiros vão confluir.

Area das secções transversaes, determinação do volume e velocidade das aguas dos referidos rios, de vinte em vinte metros.

Com taes elementos pretende-se elaborar um projecto que, com o menor dispendio, consiga afastar as causas das inundações.

A primeira planta topographica rigorosa da villa foi levantada em 1883, durante os exercicios praticos de estradas, pelos alumnos do quinto anno da Escola Polytechnica, sob a direcção do talentoso lente da mesma academia, Sr. Dr. Paulo de Frontin.

A planta acha-se actualmente depositada no edificio da camara municipal.

A posição geographica de Friburgo é: Latitude 22°20' Sul.—Longitude 35' (em arco) ou 22°22' (em tempo).—Altitude 851<sup>m</sup>,51.

Desde a sua fundação, a attrahente ex-colonia suissa, que no futuro será a nossa mais celebre cidade de banhos, recommendou-se sempre por seu clima temperado e pelas suas aguas crystallinas. Junte-se a tão propicias condições hygienicas um estabelecimento hydrotherapico de primeira ordem, inaugurado pelo fallecido medico Dr. Eboli e ter-se-ha a razão porque, no caso de certas molestias, os enfermos e convalescentes preferem ir respirar temporariamente os ares puros e saudaveis de Friburgo.

Acham-se aqui installados dous pequenos observatorios metereologicos: o do Sr. Dr. E. de Menezes e outro pertencente ao Sr. Carlos Engert, proprietario do *Hotel Leuenroth* e um distincto cavalheiro que, pela sua actividade, intelligencia e iniciativa, muito tem contribuido para o desenvolvimento do torrão, onde reside e goza de reconhecida influencia.

Da ~~inspecção~~ minuciosa ás notas tomadas pelo Sr. C. Engert, de julho de 1882 a dezembro de 1886, deduzimos uma média climatologica favoravel á salubridade desse canto de provincia privilegiado, apesar das repetidas chuvas e da excessiva humidade relativa. E' o que aconteceu a outras cidades de planalto, construidas perto do mar; v. g. Petropolis, S Paulo e Curityba.

Sob o ponto de vista architectonico, a edificacão da villa é, em geral, singela e desprezenciosa. Destacam-se, todavia, entre as modestas casas, que bordam as compridas ruas e curtas travéssas, varios edificios elegantes e sumptuosos, de uma architectura um tanto phantastica, porém estheticamente bellos. A estação central da E. F. de Cantagallo e a matrizinha são modeladas no estylo classico

Existe tambem uma praça ajardinada e, o que é mais, uma outra famosa, sita junto á encosta de um morro: é a pittoresca *Fonte dos Suspiros*, appellido romanesco, o *rendez-vous* vespertino, em que se reune o *high-life* friburguense

Perto admira-se a *Village*, bairro encantador, habitado por uma boa parte da populacão. A gravura á pag. 89, devida ao talento dos Srs. Pinheiros, pai e filho, representa a elevacão do *Hotel Leuenroth*, com a paisagem adjacente e a vista de uma ponte de madeira sobre o rio Bengala.

Este vasto estabelecimento, onde estive-mos hospedados, não receia de competir, em luxo, asseio e commodidade, com os congeneres hoteis *Central* e *Salussi*.

Seja-nos permittido terminar, narrando brevemente a nossa estada adventicia em Friburgo.

Francamente, foram uns dias enfarruscados e frios, cheios de tristezas tumulares e arrastando-se á tôa. Para variar, as noites... oh! que noites deliciosas e inolvidaveis.

Após a monumental troça feita aos padres salesianos pelos alumnos da Escola Polytechnica, cahiram estes na sympathia dos habitantes de Friburgo. Talvez, por isso, fossemos ahi bem acolhidos e honrados com immerecidas provas de apreço.

Depois do escurecer, o nosso ponto de encontro era o *Leuenroth*. O amplo salão de visitas do hotel, diariamente transformado para as *soirées* dadas em nossa honra, tinha um aspecto deslumbrante.

Havia uma concurrencia limitada e selecta de moças, que davam áquellas reuniões familiares o tom intimo de um idyllio feerico.

Aosom do piano, os pares voavam, voavam arrastados vertiginosamente pela cadencia da musica.

As curvas molles dos seios virginaes arfavam ao cansaço das danças; enquanto, lá fóra, a briza ventarolava as ramas dos arbustos.

Illusões da mocidade! Almas abertas em flor á immensa frescura das manhãs da vida! Esperanças translucidas, sorrindo na sua plena eclosão luminosa!

Taes são as reminescencias confusas e fugazes das noites passadas em Friburgo.

Essas perfumadas recordações, esses perfis idealmente divinos de rostos feminis vistos através da transparencia de uma sala de baile; em summa, esses paineis esbatidos de luz, com um fundo artisticamente ensombrado, forneceriam o assumpto de uma tela magnifica ou de um romance scintillante; jámais, comtudo, o thema destas mal alinhavadas linhas.

Ah! se todos os moradores da cõrte se quizessem compenetrar da utilidade de ir atravessar a phase mais quente do verão, em Nova-Friburgo.

Sim, leitores. Ide passeiar o vosso tedio acolá defronte, no alto daquellas montanhas azuladas Vereis como um grupo de *gentlemen* esenhoras da melhor sociedade esforçar-se-ha por vos fazer esquecer um pouco da vossa vida pacatamente burgueza, com uma amabilidade e um espirito verdadeiramente adoraveis.

Voltareis de lá alegres, com o coração talvez ferido por alguma loura saudade; mas, com os pulmões arejados por um oxygeneo tonificante e puro.

Foi o que nos succedeu.

ADOLPHO HARTMANN.





## Morta de Amôr?....

(A ALFREDO PINHEIRO)

### I

As quatro filhas da viuva Borges apenas duas estavam solteiras.

Eram Amelia e Deolinda. Amelia devia ter dezeseis annos, Deolinda dezenove. Amelia era morena, talhe curto e elegante; tinha olhos negros, sobrancelhas arqueadas e um sorriso casto e perenne nos labios. Deolinda parecia uma viuvinha ideal, por parecer inconsolavel.

Era alta, structura bem contornada, olhos oblongos, escuros e tristonhos, maneiras discretas e, sobretudo, de uma ligeira pallidez melancolica que a tornava encantadora.

Quem passasse pela estrada, que se estendia em frente da habitação da viuva Borges, por entre a espigada rama das casuarinas, divisaria o seu busto gracioso á janella do sotão. Alli passava ella quasi a metade do dia a costurar. E nunca, em memoria de homem, houve lembrança de tel-a sorprendido a reparar os transeuntes.

Essa gravidade valeu-lhe na villa a cognominação de «Santinha... do páo ôco.» Mas ninguem ousava levantar duvidas contra a sua virtude. Os vasos de violeta que ella todas as manhãs regava na janella do sotão, as suas costuras e, uma vez ou outra, alguns romances de Julio Diniz, que lia á noite, formavam as unicas preocupações da sua vida. Nada mais. O bacharel Severiano, o juiz municipal, dizia á viuva:

— D. Deolinda é uma heroína de poema.

E o Joaquim Bastos, o filho mais velho do Antonio Bastos, um fazendeiro do municipio, revirando os olhos, concluiu:

— Ah! Sra. D. Venancia Borges, Sra. D. Venancia Borges, se eu fosse solteiro!... Olhe, D. Deolinda tinha em mim um escravo.

Deolinda sorria tristemente. Aquellas palavras zumbiam ao redor de seus ouvidos como levandiscas sobre os lagos.

Acordavam o quer que fosse em seu coração, que a tornavam mais pallida, mais triste e mais linda. Erguia-se para dissipar a tristeza, abria o piano, passeiava os dedos por sobre o teclado, cantarolava baixo alguma aria;

porém, involuntariamente, como se nenhuma energia existisse na sua força de vontade, as notas que arrancava do piano eram elegiacas, as arias que cantarolava eram plangentes.

Ouvia-se bater palmas, á porta da entrada, e uma voz sibillada dizer:

— Dão-me licença?

Era o Octavio, um primo do Joaquim Bastos, um negociante, que estava de passeio na villa. Vinha sempre bem penteado, cheirando a oleo perfumado, a barba escanhoada, o bigode luzente de brilhantina, a *toilette* fresca e bem collocada. Devia ter vinte e oito a trint'annos. Não era feio. Tinha o rosto oval, a pelle clara e o nariz um pouco grande.

E, logo da porta, risonho e adamado:

— Queiram-me desculpar, mas não posso roubar-me ao prazer...

Davam-lhe lugar n'um *fauteil*, perto do sofá, e os seus pequeninos olhos castanhos feriam, firmes, os enlanguescentes olhares de Amelia.

Deolinda ficava mais triste com a chegada de Octavio, e quasi sempre, quando lhe pediam para cantar a ballada do *Guarany*, era com duas lagrimasinhas no canto dos olhos que ella suspirava a derradeira nota.

### II

Nos primeiros tempos da frequencia de Octavio á casa da viuva Borges, Deolinda acolhia-o com contentamento, não expansivo, porém visível. A' sua voz, erguia-se presurosa e ia-lhe receber á entrada. Depois de certo tempo notou que os olhares de Octavio procuravam com maior insistencia a Amelia. E teve ciumes da irmã. Santo Deus!

Que luta! A sua presença aborrecia-lhe, e a sua propria irmã, tão criança e tão boa, parecia-lhe uma criminosa abjecta. Foi com um esforço supremo que conseguiu vencer a força de sua paixão; domou victoriosamente a fêra; mas a fêra domada tem as veias incandescentes de odio, e espojando-se, submissa, aos pés do domador, ruge surdamente. A melancolia que depois disso avassallou-lhe era poderosa. Uma noite, tendo ella debruçado-se á janella, Octavio veio collocar-se a seu lado:

— Que noite linda! Disse elle.

Deolinda olhava para o céu estrellejado. Uma doce claridade, tranquilla e balsamica, irrompia do horizonte, por traz dos muros negros das montanhas.

— Linda! Respondeu ella.

A sua voz tinha a dolencia enteneçedora da flauta.

— Convida a amar.

Continuou Octavio.

— A quem ama.

— Como! A senhora não ama?

— Eu?

Sorrio, pestanejou, e depois de muito tempo, a faltar o céu: — Infeliz que sou!...

— Por Deos! D. Deolinda! Que eu dissesse tal cousa, vá, mas a senhora!...

— O senhor julga-se infeliz?

— Muito, minha senhora. Infeliz como ninguem. A pessoa a quem amo...

— Não o sabe. Não é assim?

— Creia.

Deolinda estremeceu, e, engastando o seu olhar no olhar de Octavio, murmurou:

— Não ha indiscrição em confessar o nome dessa pessoa?

— A senhora consente-me?

Uma irradiação de alegria e duvida envolveu a physionomia da moça, e foi com a voz nervosa que ella disse-lhe:

— Consinto. Falle.

— Amelia. Sua irmã.

— Amelia...

Balbuciu Deolinda. E sorrio com amargura. Calou-se, abaixou a cabeça, e depois com uma resolução violenta:

— Creio que ella o ama tambem, porém é muito criança ainda. E' acanhada. Comtudo peço-lhe licença para transmittir-lhe a sua declaração.

— Oh! como lhe ficarei agradecido...

Deolinda não deu tempo a que elle concluísse a phrase. Pedio permissão e afastou-se da janella. Amelia estava ao piano, ella fel-a erguer-se e entraram ambas para o interior.

Desde esse momento a tristeza de Deolinda transformou-se em hypocondria, que, com o isolamento da villa, augmentava rapida. Nunca mais viram-n'a sorrir. Andava constantemente preoccupada com as costuras e com as violetas, o seu trabalho e a sua distracção, os unicos amigos da sua mocidade infeliz, que um amor inutil corrompeu e a doentia existencia da villa assassinava, aos poucos, com o frio prazer de um monstro.

Na vespera do casamento da irmã, Deolinda, por um caso excepcional, desceu ao jardim para colher umas rosas.

De repente sentio atraz de si estalar a arêa. Voltou-se e vio na sua frente Octavio, a sorrir:

— Que milagre! Já se aborreceu das violetas?

Ella disse que não e continuou no seu serviço. Octavio deitou o chapéo de palha no chão, e, para ajudal-a, ia enchendo-o de rosas.

— Estão bellas! Dizia elle. Estão bellas!

Mas Deolinda nada fazia. Estava parada, com as mãos sobre as faces. Deixára as rosas cahir a seus pés e chorava.

— Que mal lhe aconteceu, D. Deolinda?

Perguntou Octavio, sorpreso, abandonando a colheita. Ella, sem levantar o rosto das mãos, fez um movimento convulsivo com a cabeça:

— Sou muito infeliz. Oh! muito, muito!

E rompeu a soluçar afflicta, desconsolada.

Octavio empallideceu; fectou-lhe sem consciencia, e carinhosamente tomou-a entre os braços:



E CARINHOSAMENTE TOMOU-A ENTRE OS BRAÇOS

— Não se afflija. Vamos, D. Deolinda. Diga-me que tem ?

Fallou-lhe com doçura, como se fosse um pai, um amigo sincero, um irmão extremoso. Ella esteve um momento encostada ao seu braço, sem dizer uma palavra, convulcionada pelos soluços ; mas, subitamente, como um insecto que se desprende de uma teia, desenlaçou-se dos braços de Octavio e subio para a casa, a correr.

### III

Amelia e Octavio partiram para a côrte.

Estava terminado tudo. Os dous, que se iam, levavam como as aguas da vasante a alegre brancura das escumas, e diante della ficava apenas o lodo negro da costa. Em redor a natureza envelhecêra. As casuarinas tinham o rude aspecto das estacas de uma casa arruinada pelo tempo; o tento selvagem alastrava o jardim, retorcendo e assassinando as plantas; o ar de Outubro era triste e pesado; errava por esse desolamento a taciturnidade dos cemiterios; o abandono da vida e da alegria.

A' noite, depois do chá, que mãe e filha tomavam em silencio, recolhiam-se. A negra vinha fechar as portas; andava na ponta dos pés para não fazer barulho; as linguetas de ferro estalavam nas fechaduras como movidas com cautela, por mão criminosa.

N'uma manhã Deolinda acordou-se muito tarde, tinha os olhos pisados, estava mais pallida e queixava-se de enxaquêca. Durante o dia sentio arrepios de febre, foi deitar-se. No dia seguinte peiorou, passára toda a noite muito afflicta, ardente, os olhos brilhantes, as faces ruborisadas. O Joaquim Bastos veio visital-a, tomou-lhe o pulso, fez cara de medico cuidadoso, e depois :

— Intermittente... disse Isto não é nada.

A' tarde chegaram duas amigas de D. Venancia. Vinham ajudal-a a servir Deolinda. O bacharel Severiano e o medico tambem estiveram; mas o medico ao retirar-se tranquillizou a velha :

— Não tenha susto, D. Venancia; o caso não é grave.

Tinham accendido uma lamparina á Immaculada Conceição, que estava sobre a commoda; a luz batia-lhe no pequenino rosto oval, levemente carminado, e os seus olhos de vidro, voltados para o céu, luziam melancolicamente. Deolinda movia-se no leito; arfava vencida pela febre; procurava retirar as cobertas de sobre o corpo, murmurava phrases incompreensiveis; ás vezes, fallava em Octavio e Amelia, lembrava-se de episodios passados na sua infancia e sorria.

De quando em quando davam-lhe o remedio e tomavam-lhe o pulso. Ella dizia: Estou melhor... E continuava na mesma afflicção. Momentos depois quedou-se; os seus olhos brilhantes procuravam no espaço alguma cousa que passava pela sua fantasia em delirio, fez um gesto frouxo com o braço, indicando uma cousa que vôa, e collocando as mãos, como quem óra, gemeu :

— Mamãi...

D. Venancia acudio sollicita, com as lagrimas a lavarem-lhe as rugas :

— Que me queres, filhinha ?

— Pede a Nossa Senhora que me salve...

A pobre mãe deixou a cabeça pender sobre o peito. O Bastos levou-a dalli, dizendo que isto fazia mal a Deolinda. Aquillo não era nada, passava

A negra entrou na ponta dos pés e foi collocar um lampeão de kerosene sobre a commoda. A imagem da Immaculada irradiou no meio daquella dupla claridade. Via-se-lhe distinctamente a doce expressão do rosto, as dobras do manto azul ultra-mar recamado de flores douradas, as mãosinhas de madeira cruzadas sobre o peito, a ponta do pé descalço pisando um crescente onde se enroscava o aspide verde-escuro.

Deolinda recusava-se tomar o medicamento.

— Para que ? E' inutil... Como é bom estar nos braços de Octavio ! Que alegria para Amelia estar vestida de preto. Olhem, faltam as flores da corôa.. E as borboletas como adejam... parece festa !

Delirava. De repente queixou-se do frio, encolhendo-se ás cobertas :

— Que frio, Jesus !

Uma das enfermeiras apalpou-lhe as pernas: gelavam. Levantou-se, apanhou dous cobertores e estendeu-os sobre ella. A outra enfermeira chamou o Bastos, com um aceno de mão, porém, elle sacudio a cabeça negando-se; tinha D. Venancia entre os braços.

Deolinda morria: agitava os braços nus procurando desfazer-se das cobertas; seus olhos tão negros e tão lindos, agora immoveis, envolviam-se na baça claridade do aniquilamento; seus labios murmuravam sons confusos, um mixto de suspiros e queixas que se perdia no silencio funerario daquella alcova. D. Venancia, como se adivinhasse, desprendeuse dos braços do Bastos e veio cahir junto do leito da muribunda.

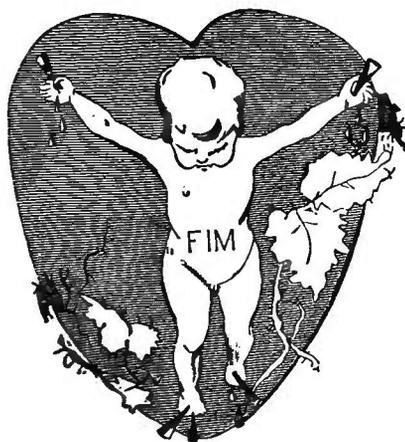
A noite baixava lenta, amorosa, cheia de um silencio alto, pulverizado pela melancolica placidez do luar. E Deolinda morria: estrebuxava como uma criança, quasi sem forças, quasi sem agonia; seus braços torneados, porém frios, estavam estendidos ao

songo do corpo ; seus pésinhos reuniram-se loba coberta ; uma abertura da camisa deixava a luz lambe-lhe um dos seios, docemente redondo, um pouco volumoso, turgido de virgindade, pallido como a margem de vellino em livro antigo ; e a sua linda cabeça de moça, mergulhada direita sobre o fôfo travesseiro de paina, parecia esculpida em marfim.

Em redor do leito soluçavam afflictivamente.

Através dos vidros da janella via-se o céu luminoso, extenso, liso como uma chapa de aço polido, e as tres casuarinas do jardim que, de quando em quando, agitavam, de leve, as suas varas espigadas, como se dissessem — Adeus.

L. GONZAGA DUQUE-ESTRADA.



## MOSAICOS

### O CORAÇÃO

O coração humano é de seis pollegadas de comprido, quatro pollegadas de diametro, e bate 70 vezes por minuto, 4,200 por hora, 100,800 por dia e 36,817,200 por anno.



### ORIGENS DA LINGUA INGLEZA

Um curioso empreendeu, ha poucos annos, fazer una tabella das linguas e dialectos que têm contribuido para a formação do inglez.

Eis o resultado do seu trabalho : 6,732 vocabulos derivados do latim ; 6,651 do hollandez ; 4,812 do francez ; 1,665 do saxonio ; 1,148 do grego ; 211 do italiano ; 103 do allemão ; 95 do bretão ; 75 do dinamarquez ; 56 do hespanhol ; 50 do islandez ; 31 do

gothico ; 30 do sueco ; 16 do hebraico ; 13 do arabe ; 6 do irlandez ; 4 do russo ; 4 do gallico ; 4 do flamengo ; 3 do escossez ; 3 do syriaco ; 2 do irlandez gallico ; 1 do turco ; 1 do portuguez ; 1 do persa ; 1 do frisão e 1 incerto.



### CALCULO CURIOSO

PARA SABER-SE COM EXACTIDÃO O NOME DO DIA EM QUE ALGUEM NASCEU

Sabendo-se com precisão o dia, mez e anno em que alguem nasceu ou alguma cousa se fez, escrevem-se os dous ultimos algarismos do anno immediatamente anterior ao do nascimento, adicionando-lhes a quarta parte desse numero, desprezadas as fracções, se houver ; mais ainda o algarismo cinco, e finalmente mais a totalidade dos dias decorridos desde o 1º de Janeiro até o do mez e anno em que nasceu, inclusive, não esquecendo mais um dia do anno bisexto, se nesse nasceu.

Sommem-se essas quatro addições e divida-se por sete : o resto da divisão indicará o dia da semana em que nasceu, e, se não houver sobra alguma, esse dia será sexta-feira.

Assim, pois, é representada a sexta-feira pelo signal 0 ; sabbado, 1 ; domingo, 2 ; segunda-feira, 3 ; terça-feira, 4 ; quarta-feira, 5 ; quinta-feira, 6.

Supponhamos que alguem nasceu a 25 de Março de 1850, faz-se então o seguinte calculo :

Anno anterior ao do nascimento . . . . .	49
Quarta parte desse numero. . . . .	12
Accrescente-se o algarismo . . . . .	5
Total dos dias decorridos de 1º Janeiro de 1850 até 25 de Março. . . . .	84
Divide-se. . . . .	$\frac{150 \overline{) 7}}{10 \quad 21}$
	3

Divide-se esse numero por sete alcançando resto — tres — o qual corresponde ao dia segunda-feira.



Das linguas e dialectos conhecidos 143 pertencem á Asia, 53 á Europa, 115 á Africa, 117 á Oceania e 422 á America.



# Por causa de um pince-nez

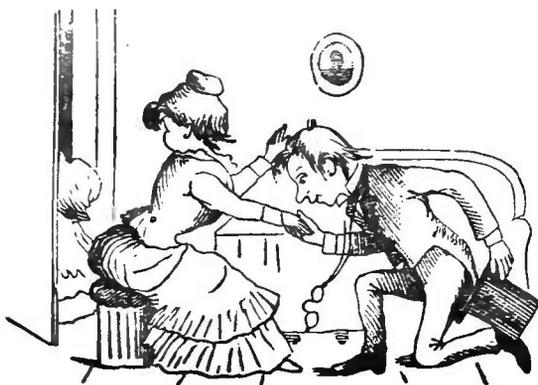
HISTORIA EM CINCO CAPITULOS

I



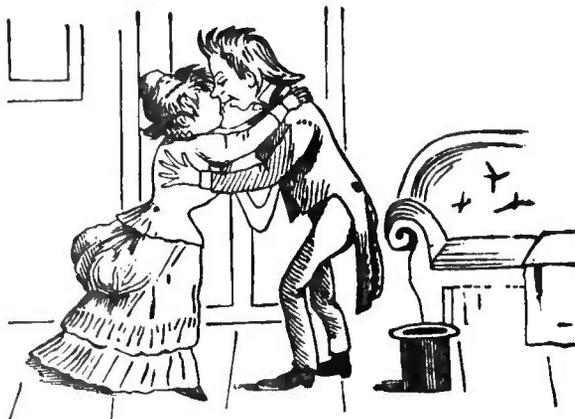
Fritz Max, doutor em musica pela universidade de Rostock, solicita de D. Joanna da Lapa a mão da sua innocente filha Candida, o que lhe é concedido, « com todo o gosto »

II



De joelho em terra, Fritz agradece a « suprema ventura. » Candida volta o rosto, não por vergonha, mas para ver se a mãe já sahio da sala.

III



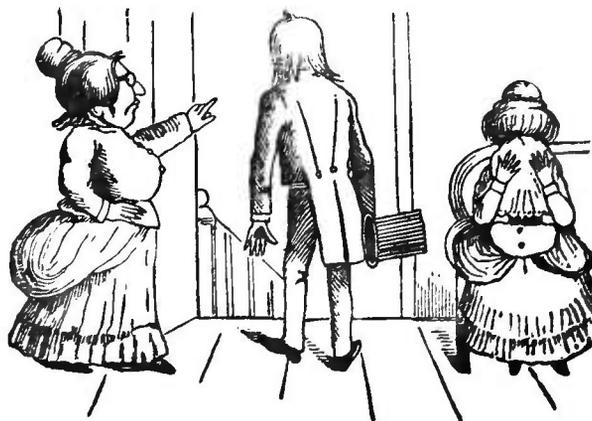
Vendo-se sós, os dous beijam-se, como... noivos que são.

IV

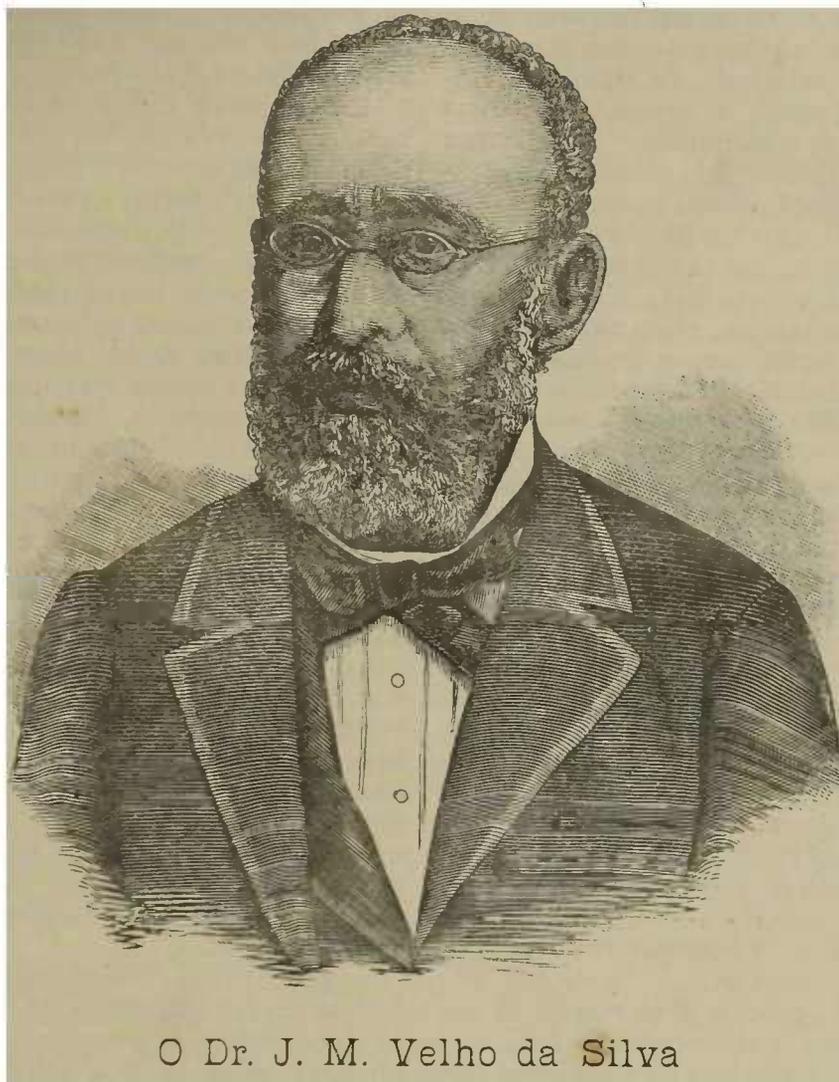


Ouvindo do corredor estalos suspeitos, D. Joanna volta e pilha-os amarrados pelo pince-nez.

V



Mulher de cabellino na venta, a sogra em perspectiva põe o noivo no olho da rua. Candida desata a chorar. Malvado pince-nez !



O Dr. J. M. Velho da Silva

**D**ando no presente numero do *Brazil Illustrado* o retrato deste distincto cidadão, presto não só justa homenagem a um talento notavel, a uma illustração pouco commum entre nós, e a um character exemplar, como publico testemunho de gratidão ao mestre e amigo que ha vinte annos tenho a ventura de possuir.

O Dr. José Maria Velho da Silva, natural desta cidade do Rio de Janeiro e nascido a 3 de Março de 1810, occupa lugar proeminente em nossa historia litteraria, pois sobre ser um poeta mavioso e inspirado é tambem um prosador numerozo e correctissimo.

A sua erudição não vulgar, o seu alto criterio, quer litterario quer scientifico, dão-lhe o direito a ser considerado, e sem favor, como uma das nossas notaveis illustrações.

Como poeta, as suas inspiradas producções têm o cunho dessa belleza artistica e impressionavel que revela a espontaneidade e o alto gráo de sensibilidade que é o apanagio das almas vasadas nos moldes do bom e do justo; nellas se observam esse primor da fórma que só os mestres sabem dar ás suas obras imperciveis, e que são o enlevo de quem as admira e o desespero de quem as toma por modelo.

Como prosador, ha no seu dizer o sabor do fructo perfeitamente sazonado; a sua linguagem despida de artificio é classica, porque classicos foram os grandes mestres com que por largos annos conviveu elle, lendo-os, meditando-os comparando-os entre si com a paciencia do investigador consciencioso e o criterio do perfeito litterato.

O Dr. Velho da Silva pertence ainda á geração daquelles que ouviram de viva voz as lições dos proceres que lançaram os fundamentos da nossa historia litteraria; que sentiram palpar a patria nascente e se inflamaram ao verbo do enthusiasmo desse punhado de verdadeiros patriotas, como souberam ser Januario, Ledo, Fr. Sampaio, Evaristo, Mont'Alverne, e outros, que como estes, na tribuna e na imprensa, concitavam a mocidade a elevar, pelo estudo e pelo trabalho, os creditos da joven patria.

Por companheiros dos bancos academicos, teve elle, entre outros, Gonçalves de Magalhães, o laureado poeta que, iniciando entre nós a escola romantica, abriu uma nova era á litteratura brazileira, e dramatisando o triste fim de *Antonio José* imprimio o cunho de nacionalidade ao genio assombroso de João Caetano;—Salles Torres Homem, que abandonando a medicina pela politica conquistou com a clava da sua dialectica, pollegada a pollegada o vasto espaço que percorreu até atingir as cumiades do poder;—José Maria do Amaral, que juntava ás virtudes do Spartano o genio do poeta do amor e da saudade, que em primorosas estrophes traduzio o penar do coração de quem não faltavam magoas e dores;—e finalmente A. Felix Martins, de palavra facil e gesto incisivo, que já em 1831 arrancava delirantes applausos á multidão, quando ao sahir do templo de S. Francisco de Paula, onde acabava de celebrar-se a festa do juramento da Constituição, o povo começava a sentir os prodromos da febre que deveria irromper veemente no memoravel sete de Abril.

Infelizmente, pobre e já no começo da sua carreira medica com encargo de familia, o Dr. Velho da Silva teve de abandonar taes companheiros, ausentar-se do theatro unico capaz de offerecer-lhe um scenario condigno, para internar-se pelos despovoados do Rio Bonito, Macabú, Campos e Macahé, afim de obter de uma clinica obscura o pão da subsistencia.

Mas se por um lado perdeu talvez na carreira publica, por outro ganhou na affeição verdadeiramente popular, pois na vasta zona em que por espaço de vinte annos exerceu a sua clinica, ninguem por esses tempos foi mais bemquisto e conhecido. Estudioso e applicado, adquirio, pela pratica e pela leitura, copiosos conhecimentos profissionaes, chegando a tal grão de adiantamento, quer na medicina, quer na cirurgia, que nas raras vezes que vinha á côrte era chamado pelos seus mais autorisados collegas para bem graves conferencias.

Foi por esse tempo de exilio voluntario que elle adquirio igualmente a erudição

admiravel, que nas mais intimas palestras se revela despretentiosa e sem calculo. O extraordinario amor á leitura, a sêde de saber e o conhecimento das linguas franceza, ingleza, italiana e latina, familiarisam-n'o com todos os grandes escriptores antigos e modernos, tornando-o com taes e tão preciosos elementos habilissimo para o professorado litterario.

Regressando definitivamente á cidade natal, cansado da clinica, obteve a principio por nomeação interina e depois por concurso a cadeira de rhetorica e poetica no Internato de Pedro II, onde é reconhecidamente tido por todos como professor modelo. E como não ser assim, se aos largos thesouros do saber junta os não menos opulentas das mais nobres qualidades. A brandura e a delicadeza são as unicas armas que oppõe ao mais rebelde dos discipulos, que com pouco se converte no mais obediente dos amigos.

Durante a sua estada na provincia do Rio de Janeiro redigio o *Monitor Macahense* com tal distincção, que mais de um de seus artigos foi transcripto pelos jornaes da côrte. Por occasião do naufragio do vapor *Hermes*, do qual foi victima o auspicioso e festejado autor das *Memórias de um sargento de milicias*, Manoel Antonio de Almeida; e com tão vividas e bellas cores pintou a tristissima occurrencia, que o illustre jornalista, então á frente do *Correio Mercantil*, o conselheiro Octaviano, disse que melhor não poderia fazer do que reproduzir nessa folha a narrativa tão palpitante de interesse, escripta por testemunha ocular dos resultados do funesto acontecimento.

De seu retiro de clinico campesino enviava, de quando em quando, o Dr. Velho da Silva producções em prosa ou verso, que eram publicadas pelos mais acreditados jornaes e revistas do tempo, sobresa-hindo, entre outros trabalhos de nota, um estudo bibliographico critico a respeito de Ovidio e Castilho<sup>1</sup> por occasião de ser publicada a paraphrase deste dos famosos *Amores* daquelle. Apresentada como memoria de habilitação, esse trabalho ter-lhe-hia certamente aberto as portas de qualquer academia litteraria; taes são as provas de erudição, que dá o critico, como do bom gosto que offerece o litterato.

O seu romance de feição historica, *Gabriella*, se não tem o interesse palpitante da urdidura dramatica, tem pelo menos o da narrativa fluente e typica. Scenas descriptas com muito vigor, factos memorados com muita propriedade, anedotas dos tempos coloniaes, referentes ao periodo do vice-reinado

<sup>1</sup> Foi reproduzido no 1º volume da *Imprensa Industrial* de Lino de Almeida. Rio de Janeiro, 1876.

do Marquez do Lavradio, prendem a attenção, e delicias os espiritos cultos que na leitura buscam mais que simples passatempo. Essa producção, emfim, que, quando outro merito não tivesse, bastar-lhe-hia da pureza do estylo para collocal-a entre os mais bellos ornamentos da nossa bibliographia, tem o perfeito cunho de nativismo, pois descreve scenas de um periodo do nosso passado historico, na linguagem dominante do tempo; sente-se que os personagens estão alli á vontade e fallam sem constrangimento nem artificio.

Pena é que o autor não houvesse madrugado no intento, pois se assim fizera, contaríamos hoje por certo não uma, mas uma serie de chronicas romantizadas, que quando menos muito influiriam na propagação do gosto pelo cultivo do genero.

Entre as suas producções poeticas mais estimaveis, nota-se o *Ab-del-Kader*, escripta sob a impressão da leitura contemporanea do acontecimento, e conseguintemente cheia de vida e repassada de sentimento, como o são igualmente, á *Morte de D. Pedro V* e ao barbaro fuzilamento do infeliz Maximiliano, no Mexico; *Job* é uma poesia biblica magistralmente traçada, como soe fazer mão de mestre tão adextrado no manejo do instrumento musico, como afeita ás fórmulas especiaes do assumpto.

Poeta pelo coração, o Dr. Velho da Silva é um dos poucos brazileiros que, resistindo ás intemperies do tempo, conserva no espirito todo o vigor da mocidade, alimentando o fogo sagrado com os desvelos das Vestaes, pois para elle acima de tudo quanto se materialisa na terra está essa entidade suprema que na outra vida recompensa os bons e esquece os máos.

Firme em seus principios, tem a fé dos justos; pelo prisma de sua alma sempre rejuvenescente vê tudo suave e luminoso. Os seus discipulos são filhos do seu espirito, e como taes só os trata, vive da vida intellectual delles, compartilha de suas fadigas no estudo com tanta identificação como de seus triumphos e laureis. Bello é de ver-se como falla com calor do merito de seus alumnos, como se entristece com o atrazo de uns e como se glorifica com os adiantamentos de outros.

Enlevado na contemplação de tudo quanto é bello e santo, deslembra os annos da vida, e como um mancebo em plena primavera vibra as cordas dos sentimentos mais intimos com a mesma delicadeza e enthusiasmo de ha meio seculo passado. Não ha dez annos ainda escrevia o poeta :

Vejo-a mal; inda vem longe;  
Mesmo assim incerto e vago,  
Sinto-a pisar tão airosa  
Como a garça sobre o lago;

Parei, espero-a ancioso,  
E' uma fada e vem perto,  
Maldição!... a feiticeira  
Traz o semblante coberto.

Quem inventou tal disfarce,  
Quem estas malhas teceu,  
Ou foi christão renegado,  
Ou era mouro ou judeu.

Homem são, de gosto e d'arte,  
Que admira a natureza,  
Não ia inventar as sombras  
Para esconder a belleza.

Inda mais, véo roxo-lirio,  
Fazendo a tez bronzeada!  
Como faz do inverno a nevoa  
Vir sombria a madrugada;

Quiz olhal-a, mas fugio-me;  
Entra n'um bond ligeira;  
Fiz o mesmo, fui sentar-me  
Bem fronteiro á feiticeira.

Eu tenho o instincto do bello,  
Adivinho a perfeição;  
Não me enganei; que belleza!  
Bem m'ó disse o coração;

Vi-a assim: o vento forte  
Para o ar soprou-lhe o véo;  
Foi como a nuvem que foge  
Mostrando os astros do céu.

Que lindos olhos azues!  
Perfil de grego modelo;  
Sobre as faces lhe cahiam  
Ondas de louro cabello.

Não vi mais; fechou-se o templo,  
Escondeu-se o sanctuario;  
Contraheo-se, fez um gesto,  
Puxou de novo o sudario;

Fez como a lua formosa;  
Que de formosa seduz;  
Quando quer tambem faceira  
De repente esconde a luz.

Estes mimosos versos lyricos retratam fielmente a alma do poeta, ainda depois de mais de 60 annos de peregrinação na terra; mas para dar idéa do que é e do que vale o homem em si, nada equivale ao trato da sua amizade, que não sabe ter um momento de enfado para os mais importunos, que não cansa nunca de bem servir a todos quantos o conhecem de perto ou de longe.

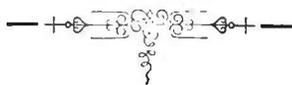
Abandonando o exercicio da medicina para os ricos conserva-o como um sacerdocio para os pobres; vai longe ver os seus doentes, afadiga-se no seu tratamento, preocupa-se profundamente com elles, doe-se de suas magoas, identifica-se com os seus pezares, e tudo isto tendo como recompensa a satisfação da propria consciencia, unica moeda de curso forçado para as almas generosas.

Felizes os que assim chegam aos 77 annos de existencia, pois por mais agitado que seja o meio em que vivam, em roda de si ha uma atmospherã suave e acariciadora de affectos profundos e dedicados, que é como o antegoço da bemaventurança que os espera na outra vida. Não se sobressaltam com o dia de

amanhã, porque estão certos de que na hora da partida não hão de ver um rosto que não seja amigo; não tremem do futuro, porque sabem que além-campã aguarda-os a admiração e o respeito da posteridade que já conhecem em vida pelo juizo que delles formam seus contemporaneos.

Se o Dr. José Maria Velho da Silva, como escriptor é uma gloria da patria, como cidadão é um exemplo; um e outro se completam em verdadeiro modelo, que ha vinte annos admiro e prezo, com o amor de filho e o respeito de discipulo, ainda que obscuro e nullo,

FELIX FERREIRA.



## PALESTRAS HISTORICAS

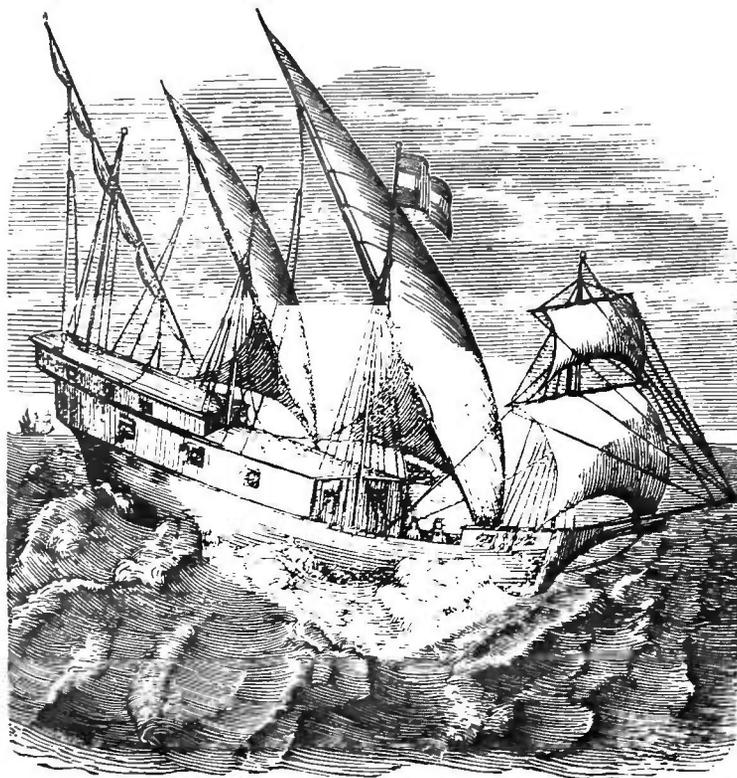
### A primeira exploração á costa do Brazil

#### III

(Continuação)

Temos ainda que o commandante em chefe da expedição, pelo proprio testemunho de Vespuccio, era um marinheiro e experimentado, não grado o mesmo Americo querer diminuir-lhe o merito, dizendo que o capitão-mór, desanimado, lhe entregara o commando absoluto ao chegar a expedição a 32º de latitude sul nas paragens do Rio da Prata.

Ora, esta asserção de Vespuccio prova que o chefe da expedição era entendedor da nautica, pois havia conduzido a pequena frota até aquella latitude, por inspiração propria; seus conhecimentos de navegação bem provam que não era um palaciano acostumado ás delicias da cõrte, alheio aos perigos das vagas, como D. Nuno Manoel.



CARAVELA DO SECULO XVI

Outra razão que nos faz duvidar que fosse D. Nuno o commandante desta expedição, é a pequena esquadra que D. Manoel poz ao seu dispor, quando para mais o honrar era provavel dar-lhe maior numero de embarcações, como dous annos depois fez com o capitão-mór, incumbido de descobrir Malaca pelo mar do sudoeste, costeando as plagas brazileiras, e que presumimos ser nessa viagem que elle foi por commandante ou algum seu prepõsto, pessoa de toda a confiança <sup>11</sup>.

<sup>11</sup> O visconde de Porto Seguro, o douto autor da *Historia do*

*Brazil* nos tempos coloniaes, foi o que mais importantes investigações fez relativas ás primeiras explorações pela costa brazileira, desenterrando do pó do esquecimento importantissimos documentos que

Gaspar Corrêa, autor sincero e paciente indagador, assevera que o commandante desta primeira exploração foi André Gonçalves, o mesmo que retrocedeu de Porto Seguro para levar a D. Manoel a noticia do feliz achado de Pedro Alvares Cabral.

Eis como elle narra este descobrimento e o que diz sobre o seu primeiro explorador :

« E das náos fez El-Rei capitães Sancho de Toar, fidalgo castelhano, Simão de Miranda de Azevedo, Braz Matoso, Vasco de Almeida, Nuno Leitão da

tanta luz têm espalhado sobre as trévas que encobrem esse primeiro periodo da historia do Brazil.

As circumstancias vantajosas em que a sua posição official o collocaram permitto-lhe investigar os archivos mais opulentos da velha Europa, onde se guardam preciosidades historicas e que elle não descurou, dando á luz o que o seu paciente labor pôde colher.

E' para sentir que o erudito membro do Instituto Historico deixasse de consultar uma obra de que infallivelmente teve conhecimento, obra que supponho, com bastante fundamento, esclarecer muito as primeiras explorações ao Brazil, á vista de alguns extractos que della publicou um amigo do mesmo visconde, o tambem finado conselheiro Cunha Rivara. Referimo nos á obra que compuzera Duarte Pacheco, o intrepido vencedor de Samorim, intitulada *Esmeraldo de Situ Orbis*, de que se conservavam duas copias na Bibliotheca publica Evorense.

Ora, pela minudencia com que Duarte Pacheco relata os aprestos da armada em que Vasco da Gama ia emfim pa-

tentear a rota da tão suspirada India, de que o illustre Sr. Pinheiro Chagas na *Historia de Portugal* nos dá um extracto, se vê de que importancia ella é, e dahi a supposição bem fundada de que necessariamente ha de tratar do descobrimento do Brazil, onde Duarte Pacheco esteve em 1500, pois ia na armada de Pedro Alvares Cabral, e quando em 1503, commandando um navio, se dirigia á India, na armada de Afonso de Albuquerque, que fez rota pelas terras de Santa Cruz.

Esta obra de Duarte Pacheco, que a incuria, o pouco amor por descortinar passados feitos, têm deixado esquecida, talvez pasto da traça, e quem sabe se hoje já nem restos della existam, supponho que uma vez impressa viria dar-nos tanta luz sobre pontos historicos, como as *Lendas da India*, de Gaspar Corrêa, desconhecidas ou não consultadas, pelo longo espaço de 300 annos, tantos quantos esteve por ver a luz da imprensa.

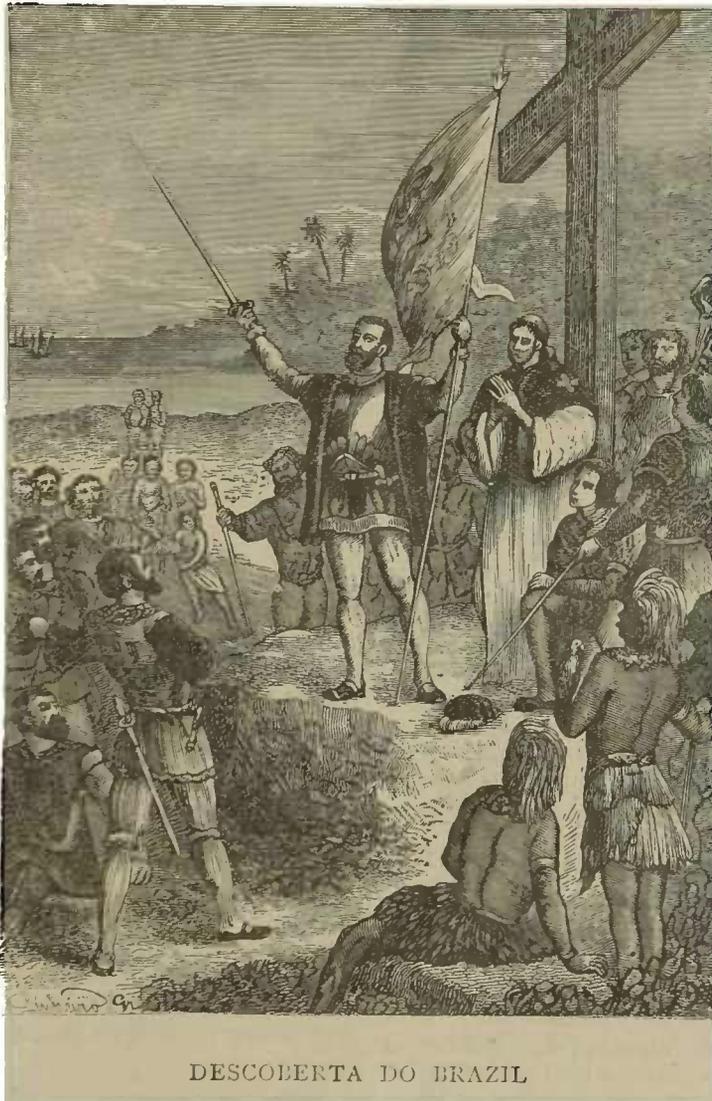
Cunha, Simão de Pina, Nicoláo Coelho, Pedro de Figueiró, Bartholomeu Dias, Diogo Dias, seu irmão, Luiz Pires, Gaspar de Lemos, André Gonçalves, mestre que viera com D. Vasco da Gama, que lhe quiz elle dar esta honra; estes tres capitães dos navios pequenos. Simão de Miranda de Azevedo era capitão da náo capitaina, e ia por capitão-mór na successão de Pedro Alvares Cabral, se elle fallecesse.

« Sendo fóra de Lisboa a frota nevogando, foram demandar as ilhas terceiras, por se mais metterem ao mar para que os ventos lhes fossem mais largos para navegar para o cabo; o que tudo fizeram com

a estimativa que atinavam, porque ainda então não sabiam o tomar do sol, nem acertavam, sómente t i n h a m agulhas de navegar para conhecimento dos ventos, porque sabiam onde lhes ficava a terra, porque os ventos corriam para ella; no qual caminho acharam a náo de Pedro de Figueiró muito ronqueira que com ella se perdia a metade do que as outras andavam, e com ventos que as outras amainavam ella sem amainar ainda não podia chegar, e sendo na linha de Guiné, tiveram chuvereiros com pés de vento forte, com que todos amainavam. A náo de Pedro de Figueiró que a andar teve a vela, um pé de vento a sossobrou, que não foi vista com a grande cerração da chuva, que, sendo passada, nunca a mais viram; e querendo o capitão-mór voltar em

sua busca, lhe disse o piloto que não perdesse caminho, porque se a náo não houvera desastre ávante havia de ir, e a acharia, porque ella havia de ter a vela por andar, e passaria que a não vissem com a cerração da chuva; e assim foram seu caminho que logo veio bom tempo, correndo quanto podiam para barlavento, com que correram passante de um mez.

« A capitaina, que ia adiante, amanhecendo um domingo, houve vista de terra a barlavento, ao que fez signal com tiro de berço, e foi correndo para ella—a descobrindo, que era grande costa, terra nova, que nunca fóra vista; e sendo perto, correndo



DESCOBERTA DO BRAZIL

ao longo della, viram grandes arvoredos pela fralda do mar e por dentro, grandes montes e serranias, e muitos rios largos, e grandes enseadas; e sendo já tarde viram uma grande bahia, onde o capitão-mór entrou com prumo sondando. Achando bom fundo sorgio, o que assim fez toda a frota. O capitão-mór deitou o esquite fóra, o que assim fizeram os capitães, e foram ver o capitão-mór, o qual mandou Nicolão Coelho no seu esquite com o piloto mouro que fosse á terra, e visse se podia haver fala da gente da terra. O qual foi com dez homens de lanças e béstas, porque ainda então não havia espingardas, e sahio na terra, e achou povoações de casas palhoças, em que havia gente branca bestial, nús, sem nenhum cobrimento de suas vergonhas, assi homens como mulheres. Alguns homens vestiam redes de fio de algodão, cobertos de penas de aves de muitas côres, mui formosas que havia na terra, e mórmente papagaios, tamanhos como patos, com penas de muitas côres; gente mansa que não fugio, não faziam mal, nem tinham armas, mais que uns arcos grandes como de inglezes, com frechas de cana, e assi os ferros da cana, compridos e pegados com bctume, que fazia pezo. Não tinham nas casas nenhum fato, sòmente redes de fio de algodão atadas pelos cabos, que penduravam e nellas dormiam. Não houve lingua que os entendesse. A mór parte do arvoredo era de um páo vermelho, que deitado n'agoa fazia vermelho muito bom, e se acharam nesta terra outras cousas, que não escrevo porque depois se descobrio.

« O capitão-mór foi em terra com os capitães, onde esteve cinco dias, e foram pela terra dentro, e não acharam quem lhes fizesse mal. Havia muitas povoações e gente toda branca, e os rostos largos, e narizes largos e baixos como de jáos. Onde o capitão-mór, por conselho de todos, daqui tornou a mandar ao reino o navio de André Gonçalves, com a nova a El-Rei desta nova terra que descobrira; e mandou homens e mulheres, e moços, e suas redes, e vestidos, e dos papagaios grandes e de outros mais pequenos. O mantimento da terra era milho, e o navio carregado de páos vermelhos aparados, que eram mui pesados, a que chamavam brazil, por sua vermelhidão ser fina como braza.

E mandou André Gonçalves que fosse correndo a costa sempre enquanto podesse e trabalhasse por lhe ver o cabo, o que elle assi fez, e descobrio muito della, que tinha muitos bons portos e rios, escrevendo tudo, e as sondas e signaes; com que tornou a El-Rei, e houve muito prazer e logo armou navios em que tornou a mandar André Gonçalves a descobrir esta terra, porque mandou experimentar o páo e acharam que fazia mui fina côr vermelha, com que logo fez contrato com mercadores que lhe compraram o páo a peso, que foram carregar este brazil, de que havia grande trato e muito proveito, por ser mercadoria para muitas partes, e mórmente para Flandres de que El-Rei houve grandes proveitos como ora parece. Deste brazil mandou o capitão-mór tomar algum que levou á India, e não teve muita valia, porque a tinta vermelha fazem do lacre e por ter mór valia no reino não carregou para a India.

Como se vê, Gaspar Corrêa diz que o commandante da primeira exploração ao Brazil fóra o mesmo

portador da noticia do descobrimento, André Gonçalves, o que é da boa razão pensar que assim fosse, pois elle fóra testemunha do descobrimento e na volta para Lisboa, por instrucções de Cabral, percorreu a costa brazileira, necessariamente em não pequena extensão, sendo portanto o mais habilitado para desempenhar esta commissão.

A opinião de Gaspar Corrêa é de muito peso: secretario do grande Affonso de Albuquerque, quando governador da India, principiou a ajuntar materias para a historia que afinal concluiu, as *Lendas da India*, dando-lhe o ultimo retoque em 1561; no archivo do conquistador de Gôa achou elle muitos escriptos de que se aproveitou, como confessa, não cessando desde 1512 de recolher tudo que dizia respeito á descoberta e conquista da India pelos portuguezes. E não era só o relativo á Asia em que elle se occupava: nas suas *Lendas* se encontram outras noticias estranhas ás regiões do Oriente, que elle cuidadosamente archivou, e que tanta luz espalliam sobre a historia dos reinados de D. Manoel e D. João III.

Não é, pois, de admirar que ás mãos de Gaspar Corrêa, embora residindo na India tão longo tempo e lá fallecesse, fossem parar copias dos roteiros e memorias sobre as viagens dos navegadores portuguezes, cujo estudo lhe interessava, e a escacez mais fazia apreciar, visto taes roteiros e memorias não gozarem dos beneficios da impressão.

Assim, pois, fiado na autoridade de Gaspar Corrêa, consideramos André Gonçalves o chefe da primeira exploração ao Brazil, isto enquanto não apparece documento que prove ser outro o encarregado de explorar-a<sup>12</sup>

O roteiro desta viagem não apparece, apozar das constantes investigações dos escriptores que nisso se têm emphyado. Entretanto elle deve ter existido, não só o do commandante em chefe como o de Vespuccio, pois que sendo este convidado como cosmographo de nomeada para esta exploração, não pôde restar duvida que o escrevesse para dar a conhecer a D. Manoel o resultado do emprehendimento. Elle mesmo confessa que redigio papeis tendentes a esta exploração e que os entregou a D. Manoel, dando a entender que não lhe foram restituídos.

O que nos resta, pois, desta primeira viagem ao Brazil é a carta que Vespuccio escreveu ao seu compatriota Soderine, obscura, incoherente, mas a que temos de prestar fé, em falta de documentos coevos que melhor esclareçam os factos.

<sup>12</sup> Os descobrimentos feitos pelos portuguezes não passavam, nem podiam passar desapercebidos aos residentes estrangeiros em Lisboa.

O embaixador de Veneza, Pietro Pasqualigo, em 1601, noticiando ao Senado da republica o descobrimento feito pelos Côrtes Reaes, ao norte da America, diz respeito á descoberta de Cabral:

« Tambem crêm estar ligada (a terra dos Cortes Reaes) com as Antilhas, que foram descobertas pela Hespanha e com a terra dos papagaios, ultimamente achada pelos navios deste reino »

E' natural, pois que outros residentes estrangeiros participassem ás suas cortes os descobrimentos que os portuguezes iam fazendo, e que uma pesquisa acurada em seus archivos desenterrasse preciosos documentos a ellas relativas, como aconteceu á carta de Pasqualigo dada á luz ultimamente pelo academico Sr. Dr. Canto e Mello na sua importantissima revista — *Archivo dos Açores*.

E estes documentos não se pôde, não se deve perder a esperança de que ainda venham a ser encontrados.

É certo que as diligencias têm sido grandes nesse sentido ; mas conforme outros têm sido descobertos por infatigáveis pesquisadores, pôde ainda o acaso, a felicidade deparal-os aonde menos se espere.

Na obra de Duarte Pacheco, como dizemos em nota, nos parece que, uma vez dada á luz, muitos pontos serão elucidados<sup>13</sup>, bem como outros escriptos esparsos em velhos alfarrabios, interdictos até hoje aos prescrutadores de passados feitos<sup>14</sup>.

(Continúa.)

13 « Alli vereis (no *Esmeraldo*) tratadas e decididas acertadamente as g andes questões cosmographicas dos antigos tempos. Alli vereis a narração singela do marreante enlaçada com a varia erudição sagrada e profana do homem curtido sobre os livros. Alli achareis mui

curiosas, verdadeiras, e porventura novas noticias de nossas primeiras navegações, que, como de contemporaneo e tão entendido, são muito de aproveitar para desmanchar conjecturas de criticos de má morte. »

(J. H. da Cunha Rivara, *Panorama*, 5º vol., 1ª serie, pag. 11.)

No *Roteiro* de D. João de Castro, ultimamente impresso em Lisboa, annotado pelo illustre Sr. Andrade Corvo, melhormente se demonstra o valor da obra de Duarte Pacheco nas diversas notas com que enriquece o roteiro do celebre vice-rei da India, e entre ellas a que se refere á viagem do mesmo Duarte Pacheco ás partes do occidente logo após a sahida do Tejo de Vasco da Gama para o seu memoravel descobrimento da India.

14 Parece-nos que muitos documentos não têm sido compulsados e visto a luz da imprensa já pela difficuldade em os interpretar pela ruim calligraphia em que foram escriptos, já pela linguagem barbara e obsoleta orthographia de seus autores, e sobretudo porque semelhante interpretação não depende absolutamente dos vastos conhecimentos dos compulsadores, mas sim de eruditas e pacientes pessoas que tenham profundo estudo da paleographia.



## CIDADE DO BOMFIM

(GOYAZ)

A cidade do Bomfim, séde do municipio de seu nome, uma das mais prosperas da provincia de Goyaz, está situada sobre um risonho planalto a 1400 metros acima do nivel do mar e distante 264 kilometros da capital da provincia.

O rio Vermelho e o corrego Lava-Pés banham este pittoresco local, um dos mais bellos e ferteis da provincia.

Distante 16 leguas ficam as nascentes do rio Corumbá, o mais caudaloso affluente do Paranahyba, que nasce nos montes Pyrinéos, no lugar chamado Curreal de Pedras, a tres leguas da cidade de Meia-Ponte ; a léste da cidade corre o Piracanjuba, um dos affluentes do Corumbá, que corre duas leguas distante ; ao poente, 10 leguas distante, corre o rio Meia-Ponte.

A situação geographica da cidade é 16° 50' latitude S. e 4° 7' 5" longitude do meridiano que passa no Pão de Assucar.

Foi fundada em 1744 por um bando de aventureiros da vizinha cidade de Santa Luzia, que, attrahidos pela descoberta de minas auríferas nesse ponto da provincia, para lá se dirigiram e fundaram uma igreja com a invocação do Senhor do Bomfim.

Milliet de Saint-Alphonse, além de confundir esta cidade com Bomfim dos Pilões, na margem do rio Claro, nos dá no seu *Diccionario Geographico* a fundação daquella cidade em 1744.

Por muito tempo a sua matriz foi filial de Santa Cruz, mas o decreto da Assembléa geral de 29 de Abril de 1833 conferio-lhe o titulo de parochia, desannexando-lhe o territorio de Santa Cruz. Foi elevada a villa em 1836 e a cidade 1843.

Além da matriz possui as igrejas do Rosario e S. Sebastião, um bello chafariz, talvez o melhor da provincia, casa da Camara, cadêa, uma bibliotheca publica fundada por iniciativa do Sr. Henrique da Silva, em 12 de Dezembro de 1886, e outros edificios importantes.

A população do municipio orça em 15,000 almas, que comparada com a de 1872, que era de 7850 almas, indica um progresso espantoso; este progresso é devido á immigração, principalmente de mineiros, que são attrahidos pela salubridade do clima e pelas magnificas terras de lavoura.

É o municipio de maior futuro da provincia ; exporta mantimentos mensalmente para a capital, especialmente porcos, toucinho, café e assucar.

O municipio possui tres freguezias : Campinas, Bella Vista e Santa Cruz.

Campinas, o local mais formoso de toda a provincia, está a 14 leguas do Bomfim e 165 kilometros da capital, proxima ao valle do rio Meia-Ponte, n'uma vasta e pittoresca campina que lhe deu o nome, e regada por um limpido ribeiro—o Cascavel.

Foi fundada em 1810 por Joaquim Gomes da Silva Geraes, natural de Meia-Ponte, que ahi passou com direcção á Anicuns, onde ia em busca de uma mina de ouro recentemente descoberta. Tão magnifico pareceu-lhe o

lugar, que ahi mesmo estabeleceu-se com os seus companheiros; em breve muitas familias de S. Paulo e Minas para lá transportaram os seus lares.

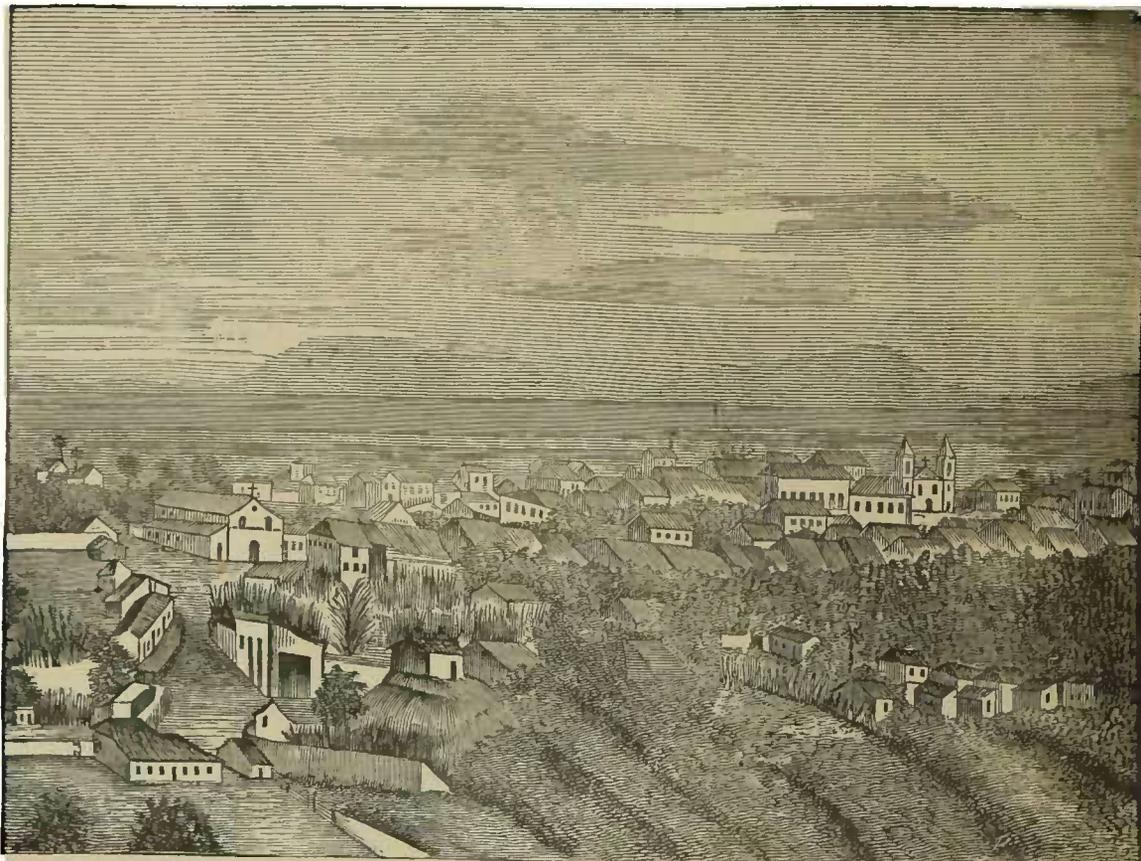
Possue: ricas minas de ferro, que foram exploradas por uma fabrica que já não existe, e uma igreja dedicada a Nossa Senhora da Conceição.

A villa de Santa Cruz está situada a 17° 54' latitude sul e 5° 35' longitude do meridiano do Rio de Janeiro, e a 344 kilometros da capital.

de ouro, cuja exploração foi interrompida por falta d'agua.

Distante do Bomfim 9 leguas está o florecente arraial da Bella Vista, conhecido outr'ora por Suçuapara, do nome de um vendo que muito abunda naquelles campos. Foi fundada pelo Sr. Antonio Amaro da Silva Canedo nas terras doadas por Joaquim Telles. Vai progredindo consideravelmente, graças ao seu illustre fundador, que é o idolo do lugar.

Possue uma capella começada em 1875 por



CIDADE DO BOMFIM—GOYAZ—DESENHO DE T. BECKER

Foi descoberta em 1729 por Manoel Dias da Silva, que, dirigindo-se para Cuyabá, ahi descobriu uma rica mina de ouro; ahi estabeleceu-se; fincou uma cruz com a inscripção: «Viva o rei de Portugal,» e fundou a actual povoação, recebendo por esse serviço a tença annual de 800\$000.

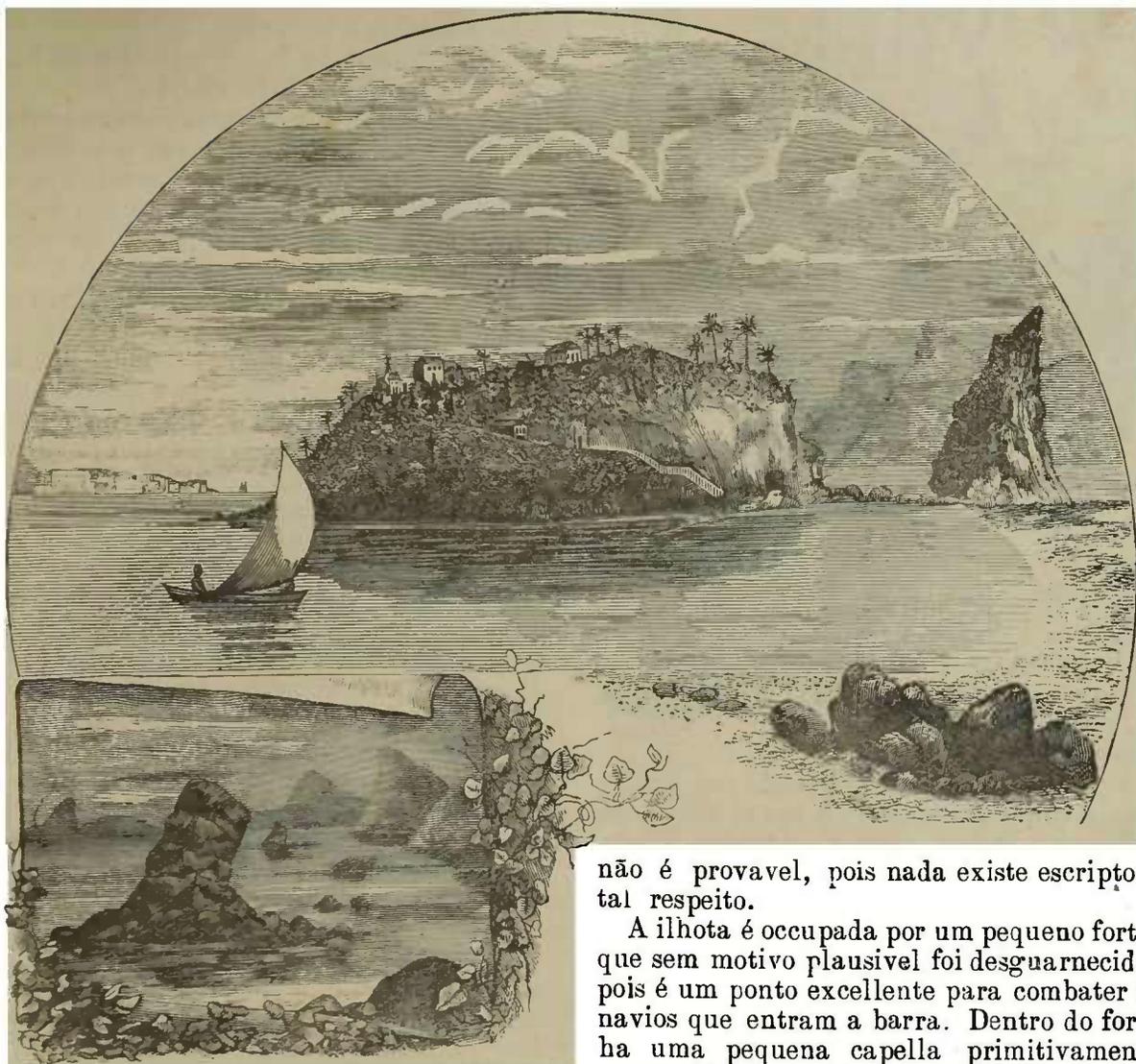
E' nesta villa que está o famoso morro do Clemente, onde se acha uma riquissima mina

subscrição popular, com dedicação á Nossa Senhora da Piedade, e um bello chafariz com uma inscripção em memoria do benemérito commendador Francisco José da Silva, que tão relevantes serviços prestou ao arraial.

Exporta o melhor fumo da provincia conhecido por *Leme*.

TOBIAS BECKER.





## BOA VIAGEM

Na carta levantada em 1711 por Duguay Trouin apresenta-se esta ilha muito afastada de terra, por esse tempo completamente deshabitada; em seculo e meio o accumulo das arêas avultou, porém por tal fórma, que actualmente uma pequena ponte de madeira basta para transpor-a da ponta de S. Domingos, e isto mesmo quando a maré está cheia; em plena vasante passa-se a pé enchuto,

Tem essa ilhota a configuração de um monticulo, parecendo até ser uma desaggregação do morro com que termina a ponta de S. Domingos. O antigo canal, que quasi de todo tem desaparecido, parece antes uma obra artificial do que natural, o que aliás

não é provavel, pois nada existe escripto a tal respeito.

A ilhota é occupada por um pequeno forte, que sem motivo plausivel foi desguarnecido, pois é um ponto excellente para combater os navios que entram a barra. Dentro do forte ha uma pequena capella primitivamente construida pelos meados do seculo XVII, a qual gozava de muita devoção dos maritimos; destruida por um incendio, foi reedificada em 1860 e se conserva em bom estado.

« Em 1810, diz o major Augusto Fausto de Souza em sua excellente *Noticia* sobre a bahia do Rio de Janeiro, fundou-se nesta ilha um lazareto, para a manutenção do qual deviam concorrer os navios mercantes com uma diaria de 400 réis a 1\$200, conforme a lotação. »

Do alto da ilhota desfructa-se agradabilissima vista, descortinando-se a cidade do Rio de Janeiro, as enseadas da Jurujuba, Flamengo, Botafogo, Gloria e o fundo da bahia.

A vista que damos representa o conjuncto tomado do lado de Icarahy.

F. F.



« Sente a alma ainda—  
e o coração é morto. »

ALMEIDA GARRETT.

O lampeão, collocado no meio da velha *mesa-elastica*, dava uma claridade avermelhada, porém vaga ao interior.

A parede, ao fundo, parecia um esbatimento de quadro antigo; a luz chegava até ali muito fraca; apenas destacava se, em esboço, o armario alto, envidraçado, suspenso sobre um corpo semelhante ao de uma commoda. O resto da sala era pobre. Duas cadeiras de faia e um sofá antigo de jacarandá, forrado de palhinha e sem espaldar, estavam encostados á parede que fazia face ao fundo; em outra parede, onde abria-se, ao meio, uma porta — de um lado a machina de pé, americana, systema Singer; de outro, um tamborete com a talha de barro da Bahia. Na parede defronte, duas portas, aos cantos, envidraçadas e com cortinas de cassa; ao centro uma mesinha muito antiga, de jacarandá e marmore côr de cinza; era a mesa das *quartinhas* e dos copos: por cima, pendurado á parede, um relógio, de mostrador redondo, pintado de branco; na caixa da pendula havia um busto de odalisca, de grandes olhos escuros, langurosos, e grande fartura de cabellos negros entrelaçados de moedas e crescentes amarellos.

Junto da mesa, um menino alourado, todo curvado sobre as paginas de um livro, lia em voz alta. A luz, batendo em cheio na palidez das paginas, dava-lhe reflexos vivos ao rostinho claro, rosado, de grandes olhos azues e nariz correctamente grego, partindo da união de curvas sobrancelhas castanhas

até um pequeno buço ainda nú, e onde o labio côr de cereja tinha a fórma de um arco antigo. E, pelo silencio da sala, a sua voz, debil e suave, tomava volume, crescia lentamente, enchia o espaço:

« — De que devo eu arrepende-me?... perguntou Danglars balbuciando. »

As palpebras descidas, a cabecinha redonda inclinada para o livro, cercado pelo braço esquerdo emquanto a dextra acariciava a pagina entre os dedos, faziam-n'o um typo encantador, um capricho de pintor de costumes.

« — Do mal que me fizestes, respondeu a mesma voz. »

Em sua frente, uma senhora, magra e pallida, ia passando, com destreza e méstria, os fios de lã azul do dedo para a agulha que trançava-os com a parte do trabalho já feito. De quando em quando parava; fictava o menino. Depois, mudando a posição das agulhas de osso pollido, continuava a trabalhar.

Ouvia-se o barulho da chuva, que cahia fóra. De quando em vez trovões arrastavam-se no alto, e iam desabar para longe, com estrondo abafado.

E o menino continuava a ler.

A's vezes fazia um gesto, meio esquerdo, nas scenas que mais interesse lhe despertavam. A senhora parou por um instante o trabalho, tendo os braços na posição em que os movia, e fitou o olhar attento sobre o filho.

A vozinha d'elle, n'uma complexão de entusiasmo, exclamava, enchendo o silencio da sala:

« — Quem sois então? »

« — Sou aquelle a quem vendestes, entregastes e deshonrastes... sou aquelle, cuja noiva prostituistes... sou aquelle, a quem calcastes aos pés, para alcançardes riquezas.. sou aquelle, cujo pai fizestes morrer de fome, e que comtudo vos perdôa, porque tambem tens necessidade de ser perdoado... »

E levantando a voz, possuido pela leitura, dominado por uma forte emoção da scena concluiu:

« — Sou Edmundo Dantés! .. »

A mãe retomou o trabalho. A sua mão tremula agitava a agulha, virando, revirando-a, por entre a lã e o indicador da mão esquerda; parou. Estava nervosa, queria ouvir toda aquella scena commovida do perdão. Ai! aquella leitura cahia no seu velho coração como uma gotta d'agoa sobre uma chapa de ferro encandescente.

Conhecia o romance.

Lêra-o uma, duas ou tres vezes. Demais, já não era a sensação desse formidável tramas de aventuras que sensibilisava-lhe; era aquelle livro, aquelle simples objecto que

allí tinha diante dos olhos, com as folhas amaralladas, resguardado por uma encadernação de couro. Elle resumia o seu passado. Era como um cofre das resequidas illusões da mocidade. Tinham-lhe dado de presente ainda quando a flor dos quinze annos começava desembotoar-se na frescura das suas faces, no contorno curvo e voluptuoso do seu busto, nos sonhos iriados da sua fantasia. Lembrava-se perfeitamente desse tempo, Oh! se lembrava-se!... Seu papai, um velho todo birrento, todo encannecido, arrastando as pernas inchadas n'uns passos que pareciam escarros, ainda vivia. A mamã, que santa! tinha-lhe então uma amizade sem limites; dava-lhe tudo, aneis, pulseiras, botins e vestidos. Queria vê-la bonita, tão faceira como a filha da gente rica, e a sorrir, a sorrir tanto de alegria que as lagrimas pespontavam no canto dos olhos — tomava-lhe entre as mãos ambas as faces, beijava-lh'as repetidas vezes, cheia de enthusiasmo, dizendo:

— Que linda tu és, filhinha! Que linda!

Nesse tempo, era namoro seu um rapaz garboso, o Dr. Alberto Salles, o filho mais velho do visconde de Entre-Rios, uma fortuna!

Todas as noites o doutor estava em casa. Trazia-lhe mimos; faziam musica ao piano. Ambos tocavam. Elle cantava, tinha uma voz fresca de tenor. E era com paixão no olhar, com a voz tremula e sentida, a mão sobre o peito, que gemia a phrase final do *Ernani*:

*Elvira! Elvira!... Addio!*

Ai della! As teclas, nervosamente batidas por seus mimosos dedos, tangiam as notas dulcissimas dessa musica. Nesse momento, ella estava longe da realidade, era um sêr arroubado de amor, seduzido, allucinado pela estranha magia daquelle rapaz alto, robusto, e bello.

Outras vezes liam juntos, cabeça com cabeça; halitos confundindo-se em ardencias de desejos, e o mundo tão afastado de ambos que nem reservas tinham.

De resto, o namorado dava-lhe muitos romances para ler, tudo quanto era novidade no boletim das livrarias, escripto em portuguez.

Quando lhe trouxe o *Conde de Monte Christo* recommendou que o lesse com attenção—era um primor! dizia.

Na primeira pagina do livro escreveu: « A' Albertina Roxo, » e por baixo, de um lado — 3 de Setembro de 1865 — e de outro lado, n'uma calligraphia desembaraçada e gorda: « Dr. Alberto Salles. »

Era a primeira vez que punha dedicatória nos livros que lhe dava. Por esse facto, este ficou valendo mais do que os outros. Não o emprestava a ninguem.

Um dia o noivo participou que ia ao Norte, precisava visitar o pai antes de se casar. Ella não se comprazia com semelhante resolução, achou-a desnecessaria; mas elle tanto insistio, tantas provas persuasorias desenvolveu, que não houve remedio senão ceder. Também para que desconfiaria do seu character? Não eram bastantes os testemunhos de fidelidade que tinha dado? Muitas não foram as vezes que puzera em evidencia a sua probidade? .. E, então, porque temer agora uma acção infame?!

Deixou-o partir. Ah! antes nunca o deixasse! As lagrimas que derramou pela sua inesperada infidelidade levaram todas as esperanças da sua alma, arrebataram toda a seiva do seu coração de moça.

Chegou a pensar em fazer-se freira, mas os conventos já não recebiam noviças. Pensou no celibato eterno, nessa virgindade sem poesia, nessa existencia sem luz, sem impressões, sem lutas, mas o lento desenvolver dos annos trahi-lhe o intento.

O papai morreu; ficou sósinha com a mamã e mais uma irmã que já era noiva. Conheceu um homem, que desejava-a. Casou-se. E os annos tinham passado.

Tudo na vida se transformára. A mamã andava pela Europa em companhia do outro genro, um allemão; ella allí estava, obscura na sua pobreza, em companhia de seu filho, enquanto o marido trabalhava na Imprensa Nacional para sustentar a casa. Tudo se transformára. Viveu durante muitos annos esquecida de tudo. Mas um dia o filho fallou-lhe em romances para ler durante o serão, lembrou-se dos seus livros, guardados no fundo de um bahu, onde jaziam as reliquias do seu passado—os presentes do Alberto Salles, recordações do papai, as primeiras roupas do menino—e trouxe-os para que elle os lêsse.

Sentia um vago, porém dolorido prazer, em ouvir ler aquelles livros que lêra aos quinze annos com tanto ardor. Parecia que sua alma evolava-se para esse época de felicidades, perdida nas nevas das recordações. Como lhe fazia bem ao espirito esse rememorar vagaroso dos factos! Era um sabor acredoce daquellas delicias, sabor que se sente nos labios emmurchecidos pelo tempo, emquanto as lagrimas assomam aos olhos.

Quanta mudança atraz de si! Quanta differença em tudo!... Que vontade de voltar á mocidade, de gozar as mesmas alegrias, de soffrer as mesmas dores!...

O filho estava a terminar a leitura. Tinha lido muito. A sua vozinha esmorecia:

« — Adeus, minha amiga ! disse Valentina, adeus, minha irmã !

« — Quem sabe se nos tornaremos a ver ? disse Morel, enxugando as lagrimas.

« — Meu amigo ! disse Valentina... »

O menino tossio, afadigado. Tomou um pouco de ar e continuou :

« ... o conde acaba de nos dizer que toda

a sabedoria humana se encerra nestas palavras : Ter fé e esperar. »

Albertina, que havia outra vez se distraído do trabalho, oscillou tristemente a cabeça. Nos seus grandes olhos negros e tristes despontaram lagrimas que ella procurou disfarçar, tecendo rapidamente, nervosamente, os fios.

L. GONZAGA DUQUE-ESTRADA.



## ILHA ANHATÓMIRIM

No norte da ilha de Santa Catharina, a 200 metros do continente e a 5 kilometros da cidade do Desterro, acha-se a pequena ilha Anhatómirim. O canal que a separa do continente tem 5 braças de profundidade ; as embarcações de alto calado ahi encontram um bom ancoradouro abrigado de ventos ponteiros.

A fortaleza de Santa Cruz que nella se acha, e cujas ruinas, ainda mostram o antigo esplendor, foi começada em 1737 pelo gover-

forte da Ponta Grossa, fronteiro ao de Santa Cruz.

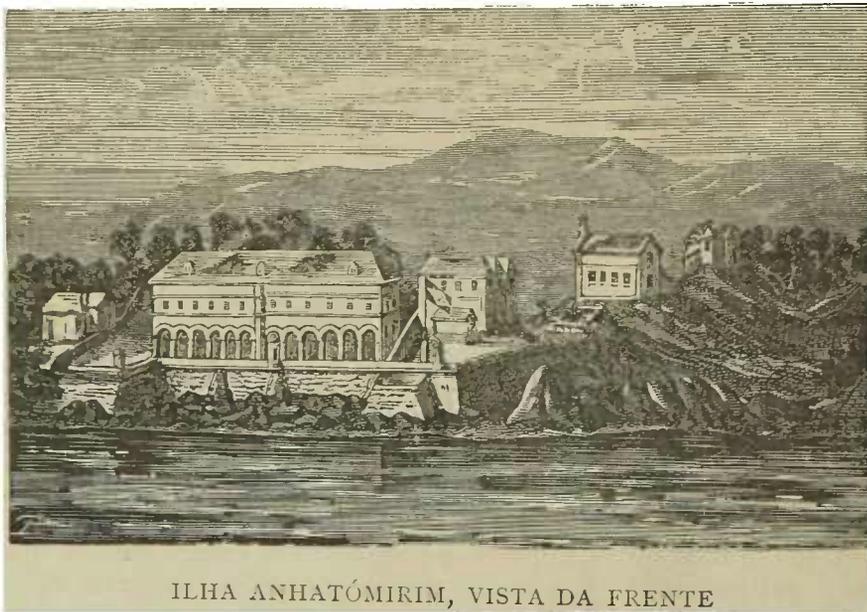
Todos os viajantes e escriptores, que referem-se a esses dous fortes, são concordes em dizer que elles não poderão impedir a entrada de uma esquadra inimiga, visto como acham-se tão distantes um do outro, que não cruzam fogos.

São desta opinião : o almirante inglez Anson, o navegador francez La Pérouse, o sabio russo Krusenstern, e os escriptores monsenhor Pizarro e o visconde de S. Leopoldo.

Sobre esta opinião, diz Paulo José Miguel de Brito na sua *Memoria Politica* :

« Que o brigadeiro Paes, sendo um engenheiro e militar tão illustrado, não commetteria erro na escolha daquelles pontos ; o que hoje vaide encontro ás regras da tactica talvez que naquelle tempo fosse acertado e exacto. »

Todas essas opiniões, receios e hypotheses são actualmente destruidas com o alcance espantoso da artilharia moderna, hoje que um canhão *Bange* de 340, de sitio e fortaleza, de marinha e costas de mar, lança a 18 kilometros projectis pesando 600 kilogrammas !



ILHA ANHATÓMIRIM, VISTA DA FRENTE

nador da capitania o brigadeiro José da Silva Paes, sendo concluida em 1744.

A provisão do conselho ultramarino de 17 de Agosto de 1748 approvou a planta do seu quartel.

Além do forte da ilha dos Ratonos, na barra do sul da ilha de Santa Catharina, o brigadeiro Paes construiu mais em 1740 o

A posição geographica do forte é a 27° 25' 32" latitude sul e 51° 1' 14" longitude oeste do meridiano de Paris, segundo a opinião do illustre almirante Roussin, que ahi fez algumas observações astronomicas.

Outros navegadores celebres visitaram a ilha Anhatómirim, taes como La Pérouse, que ahi esteve em 1785, retirando-se a 19 de

Novembro, levando gratas recordações da hospitalidade dos habitantes da ilha de Santa Catharina, que, durante o tempo que lá esteve, dormiram no chão, em esteiras, para cedem as camas aos marinheiros de La Pérouse, que haviam naufragado proximo áquella ilha; Mawe, que ahi esteve em 1807, escreveu uma *Viagem ao interior do Brazil*; o viajante russo Krusenstern e seu companheiro o naturalista allemão Langsdorff ahi estiveram no principio do presente seculo.

Este ultimo escreveu um livro, que foi impresso em 1820 em Paris, intitulado *Memoria sobre o Brazil, para servir de guia ás pessoas que desejam estabelecer-se naquelle pais*, e de 1825 a 1829 explorou o interior do Brazil em companhia do astronomo Ruszoff e dos naturalistas Riedel e Ménétries, colhendo preciosas colleções que se acham no museu de S. Petersburgo.

Tambem visitou a ilha o sabio viajante Duperrey, commandante da *Coquille*, em viagem de circumnavegação; este viajante, nos seus escriptos, depois de attribuir ao forte uma antiguidade fabulosa, faz-nos delle a seguinte pittoresca descripção:

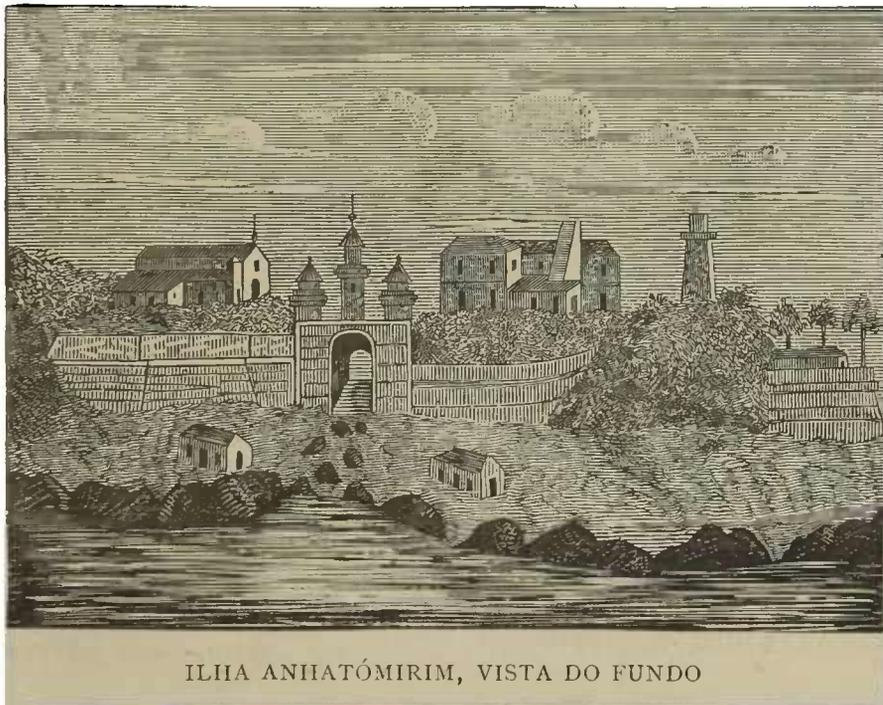
« Penetra-se nesse forte por um portico notavel pelo seu estylo gothico e pela sua antiguidade, depois de haver subido uma centena de degrãos, onde enormes barbatanas de baléas estão postas á guisa de corrimão. Copados arvoredos, delizioso abrigo de revoadas de beija-flores, orlam as partes lateraes dessa escadaria até a praia de desembarque, cujo sitio acanhado fica occulto por uma ponta e rochedos de granito. Trinta e dous canhões enferrujados, de varios calibres, montados em reparos arruinados, compunham toda a artilharia dessa fortaleza quando a visitámos, e alguns soldados esfarrapados, que mais se assemelhavam a camponios do que militares, formavam a guarnição. »

A pintura é fiel, excepto as barbatanas de baléa que o tempo as consumio, e a guarnição

que traja-se melhor, o estado do forte é o mesmo que quando lá esteve Duperrey; algumas modificações têm sido feitas do anno passado para cá; mas apezar de tudo isso, apezar da artilharia estar imprestavel, o forte é considerado armado!

A 25 de Fevereiro de 1777 as tropas do general D. Pedro Ceballos antes de tomar a ilha de Santa Catharina intimou o governador do forte de Santa Cruz a que se rendesse; fel-o depois prisioneiro com toda a guarnição, excepto um official que se achava no Desterro, onde fôra communicar ao marechal Antonio Carlos Furtado de Mendonça a intimação das tropas de Ceballos.

Pelo art. 22 do tratado preliminar de paz de 1º de Outubro de 1777 entré as côrtes portugueza e hespanhola, foi estipulado que seria evacuada, e restituída dentro de quatro mezes que se seguissem á ratificação desse

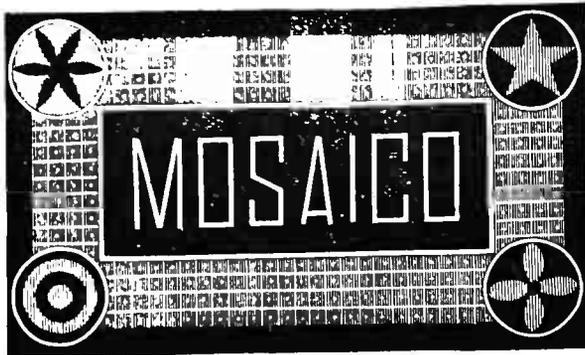


ILHA ANHATÓMIRIM, VISTA DO FUNDO

tratado, a ilha de Santa Catharina, bem como as adjacentes e parte do continente immediato a ella, com artilharia, munições e mais effeitos que fossem encontrados no tempo da occupação.

Durante a campanha do Paraguay, o forte servio de deposito de convalescentes, e actualmente serve de registro á barra; nelle acham-se collocados um pharolete e um mastro pertencentes ao ministerio da marinha.

TOBIAS BECKER.



### (ADULAÇÃO)

A adulação é vicio vergonhoso para o que a pratica e danoso á pessoa a quem se dirige. O louvor exagerado das nossas boas qualidades sempre procede de vaidade pueril. Se nos fôr devido, não bastará que todos o reconheçam, sem que o ouçam da nossa boca?

O elogio que fizermos aos outros sobre objectos em que tenham merito indisputavel, por exemplo, a nobreza de nascimento, as acções gloriosas, os dotes corporaes e intellectuaes, não entrando servilismo, será justo, porque manifesta nesse respeito estima e admiração.

Congratular uma pessoa que acaba de cantar, ou de mostrar outra habilidade, é cortezia, se o executou soffrivelmente; applaudil-a, se desenvolveu merito subido, é obrigação.

Não ha adulação quando é verdade o que dizemos nem quando dizemos o que cremos; neste caso não existe intento de enganar.

Quando quizermos elogiar qualquer pessoa, sempre nella acharemos um merito; porém exalta-a contra a verdade dos factos não é só adulação, é insulto.



### SIGNIFICAÇÃO DOS NOMES



*Albertina* — Flor de pecegueiro. (Caso raro: os poetas têm-se apaixonado por Lauras, Beatrices, Nathercias, etc., mas ainda não houve um só que entregasse aos cuidados da inspiração este mavioso nome. De resto, as Albertinas são bonitas e têm decidida vocação para o *crochet*... o *crochet* é o refugio purgatorio das namoradeiras.)

*Angelica* — Beijo de frade. (E' excellente tia, se casa-se excellente mãe.)

*Angela* — Violeta singela. (Ideal de um burguez rico, porque as mais das vezes as Angelas são de genio calmo e muito dedicadas aos affazeres domesticcs.)

*Agueda* — Crista de gallo. (Os romancistas jocosos faziam das Aguedas tias impertinentes, rheumaticas e feias. Nem tanto. São boas para *l'iba de moça*.)

*Angelina* — Flor de cêra. (Vaporosa, subtil; quasi sempre são desageitadas para os trabalhos caseiros e muito pre... quero dizer, indolentes.)

*Abigail* — Rosa principe-negro. (Fazem a felicidade dos poetas, se tiverem o bom senso de requerer divorcio no primeiro anniversario do casamento.)

(Continúa.)



As minas de cobre do Brazil encontram-se nas provincias de Matto-Grosso, Minas-Geraes, Bahia, Maranhão e principalmente no Rio Grande do Sul, como por exemplo nas margens do Quaraim, em Santo Antonio das Lavras, a seis kilometros e 600<sup>m</sup> da villa daquelle nome, donde facilmente pôde o mineral ser transportadò, na distancia de 85 kilometros e 900<sup>m</sup>, á cidade da Cachoeira, ultimo ponto do rio Jacuhy, na parte navegavel a vapor.

O cobre de Caçapava produz 60 % de metal puro, mais ou menos, dos mais abundantes veeiros.



### CARACTER

A força do caracter não se mostra na perseguição violenta dos objectos das paixões; não consiste em agitar-se alguém nessa servidão, mas faz-se admirar na perseverança da alma, consagrando as suas faculdades na execução de designio que a razão approva.



## A VACCINA

Deriva este nome da palavra latina *vaccu*, porque é do ubre das vaccas que se tira a materia que se inocula nas crianças, afim de preserval-as das bexigas. As primeiras experiencias da vaccina foram feitas em Inglaterra pelo medico Edward Jenner em 1798.



A ambição é a fome canina da imaginação.



O trabalho faz conhecer o verdadeiro valor do homem, assim como o fogo desenvolve os perfumes do incenso.



Em 1723, segndo Baena, ou em 1725, segundo o capitão-tenente Amazonas, foi o rio Madeira conhecido pela primeira vez até a parte superior das cachoeiras.

Era então governador do Pará o general João da Maia Gama.

A noticia recebida de alguns individuos, que se davam ao trafico de indigenas, de que acima das cachoeiras havia habitações de gente branca, que se suppunha hespanhola, motivou a primeira expedição que ordenou aquelle general, ao mando de Francisco de Mello Palheta.

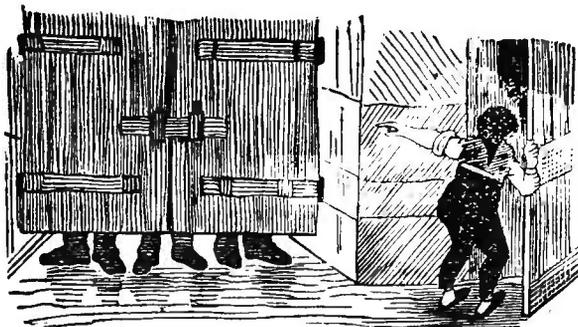


## O SOM

O som viaja 13 milhas por minuto; a luz 200,000 milhas por segundo; a attracção de gravitação é 50,000 vezes mais rapida que a luz.



## UMA TROPA DE... BOTAS

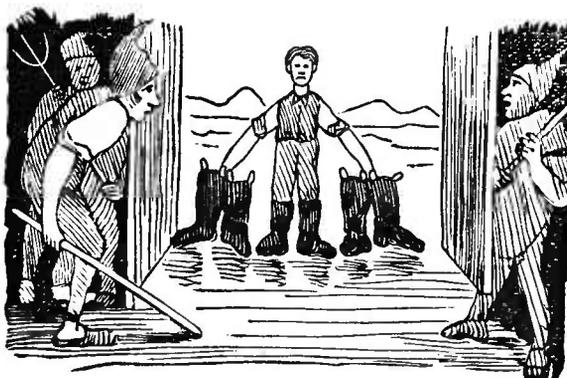


— Oh patrão! oh patrão! grita assombrado o Zé, chegado do Fayal ha tres mezes. Está ao portão uma tropa a bater,

— Uma tropa? pergunta de dentro o patrão.

— Sim, senhor, uma tropa e a tres de fundo. Só na frente vejo eu seis botas a luzir como espelhos.

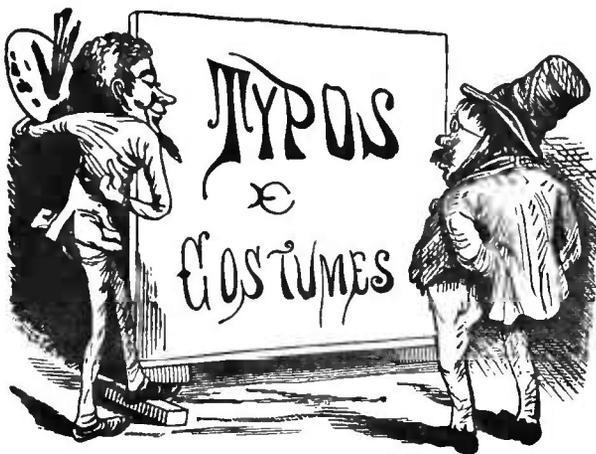
O Manoel Rodrigues grita pelos moços do capim, e armados todos de instrumentos contundentes e perfurantes vão ao portão, abrem-n'ó de par em par e...



apparece o Antoninho, do sapateiro do bairro, a rir parvamente, mettido em um par de botas e com dous outres pares pendurados das mãos.

Estava tudo explicado: eram as botas do Manoel Rodrigues e dos dous moços do capim, que tiham ido a engraxar para a festa da Penha, no proximo domingo.





O vendedor de jornaes

Até o apparecimento do *Diario de Noticias* (o primeiro), que foi fundado nesta côrte em 1870 pelo jornalista portuguez Antonio Climaco dos Reis, era completamente desconhecida esta especie, ainda que a familia já existisse, mas com pouco desenvolvimento.



VENDEDOR DE JORNAES

Havia, é certo, o preto mina que mercava a *Correspondencia*, que de Lisboa vinha já impressa para ser aqui vendida, á chegada dos paquetes, mas o pequeno vendedor de jornaes, tal qual o conhecemos, data daquella época.

Em geral o typo é italiano, vende folhas diarias, periodicos litterarios, opusculos de *sensação*, e alguns até bilhete de loteria; mas o forte é o jornal noticioso. Não têm fé com a politica, recusam os respectivos orgãos ainda mesmo que lh'os dêem com 75 %

de abatimento. Também não se dão bem com folha diaria que exceda de 40 rs. por exemplar.

Reunem-se em companhias e submettem-se a um chefe, que, por via de regra, faz sempre com elles contas de grão-capitão, e ainda por cima dá-lhes pancada. Estes chefes são na maior parte feitos no campo do combate; começam por commandados e acabam commandantes, apanham para depois dar, são roubados para mais tarde tirar á larga a sua desforra.

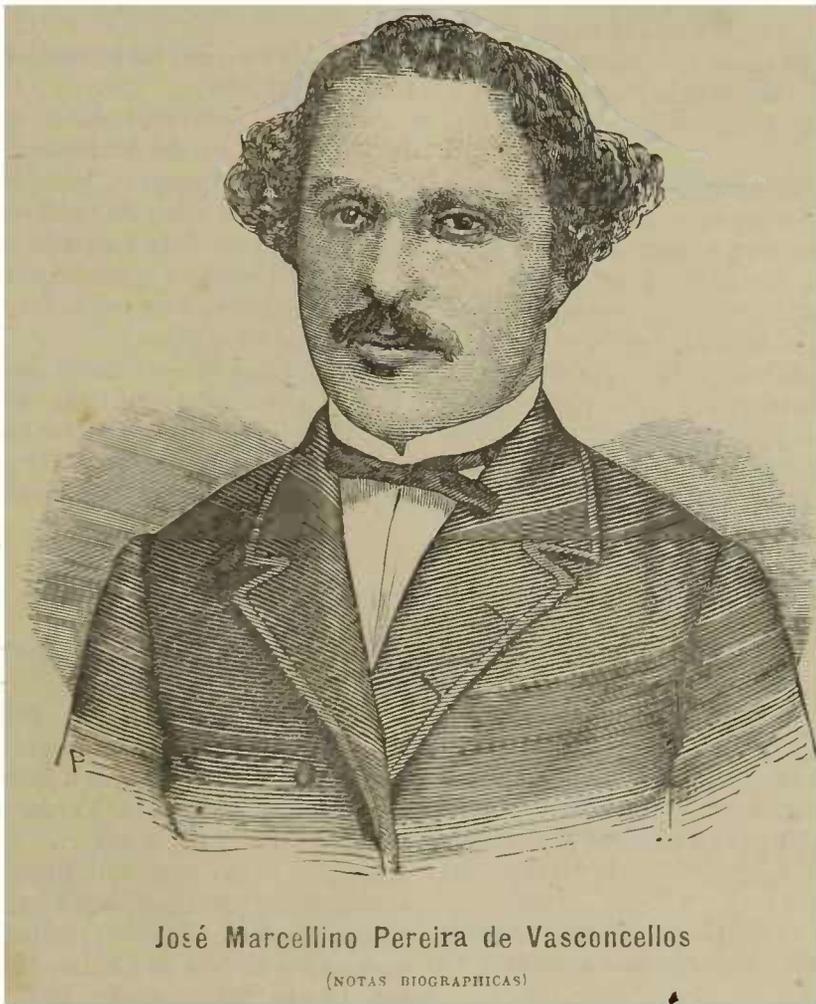


VENDEDOR DE BILHETES DE LOTERIA

Os vendedores de jornaes formam hoje no Rio de Janeiro um bom pé de exercito, e podem-se considerar uma potencia nos arraiaes da imprensa, ainda que não tenham disso consciencia; para certos jornaes, e dos de maior circulação, a sua vida depende dos vendedores. Uma *grève* que elles fizessem por espaço de um mez poria em serios embaraços mais de uma empreza jornalística.

No entanto esses pobres diabos que por ahí andam, e que tanto concorrem para a diffusão da imprensa, nada têm della recebido em bem da sua educação e futuro, quando aliás tão facilmente se poderia organizar uma associação beneficente que lhes facultasse escola e enfermaria, senão mesmo melhor abrigo do que têm, pois geralmente dormem pelo chão das officinas, á espera que nasça o dia e fique prompto o jornal.

F. F.



José Marcellino Pereira de Vasconcellos

(NOTAS BIOGRAPHICAS)

Levantar monument, ainda que modesto, em honra dos que souberam construir, só por seus esforços, uma peanha, de cima da qual conseguiram exceder o nivel commum, é, em minha opinião, além de merecido preito, o melhor incentivo á mocidade.

Os norte americanos, com aquelle instincto pratico que os distingue e differencia d'entre todos os povos, mesmo incluídos seus progenitores d'aquem do Mancha, classificam homens dessa categoria de unicos verdadeiros nobres dos tempos que correm, e não lhes poupam elogios.

—Os *selves-made-men* são os mais queridos thesouros do grande povo, que se agglomera activo e emprehendedor em torno da gloriosa bandeira estrellada

E' assim que elles quando fallam de si antes de citar, por exemplo, a importantissima

ponte que põe em communicação Brooklin a New-York, ou o Capitolio, magestoso specimen architectonico de sua capital, citam Benjamin Franklin, o inventor dos para-raios, o diplomata que conseguiu angariar as sympathias da França absolutista e preconceituosa para o movimento democratico e separatista da então grande colonia anglo-americana — sem omittir que elle era de familia de operarios, tambem operario quando rapaz!

Quando fallam em Abraham Lincoln, seu XVI presidente, Lincoln, o abolicionista sem restricções, Lincoln, que lavou com o proprio sangue a nodoa que envergonhava a bandeira de sua patria, depois do meiado do seculo XIX, não deixam de exclamar com orgulho :

— E este homem foi em sua primeira mocidade um lenhador do Kentucky !

E accrescentam :

— Não foi o unico. Sabeis quem o substituiu na alta administração, depois que o esclavagismo encarnado em um actor o assassinou covarde e infamemente ! Foi Andrew Johnson, um operario, um alfaiate.

Já nós não somos assim ; aqui todos somos de alta estirpe : os mais modestos descendemos dos valentes companheiros de Pelayo, immortalizado na gloriosa jornada de Covadonga.

Só quando brigamos é que descobrimos que as serranias das Asturias, onde nossos avoengos pelejaram afanosa e ufanamente, foi para uns — os bairros de Alfama ou Mouraria, donde o rigor das Ordenações por *innocencias* praticadas, os fazia degradar para os Brazis ; para outros, o proletariado expatriante em busca de melhores tempos ; para quasi todos, a taba devastada pelo sanguinario e escravizador ; só para poucos, o functionalismo enviado da metropole para servir ás cidades em começo deste lado do Atlantico.

E a castellã, e a donzella com quem esses guerreiros laureados constituiram familia — foi a pobre tupy, arrancada do regaço de sua mãe e arrastadas ambas do meio de suas florestas virgens, onde eram livres, para o harem do assassino de seu pai, ou seu esposo, ou seu irmão, ou todos ao mesmo tempo ; o incendiario de sua cabana e de sua aldêa, e tambem as africanas arrebatadas d'entre os palmeirae de seu paiz e para aqui trazidas em grandes bandos, agglomeradas nos porões dos navios infectos !

Eram essas as castellãs primitivas daquelles primeiros barões—escravas e amantes ao mesmo tempo.

Ha testemunha contemporanea do meu asserto :

« Nesta terra ha um grande peccado, que é terem os homens, quasi todos, suas negras (indigenas) por mancebas, e outras livres que pedem aos negros por mulheres, segundo o costume da terra, que é terem muitas mulheres...

« Todos se me excusam que não têm mulheres com quem casem, e conheço eu que casariam se achassem com quem...

« Parece-me cousa mui conveniente mandar Sua Alteza algumas mulheres que lá têm pouco remedio de casamento a estas partes, ainda que fossem erradas, porque casarão todas mui bem, comtanto que não sejam taes que de todo tenham perdido a vergonha a Deos e ao mundo. »<sup>1</sup>



<sup>1</sup> Carta do P. Manoel da Nobrega, de 9 de Agosto de 1549.

Possuir uma galeria de *selves-made-men*, creio, não será desdenhado pelo *Brazil Illustrado*, por isso offereço este primeiro esboço.



José Marcellino foi um *self-made-man*, perfeito, completo.

Seu pai, deixemos dizer que foi o major José Marcellino de Andrade Vasconcellos ; seu pai foi elle proprio, porque elle, sómente elle, desde que a luz da razão começou a illuminar-lhe o cerebro, foi quem trabalhou para attingir a posição a que chegou difficilmente, laboriosamente, sem repousar, sem se queixar, sem desanimar.

Eu o conheci — foi um dos mais sinceros amigos que conquistei ; elle tambem sempre me considerou amigo ; por isso digo o que acabo de dizer, porque elle não occultava, como soem os parvos, a carencia de brazões.



Nasceu na cidade da Victoria no dia 1º de Outubro de 1821.

Entregue sómente aos cuidados de sua mãe, pobre moça a quem o accidente da raça tirára o direito de exigir a legitimidade para seu filho e a reparação da falta a que a tinha impellido... o amor... (sim, chamarei amor) do louro e géntil engenheiro enviado á capitania por D. João VI para trabalhos de sua profissão<sup>2</sup>, José Marcellino só pôde frequentar a Escola de Ensino Mutuo installada em 14 de Setembro de 1824 pelo professor José Joaquim de Almeida Ribeiro.

Almeida Ribeiro, que morreu inspector da alfandega aposentado, era 2º sargento do 12º batalhão de caçadores, quando foi enviado ao Rio de Janeiro afim de habilitar-se naquella modo de ensino, obtendo depois (em 1837) a baixa do serviço do exercito para ser professor effectivamente no cargo de professor.

Tarda, mais tarda, roubando tempo ao trabalho, foi que José Marcellino começou a estudar latim com o padre-mestre Salles (Ignacio Felix de Alvarenga Salles) e francez, particularmente com o professor nomeado para essa disciplina no instituto creado em 1843 e em 1854 intitulado Lyceu da Victoria.

<sup>2</sup> Entre outros trabalhos, foi o então sargento-mór graduado José Marcellino de Andrade Vasconcellos quem levantou a planta da barra da Victoria, pelo que foi louvado por acto de 27 de Setembro de 1820. O governo tinha em vista conseguir um systema de fortificações para garantir o litoral contra as invasões das piratas.

Não se pense que seu pai o desestimava ; ao contrario, sabia e confessava que elle era seu filho, fel-o baptizar com seu prenome, e usar do nome de Vasconcellos, mas *extra-legalmente*.

Ainda fez mais. Tendo-se envolvido nos exaltamentos da época entre portuguezes e brazileiros, foi, em virtude de devassa aberta, obrigádo a regressar á côrte, por ordem superior (1822); annos depois voltou o major Andrade Vasconcellos á Victoria, já então casado com uma senhora da provincia de S. Paulo ; pois bem, á sua consorte apresentou o menino que era tão meigo e insinuante, que conseguiu ganhar o affecto de sua madrastra, a quem tambem tanto se affeicou, até chegar a merecer-lhe a confissão de ser elle um de seus melhores filhos.

Muito menino começára a trabalhar para manter-se.

Encarregou-se de escriptas commerciaes de diversas casas, sendo a principal a de um israelita de quem fallava com reconhecimento.

— Eu não tinha tempo, andava correndo da casa do judeu para as outras, fazendo as escriptas e depois para casa para estudar, tirar os significados de meu latim.

« Era um corropio ! » me disse elle um dia, a sorrir tristemente.

Seu amor aos estudos era impetuoso, a carencia de livros immensa ; e elle sem dinheiro, porque os poucos mil réis que ganhava apenas chegavam, com o pouco que sua mãe e sua avó obtinham de rendas e fição para manterem-se.

Foi com livros de emprestimo, e emprestimo difficil, que elle conseguiu aprender tanto que se fez notar em sua cidade, não grande, mas com fumaças aristocraticas, a ponto de darem-lhe um lugar pequeno, mas de importancia relativamente grande, quando contava 18 annos e meio — o de procurador da camara municipal de sua cidade, emprego de que tomou posse em Maio de 1840.

Ahi se fez notar, adquirio a estima de chefes e companheiros, tanto que facilmente obteve um emprego na assembléa provincial (Agosto de 1842); mais tarde, por accumulção, o lugar de amanuense da secretaria da policia, quando se creou essa repartição, lugares que exerceu até ser nomeado professor publico da villa de Benevente, onde campo mais vasto se abriu a suas habilitações e actividade.

Quem ignora o que é terra pequena ?

A instrucção nem sempre corre parelhas com a posição social e pecuniaria.

Por nosso systema governativo, quantas vezes é nomeado autoridade policial,

supplente do juizo municipal, eleito juiz de paz, o individuo que nem o nome assigna sem erro !

Um vereador conheci eu que, chamando-se Fuão de Brum e Silva, e assignava-se *De brum!*... E não era o cysne preto.

Pois bem, ahi José Marcellino foi dentro em pouco o assessor de quanta autoridade houve, o conselheiro, o pacificador de contendas—um homem necessario e util.

Querendo tornar-se na altura a que as circumstancias o haviam collocado, tratou de estudar codigos, leis, formularios, monographias, depois obras mais completas de direito.

Em pouco a jurisprudencia se lhe desvendou —consequindo, conforme juizes abalisados como Rebouças, o juriconsulto, Ferrão, Candido Mendes e outros, direito ao titulo de jurisperito.

Tornando-se pessoa notavel do sul de sua provincia, o governo pedio-lhe a coadjuvação, nomeando-o para cargos policiaes e judiçarios, que desempenhou acima de todos os encomios que não lhe foram poupados ; o povo elegeu-o juiz de paz, vereador, eleitor, deputado provincial em mais de uma legislatura.

Na assembléa alistou-se na phalange capitaneada por um padre distincto em talentos e de vistas largas, o doutor em direito Ignacio Rodrigues Bermude.

Em vez de ser chamado esse partido *liberal*, como por sua bandeira tinha direito, conheciam-n'o na provincia por *bermudista* ou partido do padre Bermude, tão baralhadadas andavam as idéas politicas nessa época.

Em 1853 golpe cruel foi-lhe vibrado.

— Pensei em morrer, mas tinha mãe Quina (assim tratava sua terna mãe), a Josepha pequenina e outro filhinho que ficariam abandonados—procurei ser forte, abandonei minha provincia, emprego, casa, meu lugar na assembléa e fui para o Rio de Janeiro.

Um amigo appareceu-lhe — tão util tinha sido José Marcellino que alguém ser-lhe-hia grato.

Esse amigo foi o commendador João Fernandes de Mattos, que conseguiu-lhe um lugar de guarda-livros aqui na Côrte.

Esse emprego não lhe tomava todo o tempo — elle precisava esquecer-se, distrahir-se ; e, homem de trabalho, procurou accumular trabalho.

Fez-se jornalista.

Estudou a historia, comprou livros, assignou a *Revista do Instituto*, consultou seus apontamentos—fez-se chronista.

Revio suas notas juridicas, ampliou-as, coordenou-as—fez-se praxista.

Quando pelo estudo ia-lhe chegando a calma, novo golpe ferio-o—agora foi o coração do pai a victima.

Seu filhinho de 4 para 5 annos, seu enlevo, o unico ente amado que trouxera, por ter deixado a pequenina com a avó—morreu!

Tomou de novo o bastão de forasteiro—deixou o Rio e foi residir na Victoria com sua mãe e sua filhinha, e lá abriu escriptorio de advocacia, tendo obtido provisão do tribunal competente.

Em 1855 o presidente (Barão de Itapemirim), seu antigo companheiro de assembléa e seu alliado politico, nomêa-o official-maior da secretaria do governo, preparando, sem saber, mais outro desgosto.

Funcionario, mas homem de posição bem definida, não podia ser transformado em *titere* por quem quer que fosse.

Exercer bem, como elle o sabia, seu emprego, para elle não queria dizer constituir-se manequim, perder autonomia.

Nem todos pensam assim; naquelle tempo, como hoje, muitos homens de bem têm sido victimas de demissões acintosas, preterições injustissimas, desconsiderações indignas só porque não pedem *santo e senha* aos mandões do momento.

Foi o que aconteceu a José Marcellino.

Um presidente que apenas se demorou na presidencia 11 mezes, nem só o demittio como procurou nodoar seu character, escrevendo no *Relatorio* que o fizera por ter sido atraçoado!

Isto deu-se em 1856.

O facto só servio para com elle fazerem projectil inimigos politicos em épocas eleitoraes, porque ninguem, nem mesmo esses, fóra desses momentos, deram-lhe importancia, tanto que José Marcellino voltou ao emprego, onde mereceu gabos de *gregos* e *troyanos* que com elle serviram; foi nomeado para commissões importantes, como entre outras a de reorganisar a thesouraria provincial, sendo presidente o actual Sr. senador Leão Velloso; continuou a ser eleito deputado provincial, foi eleito deputado geral, não sendo improductiva sua passagem pelo parlamento, para onde, no entretanto, não procurou mais voltar, por se convencer de que não se podia fazer tanto bem como acreditava antes.

— Estou cansado, não quero mais a politica; se não fossem alguns amigos, que por minha causa soffrem picardias, eu me retiraria definitivamente á vida privada.

Depois ainda exerceu o emprego de inspector da thesouraria provincial, de Março de 1867 a Setembro de 1868, data em que foi nomeado director da instrucção publica, voltando em Janeiro de 1869 a exercer o cargo de inspector da thesouraria em que foi

aposentado, quando, já enfermo da molestia que o arrebatou desta para melhor vida, precisava de repouso.

Apurou de effectivo exercicio mais de 26 annos e meio.



José Marcellino falleceu aqui no Rio de Janeiro a 26 de Novembro de 1874, deixando, além de sua filha acima referida, um rapaz, actual estudante de medicina, fructo do seu segundo consorcio e uma filha natural.

Publicou:

#### OBRAS DE DIREITO E PRAXE JURIDICA

*Manual do leigo em materia civil e criminal* em 1855; foi seu primeiro livro.

*Novo advogado do povo.*—1855 Conta cinco edições.

*Novo Manual da Guarda Nacional.*

*Livro das terras.*—Duas edições.

*Codigo Criminal do Imperio do Brazil*, augmentado com as leis, decretos, avisos e portarias expedidas.—Tres edições.

*Advogado Commercial*

*Roteiro dos delegados e subdelegados de policia*, 2 vol.—Tres edições

*Guia pratica do povo no fóro civil e criminal.*—Tres edições.

*Nova guia theorica e pratica dos juizes municipales e de orphãos.*—Duas edições

*Livro dos jurados*—Duas edições.

*Codigo Commercial annotado*

*Canhenho dos Depositarios Publicos.*—Opusculo.

*Manual dos Promotores.*—Duas edições

*Manual dos Juizes de Direito*

*Consultor Juridico.*—Classificam um dos melhores trabalhos deste genero publicados no Brazil.

*Leis e attribuições das assembléas provinciacs.*

*Formulario dos trabalhos das juntas de qualificação de votantes, etc.*

#### TRIBUNA PARLAMENTAR

*Discurso* proferido na sessão da camara dos deputados, a 19 de Julho de 1866, na discussão do orçamento do ministro da agricultura.

#### OBRAS HISTORICAS

*Ensaios sobre a historia e a estatistica da provincia do Espirito Santo.*—Obra de grande merito e que tem dado subsidio ás que lhe têm seguido.

*Sellecta braziliense.*—2 vol., o primeiro publicado em 1868 e o segundo em 1870. É uma preciosa e bem escolhida collecção de noticias, descobertas, factos e observações em

Relação aos homens, á historia e geographia do Brazil.

## LITTERATURA

*O Jardim Poetico.* — Collecção de poesias antigas e modernas, de poetas naturaes do Espirito Santo, 2 vol. 1856—1860.

## DIDACTICA

*Cathecismo historico e politico* para uso das escolas da provincia do Espirito Santo.

## REVISTA

*O Semanario.*—Precioso repertorio litterario e historico, onde foram inseridos raros documentos e principalmente relativos á provincia. O primeiro numero vio a luz em 2 de Janeiro de 1857, o ultimo, o n. 50, em 3 de Abril de 1858, constituindo um volume in-folio de 460 pag., indice e frontispicio

## IMPRESA PERIODICA

*O Tempo.* — Jornal de combate, defendia as idéas liberaes, tendo feito vigorosa opposição ao presidente de então; o primeiro numero sahio no dia 1º de Novembro de 1861. Coube a este jornal a tarefa de bem discriminar as idéas politicas na provincia, deixando, só depois d'elle, de existir agrupamentos de homens acompanhadores de mandões, muitos dos quaes não sabiam tambem a que idéa estavam filiados, tendo-se dado a anomalia, *maxime* depois do fallecimento do padre Bermude, de ambos os chefes dos dous grupos adversarios só terem um objectivo: agradecer ao governo geral qualquer que fosse a politica seguida.

Pois bem, o homem que deu orientação politica aos partidos de sua provincia, dando-a ao partido liberal, foi abandonado, trahido ingratamente, excommungado pelo partido liberal, só porque conseguiu fazer-se eleger pela *provincia* contra a vontade de alguns chefes!...

O espaço não permite tratar deste episodio da vida de José Marcellino, como poderia, porque possui documentos valiosos que dão luz ao assumpto.

*O Espirito Santense*— litterario e noticioso, appareceu pela primeira vez em 8 de Setembro de 1870. Era alheio á politica.

Mais tarde, sendo traspassada a posse, tornou-se um athleta do partido conservador, com as intolerancias de todos os jornaes politicos de provincias.

Além destas obras deixou em manuscrito:

*Repertorio das leis e regulamentos provinciales*, confeccionado em virtude da lei provincial (de 2 de Julho de 1859), havendo o conselheiro Costa Pereira, quando presidente

em 1861, indicado em seu relatorio a conveniencia da impressão.



Eis quem foi José Marcellino Pereira de Vasconcellos; poucos têm sido mais laboriosos, poucas existencias têm sido mais uteis que a sua.

Honesto, intelligente, zeloso, economico, do seio da mais completa pobreza subio á mediania; trabalhando para viver desde os 15 annos, illustrou o espirito a ponto de fazer parte de muitas associações litterarias e scientificas, daqui e do estrangeiro, como um dos mais distinctos praxistas brazileiros. Desprotegido na infancia, pôde ser protector na virilidade.

Quando amigo, era a dedicação; quando inimigo, se não deixava golpe sem resposta, não negava, nos colloquios intimos, as boas qualidades de seus adversarios

Se não as apregoava em publico—não consentia que se forgicassem calumnias contra elles em sua casa, onde se reuniam grande numero de amigos pessoases, entre esses mais de um adversario politico.

Por vezes ouvi-o defender um dos seus mais ardentes inimigos, a quem procuravam imputar crime horroroso.

A mim, chegado pouco havia á Victoria, elle disse, quando tentaram fazer-me afastar da pessoa em questão:

— Não creia, é uma infamia. F. não praticou isso que lhe imputaram.

E' que elle era antes de tudo um homem de bem.



José Marcellino era de estatura alta e de corpo desempenado. Tinha o andar vagaroso das pessoas que residem em lugares montanhosos. Seu rosto era claro, olhos castanho-claros e vivos, bocca mais que regular, lindos e longos dentes, riso franco e gracioso, phisionomia expressiva.

Rarissimamente perdia a calma.

O nome mais injurioso que lhe ouvi dar a encarniçados invejosos foi—*porco*:

— Aquillo é um porco!...

Um tanto pessimista, dizia sempre que nova intriga ou baixaza sabia forjada contra elle (e muitas o foram!):

— Daqui a cem annos ha de ser a mesma cousa, como foi ha cem annos passados!

Se o methodo se tornasse homem, chamar-se-hia José Marcellino Pereira de Vasconcellos.

RANGEL S. PAIO.

## NOTAS DE VIAGEM

LORENA

Acabava de ser uma hora da tarde em todos os relógios da cidade de Lorena, quando a locomotiva silvando annunciava a todos seus habitantes a chegada do comboio que conduzia da côrte a S. Paulo grande quantidade de passageiros, em cujo numero se achava quem escreve estas linhas, mais pelo dever imposto a si mesmo que para ser agradável.

A cidade dormia, á imitação dos nossos vizinhos do Prata, era hora da sesta; porém as pessoas mais gradas, os negociantes de grosso trato, se achavam na estação, uns a espera de parentes que estavam para a côrte, outros afim de receber cartas e objectos que lhes eram enviados por seus correspondentes.

A cidade de Lorena está situada em uma planície na margem direita do rio Parahyba e 223 kilometros NE da cidade de S. Paulo. Tem 7,743 habitantes livres e 1,338 escravos com 1,305 fogos.

E' cabeça de comarca administrativa e de comarca judicial de segunda intrancia.

Antes de se chegar a estação depara-se com uma grande chaminé sahida de um estabelecimento de gigantescas proporções, sua frente adornada de *flambayonts*, *chapéos de sol*, mangueiras, etc. E' o engenho central que prende a vista e enche de curiosidade o transeunte pelo magnifico aspecto que apresenta; brilhavam entre os arbustos passarinhos de côres diversas, chilrando de contentes.

Seus cantos eram as syllabas que soletrava meu pensamento na illusão em que estava enlevado; havia um que de encanto na maviosa innocencia de seus trinados; a morbidez do meu corpo extenuado pelo cansaço só tinha o coração para sentir, e a imaginação avida, dominada pelo suave hymno que me pareceu já ter ouvido em algum sonho passado; se quereis acabar o quadro, imaginai a pureza transparente de um clima que se sente são, agradável; e a extrema suavidade da temperatura convida os hospedes a preferirem o ar livre, as abobadas estrelladas dos céos, á atmospherá ardente das salas.

Deixando o vehiculo fui á *Figueira*, um hotel cujo nome lhe é dado por uma figueira (arvore) secular e que tem suas tradições no logar; ahi apromptei-me para fazer minha apresentação e visitar o Exm. visconde de Moreira Lima; com effeito, depois de pequena demora, me achava installado em um *bond*, que só parte da estação depois da chegada do trem, afim de conduzir os passageiros;

infelizmente para a companhia, teve de pôr-se em marcha só com este seu criado; ao approximar-me de um largo, a pedido meu, annunciou-me o conductor, o Exm. visconde, que, de pé, se achava na porta do seu palacete: entregar-lhe uma carta, lê-la, trocarmos palavras de cortezia e installarmo-nos em uma mesa, n'um salão de hospedes, foi obra de minutos.

A conversação franca, o modo cavalheiroso do visconde só não me surpreendeu por já estar avisado; verdade é, porém, que não se parece nada com os viscondes e barões assignalados de Jacarepaguá e adjacentes: é um cavalheiro perfeito, intelligente, amavel e sympathico

Tornei-me seu hospede, e fui feliz por ter assim de conhecer seu sobrinho, cunhado e particular amigo o Sr. commendador Arlindo Braga, pessoa que não se pôde ver sem que mesmo antes de fallar-lhe intimamente não se sintá irresistivel sympathia; e depois de com elle se travar relações vê-se que, além de uma intelligencia superior, atrophizada talvez pelas muitas occupações, deixa transparecer, do modo de seu pensar, da maneira de conversar, de sua actividade, multiplas habilitações.

Depois do jantar fomos passeiar á cidade e visitar a casa da Misericordia, cuja lotação é de 25 doentes.

Actualmente existem em tratamento 19, sendo 7 do sexo feminino.

A mesa da irmandade é formada pelo Sr. visconde como seu provedor; os mesarios, na maxima parte da mesma familia, em cujo numero está o sympathico commendador Arlindo, como secretario.

São duas as enfermarias em salas differentes, havendo além dellas uma para doentes de maior gravidade.

A casa é alta, bem arejada, com proporções hygienicas pelo isolamento, tornando-se excellente hospital pelas qualidades climaticas do lugar.

E' seu medico o distincto Dr. Pedro de Alcantara Araujo, que graciosamente se presta a soccorrer os infelizes, que para elle só terão bençãos, assim como pela nossa parte elogios, pelo desinteresse e espirito caridoso de que é dotado.

A Misericordia tem cincoenta e tantas applicacoes como patrimonio, donativos da familia Moreira Lima e Castro Lima, e não chegando os juros della para o camputo das despezas são as excedentes feitas pelo Sr. visconde, que não se poupa sempre que tem occasião de praticar uma acção meritoria.

A igreja matriz acha-se em reconstrucção sobre a direcção de um dos principaes, senão

o primeiro architecto brasileiro, o Sr. Dr. engenheiro Francisco de Paula Ramos de Azevedo; concorreu para essa reconstrucção a Exma. Sra. viscondessa de Castro Lima, avó do distincto commendador Arlindo, já fallecida, com um donativo de oitenta contos, que, reunidos a alguns mais de pessoas da mesma familia, attinge a somma de cento e vinte contos de réis mais ou menos, com que contam para o acabamento da grande obra emprehendida.

O estylo da architectura seguido pelo Sr. Dr. Ramos é o romano, que se não fôra tão pesado deveria ser a matriz de Lorena uma das primeiras de S. Paulo; em todo o caso tem a virtude esse senhor de não mesclar com o manuelino e gothico, como aconteceu a quem fez a da cidade de Campinas.

O engenho central de que no começo falei é provido de machinas fabricadas na casa dos constructores Braussennaex, Frère & C.; é um perfeito engenho para o fabrico do assucar e da aguardente, por serem suas machinas das mais modernas até hoje conhecidas; já não necessita carregar-se a massa; por meio de uma rosca é conduzida á boca das caldeiras que têm de transformal-a em assucar; deixo as minuciosidades para fazel-as como texto quando levar a gravura do estabelecimento.

A cidade de Lorena nada tem além do que levo dito que prenda a attenção e aguice a curiosidade; poderá ser uma cidade importante para o futuro se a lavoura da canna se desenvolver; tem proporções para isso, mas por ora, com a pobreza do seu municipio, é um jardim de poucas flores e estas em embrião.

F. F. DE ARAUJO.



## TRIBU DOS MUNDURUCUS

### TRAJES

E' a tribu mais numerosa, mais guerreira e a que melhor trabalha em ornatos de pennas. Vive no Alto Tapajoz, na provincia do Pará, e estende-se até ao rio Mauhé-assú, na provincia do Amazonas.

Torna-se ainda notavel pela *tatuagem* barbara que usa, apesar de ser a que mais se enfeita nos seus dias festivos. Ambos os sexos têm esse uso. As mulheres, porém, não se assignalam tanto. Pela gravura junta, de um esboço feito na maloca do Buburé, se vê a pintura dos homens maiores de 40 annos, pelo que só descreverei a das mulheres.

Do angulo superior das orelhas traçam um risco que termina no angulo extremo dos olhos, e do interno outro que passa sobre o nariz, o que dá a apparencia de olhos. Do angulo inferior, de uma á outra orelha, passando por sob os beiços e o queixo, pintam uma larga listra, donde partem por cima da maxilla inferior linhas em angulo. Em fórma de collar traçam tres linhas parallelas que passam sobre as clavículas, e do abdomen até as virilhas traçam outras perpendicularmente.

Andam em geral núas; sómente os homens encobrem a glande do membro, que suspendem por uma cinta, com um tecido de palha, a que chamam, á primeira *erárêpé*, e ao segundo *iráipéman*.

Usam tres furos em cada orelha, pelos quaes passam enfeites em dias festivos, e os cabellos raspados em roda da cabeça, como as coroas dos monges beneditinos, deixando crescer sómente os do alto. A parte raspada pintam com a tinta que denominam *será*.

Para as festas das frutas e dos animaes pintam-se todos com *será*, ornam a cabeça com o *aguiri*, que é um enfeite de pennas, e tecidos de palha presos como pennacho, aos cabellos do alto da cabeça, cahindo pelos lados os enfeites de palha; cingem a tiracollo o *ichu*, que é um pequeno cesto enfeitado de pennas, onde trazem pequenos animaes vivos.

Para as festas guerreiras ostentam então os seus custosos e luxuosos trajes de pennas.

Para não alongar este artigo não descreverei as differentes peças do traje, porque na gravura junta fielmente estão representadas; apenas direi que variam nas côres segundo a divisão a que pertencem, e lhes darei os nomes pela sua giria.

A grande tribu convencionalmente está organizada em tres divisões ou familias, distinctas apenas pelas côres dos trajes e pelo

respeito que guardam entre si; a familia *Ipapacate* (vermelha), *Arivichá* (branca) e *Iasumpaguatê* (preta). Na primeira, nos seus enfeites predomina a cor vermelha; na segunda, a amarella, e na terceira, a azul, cores das pennas de varias especies de araras, que para esse fim criam.

Cobrem a cabeça com o *aquiriatá*, coifa de pennas, com um babado que pende sobre as costas. Pelos furos superiores das orelhas passam uma flecha com roseta e borlas. Na

Nessas festas empunham o *irarê*, arco, ou o *putú*, especie de sceptro, ou o *pariud-d*, que trazem no *pariud-reñape* ou pendurado às costas. O *pariud-á* é a cabeça inimiga mumificada, que guardam como trophéo, e o *pariud-reñape* é a lança que a conduz.

J. BARBOSA RODRIGUES.

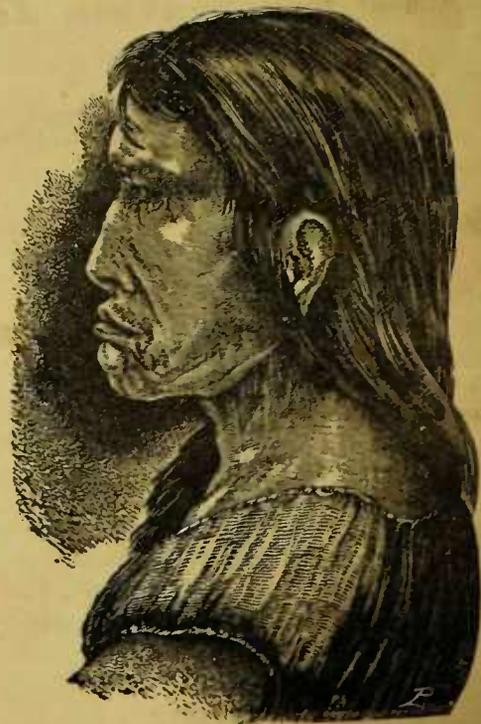


INDIO MUNDUULU

cintura atam o *tempe-á*, quadruplo avental de pennas da cauda de arara. A tiracollo cingem o *cururape*, facha de varios fios de pennas. Ornam os antebraços com *báman*, especie de dragonas; apertam os pulsos com o *ipé-á*, pulseiras, as pernas com o *caniubimam*, jarreteiras, e os tornozellos com o *caniubicric*, especie de liga.



MOÇA INDIA



INDIA VELHA



## SEMPRE ARTISTA

acabava de passar em revista, uma por uma, todas as folhas que o paquete trouxera do norte, sem encontrar sequer um *barbaro assassinato* ou um *escandalo inqualificavel* com que pudesse dar o necessario condimento ao pobre do *Cruzeiro*, que cada vez se tornava menos vendavel, quando, em um domingo, e por isso mesmo máo dias para o noticiario, alli pela volta das duas horas da tarde, appareceu á porta da sala um honrado cidadão, trajando com a maior decencia e até mesmo certa ostentação dinheirosa, de grandes diamantes e grossa cadêa, a pedir-me licença para entrar.

— Sem cerimonia, disse-lhe.

O homem aproximou-se. Orçava pelos seus sessenta annos, e na aberta physionomia estampava-se um character sisudo e franco.

Aceitando a cadeira que lhe offercia, tirou do bolso do collete um cartão de visita e apresentou-me com ar risonho. De um lanço d'olhos li o seguinte:

« — F. Apresento-te o meu amigo o Sr. commendador Moraes; ouve-o e serve-o no que elle te pedir, como se fôra teu amigo—B.»

— A's suas ordens, Sr. commendador, disse-lhe simplesmente.

O homem tossio, como quem ia fazer um discurso, o que me pôz logo em guarda; mas em poucas palavras explicou-se.

Tinha uma filha—Lalade—muito dada aos estudos, lia muito, sabia bem o francez e o italiano, tocava a fazer inveja á vizinhança e por cima de tudo isso pintava, mas pintava como um pintor ás direitas. Assegurava-me, e eu mostrava-me convencido, disto, que, se lhe puzessem nos quadros o nome de Victor Meirelles, haviam de tomar a obra como do mestre, e mestre della fôra elle com effeito, dera-lhe as ultimas lições ainda nas vespuras de partir para a Europa. E concluiu pedindo-me instantemente para ir á sua casa ver um quadro que a menina acabava de dar por prompto, uma paisagem, mas que paisagem! um primor, capaz de obter o primeiro premio na proxima exposição da Academia.

Ha aqui por certo exagero e não pequeno, aliás muito desculpavel da parte de um pai, pensei eu; isto não passa de algum *pastiche*, que o digno homem, por ser obra da filha, toma-a

por um portento.

Era mais uma estopada que me pregava o amigo B., e não seria a primeira; já uma vez me fizera ir ao morro do Pinto ouvir um menino-prodigio tocar violino, e lá encontrei com effeito uma criança insupportavel, malcriado como um *enfant-gaté*, teimoso como um cabeçudo, que para me dar uma prova de sua amabilidade começou chamando-me *seu aquelle* e acabou mimoseando-me com o epitheto de burro, só por juntar minhas supplicas ás da familia para que nos deliciassemos com um trecho do seu repertorio.

O meu primeiro impulso foi de uma recusa formal, mas o homem me parecia tão bom, e demais disotratava-se de uma moça de dezoito annos e não de um *prodigio* de sete ou oito, que, sem saber bem em que me mettia, prometti ir pela manhã do dia seguinte ver a paisagem de Lalade. O commendador ficou satisfeitissimo, e despedio-se fazendo-me prometter mais de uma vez que não faltaria.

E não faltou effectivamente; no dia seguinte, pelas 11 horas da manhã, fui recebido á porta do palacete da rua Moraes, pelo honrado commendador, dono do mesmo palacete e creio que até da propria rua, pois tinha o seu nome.

Em poucos minutos conheci toda a familia: D. Feliciano Moraes respeitavel dona da casa, os dous filhos, ambos academicos, e a filha Lalade, uma adoravel creatura, mas com a sua pontasinha de vaidade, menos pela belleza, da qual aliás tinha plena consciencia, do que pelo saber; era o seu tanto

litterata, e, ao que parece, fazia versos; ultimamente, porém, apaixonára-se pelos pinceis e aspirava ser nada menos que uma Rosa Bonheur. Era isto, pelo menos, o que diziam os irmãos, sorrindo um tanto desrespeitosamente.

O commendador convidou-me a ir até o *atelier* da *nossa artista*, sublinhando elle a phrase com desvanecimento; Lalade limitou-se a fazer um signal com a mão, como uma princeza que permite a um simples mortal penetrar em seus regios aposentos.

Desagradou-me isso; e foi com pouca vontade de lhe applaudir a obra d'arte que entrei no tal *atelier*.

Mal transpuzemos o limiar de uma pequena sala predisposta para aquelle mister, vieram dizer ao commendador que o procuravam com insistencia.

Acitando a cadeira que se me offercia em frente ao quadro, sentei-me, e... apesar da má vontade, tive de concentrar toda a minha attenção na téla. Não era uma obra-prima de mestre, mas um quadrosinho conscienciosamente trabalhado e que bem revelava o talento de quem o compuzera.

Não regateei louvores, como se diz em phrase jornalística, e em pouco desfez-se o gelo da reserva com que nos mantinha em certa distancia, um do outro, como se temessemos entrar em intimidade.

Quando o commendador voltou encontramos em tão animada palestra sobre cousas artisticas, que limitou-se a ficar apenas como simples ouvinte, deixando transparecer o orgulho de que se achava possuido por ver a filha fazer tão boa figura.

Na verdade, cumpre confessal-o, eu estava um tanto envergonhado da minha sciencia infusa. Lalade podia-me dar lições, não só no tocante á historia como á esthetica de todas as escolas de pintura.

A partir desse dia tornámo-nos amigos e dos mais sinceros; interessava-me tanto por ella como se fosse minha filha; visitava-a amiudadamente e acompanhava-a, quasi que ponto por ponto, em seus trabalhos; eu examinava-lhe os *croquis*, procurava-lhe modelos, suggeria-lhe assumptos para os seus quadros de genero, em uma palavra, tornei-me o seu Mentor artistico.

Mais tarde tive de fazer uma viagem ao interior, e durante a minha ausencia Lalade casou-se: escreveu-me detidamente a respeito, consultou-me sobre a sua escolha, e só se lastimava que eu não fosse uma das testemunhas do acto; pedia-me, porém, instantemente que assim que regressasse fosse vel-a.

Logo que voltei, quasi decorrido um anno, tratei de cumprir a promessa. fui vel-a.

Morava o joven casal em um *chaletsinho* pendurado em uma das anfractuosidades da Tijuca, cercado de jardins viçosos e ensombrados por copados *flamboyants*, com suas grande flores vermelhas e compactas, semelhando mantos de seda escarlata.

Encontrei-a em meiga palestra com o marido, um rapagão forte e robusto, denunciando por todos os póros um vigor e uma energia verdadeiramente varonis; um *yankee* abrazilizado, mas conservando esse espirito activo, audaz e emprehendedor que tem feito dos Estados-Unidos a mais potente nacionalidade americana.

Meio negociante, meio industrial, com uma casa de consignações e uma fundição de bronzes, accionista e director de não sei quantas companhias, fallando sobre todas as cousas com uma lucidez pratica admiravel, externando as suas idéas com uma franqueza de homem de bem; tanto foi vel-o e conversal-o, como desde logo ficar seu intimo amigo.

Lalade estava de uma alegria communicativa, e que bem deixava adivinhar as venturas que fruia aquella alma generosa e boa.

Conversámos sobre todas as cousas da actualidade, theatros, corridas, bailes do Casino, concertos do Beethoven e proxima estação lyrica.

— A proposito, disse-lhe eu fallando de umas paizagens do Fachinetti, como vamos de *atelier*?

— Fechei-o, respondeu-me ella, ou antes mudei de arte; troquei a palheta.

— Trocou-a l. pelo que?

— Pelo buril; não sou mais pintora, agora sou esculptora. Quer ver a minha primeira estatueta?

— Se quero! Ardo de impaciencia.

Lalade conduzio-me ao aposento proximo, um *boudoir chic comme il faut*, e, approximando-se de um berço com todas as cautelas, ergueu subitamente o véo de gaze azul que o velava, deixando me ver em um ninho de rendas e fôfos linhos uma miniatura humana de uma carnação esplendida.

— Que tal? perguntou-me a artista-mãe radiante de orgulho.

— Adoravel! murmurei, não ousando tocar com os labios o setim carmineo do entesinho.

— Bem vê, tornou ella beijando-o por mim; sempre artista, sómente em vez de cópias faço agora modelos.

FELIX FERREIRA.



## FAUNA BRAZILEIRA

## V

## O Tapir ou a Anta

Do genero Tapir da ordem dos Pachydermes sobrevivem hoje sómente tres especies na terra, das quaes uma pertence ao Indo-China e á Malasia, e as outras duas á America, encontrando-se ambas no Brazil.

O Tapir de mais mais antigo conhecimento no Brazil é o *Tapirus Americanus* de Gomelin; e tanto esta como a outra especie são chamadas vulgarmente *Anta* ou *Capivara*, distinguindo-se uma por *Anta Sapateira* em razão da sua pelle prestar-se para forro de sola e botas, ou por corrupção da phrase indigena *caba tyra*.

O Tapir tem o nariz ligeiramente prolongado em fórma de tromba; esta particularidade, ainda que relativamente pouco saliente, aproxima-o todavia do elephante. O Tapir da America, sobretudo a *Sapateira*, tem tambem uma especie de crina como cavallo, menos espessa e mais curta. A fórma geral assemelha-se tambem á do cavallo, sendo menos pesada, differindo, porém, muito quanto á cauda e a conformação dos pés, bem como a parte anterior da cabeça em razão da tromba.

Em resumo, as fórmas geraes em seu conjuncto são um intermediario entre as do cavallo e as do porco, approximando-se um pouco mais dos elephantesinhos.

A cauda é curta, desprovida de crina, os olhos pequenos e a pupila redonda, as orelhas em corneta erecta mas moveis como as do cavallo.

A lingua é macia e as narinas estão collocadas no fim da tromba; esta, porém, não póde servir como a do elephante para sugar objectos.

Os pés são providos de quatro dedos, mettidos em cascos curtos e arredondados; nos pés de traz têm tres dedos sómente; têm duas unicas mammas.

O systema dentario é composto de seis incisivos em cada mandibula, um canino e sete molares de cada lado da mandibula superior, e um canino e seis molares no inferior. igualmente de cada lado; ao todo quarenta e dous dentes. Os incisivos são muito pequenos, excepto os dous extremos da mandibula superior, maiores que os caninos da mesma mandibula, cruzando-se na frente, em baixo.

Entre os caninos e os molares ha um grande espaço vasio. Estes ultimos são em serie continua. Tanto o esqueleto como as fórmas externas geraes patenteam claramente as relações do parentesco entre o Tapir e os do seu genero, taes como o Rhinoceronte e o Cavallo, mórmente pelo pescoço e a crina. Semelhando-se muito aos primeiros pela região posterior do craneo e aos segundos pela região facial, e sobretudo pelo pescoço.

O estomago da Anta semelha-se muito ao dos Pecaris (porco do mato), o unico genero americano de Pachydermes ainda hoje existente nas partes quentes da America do Sul.

Este estomago é dividido em tres bolsas, em consequencia de grande desenvolvimento dos dous fundos de sacco deste orgão.

E' uma analogia afastada com o estomago dos Ruminantes.

O maior e o mais commum das duas especies do Tapir do Brazil é o *Tapirus Americanus* dos autores, *Anta Sapateira* do paiz.

Medem de altura de um metro e dez centimetros a um metro e quinze centimetros; e de comprimento total, incluindo a cabeça, um metro e oitenta centimetros mais ou menos.

A pelle é extremamente dura, espessa e coberta de pellos pouco compactos e curtos, excepto os da crina que são maiores e erectos. A côr é cinzenta, fortemente carregada, um tanto mais clara no pescoço, nos lados da cabeça; na base das orelhas os cabellos brancos se prolongam até as bordas desse orgão.

A segunda especie de Tapir é a *Anta churé* ou *icuré*, nome dado pelos indigenas. Esta especie é muito mais pequena e mais rara que a precedente, apresentando no conjuncto algumas dessemilhanças com a primeira; taes são: a ausencia de raios transversaes na tromba, o pello mais longo nos flancos, mas sem projectar crina, menos cerdas brancas nas orelhas, talhe menor, e côr mais carregada na parte anterior.

O Tapir encontra-se geralmente em grupos de cinco ou seis e algumas vezes isolado.

Revestido de um couro duro e resistente, pouco lhe importam arranhões, por isso caminha sempre de olhar baixo, dando

encontrões a torto e a direito. A sua passagem na floresta denuncia-se pela bulha dos ramos quebrados, e pelo pisar duro e pesado de suas patas. Circula nas matas nas noites mais escuras.

De dia também apparecem, mas nas horas de maior calor, em que se occultam na espessura das matas ou nos juncaes dos pantanos. Pela madrugada e á noitinha são infalliveis á beira dos rios. Nadam e mergulham perfeitamente, podendo ficar mais de um quarto d'hora submergidos sem vir á tona respirar. Usam deste recurso frequentemente

plantações não deixam escapar as melancias e a canna de assucar.

Como o geral dos animaes selvagens, o Tapir foge do homem.

A sua caçada é sempre feita com o auxilio de cães que vão *acual-o* nas matas ou pantanos; os caçadores vão sempre a cavallo para perseguil-os com vantagem.

O principal perigo consiste em seguil-os pelos mangues, pois ahí vão elles por atoleiros impossiveis de transpor-se.

A força do Tapir é extraordinaria relativamente á sua corpulencia. Não têm medo dos cães senão quando os vê seguidos do caçador.

Apanhado tenro domestica-se facilmente; tornam-se muito doces, amigos de caricias, e não se afastam da casa; Liais conta que na Jamaica vio uma Anta que passeiava pelas ruas, ia todos os dias ao rio tomar banho e voltava para casa do dono todas as tardes, onde igualmente ia com a maior regularidade ás horas das refeições.

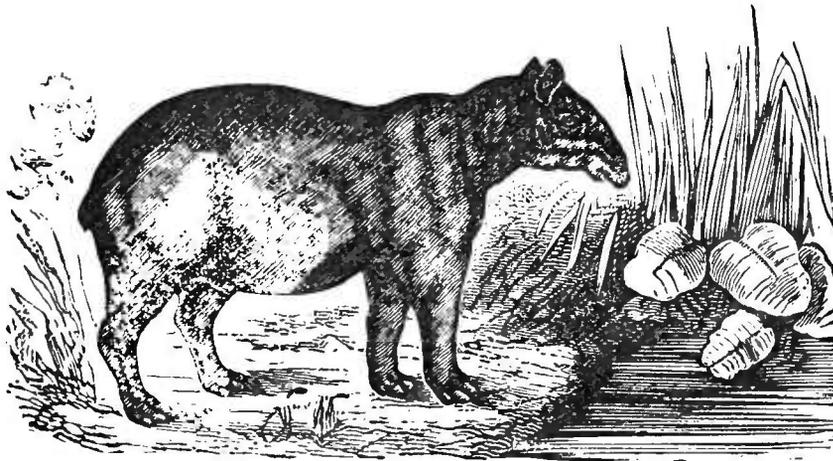
Sua intelligencia comtudo é muito limitada; não obedecem já mais a gestos; para

fazel-os mudar de lugar torna-se necessario fustigal-os; e como têm o couro duro é preciso mesmo bater com força e sem receio que elles mordam. De resto, vivem bem com todos os outros animaes domesticos.

Têm a voz fraca, a qual consiste em um pequeno grito agudo que repete seguidamente.

Caça-se geralmente o Tapir por causa do couro; a carne assemelha-se á do porco: é estimada pelos amadores deste genero de alimentação.

F. F.



ANTA OU TAPIR

contra a perseguição dos cães e das onças que se aventuram a perseguil-os até dentro d'agua; mais habeis nadadores que estes seus inimigos, muitas vezes agarram-n'os com a boca e puxam-n'os para a profundez, e ahí só os deixam depois de vel-os asphyxiados.

Não se encontra o Tapir em campos seccos, mas sómente nas florestas humidas e visinhança dos rios ou nos pantanos. São perfeitamente carnivoros; pastam como os cavallos, mas gostam muito de fructas.

Comem também carne como os porcos, e domesticados dão preferencia á carne crua; comem também mi'ho. Quando infestam as



## FORTALEZA DE VILLEGaignON

Corria o século XVI; a Europa inteira, revolvida em lutas fratricidas, dividia-se em seitas religiosas, que tentavam emancipar-se do poder papal.

Foi nessa época de guerras e perseguições que um huguenote, Nicoláo Durand Villegaignon, cavalleiro de Malta e vice-almirante da Bretanha, concebeu a idéa de fundar uma colonia na America, onde os sectarios da religião reformada vivessem livres de persiguição.

Para esse fim consultou a opinião de Coligny, que lhe foi favoravel, e, sob pretexto de fundar um estabelecimento francez na America que hostiliasse os hespanhoes com quem a França andava em luta, obteve a autorização de Henrique II, então reinante.

Conhecedor do Brazil onde já estivera, escolheu Villegaignon para séde da futura colonia a magnifica bahia de Guanabara tambem conhecida pelos naturaes pelo nome de Nictheroy. Com dous navios equipados com 80 homens e abundantemente providos, embarcou-se elle em Franciscopolis (hoje Hayre) a 12 de Julho de 1555, com uma companhia de artilharia, soldados e aventureiros nobres.

A 10 de Novembro chegava elle ao Rio de Janeiro após haver arribado em Dieppe em consequencia de um temporal.

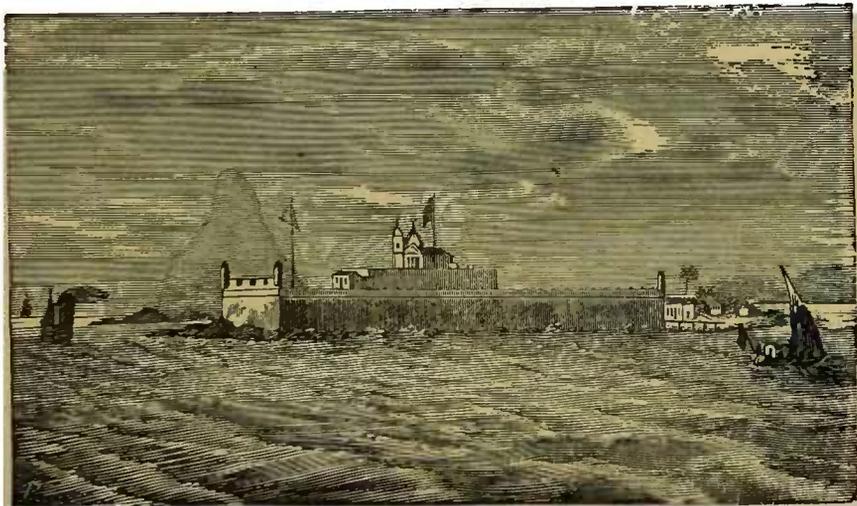
N'um pequeno ilhéu, que deu o nome de Rattier, Villegaignon tentou construir uma bateria de madeira; mas vendo que o dito ilhéu (hoje Lage) era alagado pelas marés, abandonou-o e foi estabelecer-se n'uma inculta ilha de cerca de 100 braças de comprimento sobre 50 de largo, quasi totalmente circumdada de cachopos á flor d'agua, tendo apenas do lado do oceano um pequeno porto fortificado pela natureza. No centro dessa ilha, desprovida de mananciaes, havia um rochedo de 50 a 60 pés de altura, onde Villegaignon mandou talhar um paiol para pólvora; nas extremidades, pequenas elevações foram aplainadas, fortificadas e ahi construídos alojamentos para 80 pessoas.

A' excepção do edificio construido no rochedo em que entravam algumas obras de alvenaria e carpintaria, alguns baluartes para canhões, os restantes edificios eram simples construcções toscamente feitas com páos cobertos de hervas pelos Tamoyos que haviam travado amizade com os francezes.

A esse forte Villegaignon dera o nome de Coligny, em memoria áquelle illustre almirante que 17 annos depois era tão covardemente assassinado pelos catholicos

Em 17 de Novembro de 1553 partia de Honfleur uma expedição em auxilio de Villegaignon; era commandada pelo seu sobrinho Bois-le-Comte, e compunha-se de tres bellos navios com cerca de 300 homens de equipagem e 18 peças de bronze cada um. A expedição chegou a 16 de Março de 1557, sendo recebida debaixo de salvas pelo forte Coligny

Mas em breve Villegaignon mostou-se tal



FORTALEZA DE VILLEGaignON

qual era, hypocrita, vingativo, perjuro, arbitrario, a ponto de mandar executar alguns de seus companheiros sem formar processos; algumas revoltas de protestantes opprimidos foram abafadas

Emfim, em 1558 partia elle para a Europa, levando o odio dos seus irmãos de seita, que o alcunharam de *Caim da America*, e é por es e nome conhecido na historia.

A rainha regente D. Catharina, atemorizada pelas noticias que recebia do grande numero de francezes que infestavam as costas do Brazil, enviou Mem de Sá para expulsal-os das suas posições. Este partio a 10 de Janeiro de 1560, recebendo gente e munições por toda a costa do Brazil. A 15 de Março

atacou o forte Coligny. O combate foi renhido; os huguenotes bateram-se com a tenacidade de naufragos que disputam um destroço de navio; só abandonaram o forte quando exhaustos de forças, sequiosos e sem um grão de pólvora, foram atacados a viva força por Mem de Sá.

Logo que este ultimo retirou-se para S. Vicente, tornaram elles á ilha.

Para de novo expulsal-os foi enviado Estacio de Sá, ao qual juntou-se seu tio Mem de Sá, e atacaram a 20 de Janeiro, dia de S. Sebastião, a posição de Uruçamirim, nas proximidades do rio Carioca, onde os huguenotes haviam-se fortificado.

Foram expulsos completamente do Rio de Janeiro, e mais tarde, em 1711, quando Duguay-Trouin entrou nesta cidade, foi o ponto que mais séria resistencia lhe offereceu.

Quando o marquez do Lavradio tomou posse do governo do Brazil, na qualidade de vice-rei, havia sómente na ilha um pequeno e mal construido reduto; fóra do parapeito, n'um máo telheiro, estavam uns quatro

barris de pólvora, e umas casas de pó a pique e telha vã serviam de quartel e arrecadação.

Além disso os outeiros e elevações, encobrindo parte da praia do lado de terra firme, permittia ao inimigo, em caso de guerra, apossar-se da ilha sem damno algum.

Tal era o estado da ilha quando o marquez do Lavradio mandou arrasar o morro das Palmeiras, nivelar tudo, construir a fortaleza em cujo interior edificou quartel, arrecadações, paiol de pólvora, cisterna e separou a fortaleza por um fosso.

A 3 de Abril de 1832 a guarnição revoltou-se; mas, ameaçada pelos navios de guerra que a cercavam, rendeu-se no dia 4.

Ha meio seculo que o corpo de imperiaes marinheiros acha-se aquartelado na ilha, que por algum tempo servio tambem de Asylo de Invalidos da marinha.

Actualmente está armada com 54 canhões.

TOBIAS BECKER.



### MACACOS NARIGUDOS

Assim são chamados os macacos desta especie, em razão da respeitavel penca que os adorna, maior e mais afilada do que a de um homem a quem bem se possa chamar — narigudo. E' uma particularidade essa que os distingue singularmente de todos os seus congeneres.

São tambem bastante corpulentos e de avantajada estatura, pois medem metro e meio de altura, bem como são igualmente os mais ferozes e menos domesticaveis.



MACACOS NARIGUDOS

Habitam a ilha de Borneo, e percorrem em numerosos bandos as florestas á margem das correntezas. Raramente andam pelo chão, vivem sempre encarapitados nos mais altos ramos. Até o presente só se conhece delles essa unica especie.

Os naturaes do paiz acreditam que os narigudos são descendentes de um homem, que para não pagar impostos retirou-se para o

recesso das matas, onde cohabitou com varias macacas.

F. F.



Evaristo Ferreira da Veiga

12 de Maio de 1887

**C**ompleta-se hoje cincoenta annos da morte de Evaristo Ferreira da Veiga. Se a nenhum brasileiro é licito desconhecer esse nome, menos será olvidal-o no dia em que o kalendario patrio determina-lhe o jubileu.

A' imprensa—isto é, todcs quantos vivem do jornal e do livro, desde o typographo até o livreiro, desde o *reporter* até o publicista—mais que a qualquer outro corre o dever de memorar o livreiro-jornalista que do seu modesto balcão, com um prestigio sem exemplo entre nós, influio mais forte e beneficemente nos destinos da patria.

Evaristo Ferreira da Veiga, no dizer conceituoso e feliz de um dos seus biographos—é o mais genuino producto intellectual sul-americano. Nascido e educado no Rio de

Janeiro, sem jámais ter viajado por paizes estranhos, nem cursado academias, conseguiu—pelo character, impôr-se ao respeito dos concidadãos; pelo civismo, conquistar a admiração dos estrangeiros; e pelo talento, elevar-se á representação nacional. E quer eleito pela sua cidade natal, quer pela provincia de Minas, o foi sempre pelo voto espontaneo do povo que nelle via o seu mais extrenuo defensor.

Ninguem como elle, por aquelles tempos, modelou mais bellas feições de character, deu mais acrysoladas provas de patriotismo, nem encaminhou mais utilmente o seu talento.

No ardor do enthusiasmo pelas liberdades patrias levou ao extremo a sua dedicação por tão santa causa, mas sem jámais descurar daquelles a quem a sociedade impunha-lhe

o dever de ser o amparo e o guia no caminho da vida; e — é bello isto — quando a morte colheu o cidadão antes dos 38 annos de idade, o chefe de familia deixava a esposa e as filhinhas ao abrigo, ainda que modesto, dos vendavaes da sorte.

Se carecesse de um simile para realçal-o mais ainda, ali estava Benjamin Franklin, a quem *Labouraye* com tanto acerto denomina — o Socrates americano.

Como o *typographo* illustre de Boston, o livreiro fluminense, tambem ergueu-se das camadas inferiores das legiões do trabalho, e pouco e pouco, sem esforços ambiciosos, nem calculados artificios, lenta, gradual, naturalmente, elevou-se na esphera social como o sol emerge suavemente das caligens invernosas de uma manhã de Junho, até que evolvendo-se os vapores levantados da terra, brilha esplendente de luz e calor.

Como Benjamin Franklin no fundo da sua pequena officina, Evaristo da Veiga, na sua loja, aproveitava as horas do lazer para enriquecer o espirito: e só quando se achou aparelhado para a lucta, isto é — independente pela posição e autorizado pelo saber — é que entrou com o contingente valioso da sua penna e da sua palavra para a grande obra da consolidação da nacionalidade brasileira.

E para que nada faltasse á semelhança com o modelo, tambem Evaristo ao ver terminada a reconstituição patria, buscou o remanso das letras, a serena atmospheria do ensino, consagrando-se com tocantes desvellos ao aperfeiçoamento moral do povo; levando o poderoso influxo do seu grande espirito e o prestigio do seu venerado nome á então ainda infante sociedade Amante da Instrucção, esse abençoado regaço de orphãs desvalidas, a mais sympathica e a menos conhecida das nossas instituições philanthropicas.

Evaristo Ferreira da Veiga é o prototypo do jornalista brasileiro; não imitou como tambem não pôde ser imitado. Moldado e feito para o periodo politico em que viveu, assumio por meio da imprensa uma posição excepcional, unica, como só elle soube conquistar e manter. John Armitage, o sisudo e autorizado historiador desse periodo, considera-o: « um dos escriptores politicos mais talentosos, não só do Brazil como da lingua portugueza. »

Não ha nisto exagero; antes delle só Hypolito José da Costa Pereira, tambem brasileiro e operario maximo da nossa independencia, no patrio idioma elevou tão alto a imprensa politica.

No periodo em que Evaristo redigio a *Aurora Fluminense*, nem aquem nem além-

mar, foi levado de vencida nessa arena em que então, pôde-se dizer, elle foi heroe unico.

« Desgostoso de tanto periphraseado servil dos periodicos ministeriaes, como do tom licencioso e anarchico adoptado pelos liberaes, diz ainda Armitage, Evaristo começou a publicação da sua *Aurora* sem se ligar a partido algum.

« É quasi inutil referir que o estabelecimento de um jornal independente tornou-se offensivo a todos os partidos; contudo esta mesma desintelligencia estimulára a curiosidade publica, e a circulação da *Aurora* tornou-se em breve mais extensa do que a de nenhum outro periodico »

Com effeito, erram aquelles que, como Joaquim Manoel de Macedo, em seu *Anuario Biographico*, filiam Evaristo a um dos partidos então existentes; quem lê, como tenho lido toda a collecção da *Aurora*, de 1827 a 1835, convence-se do contrario e segue, com todo o fundamento, a opinião de Armitage, seu contemporaneo e amigo, bem como a do Dr. De Simoni, que, no elogio historico pronuncia-lo na sessão celebrada pela Sociedade Amante da Instrucção em homenagem á memoria do grande jornalista, assim se exprime:

« Para grangear ao seu jornal a alta reputação que elle adquirio, Evaristo não precisou unir-se a alguns dos partidos então dominantes, ou favoneal-o. Coincidindo suas vistas em alguns pontos com as delles, e discrepando em muitos outros, não podia ir de accôrdo. Preferio, pois, ficar isolado, antes do que associar-se com outros em uma peleja, da qual seu coração não podia satisfazer-se. »

Talento verdadeiramente genial, espirito da mais fina tempera e acendrado patriotismo, não podia por certo Evaristo submeter-se á rotina de uma imprensa tacanha, que se tornava echo passivo das opiniões do governo semi-absolutista ou fazia-se pasquin das mais baixas e ruins paixões. Ao assumir a direcção da *Aurora Fluminense*, da qual a principio não fôra mais que timido collaborador, quebrou desde logo os velhos moldes, avançou ousadamente por caminho até então não trilhado, dando a seu jornal uma feição inteiramente nova: a de uma independencia sem rudezas e a de uma cortezia sem subserviencias.

Não filiando-se a nenhum dos partidos existentes, não desconhecia, não obstante, a força dos partidos; e tanto, que uma vez certo da sua influencia, aggreuiu em torno de si representantes de todos os matizes que se podiam ligar por um ponto de contacto commum — o da moderação; formando assim, pois, um partido seu, embora oscillante e restricto.

Foi do seio desse grupo e com os seus mais aproveitados discipulos que se formou, pelos moldes do grande mestre, o partido conservador. E' Evaristo, pois, o iniciador da escola politica que, dias depois da sua morte, fundou Bernardo de Vasconcellos.

A influencia que o redactor da *Aurora Fluminense* exerceu nos acontecimentos politicos de 1829 a 1835 foi extraordinaria: ninguem ainda a teve entre nós em tão alto gráo; da sua mão, pôde-se com afouteza dizer, pendeu os destinos da nação, a vida da monarchia e a unidade do império. A sua linguagem severa mas cheia de moderação, energica por vezes mas nunca descortez, attrahio desde o começo do seu tirocinio jornalístico a attenção de todas as classes sociaes, e as suas idéas, tão sensatas quão lucidamente expostas, tornaram-se desde logo o pharol que apontou aos espiritos bem intencionados, mas vacilantes, o caminho a seguir a bem da salvação da patria.

No momento em que D. Pedro enviava ao povo e á tropa reunidos no campo da Acclamação, o acto da sua abdicación, formou-se como que um vacuo diante de todos, a nação como que se achou ao desamparo, um movimento ousado arrebatou-a-hia a Deus sabe a qual profunda anarchia. O general das armas Francisco de Lima e Silva mede a extensão do perigo, mas de subito fulge-lhe na mente um nome, Evaristo é chamado e só d'elle depende então a monarchia no Brazil.

O jornalista acode prompto, reúne os deputados e senadores que se achavam na capital, para deliberar em assembléa geral a eleição de uma regencia provisoria. A assembléa escolhe o deputado Evaristo para redigir uma proclamação ao povo e á tropa. « Essa proclamação, diz Macedo, foi digna d'elle e da assembléa, obra suave de sabedoria, de patriotismo e de moderação.

« Evaristo pronunciou então no campo as palavras historicas, de grande e generosa influencia: Moderação! Moderação! Haja moderação! E auxiliado pelo seu amigo Manoel Odorico Mendes, deputado aliás conhecido como republicano, suffocou as primeiras vozes que sinistras lembravam as noites das garrafadas e os insultos á nacionalidade, dizendo e repetindo as não menos memoraveis e generosas palavras: « Perdão para os illudidos!.. »

Adversario intransigente daquelles que formavam, o que elle chamava: o partido europeu — ou recolonizador, emquanto recebeu a reacção metropolitana, que a todo o momento se lhe afigurava irromper, inspirada pelo estado de oppressão com que o guante de ferro de D. Miguel esmagava o povo

portuguez, e que por isso mesmo como contracchoque aqui despertava a ideia de uma reconstituição pelos moldes do reino-unido, Evaristo combateu aquelle partido como o do — maior inimigo da sua patria — chegou mesmo a se tornar ameaçador, temido pela influencia que todos lhe reconheciam; mas, na hora do triumpho foi elle o primeiro a collocar-se em defesa dos vencidos, proclamando a confraternisação não já dos brasileiros natos e adoptivos, sem distincção de partidos, mas tambem dos estrangeiros sem distincção de nacionalidade, exclamando na camara dos deputados, quando se pretendia esbulhar os adoptivos dos direitos adquiridos: « Não se avilte a tal ponto uma classe tão numerosa de cidadãos nossos, que se julgue que elles devam ser pagos a preço vil; elles são dignos de occupar os grandes cargos do Estado se tiverem merito e capacidade; reconheço entre nós, brasileiros nascidos em outro paiz muito dignos de occupar esses empregos; e, se a nação quizer eleger algum delles para regente, dê livremente o seu voto.. »

Estas theorias inteiramente novas, tão cheias de ousadia como de autoridade, pois a palavra do expoente era ouvida com respeito, encheram de assombro os ultra-patriotas, e os adversarios que não perdiam occasião de tentar derribal-o do pedestal da sua grande popularidade, acoimaram-no logo de — traidor, corcunda, restaurador, vendido aos portuguezes. Calmo ante a tempestade que se formava e que não tardaria a tentar contra a sua propria vida, respondeu elle simplesmente pela *Aurora Fluminense*:

« E' verdade; em Março deste anno, quando um certo numero de europeus, instigados pelas intrigas de S. Christovão, e pelos seus proprios prejuizos, ultrajavam o pundonor brasileiro e feriram o amor proprio nacional, sem medirmos o perigo, fomos os primeiros a dar rebate contra taes attentados; a indignação, uma justa indignação nos inspirou, e essas paginas que então escrevemos foram o traslado do sentimento de um coração brasileiro ulcerado pelas injurias feitas ao seu paiz. Com o dia 7 de Abril, as scenas totalmente se mudaram; a opinião brasileira ficou dona do campo; a maioria dos adoptivos succumbidos, e cheios de pavor Nesse dia as ideias de generosidade, de esquecimento do passado, ideias salvadoras para o paiz, uteis para os nossos verdadeiros interesses, porque um partido vencido e sem patrono não podia já compromettel-os, appareceram quasi geralmente: nós as abraçamos, e as proclamamos, sem que então isso nos fosse notado, ou attribuido a culpa. »

E assim proseguio sempre recto no caminho da justiça, defendendo os fracos e opondo-se ás arbitrariedades dos fortes, chegando por vezes a affrontar, na sua propria phrase — « cara a cara os desordeiros e sanguinarios. »

« Em nossa scena politica, diz o Sr. conselheiro Francisco Octaviano, não ha vulto mais digno de estima e sympathia do que o de Evaristo. Apresenta-se sempre com um patriotismo extremes de ambição pessoal: não reclama os fóros de homem de estado, sendo aliás a cabeça que dirige os esforços e combina os planos do partido nacional. »

Depois de conseguir a consolidação da nacionalidade, obra colossal que só um braço robusto como o seu poderia levantar no terreno oscilante da revolução, ia metter hombros a empreza não menos bella, a de iniciar a educação nacional, quando o lidador tombou de chofre ainda mal aprestado para a nova luta. O que elle queria, o que elle pedia era que o povo se fizesse operario, porque só do trabalho confiava elle o futuro engrandecimento da patria.

Não cessava de lançar ao ridiculo os titulos vãos e emphaticos, de combater a nascente empregomania, de aconselhar o estudo



VISTA DO HOTEL GOYANO, NO POMBA

segundo um desenho do Sr. Bernardino de Brito

Quem conseguiu tanto, entre nós, pelo jornalismo? Avassallar as ondas revoltas pelas tempestades politicas, domar as iras de um povo, para, como o patriarcha hebreu, conduzil-o á terra da promissão — a unidade do imperio. E descortinando o futuro grandioso que nos esguarda apontar-nos o caminho unico a seguir — o do estudo e do trabalho.

A sua obra ficou incompleta, mas nem por isso deixa de ser admirado o fuste de canelado primoroso porque lhe falta o floreo capitel.

da historia natural, e a applicação da intelligencia e do braço de seus compatriotas á industria e ao commercio.

Collocado no apice do fastigio politico, arbitro, póde-se dizer, dos destinos da nação, cercado da admiração e do respeito geral, o illustre deputado continuava a dirigir a sua modesta livraria, a escrever o jornal quasi sobre o balcão, e a dizer emfim: « —... deve alguém ter vergonha da profissão industrial que exercita? E' ser isto então um democrata?

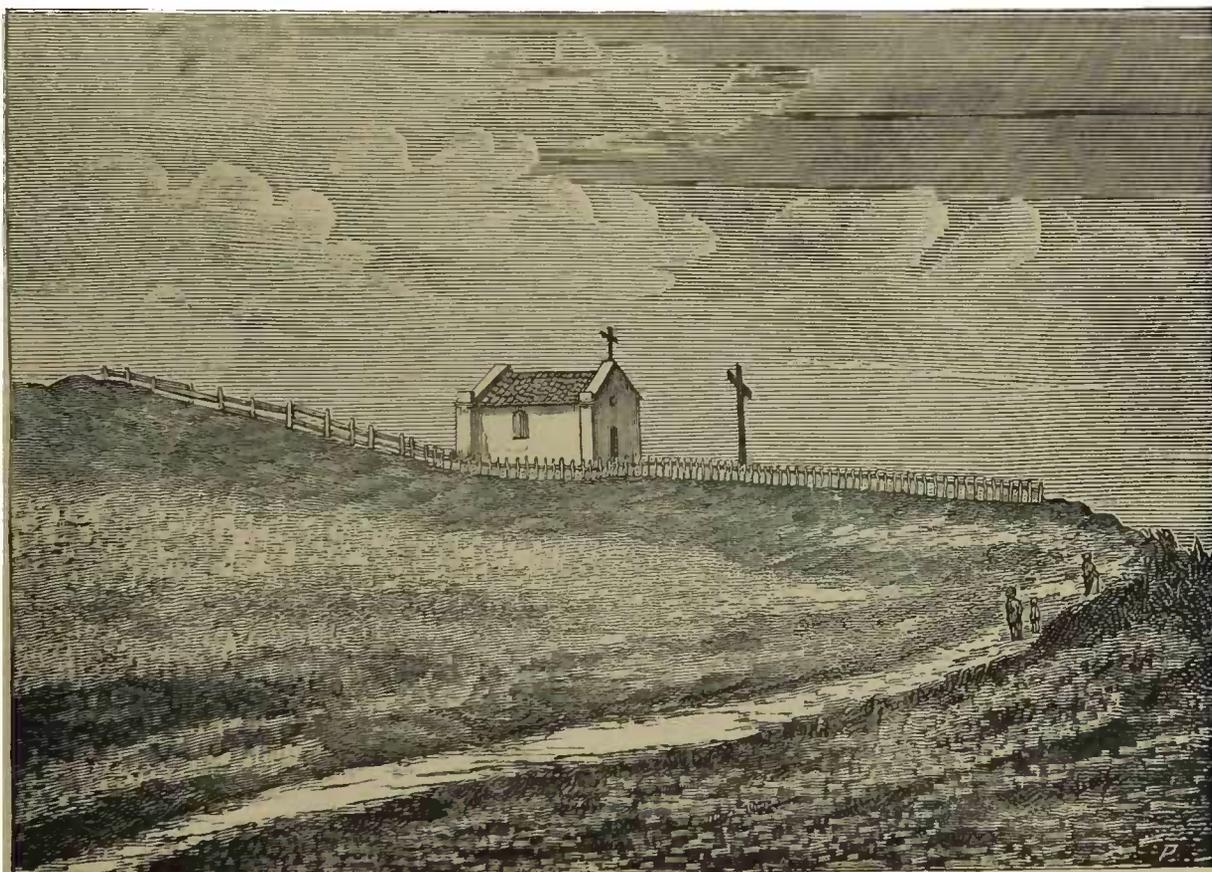
Quanto a nós, declaramos á face do Brazil, que somos—mercador de livros, e que ainda não tivemos um instante de nos pejarmos disso»

Que exemplos! o da sua vida e o dos seus feitos. Memoral-os é menos render justissimo preito de homenagem ao eminente jornalista, que prodigalisar ás gerações nascentes fecundissima lição de amor á patria e ao cumprimento do dever!

Se o cidadão e o jornalista formam um todo admiravelmente talhado, o poeta como que corôa-se a si mesmo de imarcessiveis rosas de perennal primavera; a sua musa suave e tímida, desperta aos primeiros vagidos da pa-

Evaristo da Veiga, escreve Charles Ribeyrolles: «—não era desses que pulem phrases como os artistas cinzelam calices e punhos de espada. Não se emaranhava pelas altas especulações do espirito, seu saber nada tinha de encyclopedico; mas sua phrase era nitida, sua polemica activa e sensata, e possuia entre todos um grande e altivo sentimento de dignidade nacional. Em duas palavras—Evaristo era um grande character.»

Tal é, a rapidos traços, o homem que hoje conta meio seculo de silencio sepulchral; e que parece ter cahido em completo esquecimento, pois apenas, como monumento, recor-



CEMITERIO DO POMBA NO ALTO DA CIDADE

segundo um desenho do Sr. Bernardino de Brito

tria, e as suas singelas endeixas têm o quer que sejam de ingenuo e infantil; a letra do hymno da independencia não tem o rugir de Rouget de Lisle, mas a meiga alegria dos pastores da arcadia.

« Não menos inclinado ás letras amenas, diz Innocencio da Silva, que ás discussões tempestuosas da politica militante, foi um dos primeiros imitadores da escola litteraria da restauração em França, do que deu provas nas composições que imprimio. »

dam-lhe o nome glorioso as placas de uma rua de importancia secundaria.

No cemiterio de S. Francisco Xavier repousam os seus restos mortaes, singela columna erige-lhe o busto bellamente modelado por mão de ignorado artista; e ahi, solitaria, á sombra da capella, a venerada sepultura raramente é visitada por poucos e ignorada de muitos.

Resgatemos ao menos um pouco a grande divida nacional, adornando-lhe a sepultura

não de flores tristes e attributos funebres, mas de vividas rosas e virentes palmas, cuja fragancia penetrando pelos intersticios do marmore leve aos frios destroços da morte um quente bafejo da vida; que seja, como por

entre os cantos dos poetas e dos passaros em harmonioso concerto, o beijo maternal da patria genuflexa bemdizendo o filho querido.

FELIX FERREIRA.



## MINAS

### DA CIDADE DO POMBA A OURO PRETO

Deixei a cidade do Pomba ás 6 horas da manhã.

Ao signal do chefe com o seu classico—*olha queu embarca*—e o apitar da machina, seguimos viagem pela margem esquerda do rio Pomba, que fórma bonitas paizagens, serpenteando serenamente, através do mato verde ou da macêga dourada pelo romper da aurora.

No esplanado fronteiro á estrada fica a cidade, que se estende a uma pequena elevação da margem do rio, n'um panorama lindo, enfeitado com milhares de arvores e leques de bananeiras, através dos telhados escuros de suas casas, que pouco e pouco vão desaparecendo com a marcha da locomotiva.

Agora temos á beira da estrada fazendas tristes, como que desertas.

Atravessámos o Formoso n'uma pequena ponte, e, de novo pela margem do Pomba, temos a estação do Passa-Cinco. Largámos a margem do rio, subimos a serra por meio de uma ferradura e estamos na estação do Guarany.

No Guarany deixámos o trem do ramal do Pomba e seguimos no «expresso» para a Serraria.

O pequeno arraial do Guarany, triste por natureza, está edificado no declive de uma collina, tendo no alto a sua igreja matriz, em fórma de barracão, sem arte alguma.

O vapor nos leva pela margem direita do rio, deixando á esquerda o arraial.

Estação de Furtado Campos.—Aqui segue o ramal para a cidade bonitinha do Rio Novo; depois a estação de S. João Nepomuceno, bonita cidade e prospera: a plataforma estava cheia de povo alegre e senhoras bem vestidas; a linha ferrea atravessa parte da cidade baixa, onde se vêem alguns *chalets* bem construidos e as janellas cheias de senhoras.

Do trem, bem distante, vêem-se as casas no alto da cidade de S. João com a sua matriz em perspectiva de presepe.

A linha ferrea vai atravessando cafezaes immensos, fazendas de gosto, bonitas moradas, rodeiadas de ricos pomares, onde cantam bandos de melrós pretos e infinidades de passaros que alegam a viagem.

Depois as estações da Roça Grande, Rochedo e Bicas, aonde tem a Companhia Leopoldina importantes officinas; ahi almoçámos mal, com um vinho pessimo no *restaurant* ao pé da estação. Bicas é uma povoação importante, alegre e animada, creada pela antiga Companhia União Mineira. Tem por visinhança a importante cidade de Mar de Hespanha, Santa Barbara e outras povoações.

Bicas, Santa Helena S. Pedro, Socego, Silveira Lobo e Serraria é o que ha de melhor nesta viagem, pelos suberbos panoramas e paizagens lindas que se descortinam do alto da serra das Bicas, n'um horisonte vasto em que as florestas de mato virgem foram substituidas pelos cafezaes, limitando-se no horisonte pelas serras azues que esbatem-se com o azul do céu.

As fazendas são palacios, moradas confortaveis e elegantes, rodeadas de jardins enfeitados com muito gosto.

A's 2 horas e 50 minutos embarcámos no trem mixto da D. Pedro II, que nos levou a Juiz de Fóra, onde desembarcámos ás 4 1/2 horas da tarde.

A progressiva cidade de Juiz de Fóra é a rainha de Minas, onde o bom gosto, commercio e industria, rivalisa com as melhores cidades do imperio.

No dia seguinte embarcámos no «expresso» ao meio-dia, e ao apitar da locomotiva passámos por Bemfica, Chapéo de Uvas, João Gomes, Mantiqueira e João Ayres.

Na subida da serra da Mantiqueira, a 1288 metros sobre o nivel do mar, nenhum passageiro deixa a janella do carro para admirar as curvas immensas do zig-zag, através de uma vegetação soberba de um verde-escuro, deixando atraz de nós montanhas immensas, todas inferiores ao ponto de nossa subida.

No alto da serra na estação do Sitio passa o ramal do oeste de Minas; em pleno campo

chegámos a **Barbacena**, terra de moças bonitas, das flores e do afamado clima de saúde.

A's 5 horas chegámos a Lafayette. Passámos para a nova via de bitola estreita, em cujos carros se lê—Ramal de Ouro Preto; e ás 6 e 35 em Congonhas : é o antigo e decadente arraial da Soledade.

Hospedámo-nos no *Hotel Goyano*, e ao amanhecer cavalgámos nos burricos magros,

e costeando a serra de Ouro Branco, atravessámos o arraial.

Subindo e descendo montanhas, atravessando campinas infinitas, aspirando o ar puro e embalsamado do campo, bem á tardinha, avistei, lá bem ao longe, as primeiras casas da minha terra natal, a Suissa Mineira, o meu saudoso Ouro Preto.

BERNARDINO DE BRITO.

## ZINGARA

Com este titulo orna uma das paginas do nosso numero de hoje uma producção do joven artista Arthur Lucas.

Ocioso e até pueril fôra recommendar a attenção do leitor para este bello trabalho, perfeitamente gravado pelo Sr. Alfredo Pinheiro.

Estamos certos de que justo juizo ha de se fazer dos sentimentos artisticos do nosso estimado collaborador diante desta pagina, tão feliz pela simplicidade do assumpto como pela delicadeza do dezenho.

O typo da Zingara é característico nos seus traços physionomicos e observado do natural na attitude indolente, preguiçosa e descuidada em que se acha. E' uma criança ainda. As privações, as intemperies da existencia, têm-lhe feito estremecer de medo, mas longe está o momento de burilarem em suas faces as rugas profundas dos desgostos.

Ella tem soffrido e soffrido muito.

Pertence a esta raça sem patria, raça desherdada de um solo em que possa levantar para a vida o tecto de uma choça e abrir para a morte um tumulo molesto e sagrado.

Tem andado sempre ; desde criança seus pés comprimem o solo ardente das regiões do tropico e a terra humida, doentia, gelada dos paizes septentrionaes.

Tem visto paizagens opulentas, vegetaes gigantes, céos de um azul intenso e luminoso ; e tem dormido ao canto das paredes, pelas ruas, exposta ao frio, á chuva, á neve.

Emquanto deglute o duro pão escuro dos miseraveis, a sua fantasia, talvez, leva-lhe a sumptuosos banquetes, moradas ricas de Cresus de paletot de brim, de burguezes Vitellios, que, fartos, risonhos, indifferentes ao mundo, mandam deitar o resto aos cães mais felizes que o trabalhador honesto.

Mas a pobre está affeita ao soffrimento. Que lhe importa os grandes ! Durmam nos seus leitros esculpturados e cobertos de damasco, pisem seus tapetes macios e aveluda dos,

bebam seus raros vinhos de Corintho, gozem a sua existencia sem privações, porque ella, tambem, maltrapilha, pobre, ignorada, tem as lendas da sua raça, tem as poeticas canções do seu bando, para derramarem-lhe dentro d'alma o deslumbramento dos arreboes.

E hoje, amanhã, depois, qualquer dia emfim, seus companheiros levantam as tendas ennegrecidas pelos climas de todos os paizes e vão caminho d'além...

Qual o destino que os leva ? Para onde seguem, que ponto visam ? Ninguem sabe.

Elles tambem ignoram. Onde quer que seja, onde haja um pedaço de terra desocupado, ahi armam as barracas, ahi passam algumas semanas, vendendo seus artefactos, commerciando suas quinquilharias... depois... Depois continuam a peregrinação eterna. E ella tambem vai entre os da tribu, inconsciente do seu destino.

Quando chega a fadiga canta ; as canções da sua raça mitigam a fome, matam a sede, retemperam as forças.

Nesta existencia ha poesia e originalidade.

E' miseravel e é grande. E' merecedora de piedade e é digna de admiração.

Taes foram as causas, talvez, que inspiraram ao nosso delicado collaborador esta pagina.

O seu coração é de moço, e, portanto, sabe sentir, melhor do que o de outros, esta mysteriosa poesia da vida dos ciganos.

Arthur Lucas é um artista que se está formando ; por emquanto não tem uma grande responsabilidade por seus trabalhos — é um alumno, mas alumno [que ha de ser *mestre*, porque tem talento.

Pertence a esse sympathico *bando dos terriveis*, o bando dos artistas do futuro, do qual fazem parte Bento Barbosa, Isaltino, Jubim, Raphael Frederico e todos esses moços que, na Academia de Bellas Artes, formam a esperanza de um periodo do florescimento para a nossa enfesada e pallida arte.

G. D. E.



ZINGARA--desenho de A. LUCAS e gravura de A. PRIMEIRO

## EFFEITO DE LUAR

A gravura que damos sob este titulo é um estudo de desenho e gravura, diz o artista, estudo *d'après nature*. effeito puramente physico do luar batendo sobre o navio e o mar.

Mas não é sómente como obra d'arte que devemos encarar este trabalho, mas como uma pagina truncada desse esplendido livro sempre aberto a nossos olhos, que se chama natureza.

Como tudo isto é bello e enche a alma de poeticas visões. Como, alta noite, debruçado sobre a amurada do barco, o scismador, alongando o olhar, vê surgir d'entre as ondas pra-



EFFEITO DE LUAR-gravura e dezenho de A. PINHEIRO

Encarado deste ponto de vista artistico é um trabalho que muito honra a pericia e summa aptidão de Alfredo Pinheiro, e que pelas dimensões reduzidas comprova as suas habilitações para a illustração de livros; justamente a mais difficil e da qual mais sentimos verdadeira necessidade.

teadas pelo luar, imagens revestidas de todos os encantos das tradições e da historia.

Têm razão aquelles que increpam os nossos escriptores e artistas por não se inspirarem em nossa natureza; na verdade, não ha por certo mais fecunda e fecundante musa.

F. F.

## O JOKEY



Agora é que me recordo As raras vezes que ia ao club de corridas a cavallo vi-o sempre. Lembro-me de vê-lo passar, com o seu bonet de longa pála a bico de passaro, a roupa estreita de duas côres, as botas de canhão vermelho, montando eguas de côr escura. E passava a toda brida, surdo pelo vento, nada vendo além dos contedores da carreira, vergado sobre o pescoco da egua, pallido, os dentes cerrados, um grito guttural seguido, abafado, e o braço agitando a tála e açoutando sempre, seguida, nervosa, automaticamente a egua escura á disparada.

Sempre vencedor. Não sei se attribuir á fina raça das longas eguas esguias ou á pericia do cavalleiro; o que é verdade é que chegava sempre adiante. A banda musical, as palmas e a vozeria do povo rompiam em lóas ao vencedor. E elle passeiava radiante, ebrio, pallido de commoção e de fadiga, diante das bancadas, sobre a egua offegante.

O barão, por si, commovidissimo com o triumpho do seu animal, cobrava *poules*, pagava e recebia apostas com as mãos repletas de notas.

Rico fazendeiro que chegára a envergar a *verde librè de ministro*. Mais tarde, por desgostos fundos ou por mero interesse, abandonou a politica pelos cavallos. Um bello typo de jogador e nada mais.

E o jokey entrava, trotando sobre a egua offegante, pelas cocheiras de espera.



Desde rapazote, como seu pai fosse já empregado do barão, affeição-se áquelles animaes. Dava-lhes a ração, asseitava-lhes as baias e puxava-os pelo cabresto até o club, onde o pai, um tísico, desempenhava o papel e o lugar que elle occupava ultimamente.

Uma vez em que uma das eguas adoecêra foi-lhe um periodo afflictivo.

Dormia as noites nas baias, deitado sobre a palha, á luz frouxa dos lampeões, a ouvir, a vêr, se a egua gemia, se ia melhor e o que tinha. Condoia-se daquillo.

Uma manhã, quando abriu os olhos em cima da palha, vio o animal a puxar uns fios da mangedoura. Havia muitos dias que não comia nada. Ficou ebrio de alegria e sahio fóra, com os olhos cheios de somno, a chamar, a gritar pelo pai, pela mãe, que a doente estava melhor, que estava já a comer, a coitadinha!...

Desanuviou-se-lhe o coração.

Juntos, pai e filho, lá iam ás quinzenas para o trabalho.

E sempre que elles sahiam vinha-lhes a velha á porta, com o seu lenço á cabeça a recommendar-lhes prudencia. E dizia-lhes:

« — Cuidado! hein... cuidado!.. Isto de corridas... »



E a banava a cabeça n'um signal de desgosto.

E já longe iam elles, e ella de cá ainda a chamal-os e a repetir-lhes com o gesto aquellas palavras ditas.

Mas juntos iam sempre. Gostava o filho de ver o pai, á hora da corrida, com aquellas bellas roupas de côres vivas, que elle tambem havia de ter um dia, diziam-lhe.



Ia-lhe leve o trabalho embalado naquella esperanza. O velho tísico começou a fazel-o correr nos ensaios sobre as longas eguas esguias.

Em um dia em que o barão appareceu ás estrebarias o velho apresentou-lhe o filho. Que já estava mestre de carreira, disse. Que podia já montar nas apostas e allivial-o um pouco da tarefa que já o trazia cansado havia tempos. O barão poz suas duvidas e seus receios. O velho insistio. Era por sua conta. Só lhe faltava a roupa.

O rapaz andava que não se cabia em si de contente. Andava radiante. Por fim estreou e estreou com successo, apezar dos movimentos de cabeça da velha, cheios de desgostos.

— Tão novo o rapaz!... Ia-lhe acontecer alguma...

E sempre que elles iam, pai e filho, arrastando as eguas para o trabalho, vinha lhes fóra a velha, com o seu lenço á cabeça, a dizer-lhes:

« — Cuidado! Cuidado! Isto de corridas... »

Agora, depois que o velho foi-se com a sua tuberculose, era elle o herdeiro fiel da confiança com que o barão enchêra o pai. Era

o chefe da casa e o arrimo da pobre velha. A primeira vez que elle sahio, só, para o trabalho, veio-lhe fóra a velha a chorar, a lembrar-se do pai, e, com o lenço preto sobre os cabellos brancos, os olhos cheios de lagrimas, a redobrar-lhe as recommendações e os temores.

Entretanto ia-se-lhe a vida consolada. Entre seus companheiros tinha reputação de honesto. Do velho jokey e estribeiro, seu pai, recebêra os preceitos duros da honra. E no club, entre todos, affirmava-se que elle nunca fizera uma maroteira. Nunca!

\* \* \*  
\* \* \*  
\* \* \*

Em uma vespera de corridas, pelo meio dia, entrou-lhe pelas estrebarias o barão.

— Amanhã, disse, é preciso deixar perder a corrida esta egua que entra no segundo pareo... E mostrava-lhe com a bengala um animal que comia nas baias silenciosamente.

O jokey ficou admirado. Arregalou os pequeninos olhos pardos e disse-lhe:

— Mas olhe o senhor patrão que isso é máo. O animal nunca perdeu. Depois perde a vergonha e... entram lá os outros do club a fallar... a dizer ..

O barão voltou-lhe as costas, e disse-lhe da porta, a sahir:

— Veja bem o que faz!

Poz-se a pensar naquillo.

O que haviam de dizer os outros? Fazer perder a carreira o animal!...

E foi queixar-se á velha. Não podia ser... Pois havia de prender na carreira a *Sultana*, que corria que mettia gosto?!...

Disse-lhe a velha que obedecesse

— Pois se elle era o dono dos bichos e o patrão da gente... Era fazer-lhe o gosto ..

Obedeceu. O animal perdeu a parelha. Voltou para casa com a cara a rastos. Ia dizer ao patrão, oh se ia!... que não o serviria mais. Não podia... Que o pai nunca lhe ensinára aquillo. Que estava-se a morrer de vergonha!...

\* \* \*  
\* \* \*  
\* \* \*

Ouvi hontem dizer que era dia de corridas. A' noite, cerca de 7 horas, de volta para casa, vi que uma multidão agglomerava-se á porta do Necroterio

Tilintou-me a curiosidade. Entrei. Uma luz fosca illuminava a pequena sala de espera pelo comboio da ultima jornada. A multidão enchia tudo. Acotovellando, fui e vi.

Sobre uma das mesas de marmore branco, estendido, com as roupas de duas côres, as botas de canhão vermelho, cheio de pó e terra, as mãos crispadas, o rosto ferido e

desordenado, estava o cadaver do jokey, morto em uma quéda desastrosa no quarto pareo da corrida de hontem.

Um ruido surdo borboletava no recinto. Subitamente todos voltaram-se para a porta. Havia vozes. E uma mulher baixa, trigueira, a tez enrugada, um lenço preto cobrindo os cabellos brancos, esparsos na testa, entrou, resoluta, com uma das mãos espalmada no ar a exclaimar com magoa:

— Ah! eu bem lhes dizia!... eu bem lhes dizia!...

Entrou como se a ninguem visse, e caminhou direito ao cadaver. Olhou-o, agarrou-lhe uma das mãos crispadas, como se quizesse reconhecê-lo, se o acreditasse vivo ainda.

O seu olhar devorou-lhe a figura.

Ao lado, sobre a mesa, como destroços ou armas de guerra, estavam o latego e o bonet de longa pála a bico de passaro. Imovel estava elle, com o semblante decomposto e cheio de pó. Do lado direito, sobre a face, havia uma grande ferida de labios roxos, coberta de poeira. A boca entreaberta, como se sorrisse dolorosamente, mostrando dous dentes da linha superior, brancos, sem brilho. Do cartto do labio descia um fio de sangue. A perna direita torcida, partido o calção, cheio de terra, dentro da bota pequena.

A luz do gaz batia-lhe na cara com uma mudez tristissima e lugubre.

A velha repetia a exclamação, dolorosamente, a chamar pelo filho. Com o lenço preto cahido para traz, os cabellos brancos revoltos, rodeando com os braços emmagrecidos a cabeça do cadaver, punha-se a beijar aquella cara deformada, ferida, cheia de pó. A espaços, com a ponta do chales, limpava as suas lagrimas ou o fio de sangue que descia dos labios do filho.

Tudo calado. Tudo medonhamente tragico, medonhamente lugubre. Olhei em roda. Todos haviam sahido.

Encaminhei-me para a porta. E dalli, num ultimo relance, vi a pobre velha ainda a beijar, a chorar sobre aquella cabeça deformada, que ria dolorosamente, e a repetir aquella phrase fundamentalmente recriminadora:

« — Eu bem lhes dizia! »

\* \* \*  
\* \* \*  
\* \* \*

Fóra ia passando a noite clara, morna, muito mansa, cheia de scintillações azuladas de estrellas.

Vinha tocando alegremente ao longe, muito longe, a banda musical que voltava do club...

Assim morreu o jokey.

MANOEL CARNEIRO.



EPISODIOS DA GUERRA DO PARAGUAY

O exercito havia transposto o rio Paraguay para a margem direita, acampando no lugar denominado Santa Thereza, no territorio do Chaco.

A estrada que nos servio nesta jornada tinha cinco ou seis kilometros de extensão e foi feita pela nossa infantaria e corpo de pontoneiros, sob a direcção do invicto general Argôlo; estrada feita de estivas por cima de pantanos, auxiliada por pontes de embarcações nos lugares em que o rio fazia igarapés. Esta gigantesca obra é um valioso documento da proficiencia e pertinacia daquelle general, o mesmo que em Curuzú circulou o 2º corpo de exercito, que commandava, de trincheiras inexpugnaveis.

Na noite de 5 embarcámos nos monitores encouraçados e fomos em demanda do porto de Santo Antonio, onde pisámos terra firme, fugindo assim á fortaleza de Angustura, com o intuito de contornar a forte linha de Piquicery para tomar a retaguarda do inimigo e collocar-o entre tres fogos: o de frente e o de retaguarda, enquanto a nossa esquadra fizesse-lhe fogo pelo flanco direito.

Depois do desembarque, o grande general em chefe marquez de Caxias mandou explorar a vanguarda, e, encontrando uma ponte sobre o riacho ou rio Itororó, a transpoz com um regimento e um batalhão de linha. Bem avisado como andava sempre, pela longa experiencia de guerra, ordenou que essa força ahi ficasse de piquete avançado, enquanto mandava o resto do exercito acampar a quatro kilometros, mais ou menos, na retaguarda.

Indo, porém, a esse lugar um general, commandante de um dos corpos de exercito, a que pertencia a referida força de piquete, a fez retirar, não sabendo que tinha sido por

ordem do general em chefe; e tão mal inspirado andou que, vendo os paraguayos quanto podiam aproveitar da posição difficil do nosso exercito, não só pelas difficuldades que offerece uma passagem de ponte, como ainda mais—por ella estar na fralda de uma collina e por só se tornar de livre transito depois que os corpos percorressem um grande desfiladeiro—vieram nessa mesma noite e tomaram posição de modo a evitar a nossa passagem.

Assestaram a artilharia, enfiando a ponte e o desfiladeiro, de tal maneira que, se não contássemos com a bravura dos nossos soldados, indubitavelmente seriam perdidos todos os trabalhos da estrada do Chaco, ficariamos collocados em pessimas condições estrategicas e uma derrota completa seria a recompensa de tantos sacrificios.

O erro bem caro custou á patria. Ahi morreram o major Eduardo da Fonseca, tenente-coronel Azevedo, tenente-coronel Guedes, coronel Fernando Machado, e outros que deixamos de mencionar por não comportar o pequeno espaço que desejamos dar a este episodio.

\*  
\* \* \*  
\* \*

Na manhã do dia 6 de Dezembro de 1868, ao chegar o nosso exercito na ponte de Itororó, foi recebido por um activissimo fogo de metralha. As nossas tropas, encorajadas pelo denodo e patriotismo de seus commandantes, avançaram em passo acelerado para transpor a ponte; porém a metralha zumbia no espaço, e, como uma machina do inferno, vinha saraivar nossas fileiras.

As companhias cahiam quasi completas, como se todos os camaradas estivessem ligados entre si por uma corrente que, embaraçando o movimento de um, tolhesse o de todos; ás vezes um ou outro tentava erguer-se, rugindo de dor, ensanguentado, anciando de cansaço, entre as vascas da morte, mas outras companhias avançavam á voz de seus officiaes, e, recebida por nova carga de metralha cahiam brutalmente sobre os agonisantes, suffocando-os, pisando-os, contorcendo-se, sobre os cahidos, nos derradeiros transes da vida.

Inimigos eram tão perto de inimigos, que de lado a lado ouvir-se-hiam as vozes de commando e os gritos dos feridos se não fosse o rumor da acção.

Uma nuvem de pó e fumo ennevoava o lugar da luta. De quando em quando havia uma intermittencia, mas rapida, tão rapida como o rolar de um trovão: era, talvez o resfolegar dos combatentes; e alentavam-se

de novo, respiravam a cheios pulmões o ar pesado; nesses momentos seus olhos viam tremular entre os densos nevoeiros de fumo a bandeira auri-verde, rôta pelos estilhaços da metralha, esfrangalhada pelos golpes das lutas anteriores. Era a patria que os acce-nava; e uma voz estranha, blandiciosa, sua-vissima como o fallar de uma mãe, dizia-lhes á consciencia: Defendei-me, meus filhos! Defendei-me!

o pulo dos corceis espicaçados, espantados pelos estampidos, instigados pelos *upas* dos cavalleiros, ameaçavam galgar a linha de assalto. Esta carga tornou-se um impecillio; os cavallos mortos enchiam a ponte, difficul-tando a marcha da infantaria.

Todas as esperanças de victoria tinham se findado. A artilharia paraguaya sustentava fogo vivo, coadjuvada por uma fuzilaria certa e bem mascarada.



DUQUE DE CAXIAS

Então este oceano humano rugia, erguen-do-se desesperadamente, e ia tombar sobre a ponte, porque o fogo do inimigo era valente-mente sustentado.

Fez-se uma tentativa á cavallaria para tomar a ponte. Foi uma carga admiravel pela coragem e destreza dos nossos bravos; mas o ponto tornára-se inexpugnavel, e a cavallaria foi colhida por uma saravada de metralha precisamente no instante em que

Corria-nos pela alma as mais dolorosas im-pressões, pensamentos intraduziveis e que só nessas emergencias podem ser comprehendi-dos.

O marquez de Caxias mandou que o gene-ral Osorio seguisse com o 1º corpo de exer-cito pela direita do inimigo e fesse contor-nal-o, a ver se podia colher a retaguarda.

Foi uma marcha cruel. Os soldados com o equipamento ás costas substituíam o passo

ordinario pelas correrias, de sorte que muitos morreram estafados, caíram exhaustos. Entretanto a legendaria valentia do general Osorio não deixava nada a desejar: batia-se a força, resoluta e dedicado.

Quem escreve estas linhas pertencia ao 2º corpo do exercito, que formava a retaguarda; bem cedo achou-se á vanguarda: taes eram as perdas que em tão poucas horas o inimigo fizera nas nossas fileiras.

Os batalhões dispersavam-se, as praças abandonavam seus postos, retrocediam para carregar outra vez. O 51º corpo de voluntarios commandado pelo bravo coronel Frias Villar, tendo transposto a ponte, foi rudemente atacado pelo inimigo, e formando quadrado sustentou o fogo, tendo em vista a tactica militar; hora seja feita ao nome desse valente brasileiro, foi o unico que assim procedeu, demonstrando sangue frio, convicção e coragem.

O nosso enfraquecimento parecia irremediavel.

Então o marquez de Caxias, com o seu grande tino de guerra, vio que o supremo momento era dado; erguendo heroicamente a cabeça, desembainhou a espada e com a voz clara e vibrante, disse-nos:

— O vosso general vai transpor a ponte. Se sois soldados dedicados, brasileiros valentes, conto convosco.

Não se póde descrever precisamente o effeito destas palavras; dir-se-hia que o solo, oscillado por um tremor subterraneo, fizera estremecer esta multidão de bravos.

Subito como um relampago, ribombou no espaço um brado sahido dessas milhares de bocas:— Viva Sua Magestade o Imperador! Viva o exercito! Viva o nosso general em chefe!

A este ribombo duas detonações da artilharia inimiga responderam... mas os batalhões formaram uma só massa, e, igual a um vagalhão que abafa o casco de um navio, transpuzeram a ponte, levando o inimigo de vencida.

A victoria! depois de tantas horas de indecisão!

A victoria de um exercito bater o inimigo n'um combate é scena que não se descreve. As lagrimas chegam-n'os aos olhos, o riso pouza nos nossos labios, somos crianças —queremos abraçar a todos os camaradas, queremos cantar, queremos fazer mil cousas pueris, e o contentamento arranca-nos do peito os nomes de nossos pais, de nossas esposas, de nossos filhos e irmãos. E' tudo e é nada.

O proprio marquez de Caxias, general que pôde contar seus annos pelos combates que deu, era captivo de sublime arrebatamento.

Fui fallar-lhe de ordem do meu chefe, e elle me recebeu a sorrir; as suas palavras eram agradecidas; o seu olhar penetrante e firme parecia o olhar de uma criança. Estava satisfeito pela bravura e patriotismo dos nossos soldados, e, ainda mais, chocado pela confiança que inspirava.

\*  
\*\* \*\*  
\* \*

Se outros muitos feitos do denodado duque de Caxias não o celebrassem, não fizessem o seu nome lembrado com saudade por todo o exercito brasileiro, este episodio de campanha, que ahi deixo pallidamente esboçado, bastaria para illuminar o seu bello vulto militar.

Não conheço nem conheci, desde que milito, homem de maior energia, de tamanha força moral e tão justo.

E' digno não só da recordação dos seus commandados, mas da do paiz inteiro, do qual a sua espada foi uma garantia, e que hoje embainhada jámais terá em seus copos mão tão firme e valorosa.

F. F. DE ARAUJO,

Capitão de infantaria.





## XYLOGRAPHIA

AO ALFREDO PINHEIRO

Arte, divina inspiração! Divina  
Creadora de cousas eternas!  
A virtude a moral jámais ensina  
Como a ensinas tu, arte, jámais!

E's immortal, eterna peregrina!  
Embora soterrada em areaes,  
De Milo sahe a Venus que fascina  
Os deslumbrados olhos dos mortaes!

O mármore saccharino, o bronze duro  
Do artista traduz ideal puro,  
Que n'alma, bello, em borbotões fulgia!

Mas quem o tem guarda o primor, cioso.  
Para o reproduzir do povo ao gozo  
Surgiste, ó popular xylographia!

GUILHERME MARTINS.



As immensas riquezas do Brazil opulentaram assombrosamente os reinados de D. João V e D. José. Só na frota que largou de Pernambuco para Lisboa em 1751 foram:

Para particulares, em moeda 296:083\$860; ouro em pó 23:346\$756; dinheiro em manifesto 3:046\$207.

Levou a mesma frota: 10,341 caixas, 868 feixos, 666 caixas de assucar, 110,589 couros em sola, 43,637 couros em cabello e 26,285 couros de atanado, 12,075 quintaes de pão-brazil, algum tabaco e diversas mercadorias.

No mesmo anno de 1751 levou a frota sahida do Rio de Janeiro: 10:344\$332 em dinheiro e mais 11,087 marcos, tres onças e uma oitava de ouro em pó; 1,621 marcos, cinco onças e uma oitava, em barra, para a

coroa. Para particulares: 3.140:919\$405 em dinheiro, 2,607 marcos, sete onças e tres oitavas de ouro em pó, 3.154 marcos, quatro oitavas em barras, cinco marcos, quatro onças e duas oitavas de ouro lavrado em varias pecas. O manifesto da frota accusava: 1.265:720\$156 em dinheiro, 39 marcos de ouro em pecas lavradas, 1,534 caixas de assucar, 733 feixos, 370 cannas, 2,770 couros de boi, em cabello, 1,585 atanados, 2,712 e meio em sola, 1,438 pontas de marfim, 1,028 quintaes de barbas de baleia, 46 pipas de azeite de peixe, 1,254 barris de melao, 937 barricas de farinha de mandioca, 160 milheiros de coquilhos, afora grande quantidade de madeiras de varias qualidades.



*Antecos* ou *antiscos* são os povos que vivem no mesmo meridiano, ou na mesma longitude, mas em latitudes oppostas, e á igual distancia do equador, de modo que se uns contam 20 grãos de latitude norte, outros contam 20 grãos de latitude sul. Por exemplo, se buscarmos os *antecos* do Egypto no hemispherio boreal, acharemos que são os povos do Monomotapa.

Os *antecos* têm as mesmas horas de dia e noite; porém estações oppostas, isto é, quando para uns é verão para outros é inverno.

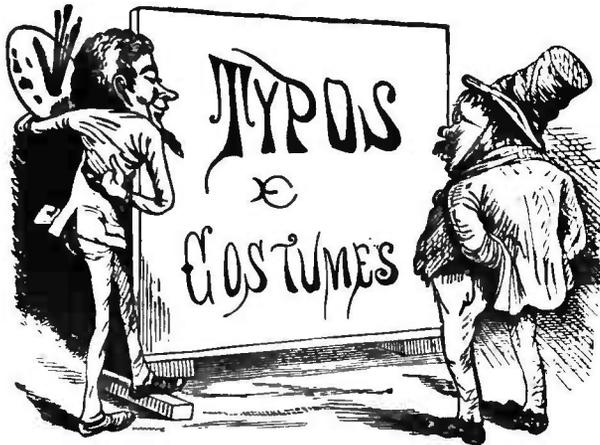
*Periecos* ou *periscios* são aquelles que se acham no mesmo paralelo, e em meridianos oppostos, ou que estão na mesma latitude, porém distante 180 grãos de longitude.

Têm as mesmas estações, porém as horas do dia e da noite oppostas, quer dizer: quando para uns é meio-dia, é para outros meia-noite.

*Antipodas* são os povos que vivem na extremidade de um diametro terrestre, isto é, que habitão em meridianos e paralelos oppostos. Distam, pois: 180 grãos de longitude, sendo oppostas as suas latitudes.

Os *antipodas* têm as estações oppostas, bem como as horas do dia e da noite.





### O brasileiro viajado

Eil-o, completo e acabado.

Esteve na Europa um ou dous annos, formou-se em sciencias infusas, aprendeu tudo e esqueceu a lingua materna.

Traja com apuro, com exagero, pelo ultimo figurino de Paris; detesta a terra que o viu nascer, exalta as grandezas do velho mundo, e morre de tedio nesta sociedade chata que o não comprehende.

E' candidato a um lugar na legação de Londres, Paris, Vienna ou Berlim, nada de America. Está morto por voltar á culta Europa e entre dous bocejos não cessa de dizer:

— Que terra esta!

Aos amigos embasbacados conta maravilhas do que vio; tudo que ha de bom só lá existe, tudo quanto não presta é que vem para cá.

— Vossês sabem lá o que é champagne! exclama elle; estão persuadidos que bebem vinho do Rheno, pois isso é cousa que venha para cá. Charutos de Havana, onde os fumaram vossês? Isto que por ahi se vende a 300 ou 400 réis? Isso é palha; puro Hamburgo fabricado com fumo da Bahia.

Em Paris, dizia um destes typos, procurei por toda a parte a fabrica de calçado do Suser ou do Milliet e ninguem me sabia dar noticias, até que um dia, passando por uma rua escura, descobri o tal Milliet, um pobre sapateiro de quarta classe!

Nos theatros passeiam anojados pelos jardins de ver tudo aquillo, admirados de que se chame encenação de luxo *aos trapos* do Sant'Anna.

Estropiam propositalmente o idioma patrio sem darem, ás vezes, fé que fazem outro tanto e mui naturalmente com o estrangei-

ro; fallam um francez de contrabando, e não escrevem em nenhuma lingua duas linhas sem meia duzia de erros.



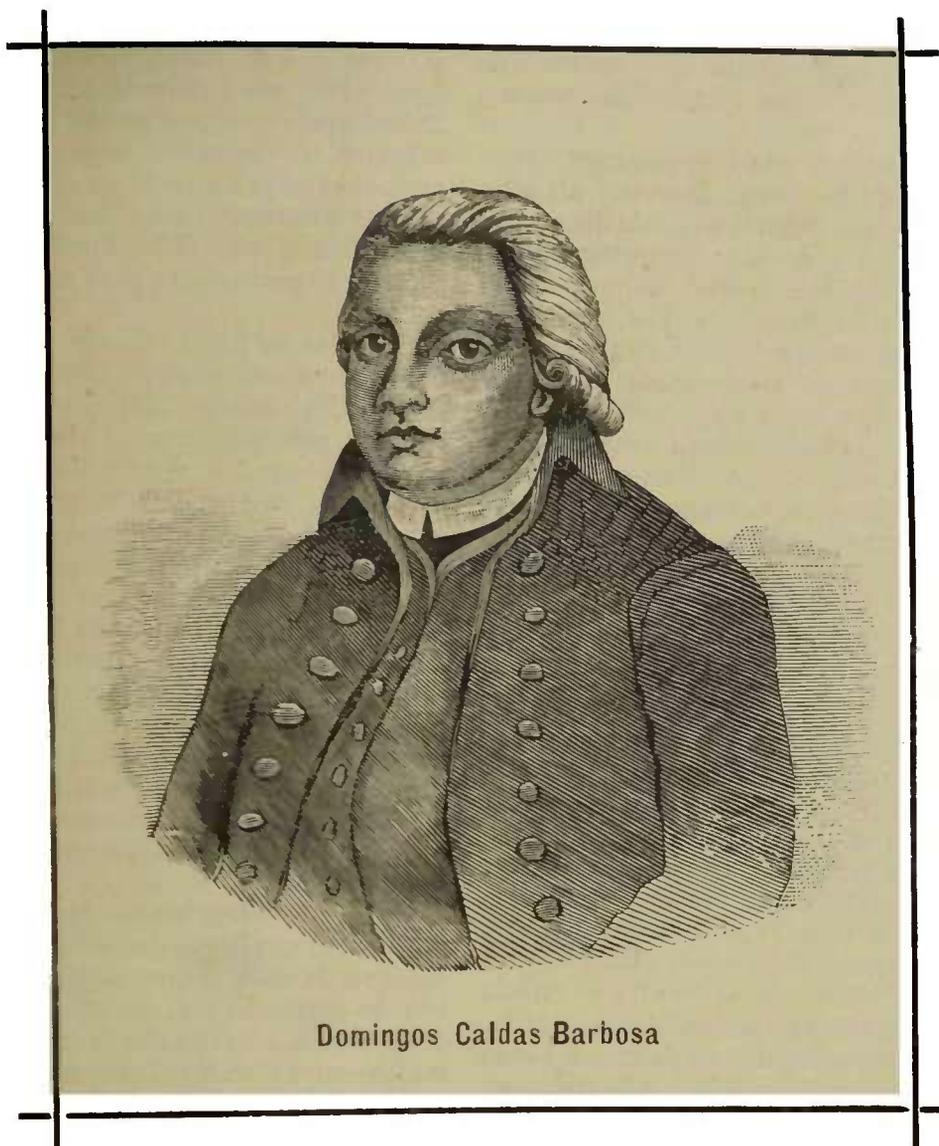
BRAZILEIRO VIAJADO

Oh! o brasileiro viajado é um typo que dá bem assumpto para um romance, e ha por ahi alguns tão completos, que para pô-los em scena é só copial-os *d'après nature*.

Quer-nos parecer que o nosso desenhista B. Barbosa nem fez outra cousa.

FLUMEN.





Domingos Caldas Barbosa

Do extincto LERENO o rosto  
 Se divisa em morta cor,  
 Mas sua alma em seus escriptos  
 Se conhece inda melhor.

Estes singelos versinhos, de autor anonymo, postos na *agua forte* tambem anonyma, que transmittio á posteridade as feições do vate fluminense, dão o mais tocante testemunho de quanto as suas nobres qualidades eram aquilatadas por aquelles que as conheciam de perto. Com effeito, Domingos Caldas Barbosa, na opinião de todos os seus biographos, foi uma alma candida de um poeta meigo, dotada de uma sensibilidade extrema.

Comquanto o conego Januario da Cunha Barbosa<sup>1</sup>, sobrinho do nosso poeta e seu pri-

<sup>1</sup> No *Parnaso Brasileiro*, T. I, e na *Revista do Instituto Historico*, T. IV, pags. 210.

meiro biographo, nos informe ter elle nascido á bordo de um navio negreiro<sup>2</sup>, em pleno oceano, e o Sr. conselheiro Pereira da Silva<sup>3</sup> affirme, não sabemos com que fundamento, que Caldas Barbosa é natural da Bahia; asseguram comtudo o visconde de Porto Seguro<sup>4</sup> e Innocencio Francisco da Silva<sup>5</sup>, ter elle nascido nesta cidade do Rio de Janeiro

<sup>2</sup> « Meu tio, diz o conego Januario (assim nos informou um parente ainda vivo deste nosso poeta), não era preto nem branco; nem da Africa nem da America; mas era um homem de muitos talentos, e de virtudes sociaes: expliquemos estes ditos. O pai de Domingos Caldas Barbosa, depois de inuitos annos de residencia em Angola, regressava para o Rio de Janeiro, e em sua companhia vinha uma preta grávida, que na viagem deu a luz ao nosso Caldas. »

<sup>3</sup> *Varões Illustres do Brazil*, T. II, pags. 329.

<sup>4</sup> Na *Rev. do Inst. Hist.*, T. XVI, e *Florilegio da poes. braz.*, T. II, pags. 455.

<sup>5</sup> *Dic. Bibliog. Port.*, T. II, pags. 387.

em 1740 ; pois na opinião destes escriptores, embora sejam muito aceitaveis as informações dos parentes, não menos devem ser as palavras do proprio poeta que em mais de uma passagem de suas composições assim o confirma.

O visconde de Porto Seguro, contrapondo-se á asserção do conego Januario, diz que: « esta informação cahiria só por si diante das pessoas da familia de seu protector e do de J. Agostinho de Macedo que affirmam que elle era filho do Brazil. » Por minha vez parece-me que entre a familia do protector e a do protegido, têm os membros desta elementos para dar mais autorizado voto na questão ; por isso inclino-me a crer que Caldas Barbosa nascesse, como diz seu sobrinho, á bordo e talvez já nas aguas do Brazil, embora o contrario affirme o poeta quando diz que :

Por cima da infeliz choça  
Gralha agoureira se ouviu;

pois isto bem póde não passar de méra ficção poetica. Até o presente, que eu saiba, não foi ainda encontrado o respectivo assento de baptismo, mas mesmo que o fosse nos registros de nossas parochias, isso nada provaria, porquanto nos casos de Domingos Caldas Barbosa está o illustre artista Bethencourt da Silva, que nascido tambem á bordo de um navio foi, no entanto, baptisado na freguezia de Nossa Senhora da Gloria, desta cidade.

Mas quer nascesse o bom Lerenó á bordo quer em terra, a sua patria é o Brazil, pois foi neste meio colonial que brotou o seu talento e formou-se o seu espirito.

Afirma o conego Januario que o pai de Caldas Barbosa o perfilhára, naturalmente no acto do lançamento do baptismo, como era então e o foi por muito tempo de uso entre os portuguezes, mesmo depois da independencia, até o tempo em que se promulgou a lei de 1841, que tornou os perfilhados dependentes de escriptura publica ou declaração testamentaria. E tanto foi o nosso poeta objecto das solitudes paternas, que em tenra idade entrou para o collegio dos jesuitas, onde fez ao que parece, brilhantemente os seus preparatorios.

Revezes da fortuna não permittiram talvez ao extremoso pai<sup>6</sup>, enviar de prompto o joven Caldas Barbosa ao reino á conquista da laurea universitaria ; e isto deu causa, a que o

<sup>6</sup> Aos infortunios paternos allude o poeta claramente quando diz :

Herdei-lhe a infelicidade,  
Mas honro a sua memoria.

travesso estudante começando a ensaiar as musas por satyras e epygrammas pessoais, atrahisse sobre si taes odios de victimas tão poderosas que conseguiram que o capitão-general Goines Freire de Andrade, conde de Bobadella, mandasse sentar praça ao novel satyrico, destacando-o para a colonia do Sacramento, onde curtiu elle amargas provações até que a invasão e posse desse territorio pelos hespanhoes, em 1762, forçou a retirada da guarnição portugueza para a séde do governo colonial.

De volta ao Rio de Janeiro, o dedicado pai obteve do austero governador geral a baixa do filho, sob condição talvez de ir para o reino estudar, pois quasi immediatamente para alli partio, apezar dos minguados recursos de que dispunha. « Ahi, diz o conego Januario, correu elle diversas fortunas, faltando-lhes os auxilios de seu pai, até que por felicidade succedeu ser apreciado no Porto pelos dous bem conhecidos amantes da litteratura, José de Vasconcellos (depois marquez de Bellas) e Luiz de Vasconcellos (depois conde de Figueiró), então desembargadores na Relação daquella cidade, os quaes fazendo justiça a seus talentos poeticos e musicos, o acolheram em sua casa, e o fizeram entrar no conhecimento e estima das pessoas mais gradas daquella cidade. »

Entre os varios lanços da fortuna de que falla o conego Januario, occorreu-lhe primeiramente o da noticia que inopinadamente recebeu da morte do pai, achando-se em Vianna do Castello, não se sabe se em casa de parentes ou em exercicio de algum emprego, pois apenas nos diz elle que :

Assim de remoto clima  
Deixei do sul o cruzeiro,  
Vi do norte a estrella em cima  
Do muito maior luzeiro ;  
Nas margens do claro Lima  
Eu me vi orphão primeiro,  
E então da fortuna opima  
Vi o dia derradeiro.

O certo é que foi durante essa residencia em Vianna que elle compoz a sua bella ode a *Tempestade*, conforme os seus proprios versos, citados pelo visconde de Porto Seguro :

O torvo inverno sobre pardas nuvens  
Caminha á foz do socegado Lima.

Por occasião da inauguração da estatua equestre d'El Rei D. José em 1775, foi Caldas Barbosa um dos que appareceram a festejar essa solemnidade com suas composições poeticas.

« Ao mesmo rei D. José dedicou Caldas a *Lebreida*, frouxa composição em 50 oitavas rimadas, que nem merece o nome de poema, e cujo assumpto foi uma caçada de lebres, presenciada pelo autor, que por esse preço ia ganhar talvez a protecção do monarcha, se não fallecesse este logo depois <sup>7</sup> : »

... .. quem diria  
Quando o grande rei me honrou  
E da facil poesia  
Agradar-se assim mostrou;  
Que de noite, que de dia  
Gratamente me escutou;  
E a real protecção pia  
Franquear-me começou,  
Que tão pouco viveria !!

Desta amarga queixa contra o destino que não cessava de perseguil-o, deprehende-se que Caldas Barbosa conseguira ser admitido á presença do rei, e talvez mesmo, para fazer-se ouvir ao som da melodiosa viola, que o tornou celebre nos saráus de Lisboa, em alguma noite de intima convivencia.

A inesperada morte de D. José se o deixou sem o seu Augusto, como pondera Porto Seguro, os seus méritos litterarios e docilidade de character não tardaram, como já sabemos, deparar-lhe o seu Mecenas na pessoa de D. José de Vasconcellos, que não contente de abrigal-o em seu palacio, fez ordenar, obtendo-lhe posteriormente  beneficio e o lugar de capellão da Casa da Supplicação.

A partir dessa época a vida de Domingos Caldas Barbosa deslisa-se serena, mansa e pacificamente; se algumas nuvens toldam-lhe o céu da poesia, são umas devidas a tristes recordações do passado e outras aos pungentes doestos de seus gratuitos inimigos que o ferem no ponto da maior susceptibilidade, *a sua côr*, a causa principal, o obstaculo unico á sua elevação na hierarchia social. Foi esse sempre o motivo do seu maior desgosto; a sua origem africana não só o humilhava perante a sociedade do seu tempo, como impedia-lhe seguir brilhantemente qualquer carreira publica

« Apresentado pelos irmãos Vasconcellos á alta sociedade lusitana, diz o Sr. Eduardo Perié <sup>8</sup>, chegou a constituir-se uma necessidade para esta; tão peregrinos eram os seus improvisos, tão vasto o seu engenho, tão inexgotavel a sua inspiração e tão preciosas as suas *cantigas*, por elle mesmo acompanha-

das na guitarra, o que deu causa a que seus desaffectedos o appellidassem *cantor de viola*.

« Aquelles nobres não sabiam que os versos que os deleitavam, eram os queixumes de uma alma de poeta atirados á multidão; não comprehendiam que havia lagrimas nos accordes que elle arrancava do instrumento, não adivinhavam que aquelle ser condemnado a divirtir as damas, vivia isolado, sem consolo nem ventura, sempre com o riso nos labios, sempre occultando as suas dores e afogando os suspiros nas notas de sua maviosa guitarra. »

Esse torvelinhar pelos salões a que se via forçado, já pela brandura do character incapaz de resistir a qualquer pedido, já pela embriaguez dos triumphos que de certo modo deviam satisfazer a sua vaidade, de ver-se oriundo da mais baixa condição recebido e festejado pela alta sociedade, necessariamente se popularisavam cada vez mais o cantor de modinhas, obliterava, na razão inversa, o poeta, pois a contingencia em que punha a imaginação de corresponder promptamente aos desafios de improviso exauria-lhe a inspiração para mais elevados comettimentos.

Não obstante, deixou elle algumas composições de maior folego que attestam a sua facilidade em metrificar e bem, e a correcção do estylo que só mui propositalmente adulterava para dar ás suas *cantigas* o sabor patrio, como quando ao som da inseparavel viola descantava :

Meu bem está mal com *eu*,  
Gentes de bem pegou nelle,  
Tape, tape, tipe, ti.

Mas eram estas trovas á viola que o tornavam celebre, querido e applaudido e com tão excessivo enthusiasmo, que o echo das palmas chegando a Paris aos ouvidos de Filinto Elyseo, o fazia dizer despeitado :

Os vizinhos anões e anão Nerinas  
Do cantarino Caldas a quem parvos  
Põem o alcunha de Anacreonte luso,  
E a quem de Anacreonte fulo  
Cabe o nome; pois tanto o fulo Caldas  
Imita Anacreonte em versos, quanto  
Negro Perú na alvura ao branco Cysne.

E esquecido da amizade e favor com que por algum tempo Caldas o tratára de perto, tambem Bocage, no auge talvez de pura inveja, dando ouvidos a intrigas que o exploravam contra o vate fluminense, exclamava :

<sup>7</sup> Visconde de Porto Seguro, *Florilegio*, T. II, pags. 446.

<sup>8</sup> *A Litteratura Brasileira nos tempos coloniaes*, pags. 247.

Dizem que Fabio Beltrão<sup>9</sup>,  
Em Bocage ferra o dente,  
E' forte admiração  
Ver um cão morder a gente.

Estes apodos deviam doer] fundamente no coração de Caldas Barbosa, tanto mais quanto a sua proverbial bondade o tornava util a todos os companheiros de lides litterarias que precisavam de protecção, pois com uma gentileza exemplar repartia elle fraternal-

o erudito padre José Agostinho de Macedo, que assim o invocava :

Eia sublime, sonoro Caldas.  
Improviso cantor, eu pulso a Lyra,  
Que Apollo enastra de frondosa raina;  
O fogo que respira  
Nos versos teus com rutilante chamma,  
Com que a voluvel fantasia escaldas,  
Eu sigo ; e o vôo rapido que ergueste  
Do ninho americano onde nasceste.



O CHEFE TAMOYO CUNHAMBEBE

mente a que lhe davam os seus poderosos admiradores.

Em compensação, outros poetas não menos notaveis que Filinto e Bocage o tinham em mais alta conta, entre os quaes se extremava

<sup>9</sup> O verdadeiro verso parece ser este :  
Dizem que Caldas glutão.

Merece o nosso poeta ser admittido na Arcadia de Roma com o nome de *Lereno* e presidir una outra Arcadia em Lisboa, da qual faziam parte os seus amigos e admiradores.

« Caldas Barbosa, diz Porto Seguro, era para com os seus collegas superior a todo o

sentimento de inveja ou de rivalidade. Procurava quanto podia o trato dos poetas, aos quaes rendia muitos serviços, fazendo valer suas relações cortezãs. E longe de os recomendar humilhando-os ao seu valimento, procurava occasião favoravel para o fazer com dignidade, e de modo que cada qual se apresentasse logo a pedir com o direito adquirido por seu comprovado merecimento. »

Da popularidade que gozou em Lisboa o festejado vate brasileiro, dá o mais eloquente testemunho o numero de suas *cantigas* que foram colleccionadas, logo após sua morte, em dous volumes, ornado um delles com o retrato que reproduzimos nestas paginas pelas proporções augmentadas do que fez Larré, a bico de penna, que se encontra na *Revista do Instituto Historico* <sup>10</sup>.

Nada menos de 200 dessas produções ali se encontram, das quaes se pela qualidade não honram o poeta, pela quantidade provam o quanto era elle solicitado a produzi-las.

Mas, como opinam Porto Seguro e Ferdinand Wolff <sup>11</sup>, não é só por essas *cantigas* que se deve julgar do merecimento litterario de Caldas Barbosa; suas quintilhas, no genero das de Sá de Miranda, são muito estinaveis ;

alguns sonetos dexou elle dignos de passar á posteridade, bem como algumas odes originaes e traduzidas de Horacio ; as suas epistolas á Arminda sobre metrificacão recommendam-se tanto pela clareza como pelo valor didactico a sua historia sagrada, posta em versos rimados em parellhas, da qual se fizeram duas edições ainda em vida do poeta.

A versão da *Henriade* de Voltaire, publicada sob o nome do marquez de Bellas, D. José de Vasconcellos, seu protector, Innocencio Francisco, attribue com todo o fun-

damento a Domingos Caldas Barbosa, pois jámais constou que o seu Mecenas fosse poeta ou soubesse ao menos metrificicar. E' um trabalho este de muito merecimento e digno de ser reivindicado á gloria do seu verdadeiro autor.

Domingos Caldas Barbosa falleceu a 9 de Novembro de 1890, no palacio da Bemposta, e foi sepultado na igreja parochial dos Anjos, em cujos registros está lavrado o respectivo obituario ; do qual o visconde de Porto Seguro, em 1850, obteve

uma certidão, sem ter porém ensejo de verificar se ainda alli existiam tão preciosos restos mortaes. Muito é para lastimar que das produções mais notaveis deste nosso poeta não se tenha feito uma edição condigna.

FELIX FERREIRA.



PADRE ANCHIETA

<sup>10</sup> Tomo XIV.

<sup>11</sup> *Le Brésil Litteraire*, pags. 76.

## O chefe tamoyo Cunhambebe

Ⓐ estabelecimento dos portuguezes no Brazil não foi tão placidamente conseguido como talvez imaginassem os seus primeiros colonos. Os numerosos habitantes que povoavam suas costas, embora a sua comprehensão

estivesse embotada pela selvageria em que viviam, passados os primeiros tempos de expectativa, comprehenderam que os invasores do seu territorio não deviam ser recebidos como senhores, e elles curvados, renderem-lhes preito e homenagem.

A guerra entre uns e outros, é certo, não foi como na America hespanhola, cheia de

horrores, lenta e porfiada, porque os selvícolas habitadores do Brazil não possuíam o grão de adiantamento como os habitantes do Mexico e do Perú, e porque a indole dos seus conquistadores, é facto incontestavel, não era para cruezas, e os meios empregados na conquista não foram barbaros como os exercidos pelos hespanhoes contra os miseros habitantes daquellas regiões.

Ainda assim o sangue correu em profusão na terra descoberta por Cabral.

Deve confessar-se que a razão estava com os filhos da terra de Santa Cruz.

Que direito tinham esses estrangeiros para lhes tomar as suas terras, de esbulhal-os, correl-os de seus lares, obrigando-os a servir-os, impor-lhes seus usos e costumes, as suas leis, contra o direito, contra suas vontades?

Dahi a luta, a guerra sem treguas, os continuos morticínios.

Cunhambebe, o altivo chefe tamoyo, estabelecido entre o Rio de Janeiro e S. Vicente, foi um dos selvagens que não deixou em descanso aos intrusos conquistadores. Unido a outros chefes habitadores da formosa Guanabara, trouxe em constante sobresalto a pequena colonia de S. Vicente.

Numerosas esquadras de possantes canoas de voga, tripoladas por vinte e trinta guerreiros cada uma, faziam continuos saltos aos lugares menos defensaveis, bem como espreitavam algum navio desgarrado ou pequeno comboio, para o assaltar em pleno mar, arrojando-se intrepidamente aos combates navaes de que em muitos foram victoriosos.

Alguns francezes que já frequentavam o Rio de Janeiro, os precursores dos que edificaram o forte de Villegaignon, e mais tarde os que se asylaram nas brenhas, escapos á tomada do mesmo forte por Mendo de Sá, muito instigavam os pobres filhos das selvas á guerra contra os portuguezes.

O bom senso de alguns chefes, porém, e os bons conselhos dos missionarios jesuitas, principalmente o padre Nobrega e o venerando Anchieta, muito contribuíram para que a guerra não fosse tão cruenta e que emfim a harmonia se restabelecesse, convencidos os mais reflectidos de que eram impotentes para se opporem ao estabelecimento dos invasores do seu torrão.

Anchieta, incansavel no seu apostolado, arrojava-se aos perigos em viagens longas e trabalhosas, entrauhando-se pelas virgens florestas em procura dos bellicosos filhos das selvas, afim de com a palavra e o exemplo de mansuetude e caridade, fallando-lhes em sua propria lingua, o guarany, mostrar-lhes os beneficos effeitos da paz e a brandura dos

costumes provenientes da religião do Martyr de Jerusalem.

Cunhambebe não foi insensivel ás praticas do venerando apostolo da paz e da religião. Ouvio attento o companheiro do padre Nobrega, e as pazes com os colonos de S. Vicente foram effectuadas, máo grado a opposição de muitos de seus guerreiros, que votavam pela guerra não só aos portuguezes como aos indios seus alliados.

«Cunhambebe, diz o visconde de Porto Seguro na sua primorosa *Historia do Brazil*, foi um dos chefes que dominavam, com a sua marinha de canoas, todos os reconcavos e angras, desde a dos Reis até a da ilha de S. Sebastião, o que mais fortuna conseguiu em suas tentativas, não só de arremettidas por mar as colonias de S. Vicente e de Santos, pela barra da Bertioga, e a esta mesma barra depois que teve fortaleza, como nos ataques e abordagens que ousava dar ás galés e caravelas que por ahi passavam sem artilharia, e até ás artilhadas e mui bem guarnecidas, que fundeavam e se descuidavam durante a noite. As primeiras victorias lhe tinham augmentado a audacia, e seu nome se repetia na colonia de S. Vicente e nas galés de toda a costa, com tanto terror como o do celebre Hariadan Barba-Roxa. Cunhambebe já não temia a artilharia, e de tal modo com ella se familiarizou que se contava que, havendo-se apoderado de dous falcões, os levava comsigo carregados, e sobre os proprios hombros lhes dava fogo em retirada, se era necessario, aguentando elle o recuo.

«O escriptor francez André Thevet quiz-nos deixar deste temivel chefe tão exacta pintura que até o retrato possuímos, com a perfeição possivel de todos os dos personagens do tempo que incluiu na sua cosmographia. Era Cunhambebe bastante alto, membrudo e de horrenda catadura; levava furado e com um botoque no sentido vertical o labio inferior; nas orelhas arrecadas, não desproporcionadas, e ao pescoço um collar de buzios em volta dobre, do qual pendia, na dianteira, um grande caramujo. Era de feições grandes e grosseiras; as rugas da frente e das faces descobriam quantas vezes em vida conhecêra o perigo a que se arrojára. A expressão do rosto, podemos dizer, que respirava uma melancolia feroz.

«Todos os chefes dos contornos prestavam, como dissemos cega obediencia a este barbaro temivel, que era o primeiro a sacrificar-se na occasião do perigo, e que, apesar de implacavel sempre para os inimigos e orgu'hoso dos proprios feitos de um modo insupportavel, não deixava de prestar-se a certos armistícios com os navios portuguezes,

que, devidamente providos, vinham fazer resgates ou propor conciliações, como succedeu com os jesuitas, cuja roupeta aceitavam sempre, elle e os seus successores.

«Podemos ter uma perfeita idéa do que era o governo e o dictadorado de Cunhambebe pela peregrinação que ahi fez, como capitão, Hans Staden, o qual conseguindo escapar-se voltou a Hesse, sua patria, e em Marburg publicou em allemão a narrativa do quanto soffrêra e observára, e merece que lhe dediquemos algumas linhas.

«Staden, que pela segunda vez viajava para estas paragens, havendo estado da primeira vez em Pernambuco (donde fôra, como vimos, de soccorro a Igaracú), havia sido um dos naufragos da mallograda expedição do hespanhol Senabria, e em S. Vicente se aposentára em casa do seu patricio Heliodoro

Eoban, filho do poeta allemão deste appellido e feitor do engenho do genovez José Adorno. Mandado por Thomé de Souza para servir de bombardeiro na fortaleza da Bertioga, um dia, que se descuidou pelo mato, foi assaltado pela gente de Cunhambebe.

«Despiram-o, levaram-n'o por mar a Ubautuba, então simples aldeia de indios, onde, depois de lhe rasparem as sobrancelhas e cortarem-lhe as barbas, lhe fizeram a cerimonia do *poracé*. Ahi ficou por escravo do chefe Ipiruaçú, ou tubarão grande, e passou a ser apresentado a Cunhambebe, que se desvanecia ao ouvir da propria boca do prisioneiro quanto o seu nome era conhecido e temido na terra de *Morpion* ou de S. Vicente.»

O retrato de Cunhambebe que damos aos nossos leitores é cópia fiel do que nos transmittio André Thevet.



## O PAÇO MUNICIPAL

Ⓐ moderno edificio da municipalidade da côrte, inaugurado a 2 de Dezembro de 1882, cuja vista damos neste numero, não é nenhuma obra prima, ainda que mais vasto que o antigo todo de dous pavimentos, ao passo que o novo tem um terceiro, no corpo central, que quebrando a manotonia do enquadramento, tira-lhe a fórma de caixa que tinha o velho.

Desde o embazamento até a altura das sacadas é exteriormente de cantaria, tanto na face principal como nas lateraes, que olham para as ruas de S. Pedro e do General Camara. Dalli para cima, sómente as portadas é que são de pedra lavrada, as paredes são de alvenaria e toda a ornamentação de gesso pintado, em harmonia com a côr das paredes.

O corpo central remata pelas armas da cidade com a corôa mural, levantando-se aos lados quatro grandes estatuas de marmore branco, symbolisando o Commercio, a Industria, as Artes e a Agricultura.

Tres grandes portas em arco pleno dão accesso ao saguão; pela face principal, no corpo do centro; sendo todas tres fechadas por portas vazadas, de bronze. Nas faces lateraes ha duas portas com escadaria exterior, de granito.

Interiormente, o edificio apresenta um aspecto mais agradável, ainda que as pinturas deixem muito a desejar.

Uma das cousas que mais impressiona a quem entra é a bella escada principal, de armação de ferro e degrãos de marmore, com guardas de bronze artisticamente floreadas, com seis grandes estatuas, tambem de bronze, postas duas ao nivel de cada um dos tres pavimentos, sustentando grandes lampeões que derramam á noite, quando accesos, muita abundancia de luz. Esta obra de um desenho elegante e fórmas graciosas, foi feita na famosa fundição do Val d'Osne, em França, pelos riscos do architecto José de Magalhães.

No primeiro patamar dessa escada ha um nicho, um tanto acanhado aliás, para a imagem que nelle se vê, de S. Sebastião, o padroeiro da cidade do Rio de Janeiro. Esta obra d'arte, que sob o ponto de vista esculptural não é má, foi executada pelo finado professor Chaves Pinheiro.

A sala das sessões que está no primeiro pavimento, e ornada com simplicidade, a pintura é harmoniosa pela feliz combinação das meias tintas. A parte reservada aos edis é separada da do publico por uma balaustrada de madeira; nesse recinto reservado acha-se uma grande mesa em fórma de U circundada por 21 grandes poltronas correspondentes ao actual numero de vereadores. Todas estas peças são de canella escura, trabalhadas a fosco com muita arte e caprichoso acabamento. Ao fundo vê-se tambem dous grandes armarios de bello effeito.

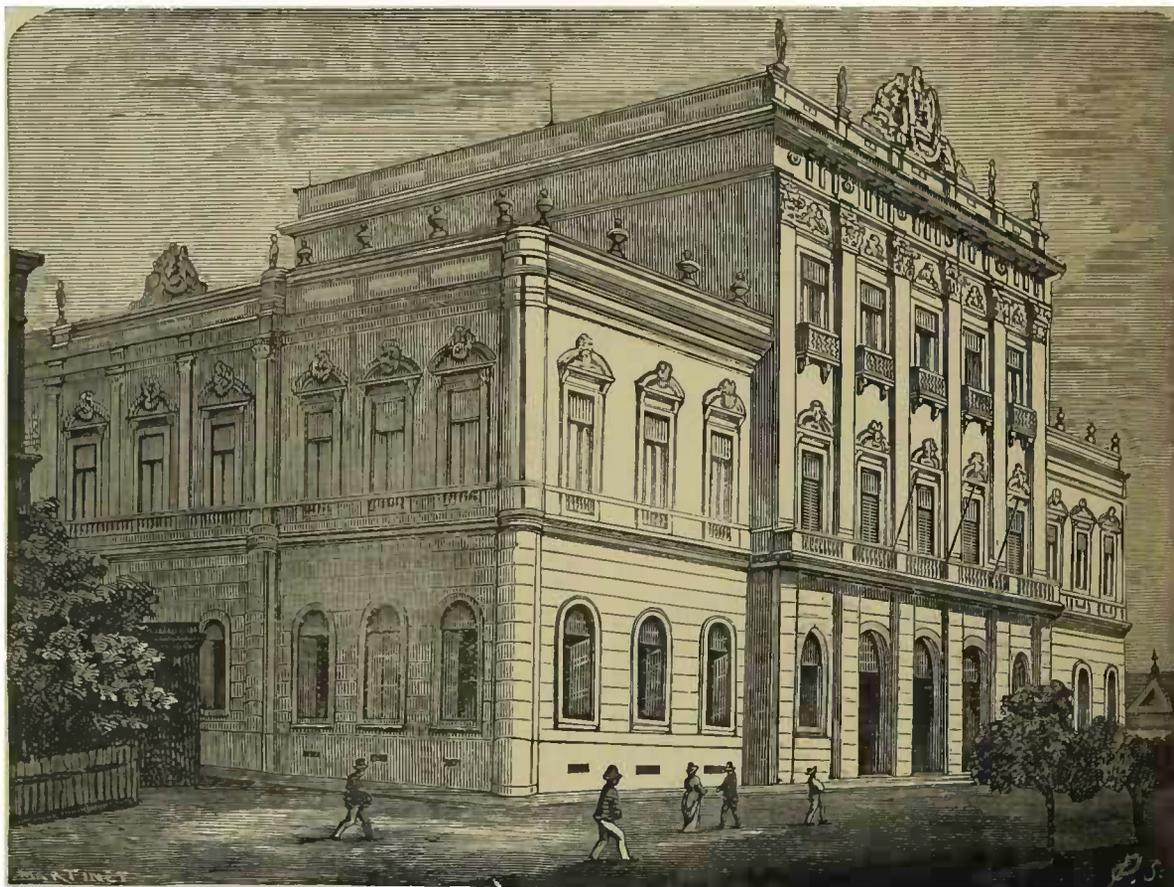
Nas paredes ha algumas télas de certo merecimento, como a da fundação da cidade pelo pintor fluminense Firmino Monteiro e o Imperador visitandooscholericos, de Moreaux.

A sala de honra, posta no segundo pavimento do corpo central, é ornada com gosto e riqueza. O colorido do tecto é talvez um tanto gritador, o baixo-relevo central é de assumpto mythologico e como tal dalli deveria ser banido; melhor por certo caberia um facto historico.

nenhuma dellas porém apresentam nada de notavel, pelo lado artistico.

O archivo, porém, encerra preciosidades bibliographicas, infelizmente entregues ao mais criminoso abandono.

No primeiro pavimento fica a sala da bibliotheca, exactamente sob a das sessões, occupando como esta, toda a extensão do edificio, do corpo que olha para a rua do General Camara. Esta bibliotheca, fundada pelo presidente Barroso, ha mais de 12 annos,



PAÇO MUNICIPAL

Nesta sala vê-se um grande retrato de Sua Magestade o Imperador, do artista Decio Villares, obra regular em seu genero.

Ha ainda neste pavimento as salas: do presidente, a do secretario e a do archivo;

não tem tido depois do iniciador nenhum incremento, acha-se estacionaria, senão em tal ou qual abandono identico ao do archivo.

F. F.

## SECRETARIA DA AGRICULTURA

Acha-se situada na praça D. Pedro II, e consta de tres pavimentos, tendo de altura 20<sup>m</sup>,5 e por base um quadrado de 38<sup>m</sup> de lado, com frente para o becco de

S. José, praça D. Pedro II, rua de D. Manoel e lado do mar, representando a planta a fórma de T duplo.

Conta duas entradas principaes, com alpendres, e essas dando frente para a rua de D. Manoel e lado do mar.

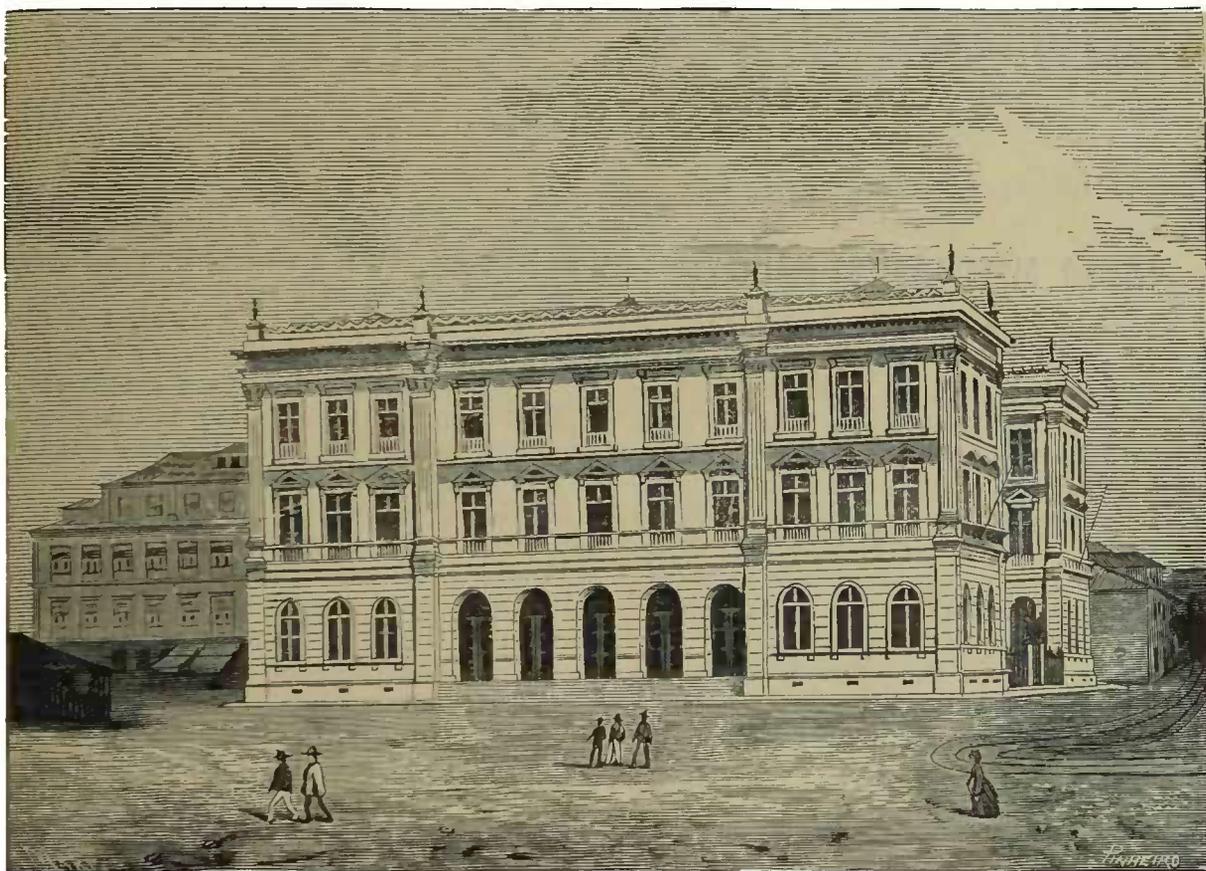
No primeiro pavimento, as quatro fachadas são revestidas de cantaria até o peitoril das

janellas, cujas vergas, bem como as das portas, são de arco pleno, tendo medalhões na parte inferior dos mesmos peitoris, terminando as fachadas em pilastras de ordem dorica.

No segundo pavimento e no terceiro, as faces do edificio são terminadas por pilastras estriadas, de ordem corinthia, e as janellas de verga recta, com cornija, sustentada no segundo pavimento por consolos, e coroadas por pontões, tendo peitoris e balaustres

de Dezembro de 1872, promulgado pelo illustre Sr. conselheiro José Fernandes da Costa Pereira Junior, de quem folgamos de transcrever as seguintes palavras do importante *Relatorio á Assembléa Geral* apresentado por S. Ex.<sup>a</sup> na 4.<sup>a</sup> sessão da 15.<sup>a</sup> Legislatura (2 de Maio de 1875):

« Vasto, de notavel solidez, e nobre apparencia, esse edificio cuja construcção foi zelosamente fiscalizada pela Inspectoria Geral das Obras Publicas (sendo digno chefe



SECRETARIA DA AGRICULTURA

de marmore, e no terceiro por medalhões, com peitoris de grades de ferro.

O entablamento é de ordem corinthia, tendo no friso festões interrompidos por corôas entrelaçadas, terminando o edificio por um acroterio representado por lambrequins, com doze estatuas de terra cota.

Eis, com inteira fidelidade, reproduzidos apontamentos que nos foram obsequiosamente subministrados por engenheiro nacional, tão modesto quão habilitado; eis a succinta, mas exacta descripção do edificio, onde funciona, desde o dia 20 de Janeiro de 1875, a Secretaria de Estado dos Negocios da Agricultura, Commercio e Obras Publicas, reformada pelo Decreto, n. 5512 de 31

desta repartição o tenente-coronel de engenheiros, Sr. Jeronymo Rodrigues de Moraes Jardim), presta-se excellentemente ao serviço da repartição que o occupa. »

Neste edificio, cujo plano primitivo é do distincto engenheiro, Sr. Dr. Francisco Pereira Passos, foi inaugurada, na administração do Sr. conselheiro Thomaz José Coelho de Almeida, a 2 de Dezembro do dito anno de 1875, a 4.<sup>a</sup> *Exposição Nacional*, preliminar da *Exposição Internacional de Philadelphia* (Estados-Unidos), realizando-se, a 25 de Março do anno seguinte, ainda na administração do mesmo conspicuo ministro, a solemne distribuição das recompensas aos expositores.

No indicado edificio verificou-se, a 12 de Dezembro de 1881, na administração do Sr. senador José Antonio Saraiva, na qualidade de ministro da agricultura, a inauguração da *Exposição da Industria Nacional*; realisando-se o encerramento a 30 de Janeiro de 1882, occupando nessa época a pasta da agricultura, o Sr. conselheiro Mancel Alves de Araujo.

Na Secretaria da Agricultura igualmente se effectuaram as distribuições de premios:

A 2 de Dezembro de 1883 aos expositores de café na *Exposição de Berlim*; a 12 de Outubro de 1884 aos da *Exposição Industrial*

*Brazileira* e aos da *Exposição Continental de Buenos Ayres*; e a 8 de Setembro de 1885 aos da *Terceira Exposição*, promovida e organizada pelo *Centro da Lavoura e Commercio*, e aos da *Exposição de Nice e de Amsterdam*; sendo presididas pelos illustrados ministros Srs. conselheiros Affonso Augusto Moreira Penna, Antonio Carneiro da Rocha e Antonio da Silva Prado, actual senador do Imperio.

As solemnidades foram levadas a effeito com o valioso e efficaz concurso do *Centro da Lavoura e Commercio*.

G. BELLEGARDE.



## EPISODIO DA CAMPANHA DO PARAGUAY

### Um baile no acampamento

Era uma formosa noite; a lua bordava de tremulos arabescos de prata, e avivava em relevo enorme, a alvura das barracas semelhantes, caiadas com uniformidade, assemelhando-as a moles fantasticos de gelo engastados n'uma saphyra colossal; apparece-nos o acampamento cercado de seducções, inoculando-nos na alma e nos sentidos a magia de mil philtros invisiveis.

Viam-se em um vasto caramanchão officiaes de diversas categorias, desde o alferes de dezeseite annos até o general de quarenta.

Era um baile no 50º corpo de voluntarios da patria, offerecido a seu digno commandante por sua distincta officialidade; assim denominavamos essas reuniões.

Achavamo-nos á espera que os fornecedores preparassem as conducções, que deviam levar viveres para o exercito quando este se internasse na republica em perseguição do dictador Lopes, que diziam estar em Igua-temy, distante 276 kilometros mais ou menos da villa do Rosario, onde estavamos acampados.

Pelo habito a inactividade nos fazia mal; assim era preciso algum exercicio, razão de nunca acampar o exercito sem que do quinto dia em diante principiasssem os bailes.

Delicadamente convidado por um dos promotores do baile, não me fiz de rogado; á noite se não fui um dos primeiros, com certeza não me deixei ficar para ultimo, mesmo porque não gostava de perder nada do que occorresse nessas festas; confesso, sempre fui muito curioso.

A briza tepida da noite despertava melodias desconhecidas no coração, como se roçasse pelas cordas de harpa eolea.

A sala do baile era de uma trivialidade mais que modesta, o que me dispensa de descrevel-a, brilhando ella pela ausencia completa de ornamentações e douraduras: tudo estava substituido pelas ramagens e palmas de *manduivirt*.

Já havia principiado a festa quando ás dez horas, mais ou menos, transpoz a porta, e ligeira como uma *zabelé* vi atravessar a sala, uma rapariga; trajava vestido de seda verde-mar enfeitado de rendas creme; o corpinho todo formado de plissés dava-lhe uma graça extraordinaria no conjuncto de um porte esvelto e de extrema delicadeza.

Foi sentar-se junto a um alferes de cavallaria que estava na extremidade opposta da entrada, um joven de vinte e dous annos, moreno, olhos negros e grandes, elegante, ativo e resolutivo.

Tinha-se acabado de dansar uma quadri- lha; todos os olhares se voltaram para a encantadora rapariga; eu, porém, como observador, notei mais a entrada de outro personagem, um coronel de cavallaria, velho rio-grandense, que havia sido rebelde na guerra dos *Farrapos*, triste e taciturno, tendo estampado no semblante o desgosto causado por muitos soffrimentos moraes.

Sendo tenente-coronel da guarda nacional de uma das cidades centraes do Rio Grande do Sul, destacado nos limites do Brazil com a Republica Oriental, tinha sido victima de um amor adultero: sua mulher, rapariga de vinte annos, fôra seduzida por um comico de uma companhia dramatica; abandonára o lar, fugindo para Porto-Alegre e dalli para Buenos-Ayres; declarando-se a guerra com o despota do Paraguay,

foi um dos primeiros a solicitar para seguir em desaffronta da patria, e ver se encontrava no ardor dos combates, nas renhidas batalhas, a absorpção dos soffrimentos que o affligiam.

Foi esta historia horrenda que me contou um seu conterraneo com quem ligeiramente conversei a seu respeito.

Ella era branca de alabastro e franzina; realçavam-lhe o encanto indizível bastos cabellos de ebano, aonde se reflectiam todas as cambiantes de luz á branda chamma de uns olhos grandes, aveludados, escondidos por instantes sob a rama densa das pestanas, despedindo fogos penetrantes; deslumbram pela alvura as perolas dos dentes, esmaltando-se nos labios humidos e vermelhos, que têm a frescura da rosa.

Era assim o lindo par do alferes de cavallaria, ou a rainha do baile como a appellidaram.

Volteavam loucamente no frezei de uma mocidade voluptuosa, entregues um ao outro; pareciam um só sêr em dous corpos.

Penalisado pela narrativa que tinha ouvido momentos antes, cheguei-me até o coronel, e, me parecendo poder prestar-lhe um serviço distrahimdo-o, procurei opportuniidade, e lhe disse na occasião em que passavam o alferes e seu lindo par:

— Que mimosa rapariga, coronel!

Rapido como um relampago levanta-se, como forçado por uma pilha electrica, e responde:

— Diga antes louca, meu amigo; previno-o que deve fugir ás seducções desta belleza; seu contagio queima como fogo; ella é como a sensitiva em tardes de verão, que matiza as campinas com suas flôres brancas, suaves e cheias de singeleza, e occulta por baixo dos ramos os espinhos que têm de ferir o incauto que nella tocar; fuja, meu amigo, de seu olhar encantador, da faceirice de seus gestos, se não quer soffrer como eu soffro: aquelle corpo, franzino e quebradiço como a hastea do lirio, contém um coração de demonio.

Já não era o desgosto, que havia feito o coronel seguir para a campanha, a nota predominante de sua tristeza; realmente apaixonado por Antonica, lindo par de valsas do alferes de cavallaria, o pobre velho era obrigado a deixar o somno confortavel da noite para estar em um lugar onde tudo lhe aborrecia; ralado de ciumes, ferido seu amor proprio pela preferencia de outros, seus olhos lividos pareciam de um embriagado: a insomnia, o pensamento cheio de mil attribuições fantasticas aniquilavam seu corpo forte e robusto.

Emquanto que ella, alegre e contente, cercada de dezenas de adoradores, parecia deitar em leilão sua belleza.

Aqui um grupo fazia commentarios do procedimento do alferes de cavallaria, emquanto alli outro elogiava a belleza de Antonica; este pretendente a um olhar terno, a um sorriso da deosa, e aquelle despeitado pela indifferença com que era tratado.

Os rapazes que não se occupavam na critica, esses deixavam a dansa para ir ao botiquim tomar vinho do Porto ou algum refresco, e voltavam ao som da musica annunciando uma polka ou quadrilha; eram bem felizes: divertiam-se a faltar sem outra occupação.

O baile continúa, tocando ao delirio de uma alegria sem limite; a confusão é a nota harmoniosa da festa.

As praças desvelavam-se em bem servir os ho;pedes, dizendo baixinho umas ás outras: « E' necessario não ficar nada a desejar-se no baile do nosso commandante e amigo; que os couvidados vão satisfeitos e nossos officiaes sejam contentes; » e de um para outro lado andavam com bandejas e licoreiros a offercer o conteudo, com tal solicitude e amabilidade irresistiveis, pareciam mestres do officio de copeiro.

Emquanto' tudo isso se passava no salão do baile, perto, fóra de suas barracas, via-se aqui um grupo de soldados tocando violão e cantando as classicas *modinhas* do norte do Brazil, enquanto alli outro, de viola em punho, acompanhava a dous pernambucanos que em quadras ritmadas cantavam em desafio; deleitavam-se, alegrando uma massa enorme de companheiros dos acampamentos circumvizinhos, que com licença de seus commandantes assistiam a festa do 50° de voluntarios; dando gargalhadas, estimulavam assim o que tinha de responder o verso; as intermittencias que havia eram sómente para alguma explicação da rima, ou para confortar a garganta e corroborar as fibras, como diziam, com algum gole da *sinhásinha*, nome que davam á aguardente.

Tudo era alegria. E' impossivel que o limpido luar daquella noite não tivesse deliberadamente sido escolhido por Deos: eram quatro horas e ainda sua claridade não tinha desaparecido, quando o corneta do commando em chefe do exercito tocou o primeiro toque da alvorada; a quadra ficou em meio; a ultima nota da—*Armia, meu bem*—não foi despreendida; lesto levantaram-se todos ao chamado dos sargentos, que em altas vozes gritavam:

— Chega á fórma; está acabada a festa!

A musica tinha cessado de tocar no caramunchão, e se viam pressurosos todos a tomar seus destinos; ainda o corneteiro não havia dado o segundo toque, já o lugar de tanto ruído estava ermo e solitario.

Os batalhões formados se achavam *de alarma*, todos os officiaes em seus postos, excepção feita do alferes de cavallaria, que pediu dispensa a seu commandante, dizendo-se incommodado.

Oito dias depois dessa festa passava eu pelo acampamento de cavallaria, quando ouvi chamar-me pelo nome; voltei e conheci o velho coronel: tinha a physionomia alegre e parecia haver rejuvenescido; apertando-me a mão com effusão, convidou-me a apear; accedendo a seu amavel convite, conduziu-me para sua carpa de palha; quando

alli entrei vi uma joven, que logo reconheci ser a rainha do baile do 50º de voluntarios.

O coronel dirigindo-se até ella apresentou-me, como um dos moços com quem mais havia sympathisado desde a primeira vista, em quem tinha reconhecido qualidades dignas de consideração e de particular estima; e, voltando-se para mim, disse:

— A Sra. Antonica Avellar, uma das moças mais intelligentes do nosso acampamento, a belleza mais desejada e que possui o melhor dos corações.

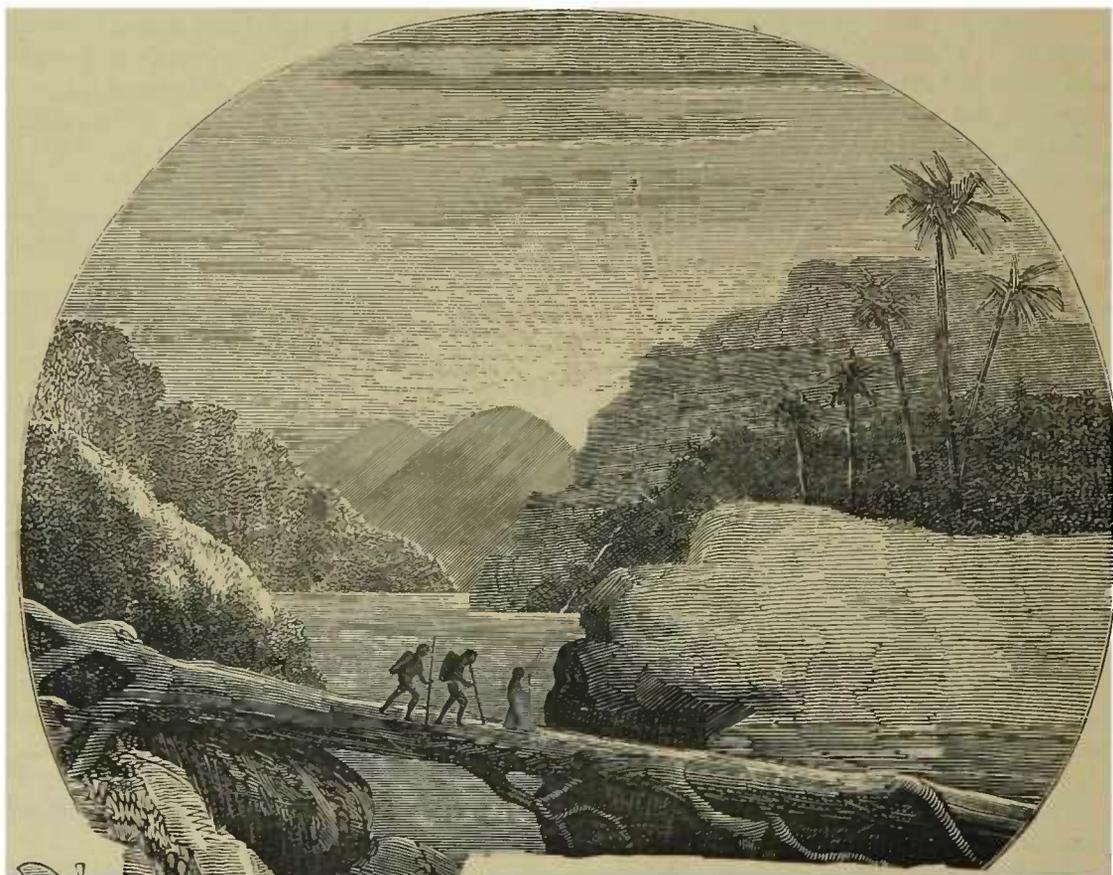
Ella rindo-se maliciosamente, calculadamente redarguiu:

— Nem sempre o senhor terá ouvido o coronel fallar deste modo

Era uma verdade. *Tempora mutantur!*

F. F. ARAUJO.

## VALLISNERIA



**E**

de uma riqueza hydrographica aquella região onde impera soberano o Rio Doce <sup>1</sup>.

E a civilização pouco tem della aproveitado <sup>2</sup>.

<sup>1</sup> Rio Doce.—Na chapada central proximo da cidade de Ouro Preto, segundo uns, de mais longe, proximo

E é o indigena descendente do ousado Ay-moré, o dominador daquella uberrima zona, onde nada lhe falta, onde expontaneamente

de Barbacena (12 leg. a E), segundo outros, nasce este importante rio, que buscando a principio a direcção do N., inclina-se depois para E., e percorrendo por um alveo de penedias, saltando sobre ellas, formando cachoeiras, algumas como a dos Oculos com 1. metros de altura, deixa a provincia natal e entra na do Espirito Santo, onde, depois de galgar a famosa cachoeira das Escadinhas, que tem cerca de 6 kilometros de extensão, caminha por plano menos accidentado até penetrar no

brotam arvores fructíferas e arbustos alimeticios, onde a caça de alta montaria pasta em abundantes manadas, onde a caça aligera transita em todos os pontos, onde a mata mais cerrada offerece o mais seguro escondrijo.

E o homem civilisado só alli vai ou para devastar aquellas arvores, que seculos e seculos deram a admiravel corpulencia que ostentam, ou para tornar o selvicola mais arredo e feroz.

E é aquella região hydrophila como é a que é beijada pelas brizas que se redomoinham partindo da bahia de Hudson.

Bem se poderia tambem chamar aquelle paiz, —a região dos lagos.

Relativamente nem a bacia do Amazonas é mais abundante delles.

E que lindos lagos pagam tributo constante ao Rio Doce!

Alguns gigantes como de Aguiar e o do Juparanã, outros tão pittorescos como os mais pittorescos da Helvecia.



Semelhante a um palacio immenso, cujas salas se abrem para outras salas e destas

Oceano, inundando grande zona, que se offerecerá fertilissima á agricultura quando o homem, com os recursos que a sciencia lhe offerece, quizer tirar della todo o proveito possivel.

E' na margem direita do baixo Rio Doce que existe a lagôa em que se tem de passar o dramasinho que faz o assumpto destas paginas.

2 Apesar da riqueza natural e immensa dessa vasta região, as margens do Rio Doce são quasi desaproveitadas para lavoura. A extracção da madeira quasi que é a unica industria ahi posta em jogo. A navegação facilissima até o Porto de Souza (32 leguas acima da fôz), o ultimo povoado antes de entrar em Minas, ainda hoje não está definitivamente montada, no entretanto que um projecto e distincto governador, o Dr. Antonio Pires da Silva Pontes, que dirigio os destinos da então capitania de 1800—1804 a iniciou depois de ter explorado o rio, levantado plantas, fundado quartéis e demonstrado as vantagens que esse territorio poderia dar.

No entretanto o imperio creado em 1522 já tem 66 annos!...

para salões, e dos salões passa-se para camarins e antecamaras, e mais compartimentos sem numero, a lagôa de Aviz, por um capricho natural, dá nascimento a um systema de lagôas que se enfecham umas nas outras por emmoldurações de esmeraldas!

Era no mais pequeno daquelles lagos, mais pequeno que o das Piabas, ainda mais que o do Meio.

E talvez por ser o menor, era o mais poetico.

Dir-se-hia que uma gigantesca e bem lapidada saphyra se entalhára naquella depressão do solo atapetado das mais exquisitas

florinhas — tão tranquillias eram aquellas aguas.

O sol dardejava do zenith, mas sua luz coando-se por entre as verdes folhas do bosque circumvizinho, perdia o brilho aspero e incommo que tem em outros lugares mais ao norte.

Tinha um toque suave aquella re-

verberação. As flores, as mais variegadas que rodeavam em successivas moitas aquella bacia, as plantas aquaticas que dentro della vicosamente vegetavam, tornavam-n'a de apparencia magica.

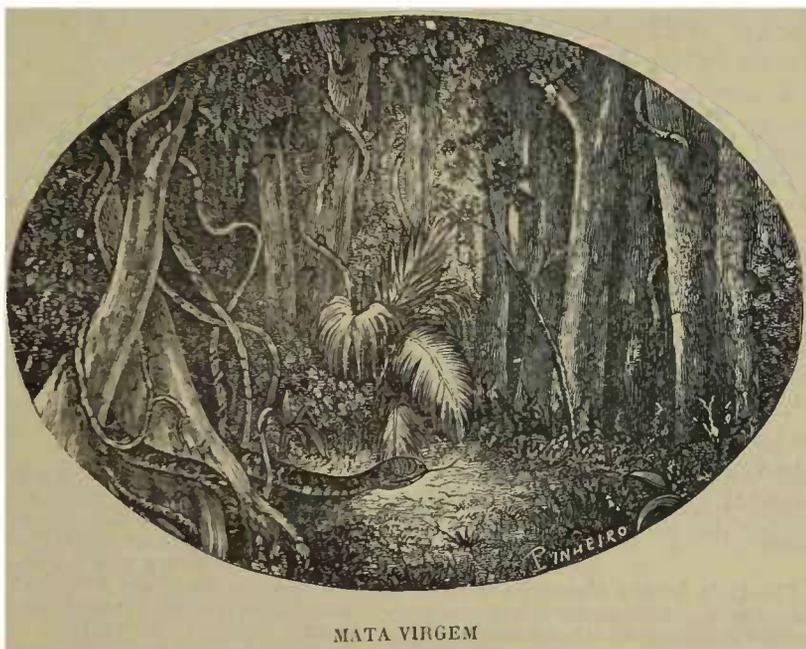
Nem nas margens do Amazonas expargio Deos vegetação mais luxuriante.

Se Motta, com a maestria de seus pinceis reproduzisse um fragmento daquella paizagem, Gomes de Amorim illudir-se-hia crendo ser a mesma que já decantára.

A primavera reinava em toda a plenitude.

O céu era mais limpido que o olhar de uma casta donzella irlandeza.

Tudo parecia nadar em venturas, do céu ás montanhas que se azulavam lá nas ribas do occidente; da flora opulenta á fauna estrepitosa; das aguas ceruleas nos espaços que as nymphéas deixavam descobertos, até á nuvem, que a viração branda cardava em flocos de prata.



MATA VIRGEM

Tudo parecia tranquillo e no entanto, sem que um homem por alli vagueasse, sem que uma joven mulher augmentasse a poesia desse *pleonasmo de grandezas*, um romance desenrolava-se naquella solidão como do alto do Itamaraty a formosa cascata que lhe dá o nome.

E não era um romance de felicidades inesgotaveis, como são os dos sonhos das donzelli-nhas de treze annos, das meninas na idade em que conspiram contra o vestidinho curto e o uso da calça; era um romance de amarguras como os dos pobres proletarios que suspiram pelas filhas dos capitalistas.

E o protagonista era uma flor, não amada por um homem, como a *Picciola* de Xavier Saintine, sim amada por outra flor, que gemia dolorosas endechas vendo fanar-se uma á uma as esperanças de seu coração.

Não ria-se o leitor; as plantas vivem, as plantas sentem, as plantas amam.

Até ha plantas que atraçoam vingando-se.

Duvida?

Examine a *vaucheria*, que, na época da fecundação, desprende de si corpusculos guardados de cilios que nadam perfeitamente até encontrarem um ponto de apoio, onde se apegam, perdem a mobilidade e metamorphoseam-se em vegetal semelhante ao que lhe deu o sêr<sup>3</sup>.

Depois disto poder-se-ha dizer que a *vau-cheria* sómente vegeta?

Quer um vegetal que sente? A *sensitiva*, essa imagem fiel da pudicicia, que se con-

3 *Vaucheria*.—Planta da familia *Fucaceis*, ordem das *Algas* que se distingue por filamentos tubulosos contendo granulos verdes munidos de cilios vibrateis, que se agitam nas aguas até se fixarem nos corpos circumdantes onde se alongam em novos filamentos. Habitam as aguas estagnadas da Europa. Seu nome foi dado em honra do botanico Vaucher, que primeiro a estudou denominando-a *Ectosperma*.

frange ao menor contacto, que se retrahê timida e bella até mesmo quando o orvalho vivificador ornamenta de perolas seus delicados folliculos, esse arbusto conhecido de nós todos, que, como nós, necessita do somno para reparar as forças, como a criança medrosa assusta-se ao presentir o galopar do corsel, estremece quando nuvem pesada obscurece o sol a que ella se aquecia, e pôde morrer subitamente se receber um brusco choque electrico<sup>4</sup>.

Planta que se vingá?

A *dionéa*, que offerecendo á voracidade dos insectos um abundante mel que fabrica, por intermedio dos cilios, que guarnecem-lhe as folhas, prende e aperta o insecto inexperiente que busca acceitar a offerta capciosa, e só estende suas folhas e cilios quando a victima demonstra pela falta de movimento ter cessado de existir<sup>5</sup>.

Agora o exemplo de vegetaes que amam? Leia-se esta phantasia.

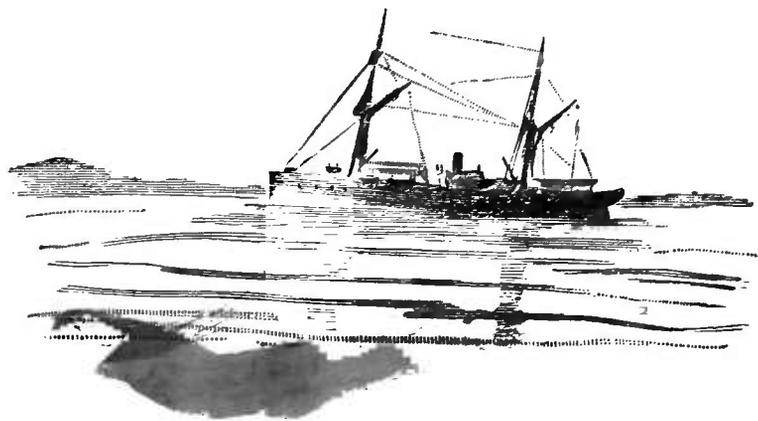


(Continúa.)

R. DE S. PAIO.

4 *Sensitiva*.—Nome vulgar porque é conhecida uma especie de plantas do genero *Mimosa*. E' abundante e bem conhecida entre nós este curioso vegetal das duas Indias, cujos phenomenos de sensibilidade tem sido objecto de estudos e numerosas observações.

5 *Dionéa* (do grego *Dioné*—Venus)—Curiosa plantinha dos brejos da America do Norte, cujas folhas compostas de um largo peciolo terminado por um lindo franjado de longos pellos duros e agudos, tem a propriedade de dobrar-se ao menor contacto, resultando disso aprisionar a mosca ou outro insecto que nelle pouse; dahi o nome—*apanha moscas*—que tambem tem (*Dionéa muscipula*).





Parrhazio e Zeuxis, celebres pintores da antiguidade, disputaram entre si qual delles ganharia o premio pela perfeição de seus quadros. Zeuxis tinha representado alguns cachos de uvas de uma maneira tão natural, que os passaros as vinham picar. Parrhazio havia pintado uma cortina com tanta perfeição, que Zeuxis ao vê-la exclamou:

— Levantai essa cortina para que possamos vêr o vosso quadro.

Confessou-se vencido e disse:

— Zeuxis enganou os passaros; mas Parrhazio enganou o proprio Zeuxis.



O homem tendo a mulher feia, tem a alma segura.



Em 1666 o intrepido paulista Antonio Raposo á frente de 60 homens brancos e outros tantos indios atravessa o Brazil de sudueste a noroeste, e escalando os Andes chega ao Perú; penetra este paiz e sulca as aguas do Pacifico. Dahi retrocede, atravessa de novo as regiões Andinas, o Amazonas, e navegando o *Guaporé*, volta a S. Paulo após alguns annos de ausencia.

Tão longa viagem, tantos trabalhos e perigos porque passou, e enfermidades que o acommetteram, de tal fórma lhe transformaram o physico que não foi conhecido por parentes e amigos.



Jamais teve o mundo tantos, que ensinasse virtudes, como agora; e nunca houve menos que se dessem a ellas.

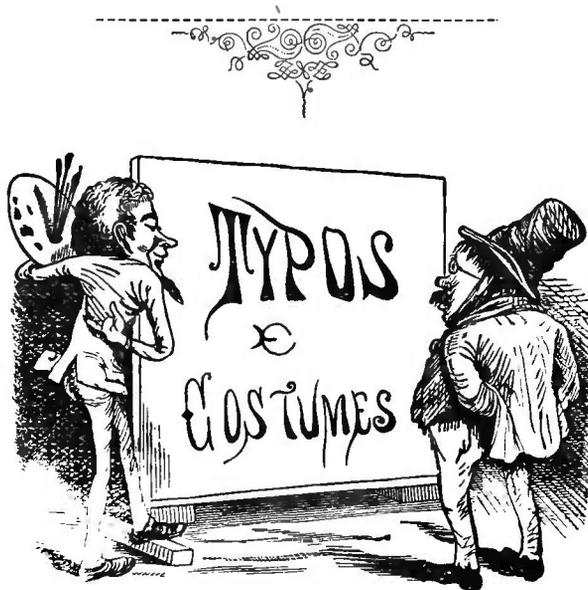


O coronel Affonso Botelho de Sampaio e Souza foi quem primeiro descobriu em 1767 os padrões de pedra com as armas de Portugal levantadas por Martin Affonso de Souza na barra de Cananéa a 12 de Agosto de 1531.

Em 1841 o visconde de Porto Seguro rati ficou essa descoberta.



A antiga villa, hoje cidade de Paraty que fazia parte da provincia de S. Paulo, foi por carta regia de 16 de Janeiro de 1763 incorporada á do Rio de Janeiro.



A preta mina

E' um dos typos mais bem acabados da raça africana; com razão Biard denomina as mais bellas Venus da Africa; algumas ha, com effeito, que, na sua especie, são dignas de servir de modelo plastico.

A preta mina é em geral morigerada, briosa e economica; mais ainda é tambem mõi exemplar. Rara é aquella que, livre ou escrava, não apresentou sempre filhos distinctos pelo comportamento e robustez physica.

Em geral a maior parte dos crioulos de certa educação e apreciavel character são filhos de preta mina. Relativamente são asseiadadas, cuidadosas e diligentes.

No baixo commercio, muitos portuguezes fizeram fortuna com auxilio das pretas minas, a que se ligavam. Um taverneiro conhecido, que, contrahindo uma dessas ligações, vio crescer rapidamente os seus bens, pois enquanto mourejava em seu negocio, a companheira, na mesma praça em que elle era

estabelecido, quitandava e dirigia escravas suas, compradas com os resultados de sua quitanda.

Tiveram filhos, e tanto os de um como os de outro sexo afizeram-se ao trabalho; por morte dos progenitores herdaram uma fortuna superior a 200:000\$, que fazem hoje progredir sob a mais cuidadosa administração.

Um vendedor de lenha, puxador de carroça, ligando-se também a uma dessas pretas minas que vendem fructas, tanto se identificou com este negocio, que mais tarde tornou-se o maior importador de fructas e gelo;



PRETA MINA

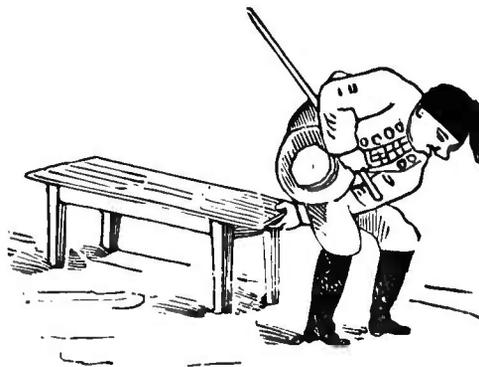
legou por sua morte avultada fortuna, da qual deixou em parte como usufructuaria enquanto viva a companheira, que poucos annos o sobreviveu.

O typo representado pela nossa gravura é justamente o de uma dessas mercadoras, carregando o filho ás costas, typo este que se encontra em quasi todas as obras illustradas dos viajantes do Brazil, e que de todos tem merecido particular attenção e serios gabos.

FLUMINENSE.

## AS PREOCCUPAÇÕES

Vinha de longe e vinha *bolando* uma barganha: a de quatro cevados pela mula russa do compadre; por isso, entrando, foi ver uma mesasinha e puxar por ella para sentar-se.



Não reparando que fôra o tampo e não a mesa que se deslocára, sentou-se commodamente, e todo risonho ia a dizer, como se alli estivesse o compadre:

— Ande lá, que quem lucra com o negocio é vossê; quatro cevados por um burrego!



Ia a dizer. quando ..



sentou-se contra a vontade, no chão, com a imaginaria barganha.

O que fazem as preocupações!

## EPISODIOS DA GUERRA DO PARAGUAY

## Assalto de Peribeby

**C**orria o mez de Agosto. Nosso exercito marchára através das cordilheiras por Valensuella, depois de haver batido o inimigo na picada de Sapucahy que é um dos muitos attestados da dedicação e do valor do brigadeiro Emilio Luiz Mallet e do coronel Francisco Lourenço de Araujo.

Este voluntario da patria que assignalados serviços nos prestou na campanha de 1865—1870, bravo militar, cujo nome era aureolado pelas tradições paternas do heroe de Pirajá, o alferes da guarda nacional da Bahia, aquelle, o valente estrangeiro, dedicado em extremo á patria adoptiva, e que pela actividade, zelo e coragem com que commandava o 2º regimento de artilharia, conquistou-lhe a designação de *artilharia a revolver*. Ambos bravos, ambos intelligentes e dedicados ao serviço da patria, foram amigos intimos. A natureza que os fizera rivais pela prodigalidade com que lhes distribuiu dignas qualidades, uniu-os por uma *sympathia mutua* e inalteravel.

Antes das 2 horas da tarde do dia 5 de Agosto desembocando nossas forças no intrincheiramento paraguayo, o inimigo desamparou-o, fugindo para as mattas, deixando em uosso poder duas peças de bronze, montadas em seus reparos, fundidas em Caacupé, muitas munições de guerra e um prisioneiro. Esse triumpho nos custou cinco feridos ao sahir da picada a brigada do coronel Francisco Lourenço.

Logo ao aproximarmos de Valensuella, na planicie que a cerca, encontramos dous

infelizes brasileiros e alguns europeos. Causava lastima ver-se aquellas figuras macilentas, pallidas e andrajosas. Eram victimas do tyrano Lopes, que as tinha deixado em misero estado de saude, alquebrados por serviços brutaes, estafados pela fadiga e pela fome. Esses infelizes pareciam cadaveres, tal era o estado arruinado de saude em que se achavam.

Indo a nossa vanguarda até S. José (fazenda da mãe de Lopes) encontrou uma grande quantidade de calices, thuribulos, custodias, lampadas e outros objectos de prata massiça, destinados ao culto divino, e entre elles alguns que podiam ser considerados verdadeira obra d'arte.

As preoccupações da marcha, a falta de meios de transporte não permitiram que se inventariassem esses objectos, aquelles porém que puderam ser conduzidos pelos soldados, foram mandados entregar á intendencia.

Era nosso *desideratum* atacar a praça forte de Peribeby. Para esse fim marchavam as nossas forças ao commando de Sua Alteza

o general em chefe Conde d'Eu, cuja actividade não deixou nada a desejar-se e excedeu a expectativa de muitos.

Sendo necessario abrir communicação mais rapida com as forças que haviam ficado em Pirayú e Paraguay, Sua Alteza mandou marchar um regimento de cavallaria, um batalhão de infantaria e meio batalhão de engenheiros, sob o mando do coronel Pinheiro Guimarães no intuito de desobstruir a picada de Albopicuá; resultado conseguido pela boa direcção desse official, acurádo e perseve-



Conde d'Eu

rante trabalho de nossos soldados. Depois de ter o exercito atravessado uma mata espessa e diferentes arroyos, em cujos pontos a estrada precisou de concertos para passagem de nossa artilharia, chegámos em frente á praça de Peribebuy.

Forte trincheira guarnecida por dezoito canhões e um morteiro, desde logo que foram apercebidas as nossas forças, vomitou contra nós tiros com granadas.

Se não fôra ter seguido uma força para *Barreiro Grande*, o ataque a Peribebuy seria a 11, mas as familias que nossos bravos libertaram, duzentos brasileiros, além de terem inutilizado uma fabrica de salitre alli existente, bem compensaram um dia de demora.

A nossa artilharia sendo collocada em boa posição na noute de 10, ao alvorecer do dia 12 rompeu fogo contra Peribebuy, cujas faces de seu entrincheiramento ficaram quasi todas enfiadas.

Antes do assalto por mais de duas horas sustentou-se nutrido bombardeio, sendo ao mesmo tempo collocadas as columnas de ataque em posição conveniente, na parte em que melhor defendidas pareciam da artilharia inimiga.

Dividio-se nossa força em tres columnas; da direita, dirigida pelo general em chefe o Sr. Principe Conde d'Eu, a da esquerda pelo marquez de Herval e a do centro pelo general Victorino Monteiro.

Na frente das columnas marchava uma grande linha de atiradores seguidos de carroças com pranchões e fardos de alfafa, destinados a entupir os fossos, e um contingente do batalhão de engenheiros com as ferramentas necessarias para concluir a brecha no parapeito que acobertava o inimigo.

Foi o primeiro combate em que vi a tactica militar observada em todas as suas necessarias minudencias.

Honra, pois, a esse bravo continuador das gloriosas tradições dos Orleans; honra a esse militar valente e general instruido que, seguro e ádenodado, levou-nos á victoria.

E' no combate que o soldado julga da aptidão de commando de seu general. Foi no dia 12 de Agosto de 1869 que o exercito, já conhecendo o Principe pela sua actividade e intelligencia, mais firmou seu conceito diante das deliberações tomadas no assalto de Peribebuy, e d'ahi partio uma amizade mais intima significada a cada momento pela admiração geral dos altos conhecimentos militares revelados por Sua Alteza.

A's 8 1/2 horas da manhã sôu o toque de avançar. Os nossos batalhões se arremessaram com tal enthusiasmo contra as fortes trincheiras inimigas que não se pôde naquelle

assalto notar os innumerados actos de bravura praticados por officiaes e praças: dir-se-hia um vulcão, cujas crateras expelliam fogo para todos os lados fazendo centenas de mortes. Sorprehendido, o nosso general em chefe nos comparou aos mais denodados soldados do mundo; se ficamos o conhecendo não menos conhecedor ficou elle do quanto valiamos.

O bravo commandante do 1º de infantaria então tenente-coronel Moraes Rego, possuido de desmedido enthusiasmo e vendo cahir morto o audacioso e intelligente general João Manoel Menna Barreto, voltou-se para o 1º batalhão de que era commandante e dando a voz de carregar *sem dar um tiro*, seguido pelo 8º batalhão do commando do tenente-coronel Bacellar, transpuzeram a trincheira sem que os paraguayos podessera descarregar segundo tiro de metralha. Na frente desses dous corpos que carregaram á bayoneta e assaltaram a fortificação destacava-se a figura homérica do coronel Francisco Lourenço (hoje barão de Sergy), um dos primeiros a transpôr o fosso levando o inimigo de vencida, que em desordem procurava escapar-se, cahindo exangues, confundidos com a nossa tropa. Na mesma occasião faziam prodigios de valor o 7º e 10 de infantaria, 23 e 27 de voluntarios, sendo o estandarte do 23 o primeiro que tremulou no arraial inimigo, apesar da lucta medonha que, em torno d'elle, se encarniçou; mas o alferes Gaspar Ribeiro de Almeida Barros, não obstante cinco vezes ferido, defendeu heroicamente a bandeira do 23, sem que um só pulso inimigo pudesse arrancal-a do solo<sup>1</sup>.

Muitas mulheres paraguayas falleceram pelejando. Entre ellas, uma houve, destemida e robusta, que, na occasião de tombar mortalmente ferida, os frangalhos que lhe cobriam o corpo deixaram-n'a nua. A heroína era hermaphrodita. Aquella coragem, que eila apresentava na lucta, devia, ao certo, pertencer a um sexo diferente do que inculcavam suas vestes. E, ainda por terra, inanimada, suja de sangue e de poeira, brilhava no seu pulso rigidido a folha de um sabre, em seus labios pousava um somno frio, feito de orgulho e de sarcasmo.

Grandes foram os despojos desse combate; além de muitos petrechos de guerra, taes como espingardas, sabres, tambores, cartuxos e canhões, foram encontrados em casa de Miss Lynch, objectos de prata, medalhas e moedas de prata e ouro, grande somma de mantimentos, vinhos e licôres finos.

O assalto de Peribebuy foi o melhor feito

<sup>1</sup> Almeida Barros era portuguez naturalisado.

d'armas, da guerra do Paraguay, na sua segunda phase. Elle marcou uma data gloriosa para o nosso exercito e gravou indelevelmente o nome do grande general, S. Alteza o Sr. Conde d'Eu, no coração daquelles que tiveram a gloria e honra de serem seus subordinados.

F. Felix DE ARAUJO,  
Capitão de infantaria.



## VALLISNERIA

### Conclusão

A natureza é a mais excellente das mãis. Porque é um lugar commum, uma verdade por todos reconhecida, não deixa de ser uma verdade.

O pelicano, essa ave emblematica da mais sublime das instituições, abrindo as veias para alimentar com o proprio sangue a prole, é uma fraca imagem da natureza<sup>6</sup>.

Elle dá sómente o sangue e ella dá o coração, os pensamentos, todo seu sêr, e, como em um fluxo e refluxo mystico, troca, substitue por novos elementos aquelles componentes dos sêres da criação, que precisam de reparar as perdas no grande laboratorio de seu seio.

E não é só isso o que ella dá a seus filhos.

Aquelles que sabem inquiril-a, ella descobre o segredo de sua propria organização e das leis que a regem.

E se a phantasia a procura, a natureza não encerra seu cofre de mysterios: offerece-lhe contente para que, metamorphoseando-os, sem desviar-se da verdade, os patentêe sob um prisma de mais luminosas côres.

<sup>6</sup> Pelicano.—Ave da ordem dos *palmipedes*, familia dos *Totipalmati* de Cuvier por ter os pés inteiramente espalmados.

O symbolo que se prende a essa interessante nadadora funda-se no facto de possuir ella, debaixo da mandibula inferior, uma espessa membrana, dilatada em especie de bolsa ou sacco, que serve para deposito das provisões que o animal caça para os filhos de quem é muito extremoso.

Quando vem ao ninho offerecer alimento a seus pintainhos, por meio de pressão que exerce com o longuissimo e largo bico sobre a bolsa guttural, faz della saltar os alimentos ahí conservados, parecendo á primeira vista que é o proprio seio que a ave dá aos filhos avidos, que devoram, quanto do deposito sahe por meio do processo já indicado.

Assim nasceu este dramazito, cuja acção se passa por entre as frescas aguas de um dos tributarios da lagoa de Aviz.



Grande parte da superficie daquelle pequeno lago é adornada das grandes e carnudas folhas de muitas especies de *nymphaeaceas*<sup>7</sup>.

E os mais formosos nenuphars se expandiam por sobre o leito verde-louro de suas folhas cordiformes e orbiculares.

E o grande nenuphar branco, o lirio dos lagos, e o nenuphar amarello e o nenuphar ceruleo, pareciam formar o mais gigantesco ramilhete que jámais se-vio em aguas americanas<sup>8</sup>.

E das margens até alguns metros a dentro, *piperys*, *tabúas* e outras *cyperaceas*<sup>9</sup>, e muitas *juncaceas*, elevavam seu talhe elegante, e suas folhas longas e estreitas, por cima das aguas<sup>10</sup>.

E algumas gramineas augmentavam a riqueza vegetal daquelle sitio<sup>11</sup>.

E nos pontos descobertos, nas clareiras desse bosquezinho, só ahí a nuvem, que percorria os páramos azues, podia mirar seus flocos de argenteo brilho.

<sup>7</sup> *Nymphaeas*.—Plantas aquaticas, encantadoras de esplendor e belleza, e de que se contam muitas variedades, sendo as mais notaveis a *Euryale*, o *Lotos*, flôr sagrada dos Indús, e a *Victoria* (*Victoria Reginae*), nome dado pelo botanico inglez Lindley em honra de sua rainha.

As flôres brancas de centro purpurino desta *nymphaeacea* americana chegam a attingir a 0m,30 de volume, e as folhas ao diametro de um a dous metros.

<sup>8</sup> *Nenuphars*.—São plantas da citada familia das *Nymphaeaceas*, que apresentam os mais bellos especimens adornando as aguas tranquilladas de ambos os hemispherios.

<sup>9</sup> *Cyperaceas*.—Familia de plantas herbaceas, de aspecto semelhante ao das *Gramineas* e com ellas confundidos pelo vulgo Pertence a esta familia de vegetal o *Papyro* (*Papyrus antiquorum*), que na antiquidade substituiu as laminas metallicas cobertas de cêra, com que gravavam com estyete. Possuimos algumas especies uteis, e de que a pobreza de nossos campos se aproveita para fabricar esteiras, cobrir casas, acolchoar cangalhas, etc. A *tiririca*, o *pipery* e a *tabúa* ou *tubúa* são desse numero.

<sup>10</sup> *Juncaceas*.—Plantas como as *Cyperaceas* herbaceas, que nascem em lugares humidos e alagados, das quaes algumas especies fornecem materia-prima aos empalhadores, cesteiros, etc., e outras aos floristas, que com a medula esponjosa fabricam os objectos de sua profissão artistica.

Diz distincto professor, o Sr. conselheiro Caminhoá, que as *Juncaceas* servem principalmente para disseccar pantanos e depurar o ambiente.

<sup>11</sup> *Gramineas*.—Plantas herbaceas de folhas estreitas e lineares, alimento principal dos animaes herbivoros. Não ha quem as não conheça, bastando dizer que pertencem a esta familia o bambú, o arroz, centeio, trigo, aveia, a cevada (a maior parte dos cereaes), a canna, a gramma, o capim-gordura e outras plantas forrageiras, etc.

Quasi na extremidade oriental dessa toalha de crystaes, adornada de esmeraldas, topazios, turquezas e chrysolithas, havia um grupo de plantas herbaceas da familia das *hydrocharideas*.

Como repuxo de multiplos conductos e impellido pela pressão de muitas atmosferas, sahia da superficie do lago uma touceira de



VICTORIA REGIA (vide nota 7)

longas folhas lineares, levemente dentadas nas extremidades superiores.

E essas folhas, como todas as folhas caulnarias, iam-se ligar ao caule volumoso, fortemente preso ao adubado alveo daquela bacia de mais de metro de profundidade.

E quando as brizas da tarde vinham do Atlantico, e, apesar dos intrincados ramos da floresta, desciam a bafejar as plantinhas rasteiras, as folhas dessa lacustre balouçavam-se docemente, obedecendo a suave ondulação.

E entre aquella folhagem verde-gaio uma flôr branca surgia presa a um pedunculo, que em espiraes vinha do centro do caule arrimando-se a esta e áquella folha, a que se enroscava, para mais facilmente poder manter-se em pleno ar.

Dir-se-hia uma serpe que subira por um gladio, formando um symbolo desconhecido.

E essa flôr, com garridez voluptuosa, elevava seu calice nú por sobre a peanha verde de seu espatho bifido.

Era como a imagem de Bethzabet, quando, ao entrar no banho, crendo-se só, desnudava seu corpo gentil, deixando cahir a seus pés as amplas vestes que antes o occultavam aos olhos do rei psalmista <sup>42</sup>.

<sup>42</sup> Samuel II—11.

E para o *simile* ser mais perfeito, lá no fundo das aguas, outra flôr, quasi igual, só differente em ter estames em vez de estyletes, fictava apaixonadamente a primeira, estorcendo-se em ancias de desespero por não poder acompanhá-la.

E essa flôr fazia esforços para vir á tona d'agua, esforços inauditos e infructiferos!

Havia um obstaculo? Seu pedunculo era curto; não tinha, como o de sua vizinha, o recurso das espiras para distender-se *ad libitum*.

E a flôr submersa fitando a flôr que ostentava-se acima do nivel das aguas, entoava sentidas endeixas.

E pelas moleculas do fluido em que jazia subiam seus gemidos.

E esses gemidos podiam se traduzir assim:

— Oh! *Vallisneria*, porque me fugiste, porque assim abandonaste o mais fiel companheiro que o céo te ha concedido.

Pois não vivias tão bem a meu lado? Embora em berço differente houvessemos nas-



DIONÉA (vide pag 158)

cido, eu não te amei sempre como o irmão mais extremo?!...

As auras vespertinas repetem hodiernamente a historia da infancia feliz de dous filhos dos homens, que viveram por ahi além, no meio dos bosques *simile* aos de nossa America risounha<sup>43</sup>.

Esses meninos não viveram mais unidos que nós; *Paulo* não amou mais a *Virginia* do que eu a ti, *Vallisneria*! . .

E *Virginia*, mais affectuosa, só obrigada abandonou seu amado, no entanto que tu, *Vallisneria* de meus sonhos, fugiste de mim logo que a hora da juventude soou a teus ouvidos!

Acaso te zangaste vendo meus transportes amorosos?!...

Querias que eu dissimulasse a paixão ardente que tua belleza accendeu em minhas antheras!

Era impossivel!

Duvidas? Ouve-me complacente.

Mais velho do que tu, comecei a amar-te desde que, através das membranas da espatha bivalve que me protegia, eu pude contemplar tuas formas ainda indecisas, occultas no cofre de esmeraldas de tua espatha bifida<sup>44</sup>.

E fui acompanhando teu desenvolvimento rapido, ao passo que tambem desenvolvia-me.

E assim fui bebendo gotta a gotta o nectar doce-amargo do amor!

Não imaginas, *Vallisneria* encantadora, quão cheio de alvoroço fiquei

quando, um dia, depois de despedaçares completamente tuas fachas infantis, vi-te nua e linda como alabastrina estatua praxitelica.

<sup>43</sup> Allude-se ao romance *Paul et Virginie*, mimosissima ecloga e brilhante monumento da litteratura franceza, erigido por Bernardin de Saint-Pierre, o cantor da natureza tropical.

<sup>44</sup> Espatha é o envolvero composto de bractees (folhas em geral coloridas que se avizinham das flores, com que muitas vezes são confundidas), que amparam a inflorescencia de certos vegetaes, como bem se pôde verificar examinando uma bananeira em flôr.

Como te achei bella, como minhas antheras palpitarão! . .

Nunca desejei ser formoso como nesse dia: queria attrahir teus olhares e ser amado por ti!

No entanto pareço-me contigo; pouco diferentes são nossas corollas, são iguaes nossos espathos e nosso colorido.

E acho-te mais formosa do que eu, de continuo te contemplo, e no entanto jámais miro-me no espelho das aguas

Semelhantes são nossos progenitores; elles são irmãos e amigos; suas *rhisomas* se abra-

çam amorosamente debaixo da camada de humus em que se prendem ao solo, suas folhas são irmãs; elles descendem do mesmo thoro, —e eu não te amo como parente!

E' que eu não posso, *Vallisneria*.

Quando eu fito teus estyletes elegantes, minhas antheras refervem, e eu sinto agitar-se dentro dellas um fogo estranho.

E' o pollen que se fórma, louro como a chuva das Danaides.

E esse pollen formou-se para ti, para fecundar teu rijo pistillo, oh! *Vallisneria*!

E quando eu contava possuir-te, tu, malevolamente pudica, timida fugiste para longe, aproveitando a vantagem, que eu não tenho, de um hastil

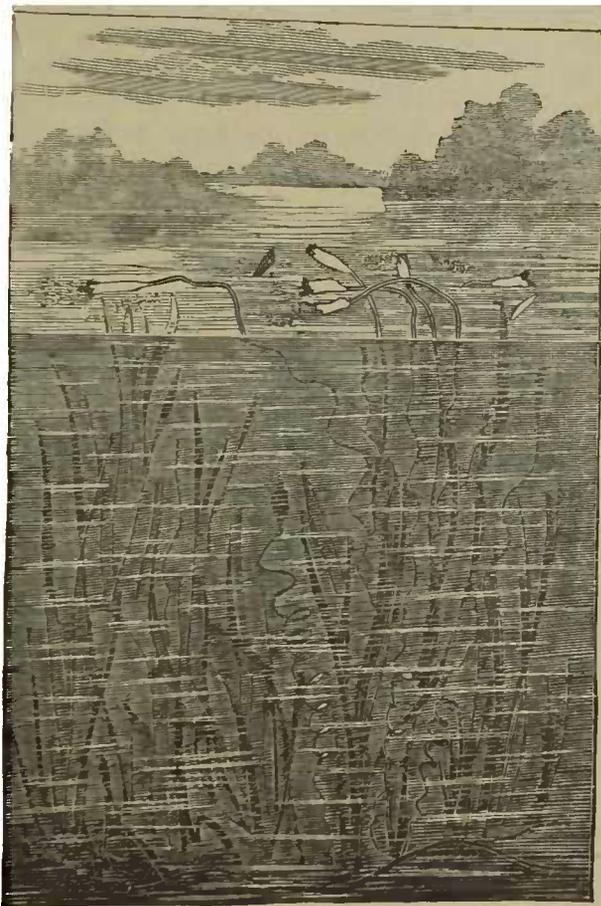
elastico e accommodado em bem contornados espiraes!

Porque me foges, minha doce amiga; porque recusas illuminar minha existencia?

E fugiste para onde eu não posso acompanhar-te...

Infeliz de mim, que vejo pago com desdens o amor que te consagro.

Mas não vês que por lá esvoaçam insectos damnhos, que podem prejudicar a alvura de tuas petalas rijas como se fossem de cêra.



VALLISNERIA (vide pag. 164)

Não vês que me ralam ciumes, vendo-te alvo dos olhares de todos ?

Vem, volta a este remanso doce e solitario do fundo do lago.

Lá se respiras oxygeno puro, aqui podes tel-o mais fresco e salutar, extrahido das aguas por intermedio de tuas *stomas* <sup>15</sup>

Lembra-te que tuas folhas expostas ao ar seccam-se mais promptamente ; não te illudas por veres vicosas as plantas aerias : nossa organização é differente.

Desce, tem pena de mim !

Não abuses da escassez desprezível de meu pedunculo sem elasticidade e sem curvas.

Se fosses como o nenuphar branco, não me queixaria, porque ao pôr do sol mergulharias a repousar a meu lado para só emergires ao romper d'alva ; mas tu noite e dia conservas-te em cima, parecendo-me gostares de contemplar as estrellas e de adornar-te com as perolas do orvalho.

E eu preso a rhisoma que me alimenta, como o calceta infeliz, sem luz e sem esperanza, ás paredes de seu ergastulo.

Porque, ó natureza madrasta, nos fizeste *dioica*, nos fizeste unisexual, quando fizeste muitas outras *hermaphroditas* ?

Se ao menos eu não vivesse submergido, poderia sacrificar ao deos do amor, tendo por sacerdotes as auras matinaes, a viração vespertina e até mesmo o sôpro rijo da tempestade.

Oh ! muitas de minhas semelhantes são fecundadas assim.

Poderia encontrar uma abelhinha laboriosa para levar presa em suas patas o enebriante pollen que me desorienta.

Oh ! por esses meios deixam de ser infelizes, como eu sou, a formosa tamareira do deserto, o salgueiro—esse companheiro inseparavel dos tumulos—e tantas outras irmãs !...

Se ao menos eu fosse como a *vaucheria*, que desprende filamentos para dar existencia, longe de si, a novos sêres de sua especie !

Porque não nasci na ultima classe do povo vegetal, porque nasci de familia superior á das algas ?...

Aristocracia bastarda. Irrisão !...

De que vale essa fallaz superioridade, de que me vale contar maior ascendencia, se eu sou infeliz !...

Superior seria se pudesse transportar-me para onde quizesse, como faz a *oscillária* <sup>16</sup>,

<sup>15</sup> *Stomas*.—Os poros corticaes e epidermicos das plantas, e por onde respiram.

<sup>16</sup> *Oscillária*.—Interessante individuo da historia natural, cujas qualidades têm-n'o feito classificar ora como do reino animal, pois é animado de movimentos espontaneos, fugindo, oscillando, quando buscam-n'o attingir; ora como do reino vegetal, pois que possui a

essa filamentosa alga, que faz o que não póde fazer nem o monarcha das selvas brazileiras, o jequitibá, cuja altura e possante ramificação vem muitas vezes, ao descambar do sol, projectar sombras em meu humido leito.

Superior !... Eu me julgaria superior á minha ascendencia se fizesse parte do van-glorioso genero humano, que, começando de nós, até desdenha seus mais proximos antepassados !...

A dôr me desorienta ! Ai ! Eu sou um desgraçado que morrerei sem prole !

*Vallisneria*, não posso mais, chego ao paroxismo da paixão ; meu pollen se transvasa e perde-se nas aguas !

Tem pena de mim.

Será o pudor que te ensurdece, a virgindade que te faz insensível ?

Se é, maldito o pudor, maldita a virgindade que te faz transgredir a lei natural da procreação, o mysterio sublime da maternidade !

Se a virgindade perpetua fosse imposta pela nossa provida mãe, a natureza, para que meus estames palpitariam ? teu pistillo entumesceria ? chegaríamos ambos ao periodo bemdito da anthese ?

Ouve-me e vem !

Ai, eu morro !...

\*  
\*\* \* \*\*  
\* \*

E o adorador de *Vallisneria*, tremulo, offegante, possesso de eroticos transportes, cahio convulso aos pés de sua amada.

E tombando em deliquio suas antheras superabundantemente fornecidas do louro elixir do amor, deixaram derramar em catadupas esse pediluvio abrasante e abrasador.

E *Vallisneria*, ou commovida das agonias do adorador, ou electrizada pelo magnetismo do fecundante pó, estremeceu, e soluçando exclamou :

— Não morras, vem !...

Eu tambem quero amar ; mas aqui, á face do céu, aqui nesta camara illuminada pelo sol e diante do mundo inteiro.

Quem ama sente-se forte. Arrosta perigos, vence obstaculos, conquista laureis : torna-se heroe !

E' assim que eu consinto em ser amada.

Se não és capaz de tanto não me falles em amor.

apparencia da planta, tendo até o chlorophila. Alguns naturalistas fazem-n'o um *cryptogamo* da classe das algas, outros, com Bory-Saint-Vincent, um *infusorio*. O eminente professor Hackel fal-o pertencente ao reino dos *protistas*, um sêr entre o animal e o vegetal, possuindo igualmente attributos de um e de outro.

Conta um desses a quem as mulheres chamam poeta, e os homens positivos—loucos, e Deos—videntes, que houve um anjo que abandonou o céo, o paraíso, a felicidade eterna, para amar uma mulher ! ..

E' como eu sonho ser amada : sem calculo, sem plano, sem limites !...

Amas-me assim ? !.

Vem !...

Vem, mas lembra-te : meu amor se é a felicidade indefinivel, é tambem o aniquilamento.

Nenhuma de minhas companheiras foi afagada duas vezes pelo esposo.

Entre nós a camara das nupcias é o portico do alcáçar da morte.

Ser esposa para nós é ser viuva !...

Se assim mesmo, porém, te convenho, eu te espero !

Vem !...



O adorador de *Vallisneria*, ouvindo da idolatrada aquelle hymno de indiziveis melodias, fez tantos esforços para libertar-se do grilhão que o prendia ao fundo do lago, tanto se distendeu, tanto empuxou, que o laço, que o prendia ao lar materno, arreventou-se, e elle emergio, rapida, subita, inopinadamente á superficie das aguas.

O amor, o clarão brilhantissimo do sol, o ar puro que directamente o banhó pela primeira vez, atordou-o.

Não foi senhor de si, e seria levado para longe da róta almejada se a florinha estre-

mecida não corresse ao seu encontro, abraçada tambem pelo fogo da puberdade.

Então operou-se um factó incomprehensivel para ambos.

As petalas de ambas expandiram-se, os pistillos procuraram os estames, os stygmas provocaram as antheras e o pollen foi inundar os ovulos, que o absorveram.

Houve um instante em que as duas corollas se confundiram : foi quando o matrimonio das hydrocharideas se consummára !.

E quando o esposo despertou do gozo louco a que se entregára, uma leve ondulação levou-o dos braços de *Vallisneria* a emurchecher na margem opposta.

Tinha morrido !

Morrêra nos braços da amante como o adúltero amado de Francesca de Remini ; porém mais do que Paolo morrêra feliz : sua esposa ficára para velar sobre *sua creatura*—a immortalidade pela prole era incontestavel.

E *Vallisneria*, sentindo pulsar em seu seio o fructo de seus castos amores, retrahio-se, seu pedunculo tornou a enroscar-se, e ella submergio-se para recordar-se do esposo, aguardando a conclusão dos phenomenos da maternidade.



Traçando este quadro, a phantasia apenas ornamentou a verdade, sem desfigural-a a ponto de fazel-a desconhecida de quem buscar na botanica a historia dos amores de *Vallisneria*.

R. DE S. PAIO.



## BELEM, CAPITAL DO PARÁ

Até 1615 era a região amazonica desconhecida completamente para Portugal, que contentava-se com saber que ahí existia o rio Amazonas, e que esse territorio era seu.

Sómente em 1615, quando Alexandre de Moura expulsou os francezes do Maranhão, mandou o capitão Francisco Caldeira Castello Branco subir á boca do Amazonas e fundar um estabelecimento que assegurasse o direito de posse do territorio.

Castello Branco nomeado capitão-mór, partio em meiado de Novembro daquelle anno, com tres caravelas e uns duzentos homens de força. Em fins do mez entrava pelo rio Pará, formado da reunião das aguas do

Mojú e Guajará nas do Tocantins, o qual, então, era supposto ser o mesmo Amazonas ; e em 2 de Dezembro fundeava em uma vasta bahia, abrigada por extensa linha de ilhas, e acima setenta e cinco milhas do mar.

Perto lhe ficava uma aldêa de *Tupinambás*, que o viram chegar sem descontentamento, e permittiram-lhe desembarcar e fortificar-se, emquanto officiaes e soldados, ajudados daquelles indios, erguiam as suas palhoças, dando começo, assim, ao forte do Castello, ainda hoje existente, e á cidade de Belem.

Belem está situada 1° 27' 2" ao sul da linha equinocial, e 5° 15' 22" ao occidente do Rio de Janeiro.

Os *Tupinambás*, seus primitivos donos, chamavam-a *Mayró*.

A quem, como nós, aporta, descendo o rio, traz à idéa a vista de Montevidéo, pela sua posição n'um promontorio, a disposição das ruas e templos, e a enseada do arsenal, que também recorda a *Ensenada* da capital cisplatina.

E' uma das mais bellas e agradaveis do Brazil, e talvez a quarta em população e commercio.

Distingue-se em cidade velha e nova: nesta as ruas são mais bem alinhadas, quasi parallelas e de regular largura, algumas sombreadas com aléas de gigantes mangabeiras, mangueiras e palmeiras imperiaes (*Oreodoxa oloracea*), formosos especimens da maravilhosa vegetação do paiz, e que ahi fazem immorredouro o nome do general Jero-

alinhamento, e por correr parallelamente ao caes, que lhe fica fronteiro.

Conta varios edificios notaveis, entre outros o theatro da Paz, na praça D. Pedro II, antigo largo da Polvora, um dos melhores estabelecimentos do seu genero, senão o melhor do Imperio; o palacio do governo, no largo do Palacio, vasto edificio, de architectura pesada, mandado construir pelo marquez de Pombal para residencia real, sendo sabido que era uma das suas idéas de maior magnitude a transferencia da côrte para o Brazil; o paço da assembléa provincial ainda em construcção e muito semelhante ao precedente; a cathedral, Nossa Senhora da Graça, templo de tres naves, e um dos mais vastos e imponentes do Brazil; a graciosa



LARGO DO PALACIO, BELEM

nymo Francisco Coelho, o primeiro presidente que promoveu o seu plantio. As da cidade velha são menos rectas e parallelas.

Prolongam-se para fóra da cidade com o nome de estradas, e são orladas de chacaras e sitios, ou rocinhas, algumas bem apraziveis e encantadoras, vivenda habitual de pessoas abastadas, muitas empregadas na cidade.

Dessas ruas, as do Imperador, Imperatriz e Mercadores são as principaes, largas e vistosas, no centro do commercio e as de maior concurrencia da população, sendo a primeira a mais bella por seus edificios e melhor

matriz de Sant'Anna com um formoso zimbório; o collegio do Amparo; o Banco Commercial; o hospital portuguez de Beneficencia, e também—porque não deixa de ser notavel—o antigo convento das Mercês, enorme casarão não concluido, e que apezar disso accomoda a alfandega com seus armazens e guarda-moria, o correio, a recebedoria provincial, a caixa economica, e ainda—o que é singular—duas tabernas ao lado da igreja!

Na praça do Palacio a gratidão nacional vai erigir a estatua de um dos mais distinctos filhos da provincia, o heroico general

<sup>1</sup> Já erigio.

Gurjão ; monumento que tanto honra a memoria desse soldado illustre, como exalta o patriotismo dos seus comprovincianos.

Desde 1864 é a cidade illuminada a gaz.

Dizer que seus arredores são pittorescos e aprazíveis desnecessario é. Entre todos, destaca-se o de Nazareth, onde annualmente, n'uma pequenina igreja, na praça do mesmo nome, celebra-se a festa mais popular da terra.

A estrada de Marco-de-Legua é um longo e formoso passeio, de mais de legua, bordado de ambos os lados pelas mais soberbas arvores.

Ha na cidade uma linha de carris de ferro ou *bonds*, de muito trafego, como ordinariamente são todas as do seu genero.

dente o Sr. Dr. Portella, inquestionavelmente um dos que maior impulso deu á instrucção popular ; um lyceu de preparatorios para as faculdades superiores do Imperio, com cento e poucos alumnos ; dous seminarios episcopaes, *maior* e *menor* ; um instituto de educandos artifices ; um asylo dirigido por irmãs dorotheas, e varias outras casas de educação, entre as quaes goza do melhor conceito o collegio de educandas de Nossa Senhora do Amparo.

Conta a provincia 260 escolas publicas com 10.737 alumnos, dos quaes 3191 meninas, segundo os ultimos relatorios.

O commercio é florescente e promettedor.

Belem ha de ser um dia, e bem proximo, um dos mais importantes centros commer-



LARGO DO QUARTEL, BELEM

A população de Belem orça por uns 35.000 a 40.000 habitantes, segundo os mais recentes dados.

Ha na cidade uma escola normal, actualmente com 86 alumnas e 29 alumnos ; uma bibliotheca com mais de 8000 volumes, creadas em 1871 e ambas instituições do presi-

ciaes da America do Sul, e o emporio mercantil de toda essa vasta bacia amazonica<sup>2</sup>.

DR. J. SEVERIANO DA FONSECA.

<sup>2</sup> Viagem ao redor do Brazil, 2 vols Rio de Janeiro, typ. Pinheiro & C., 1850.





o bater das Trindades chegava o João á casa, uma possilga escura, n'um becco da cidade nova. Era um operario, empregado na fundição de ferro Brisson & Montereal, firma conceituada no commercio, e que pelo genio industrial do americano Brisson offercia sustento a oitenta trabalhadores. O João trabalhava muito, e como tinha em sua companhia a mãe e a irmã, uma rapariga de quatorze annos, chamada Leonor, caprichava no cumprimento das suas obrigações, temendo de um dia para outro ficar sem o emprego. Ninguem como elle fazia tão depressa o rancho. Em quatro minutos mettia no bucho a carne secca e a farinha que levava na marmita, e muitas occasiões passou sem tomar café por causa da pressa em concluir alguma obra. Essa dedicação ao trabalho e essa preocupação pela vida da familia concorreram muito para fazel-o calado, insociavel. D'ahi veio-lhe o alcunha de *Casmurro*. Chamavam-lhe: o João Casmurro; appellido que dizia bem com o seu typo baixo, robusto, cabeçudo e feio.

— Sou, sou casmurro, corja; mas trabalho.

Murmurava elle por entre dentes, correndo a lima sobre a peça que o tórno fazia girar vertiginosamente.

Pouco tempo demorava-se em casa. Chegava, mudava a roupa, devorava o jantar e sahia para o Lycêo de Artes e Officios. Mettera-se nos estudos, porque o saber não occupava lugar; dizia. Pensou em estudar muito, fazer os preparatorios, entrar para a Escola Polytechnica. Não seria o primeiro, explicava á mãe que sorria, duvidando dessas aspirações. Não seria o primeiro. «Olhe, o Dr. Fortunato, um engenheiro ahi assim muito fallado, foi caixeiro de venda; e o Dr. Rodrigues Souto, o medico, aquelle que andou a fazer descobertas para curar o cholera, começou a vida como tropeiro, em S. Paulo; quando aprendeu o *a b c*

tinha vinte e cinco annos, um pedaço de gente, taludo, já pai de filhos.»

A mãe, defronte d'elle, assentada n'um môcho, ao lado opposto da mesa, abria os olhos, admirada. Mas isso aconteceu com os outros.

— Então, eu não posso fazer o mesmo?

— Pódes... Lá poder... pódes.

Resumia ella a seu modo, com um olhar cheio de duvidas. Era baixa, sadia, a cabeça redonda, cabellos negros e pupillas espartas. A Leonor na cabeceira da meza, fazia *crochet*, á luz do pequeno lampeão de petroleo que alumia a possilga. Parava o trabalho, lançando ao irmão um olhar bondoso e demorado. E, depois ao retomar os pontos, dizia com a vózinha fresca: Talvez tivessem quem lhes dêsse a mão...

— Nada. Não senhora, Fizeram-se por si, a custo de muito suor. Olha, a quem trabalha Deus ajuda.

Fallava com convicção, sentindo-se forte para a luta. Ser um bacharel, um doutor, era o seu sonho; mas só deixava transpirar essas aspirações entre a familia; com os companheiros nenhuma palavra á tal respeito. Pobre d'elle, se, por acaso, manifestasse esses desejos; chicoteavam-n'o a debique. E folheando os livros de estudo, lentamente, todo debruçado, promettia á irmã um casamento rico quando elle fosse doutor. Noivos é que te não hão de faltar, basta eu collocar um d—r—antes do nome. Has de vêr.

Ella mostrava os dentinhos claros, fazendo duas covinhas nas faces, os grandes olhos humidos, alegres; e elle reparando-a com attenção: E's bonita. Se tivesses isso...

Coçava o pollegar com o indicador e concluia: — Nem precisava que eu me formasse

— Ah! de certo!...

Fazia ella sentenciosamente.

A mãe, olhava-os muda, indifferente. A's vezes cochilava, cabeceando.

Seus labios carnudos e rubros tinham pequenos movimentos imperceptiveis, e a pelle, como picada de frio, irritava-se, tornava-se aspera como um corpo de ave depennada

Era noute alta. O profundo silencio do descanso tombava em derredor; apenas n'uma casa distante, uma clarineta guinchava, incommodativa

— São horas, murmurava o João. Soerguia-se, deixando no meio da saleta o môcho sujo em que estivera sentado. Depois a mãe e a Leonor levantavam-se, em silencio, como se sahissem do quarto de um doente que acaba de morrer.

Em uma noute a mãe fallou ao filho da necessidade de fazer a Leonor entrar para uma casa de costuras. A rapariga ia crescendo, estava moça, e precisava de ter um meio de vida. A costura dava muito.

E o João, muito serio, sentado a um canto da salêta, sobre uma caixa de pau: E' . . . mas as costureiras. . . O melhor é vôsmecê fazer o que entender.

Ficaram nisso. O rapaz certamente sentia algumas apprehensões pelo futuro da irmã. E' que esta vida parece movida pelo diabo. A Leonor era bonita, moça, tolinha; ia metter-se n'um meio de raparigas viciadas, que passam pelas mãos dos amantes como passa um copo de vinho pelas mãos dos bebedores, n'uma taverna. Ao sahir da officina, á noute, ás nove, no momento em que descem os ferros das *vitrines* com estrondo, seria acompanhada por algum sujeito que, durante o dia, estivera na loja, a olhal-a de longe, com os olhos accesos pelo instincto, brutos, perseguidores. E se o sujeito tivesse a barba escanhoadada, o bigode preto, um brilhante na gravata e outro no dedo, lá se ia a rapariga seduzida pelo dinheiro. Lembra-se de ter visto uma noute, quando voltava do Lyceu, um bigorriha, de chapéu branco, perseguir uma rapariguita como os pastores cercam as ovelhas, tresmalhadas do rebanho, nas descidas das encostas. Mas a mãe queria. Afinal elle era irmão, simplesmente irmão, e quem mandava na Leonor, m certo, não era elle.

peE ia-se, cabisbaixo, arrastando as pernas ueas ruas. Passava uma mulher espartide da, cabellos louros, orelhas adornadas lhapedras finas, chapéu alto de plumas recurvas e crespas, grandes abas de forasteiro; elle olhava-a e, desoladamente, meneiando b eça, com desdem nos labios: E' nisto qacvabam.

\*  
\* \*

Depois da entrada de Leonor para uma officina de costuras o João tornou-se mais calado, mais aborrecido. Entrava em casa devagar, com o passo difficil, a grande cabeça pendida, os labios cerrados, a physionomia desgostosa. Vida do inferno! Explosia, ás vezes, diante daquella triste saleta suja, de paredes brochadas a ocre. A mãe, ás sete horas, quando sahia para ir buscar a filha, deixava sobre a mesa o lampeão acceso, á meia luz. Ao principio o rapaz fazia crescer a torcida, dando augmento á claridade; mas, ultimamente, nem tocava no lampeão. Preferia aquella estúpida claridade de tocha. Demorava-se pouco na saleta, porque os presentimentos pelo futuro da irmã augmentavam; recolhia-se ao quarto, um cubiculo nas trazeiras do casebre, abrindo uma janella para um quintalzinho, onde um grande abacateiro abria no espaço a sua cópa rendilhada e larga. E lá no seu canto, alumiado pela luz morticia de uma véla de sebo, fumando, como um turco, grossos cigarros de papel pardo, folheava a arithmetica, aos poucos, aos poucos, estafado, tristonho, desilludido.

Quando a mãe chegava da rua, gritava-lhe da saleta: Boa noute, João; e a Leonor empurrava devagarinho a porta para ver o seu « querido: »

— Então!. como passas?

— Vou indo. . .

Respondia elle, levantando os hombros, com indifferentismo.

Leonor encostava, cautelosa, a porta; dizia-lhe: « Até amanhã, » e elle, só, ainda mais triste, ainda mais acabrunhado, debruçava-se á janella para respirar o ar da noute e illudir a tremula descida das lagrimas.

Uma occasião, ao sahir do Lyceu, tendo-se demorado um pouco a conversar com um companheiro, subio pela rua do Ouvidor para tomar o *bond* no largo de S. Francisco. Eram nove horas. Fechavam as lojas, aferrolhando com barulho as portas; pelos cafés uma multidão compacta enchia de algazarra as salas illuminadas, resplandescentes de espelhos e dourados; philarmonicas de rabecas e harpas tocavam walsas; tiniam louças e metaes; caixeiros de pastinhas e paletots curtos serviam ás pessoas, arrastando os pés pela arêa dos ladrilhos.

João voltou a cabeça para o interior do *Café Anglais*. Parou; examinou um grupo de duas mulheres que, de costas para a rua, bebiam qualquer cousa ao lado de um sujeito espigado, grandes bigodes negros e chapéu de pello de seda sobre a melena farta e lustrosa. De quando em quando o sujeito mostrava a dentadura certa e amarellada, meneiava a cabeça, fazendo reluzir os vidros

escuras do *pince-nez* de ouro. E uma das mulheres, a mais moça, fallava-lhe, com intimidade, chegando os labios á sua face.

O rapaz firmando para o grupo o olhar esgazeado, anceiava; teve necessidade de encostar-se a ombreira da porta por causa dos tremores frios que sacudiam-lhe o corpo. Um bebado que ia entrar no café deu-lhe um encontrão, chamou-lhe de burro, e foi-se, bordejando, o olhar acarneirado, o chapéo descahido para nuca. O *pince-nez* escuro do sujeito estava assestado para a porta; parecia-lhe uma provocação. As rabecas gemiam as notas languidas e cadenciadas da *Dolores*, e um rapazito que se retirava em companhia de dous homens e uma mulher rubra de carmin, vinha em passo de dança. Gritaram-lhe: *Ó chuva!* O rapazito fez uma viravolta, fctou um grupo que ria-se provocadoramente, e vomitando um palavão fez com o punho cerrado um gesto obsceno. Gargalhadas estallaram. O *pince-nez* escuro do sujeito reluziu com gravidade comica para o lado dos peraltas. Mas o Casmurro, á porta, tinha o olhar parado sobre as duas mulheres. Depois, como um corpo que se despega do seu centro de gravidade, abalou pela rua acima, varado pela dor peçonhenta da desgraça. Estava vencido. Tudo quanto prevera allí tivera diante dos olhos, n'uma mesa de café. Leonor apparecia-lhe agora como uma mulher miseravel, sem pudor, sem dignidade; não era mais a sua irmã, era a concubina daquelle sujeito de *pince-nez* escuro, depois seria de outro, e mais d'outro, por fim, de todo o mundo. E de quem era a culpa? Ah! a culpa recahia inteira sobre sua mãe. Era ella quem a acompanhava; quem decidira da entrada de Leonor para aquella maldicta officina; quem coadjuvou e consentiu o namoro do seductor. E já não tinham recatos. Andavam juntos pelos cafés, pelas ruas, e, talvez, pelos theatros. No entanto elle matava-se no trabalho; vivia encolhido, concentrado, laborioso, na sua pequenina existencia honesta. As economias que ajuntava eram destinadas, ao dote desta criança que allí vira com um homem revoltante, admirada pelo olhar de todos, commentada por frequentadores de cafés. E as lagrimas vieram-lhe aos olhos n'uma explosão de aguas reprezas que arrebetam o dique.

Estava esfalfado. Sentou-se na soleira de uma porta para repousar, porém o acabrunhamento moral abateu-o; esteve durante longas horas a soluçar, com os cotovellos fincados nos joelhos e o rosto amparado pelas mãos.

Um policial chegou-se a elle, bateu no hombro: «O' lá, camarada, aqui não é logar

de dormir.» O Casmurro continuava impassivel. O soldado sacudiu-lhe o hombro com força: «Eh! Arriba! Se você não tem casa, tóca p'ra estação.» O rapaz levantou-se, arregalou os olhos e explicou que sentia uma dôr; por isso é que estava ali assentado.

E foi-se. Quando chegou á casa marcava o relógio do Gazometro meia-noite.

A mãe estava ainda na saleta, cuidando de umas peças de roupa lavada. Sobre a meza, dentro de um papel escuro viam-se restos de pão e de carne fria; uma garrafa de vinho, desarrolhada, indicava que tinham ceiado ha poucos momentos. O rapaz entrou sem dizer uma palavra, nem sequer deu a boa-noite, á mãe; e ella em pé, com uma camisa entre as mãos, olhando-o desconfiada:

— Oh! filho! vens na chuva?

A palavra, a garrafa de vinho, aquelle papel escuro com restos de comida, acordaram na sua memoria a scena do café. Fictou a mãe, muito pallido, com os labios a tremer, os olhos idiotas, vermelhos de lagrimas

— Antes viesse. E que tens com isto?

Era a primeira vez que o João respondia-lhe assim. Seus pequenos olhos reluziram, largou sobre a meza a camisa, apoiou os punhos aos quadris e ameaçadoramente.

— Vê lá como me respondes. Quem está bebado dorme.

— Eu é que lhe devo dizer isto. Porque quem anda em cafés.

A mulher deu um salto de gata, rapido e firme, atirando-lhe em cheio uma bofetada. O rapaz vacillou, tomou folego como se sahisse de um mergulho e de braços abertos, desvairado, atirou-se á mãe, mas um murro sobre o olho direito, que fez espirrar sangue, obrigou-o a recuar. Leonor correu á saleta, em camisa, com os pés nus, muito assustada. A mãe anciava, a tremer nervosamente, com os punhos fechados: Chega-te, que eu te ponho os queixos de molho. Raça do diabo! Chega-te.

O Casmurro com o rosto banhado em sangue, limpava a ferida na manga do paletot. Leonor interveio, pediu a mãe que se acalmasse, pondo as mãos, a dizer baixo: Meu Deus! meu Deus! que escandalo! Andava, automaticamente, lívida como cêra, de um para outro lado, a tremer: «Vai-te João, vai-te. Que fazes ahí? Anda, recolhe-te,» E foi empurrando-o para o quarto, mas a mãe veio furiosa, e berrou á porta do cubiculo do filho:

— Amanhã, rua; cão! rua, safado!

Estava furiosa. A colera fazia-lhe sacudir os pulsos fechados; os dentes rangiam; na luta cahiram-lhe os botões do paletot, de

sorte que um dos seios bojudos e flácidos estava para fóra da camisa, e, quando ella movia-se, o seio oscillava como um ventre empanturrado

O João atirou-se sobre a cama a soluçar desesperadamente. Muito tarde soergueu-se. A casa estava em silencio e ás escuras. Pela janella aberta entrava uma aragem fria de madrugada

Levantou-se, tolo, sem saber o que fazer, e foi debruçar-se á janella. Sentio então um allivio doloroso. A ferida sobre o olho tinha estancado, começava a crescer. Levou a mão á parte doída, abeirou-a, examinou-a de leve com a ponta dos dedos. Estava terminada a sua existencia de filho de familia !

A mãe expulsára-o, enxotára-o como se repelle um cão magro e immundo. Entre os dous só havia trévas. Nunca mais se ajuntariam. E veio-lhe um tedio profundo pela vida, um desgosto de si mesmo, frio, nojoso, es-  
peso.

Parecia-lhe que se tinha coberto de lama e odio ; que era um sapo que sahe de uma cisterna asquerosa. Nada valia-lhe a vida

E para que ? Para ver a irmã prostituida, enxovalhada, experimentada pela multidão ? Para ter mãe e não ter carinhos, ser filho e pedir amizades aos estranhos ? Não ; não precisava mais desta existencia estúpida e vil. Um pouco de coragem e tudo estaria terminado para todo o sempre. Nem humilhações, nem dôres, nem lagrimas, sentiria já-mais.

Instinctivamente foi a uma prateleira, na parede do quarto, e apanhou um embrulho. Pousou-o sobre a cama e tirou uma corda que o envolvia. Era uma corda de linho grossa. Estendeu-a entre os braços, tomando-a pelas extremidades. Tinha mais de uma braça. Deu-lhe uma laçada, e de um pulo transpoz a janella para o quintal.

O céu estava escuro e estrellejado. Do lavante vinha uma aragem fria e reparadora.

Um gallo cacarejava na vizinhança, e um vidro de lampeão luzia n'um becco proximo.

Depois trepou ao abacateiro, dobrou a corda em dous fios, amarrou a extremidade em um galho forte e enfiou o pescoço no laço. Do alto da arvore avistava um longo ondular de telhados escuros, paredes caiadas de casas, duas janellas de um sobrado onde se dansava.

Esteve por algum tempo a olhar aquellas mulheres que rodopiavam na sala, nos braços de homens vestidos de preto. Ouvia a musica: era a mesma que ouvira tocar no café, a *Dolores*. N'uma parede estava um espelho que reflectia a imagem de uma moça vestida de branco, envolta em um véo de gaze que vinha da cabeça aos pés.

Perto della, no sofá, havia um sujeito de casaca, que no espelho se reflectia em parte. Para lá, aqui, allí, além, semeadas como pyrilampos nas campinas, brilhavam chamas de lampeões.

O gallo, na vizinhança, cacarejou outra vez ; houve um barulho tepido de azas, e a aragem matutina sacudio as folhas do abacateiro. O Casmurro, enganchado no galho, estremeceu. Fazia-se tarde. Tinha frio, tinha medo.

Mas as notas da *Dolores* chegaram-lhe aos ouvidos como lembranças da scena do café, da briga com a mãe.

E, fechando os olhos, deixou-se cahir. O abacateiro estremeceu convulsamente, vergou-se. O corpo do rapaz dansava no espaço, volteava, estrebuxando. Fez um esforço para erguer o braço, segurar a corda, des-  
embaraçar-se do laço que estrangulava-lhe, mas faltaram-lhe as forças. Quiz gritar, afflicto ; regougou uns sons confusos, abrindo a boca desmesuradamente, como para vomitar a lingua.

A arvore estremeceu ainda.

Elle fez mais um esforço, automaticamente, sacudio as pernas ; depois inteiriçou-se no espaço, e ficou a oscillar, devagar, como uma pendula a que vai faltando corda.

L. GONZAGA DUQUE-ESTRADA.

## OS BANDEIRANTES

**O** descobrimento das ricas minas em Cuyabá, em 1718, por bandeirantes sahidos de Itú, tornou frequente o trafego dos invios sertões e vias fluviaes que iam ter ao novo El-Dorado.

Repetidas levas de incansaveis paulistas, para quem não havia obstaculos, que intrepidamente arrostavam os perigos, a fome e a miseria, com uma tenacidade de verdadeiro heroismo, iam esses eternos pesquisadores desentranhar da terra as riquezas segregadas á avidez humana.

Terriveis dramas de sangue contemplaram silenciosas as virgens florestas, as mansas

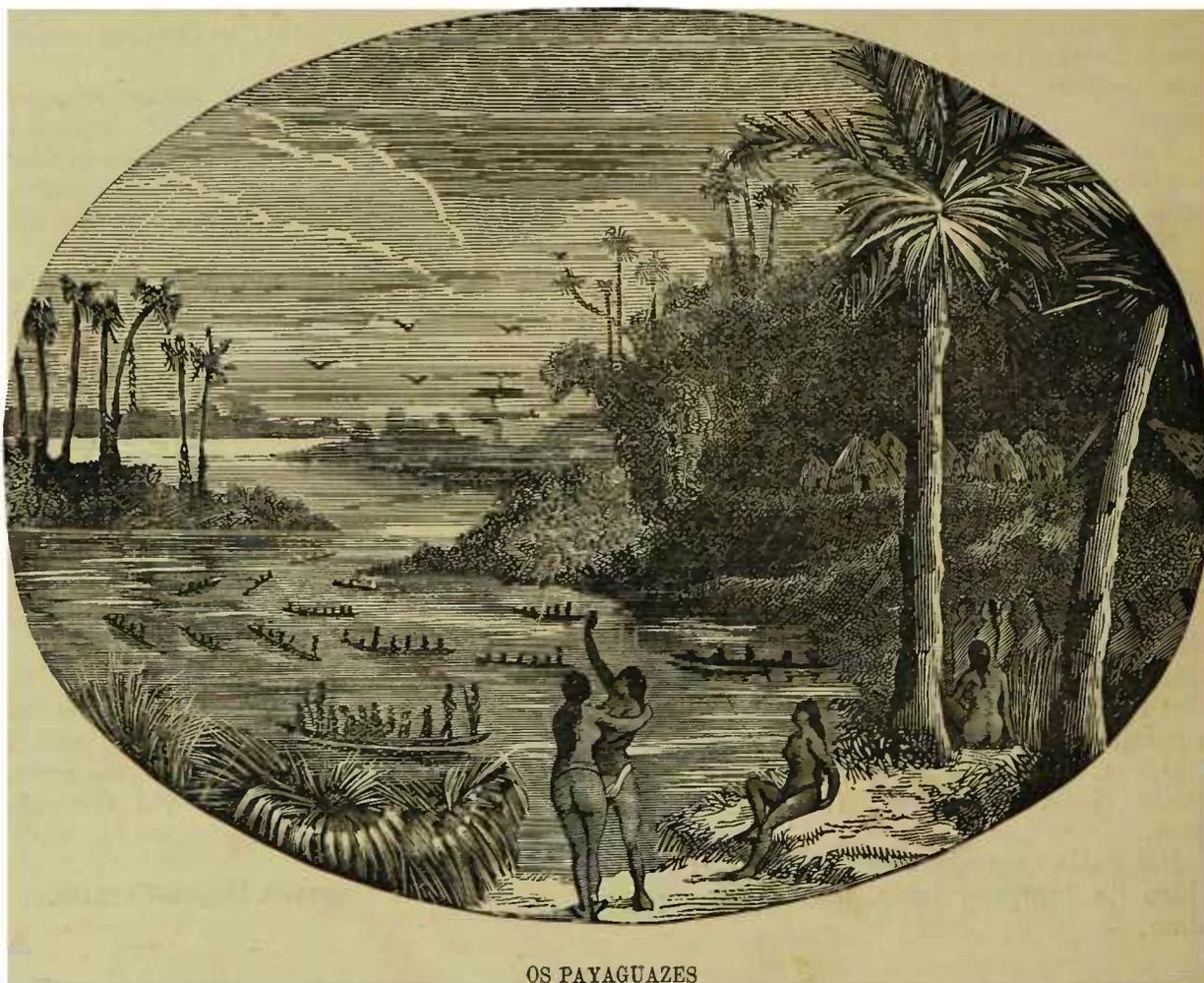
aguas de seus rios. Grande pasto de carne humana tiveram as feras bravias, os monstros aquáticos, com os corpos das victimas, que tombaram exangues após cruentas pugnas.

E os pobres filhos das selvas, apesar do seu numero ser vinte, cem vezes mais; apesar de sua provada valentia e ferocidade, não podiam obstar que o seu solo fosse traquejado, seus rios percorridos, as riquezas que guardavam arrancadas da terra, e elles, donos e senhores do que era seu, obrigados, por suas proprias mãos, a abrir profundos vallados, a mudar cursos de rios, para que os seus conquistadores se extaciassem com tantas riquezas alli accumuladas.

seguir por elle abaixo até o Paraná e por este á boca da rio Pardo, subir por elle até o porto das Sanguessugas. Daqui eram as canoas e cargas conduzidas á mão ou em carros, por terra, até o rio Camapuan, duas leguas e meia apenas entre um e outro rio, e, navegando por elle abaixo, entravam no rio Coxim, e por este no volumoso Taquary, que desagua no rio Paraguay. Subindo este, entravam no Porrudos (S. Lourenço) e delle no rio Cuyabá, que os conduzia á afamada villa do seu nome.

Esta viagem de S. Paulo a Cuyabá durava geralmente cinco a seis mezes, percorrendo quinhentas e trinta leguas.

Os expedicionarios seguiram sem novidade



OS PAYAGUAZES

Em 13 de Março de 1736 uma leva de exploradores sahidos de Itú, commandados por Pedro de Moraes de Siqueira e seu irmão o capitão Bartholomeu Bueno de Siqueira, lá se arrojou aos perigos da viagem, em busca das riquezas que as opulentas minas de Cuyabá cada vez mais produziam.

O itinerario que os bandeirantes seguiam para Cuyabá era embarcar no porto de Aratiguaba, hoje Porto Feliz, no rio Tieté,

o seu roteiro até que entraram no grande rio Paraguay. Cautelosos, pelos assaltos que os temiveis *Payaguazes* costumavam fazer aos bandeirantes que sulcavam aquellas aguas, os irmãos Siqueiras prepararam-se, caso fossem atacados.

Com effeito, todas as cautelas eram necessarias pelos numerosos desastres acontecidos annualmente aos que procuravam as minas de Cuyabá.

Os *Payaguazes*, dissimulados e traiçoeiros, não perdiam occasião de fazer saltos sobre os transeuntes daquelles rios e banhados, que elles dominavam com suas veleiras *ubás*. Piratas audaciosos daquelle labyrintho de rios e esteiros, estendiam as suas incursões desde Assumpção até Cuyabá. Vivendo mais nos rios, servindo-lhes de casas as suas *ubás*, do que em terra, arrojados e valentes, peritos nadadores, nos combates que afoutamente levavam a quem sulcava aquellas aguas, se encontravam forte resistencia; retrocediam velozes, e, para que as armas de fogo os não fossem ferir na fuga, lançavam-se ao rio, virando a canoa, e por baixo d'agua a conduziam, para mais longe de novo embarcar e sumir-se como o relampago.

Armados de arco e flecha, serviam-se ainda de lanças curtas, com pontas de ferro, que empregavam nas abordagens ou para em dis-

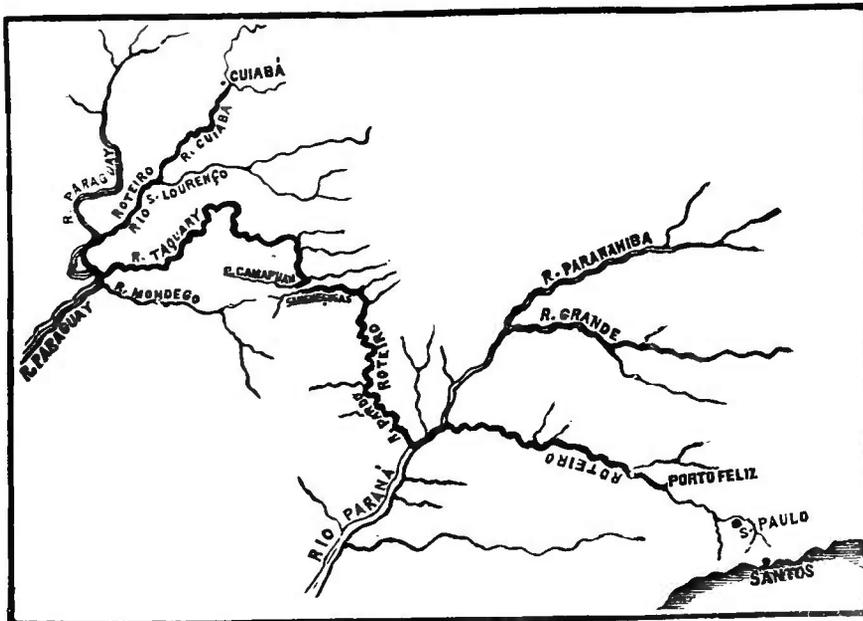
na fortaleza de seus braços. Então a luta recrudescia. Cahem ao rio montões de cadaveres, e as canoas dos *Payaguazes*, vãs, por falta dos seus guerreiros, são substituidas por outras trazendo novos atacantes, que a seu turno tombam exangues, cortados pelos facões e projectis dos atacados.

Actos de heroismo foram praticados nesta sangrenta peleja. Um franciscano chamado Fr. Antonio de Nascentes, por antonomasia o *Tigre*, por ser dotado de herculeas forças, tornou-se notavel pela valentia que desenvolveu neste terrivel combate, em que succumbio depois de fazer horrerosa matança nos piratas canoeiros.

O intrepido commandante, Pedro de Moraes de Siqueira, tambem foi um dos que succumbiram neste disputado combate, bem como quasi todos os seus bravos companheiros.

O que, porém, mais se distinguio neste mortifero e prolongado prelio foi o mameluco Manoel Rodrigues, natural de Pindamonhangaba, appellidado o *Mandu-uassú* por causa da sua estatura e corpolencia. Valente como as armas, o seu mosquete não cessava de troar, levando a morte aos encarniçados *Payaguazes*, e emquanto sua mulher, heroína como elle, que o acompanhava carregava a arma, elle, de facão em punho, decepava braços e cabeças dos que tentavam assaltar-lhe a canoa.

Longas horas eram passadas em disputado combate, motivando grande carnificina de



Roteiro de S. Paulo a Cuyabá seguido pelos antigos bandeirantes

tancia arrojarem sobre seus inimigos. Aliados dos *Guaycurús*, ou cavalleiros, passavam estes em suas canoas quando tinham de fazer incursões, dividindo as presas como bons amigos.

Subindo rio acima, a pequena frota paulistana foi inopinadamente atacada pelos terriveis canoeiros, no lugar chamado *Carandá*.

Travou-se a peleja, renhida, mortifera. A' vozzeria infernal dos atacantes, ao chuveiro de settas por elles disparadas, respondeu mortifero fogo de arca buzes com que os bandeirantes estavam armados.

E os *Payaguazes*, máo grado as balas rarearem as suas fileiras, avançam sempre, arrojando-se á abordagem, fiados no seu numero,

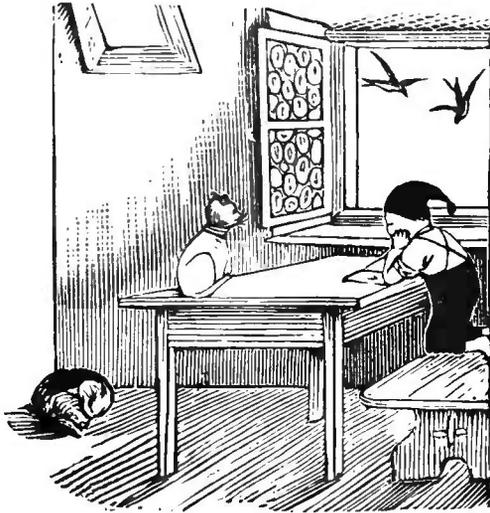
um e outro lado, até que os *Payaguazes*, reduzidos a pequeno numero, buscaram a fuga a esconder-se nos sangradouros e esteiros do famoso rio Paraguay.

O valente Manoel Rodrigues, vencedor alfim, vogou rio acima com os poucos sobreviventes deste terrivel combate, chegando a Cuyabá extenuado, ferido, onde por seu heroismo foi merecidamente premiado com o posto de capitão do regimento dos pardos.

A nossa estampa representa a scena dos terriveis *Payaguazes*, ou canoeiros, largando de um sangradouro em busca da presa, emquanto suas mulheres e filhos se despedem delles prazenteiros, esperançados nos despojos da victoria.

## CRIANÇADAS

O Antonico estava a destrinçar o *Hilario*, o gato sentado sobre a meza a ver os astros, e o cachorrinho a dormir tranquilamente quando duas andorinhas que andavam pelo espaço a cantar amores...



entram pela janella a dentro.

Agora vereis.

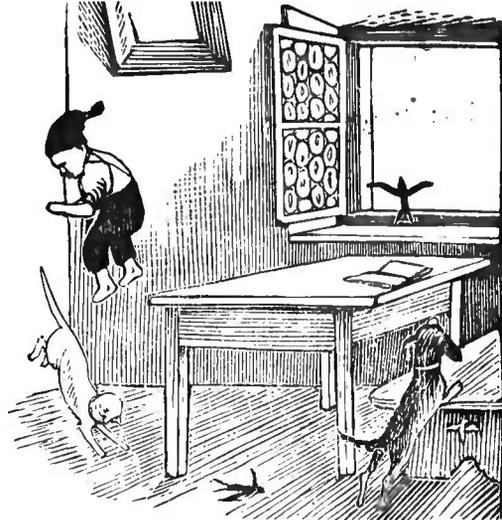
O Antonico dá um grito, o gato saltou a uma e o cachorro a outra andorinha.



Mas as andorinhas sahem pela janella e os tres—cachorro, gato e Antonico ficam a ver navios.



Gostando da brincadeira as andorinhas voltam de novo e recomeça o gyro vertiginoso. La vão os cinco—uns atrás dos outros.



O Antonico sacula os domesticos contra as andorinhas, mas as andorinhas têm azas e zombam de tão fracos caçadores e vão-se pondo novamente ao fresco.



E os tres—Antonico, gato e cachorro ficam estatelados á janella de boca aberta.





Hyppolito José da Costa Pereira

**A** memoração que em um dos passados numeros fizemos do eminente jornalista Evaristo Ferreira da Veiga, despertou-nos a recordação de um nome não menos illustre, o de Hyppolito José da Costa Pereira Furtado de Mendonça, o fundador da nossa imprensa jornalística, grande factor da nossa independencia litteraria, o primeiro, emfim, que proclamou livre a mentalidade brasileira.

O *Correio Braziliense*, fundado e redigido em Londres, de 1808 a 1823, por Hyppolito, foi o arauto da nossa nacionalidade, pois

antes que se realizasse a nossa independencia politica effectuára elle a nossa independencia litteraria. Essa revista foi o baluarte donde partiram os primeiros ataques contra a servidão em que viviamos, e onde primeiro fluctuou tambem o pavilhão da nossa liberdade moral, posta á sombra protectora de uma grande nação, á qual tanto deve a autonomia do imperio sul-americano.

Hyppolito José da Costa Pereira nasceu na nossa antiga e hoje perdida colonia do Sacramento, aos 13 de Agosto de 1774. Filho de pais abastados, foi bem cedo enviado para a

metropole, onde não tardou a revelar extraordinaria aptidão polyglotica, manejando com summa facilidade as linguas mais correntes da Europa; e matriculando-se na Universidade de Coimbra, fez brilhantemente o seu curso, formando-se a um tempo em direito e em philosophia.

Depois de formado deu preferencia ás investigações da economia politica, attrahido talvez pela novidade da sciencia, que só então começava a ser estudada em Portugal, tornando-se nella tão notavel na metropole como na colonia o seu compatriota José da Silva Lisboa, para quem mais tarde expressamente foi creada uma cadeira dessa materia no Rio de Janeiro, por occasião da chegada ao Brazil da familia real.

Bem depressa foram os talentos de Hyppolito convenientemente aproveitados pelo governo portuguez, que o nomeou director litterario da Junta da Imprensa Régia, e pouco depois, talvez por instancias suas, o mesmo governo deu-lhe a incumbencia, naquella qualidade, de ir a Londres fazer aquisição de novo e aperfeiçoado material para a Imprensa, e ao mesmo tempo colleccionar obras modernas para a Bibliotheca Nacional.

Chegado áquella cidade, Hyppolito procurou iniciar-se em todos os adiantamentos sociologicos, e, como á frente do grande movimento estivesse a Maçonaria, filiou-se desde logo ao Grande Oriente, tomando talvez o compromisso de auxiliar a propaganda em Lisboa, onde por esse tempo já havia alguns maçons, principalmente estrangeiros.

Regressando á capital da metropole, Hyppolito foi denunciado ao Santo Officio como franco maçom, e consequentemente—inimigo declarado do throno e do altar.

Preso immediatamente, vio-se, com grande surpresa sua, de empregado da mais alta confiança do governo convertido em réo de nefando crime, e como tal lançado nas escuras masmorras da Inquisição.

A historia dessa prisão, bem como os capciosos interrogatorios que lhe foram feitos com o fim de enredal-o em tricas de imaginarios crimes, foram minuciosamente descriptos pelo proprio Hyppolito em sua *Narrativa das Perseguições* que soffreu, impressa em Londres em 1811, em dous volumes em 8º, com o seu retrato adornado das insignias maçonicas, do qual reproduzimos o que orna este artigo, trabalho muito curioso pelos dados que contém a respeito da instituição do Santo Officio, e regulamentos do terrivel tribunal.

A Inquisição, em Portugal, já por esse tempo achava-se, porém, em grande decadencia, precursora da total extincção que não

tardaria a sobrevir; por isso facil foi ao poder maçonico arrancar de suas garras Hyppolito, proporcionando-lhe a fuga para Londres.

Não obstante a frouxidão inquisitorial, o governo portuguez não podia ficar indifferente ao caso, pois não tratava-se unicamente de um accusado de attentar contra as crenças religiosas, mas tambem, e o que era mais ponderavel, contra as instituições politicas. Hyppolito não era só um livre pensador; tambem era um liberal, cujo talento punha-se ao serviço de idéas então consideradas subversivas.

Reclamou, pois, o governo portuguez ao inglez a entrega do fugitivo para ser severamente punido; mas baldadas foram todas as instancias e insistencias: a Inglaterra não só negou-se peremptoriamente a semelhante concessão, como até pareceu proteger Hyppolito permittindo-lhe a publicação de um periodico politico combatente contra a metropole, e inspirador de idéas separatistas á colonia do Brazil.

Auxiliado pelos seus irmãos maçonicos, entre os quaes se contavam opulentos lords, senão tambem pelo proprio gabinete inglez, Hyppolito emprehendeu a publicação de uma revista quinzenal, modelada pela de *Edimburg Review* ou pela *Quartel Review*, escripta em portuguez e consagrada á politica, sciencias e letras.

No dia 1 de Junho de 1808 appareceu o primeiro numero do *Correio Braziliense* ou *semanario litterario*, com oitenta paginas in-4º, impresso nas officinas de W Lewis, em Londres.

Em seu artigo de apresentação Hyppolito limitou-se a lamentar que por aquelles tempos ainda estivessemos privados dos soccorros da imprensa, « necessarios, dizia elle, a um *estado independente*, o qual poderá algum dia rivalisar, pela sua situação local, em que a natureza poz o vasto *Imperio do Brazil*, com as primeiras potencias do mundo? »

Como se vê, para Hyppolito a independencia estava feita desde que a monarchia portugueza se transportára para a America; e no proposito de concorrer para a diffusão das luzes no Brazil, ao qual dava abertamente a qualificação de Imperio, é que dizia elle ainda: « Levado destes sentimentos de patriotismo, e desejando *aclarar os meus compatriotas* sobre os factos politicos, civis e litterarios da Europa, emprehendi este projecto, o qual espero mereça a geral aceitação daquelles a quem o dedico. »

Logo nesse primeiro numero, Hyppolito abre uma secção com o titulo de « *Pensamentos vagos sobre o novo Imperio do*

*Brazil*,» na qual se depara, entre outros, com o seguinte trecho: « Não entrarei aqui na discussão dos limites, que deve ter o Imperio do Brazil, e até que ponto o principe-regente poderia, com prudencia, usar dos direitos, que tem ao todo das colonias de Hespanha; porém é evidente que, se o governo do Brazil intentasse agora a total conquista de todas as colonias hespanholas, ainda quando tivesse meios de o fazer, seria expôr-se a lançar no esquecimento a administração interior dos seus Estados do Brazil, que são tão susceptiveis de melhoramento, quanto têm sido até agora desattentados.»

Julgue-se da indignação e pasmo da côrte portugueza diante de tão inaudito arrojo; imagine-se que esforços não empregou ella para haver ás mãos o ousado evadido dos carcereiros inquisitoriaes, e o quanto não daria ella para fazel-o calar de uma vez para sempre.

Em tão apertada conjunctura, considerando o caso como questão altamente diplomatica, o governo portuguez pedia ao inglez, por intermedio de seu representante, quando menos a cessação daquelle periodico, cujas doutrinas ameaçavam perturbar a paz da colonia sul-americana, justamente no momento em que a ella se abrigára toda a côrte.

Ha razões para crer que, negando-se a satisfazer este pedido, tanto mais bem fundado quanto a Inglaterra se havia convertido em uma especie de protectorado para com a oscillante monarchia portugueza, o gabinete britannico favoneava as idéas emancipadoras de Hyppolito, aliás muito aceitaveis pelas vantagens que este patenteava naquella precitada secção do *Correio Braziliense*.

« Foi então, diz o Sr. Eduardo Perié em sua *Litteratura brazileira nos tempos colonicos*, que o combate tomou proporções collossaes, avultando a luta da intellectualidade contra a prepotencia, da luz contra as trévas, do direito contra a tyrannia, da liberdade contra o despotismo. Brotavam as idéas das columnas do seu periodico como uma torrente avassalladora, com todo o impeto do enthusiasmo, com toda a convicção do direito, com toda a verdade da sciencia. Era a patria opprimida encadeada ao escabello de um throno caduco, que se apresentava ante a nova ordem de cousas; eram todas as injustiças do passado, todos os privilegios da raça e todos os abusos do poder, circumdado de fogueiras, de esbirros, de excommunhões, para abafar o pensamento e trucidar a consciencia; era, finalmente, a voz da America pedindo lugar entre as nações civilisadas, e reivindicando para seus filhos o direito de

ser livre e desprender aos quatro ventos a sua bandeira. »

Não conseguindo fazer abafar a voz de Hyppolito daquelle inexpugnável baluarte, procurou ainda o governo impedir a entrada do *Correio Braziliense* na côrte do principe-regente; mas em vão o tentou, pois apezar das mais severas penas e terminantes ordens, o periodico apparecia por toda a parte: nos paços de S. Christovão, no gabinete de D. João VI, nos quartos das princezas e damas, contra as quaes verberava Hyppolito severas censuras, encontrava-se essa publicação.

Era o ariete contra aquella côrte mais relaxada que perversa, que, apezar dos bons desejos do rei, não podia elle fazer mais, porque mais longe não iam os seus conhecimentos. As palavras do jornal de Hyppolito penetravam em toda a cidade; as idéas novas apossavam-se de todos os animos, como os raios de luz penetram por todas as frinchas em um aposento fechado.

Vendo o governo de D. João VI que nada conseguiam as suas medidas repressivas, tratou de auxiliar em Londres a publicação de um periodico que combatesse o *Correio Braziliense*; creou-se então alli o *Investigador portuguez em Inglaterra*, mas com tão máo exito pela venalidade de seus redactores, que o órgão governista cessou a publicação emquanto que o propagandista da independencia brazileira prosequia cada vez mais forte e mais aventureado.

Essa propaganda tornava-se cada vez mais efficaz, pois Hyppolito não se limitava a condemnar por atrazada e ignorante a politica portugueza, nem a demonstrar os erros aliás flagrantes do governo. Habil economista e grande conhecedor da politica do velho continente, despertava o interesse das nações europeas, comprovando as vantagens que ellas colheriam da independencia do Brazil, principalmente as nações mercantiles, publicando para isso estatisticas do movimento da producção e da população brazileira, que á força de pacientes investigações elle mesmo organisava, dando conta da exportação e importação dos nossos portos franqueados ás nações amigas de Portugal, patenteando a fecundidade do solo, a riqueza de seus productos naturaes e os grandes proventos da agricultura, o que tudo muito contribuia para o apoio que a causa da nossa independencia encontrou sempre no governo inglez.

Hyppolito foi um athleta daquelle periodo; elle só, com o seu periodico, fez tanto como os demais factores da nossa independencia, pois certo da neutralidade do terreno em que

pisava, dava d'alli os mais ousados combates ao velho regimen, atacava-o de frente, subjugava-o, prostrava-o, vencia-o, com a sua logica de ferro.

De 1808 a 1822 não descansou um momento, não deu treguas ao inimigo; colhia pacientemente todas as peças por insignificantes que a qualquer outro parecessem, avolumava cada vez mais o processo e arrazoava com a convicção de quem se identifica com a justiça do seu cliente.

Só quando o brado do Ypiranga, atravessando os mares, foi echoar acariciadoramente aos ouvidos do herculeo batalhador, ás margens do Tamisa, é que reconheceu elle que estava cumprida a sua gloriosa missão. O combatente estava exausto, mas a espada fulgurava sempre firme em sua dextra de gigante.

Em 1823 Hyppolito publica o ultimo volume do *Correio Braziliense*, o 29º, despedindo-se dos leitores. Achilles recolhia-se a sua tenda, mas já ia ferido.

D. Pedro I deu-se pressa em recompensar tantos e tão bellos serviços, começando por nomear Hyppolito nosso consul na cidade de Londres, lugar esse já então de grande renda, pois a maior força das nossas transacções externas se fazia por intermedio dessa praça: foi esse o unico galardão que mal teve tempo de receber, pois a morte o surpreendeu a 11 de Setembro de 1823, com 49 annos apenas de idade.

Não exagero talvez repetindo o que já uma vez disse, com respeito áquella revista e a seu redactor: « Nunca o jornalismo abraçou mais nobre causa, e nunca tambem jornalista algum alcançou maior triumpho. Podia depôr a penua e remetter-se ao silencio, estava escripta a sua epopéa; e seu nome atirado aos vindouros jamais poderá perecer, pois, embora tenha temporariamente cahido em tão injusto olvido, esse nome será sempre para o Brazil uma das suas mais fulgurantes estrellas intellectuaes. »

FELIX FERREIRA



## PALESTRAS HISTORICAS

### A primeira exploração á costa do Brazil

#### IV

(Continuação)



CAPO DE S. ROQUE

A primeira terra que os exploradores avistaram, na costa do Brazil, não está sufficientemente discriminada. Os historiadores que têm commentado as cartas de Vespucio dizem que foi o cabo de S. Roque, accrescentando o visconde de

Porto-Seguro que foi em 16 de Agosto de 1501, dia do santo, de onde lhe proveio o nome que ainda conserva. Aonde elle foi encontrar dados para esta asserção é o que não sabemos, nem elle o especifica.

Ora, a regularmo-nos pelo numero de



CAPO DE SANTO AGOSTINHO

leguas, que Vespucio diz percorrêra, a

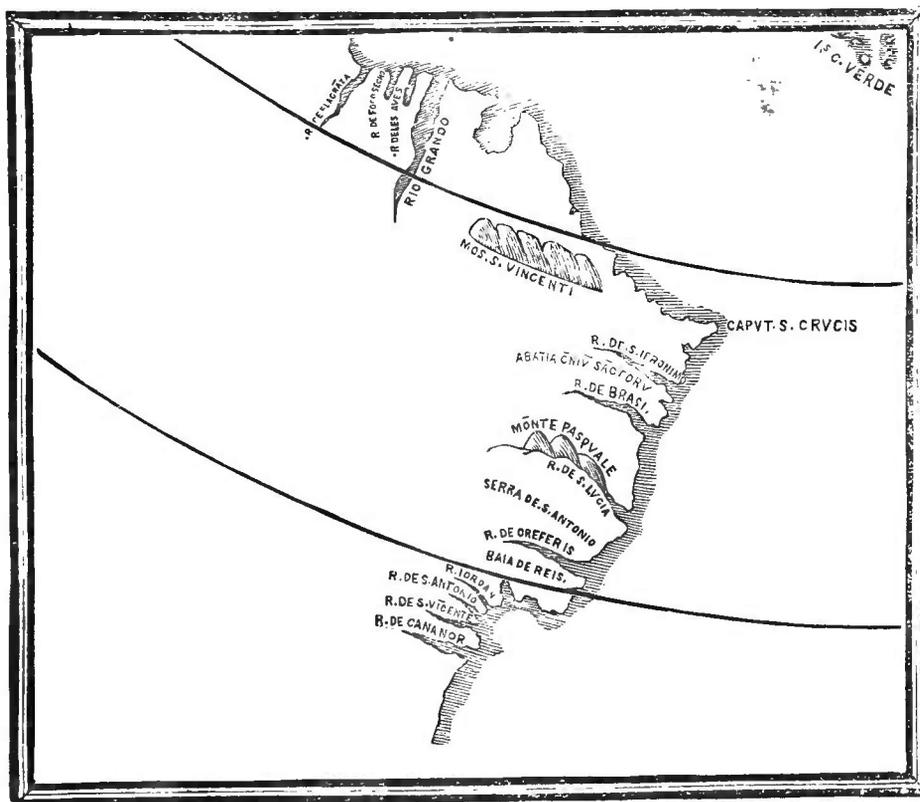
primeira terra avistada foi mais para o oeste, na actual provincia do Ceará, talvez nas proximidades, do Rio Grande, habitada pelos ferozes *Pytaguares*, com quem os primeiros europeus trataram com as cautelas precisas, pelas traições e barbaridades commettidas por elles.

Diz Vespuccio que desde o lugar a que primeiro aportaram até o cabo de Santo Agostinho eram cento e cinquenta leguas. Este calculo approxima-se com a distancia entre o Rio-Grande e o referido cabo, pois segundo Simão de Vasconcellos, desde o dito rio ao de Jaguarybe são trinta e sete leguas; desde este ultimo ao cabo de S. Roque outras trinta e sete leguas, e deste ao cabo de Santo Agostinho noventa, o que faz cento e sessenta e quatro.

de cento e cinquenta leguas,mas sim noventa, como dissemos.

Temos ainda que sahindo-se de Bezeguiche, actualmente Gorea, e navegando na direcção indicada por Vespuccio, sudoeste quarta do sul, é mais certa a rota para a costa do Maranhão do que para o cabo de S. Roque, como melhor indica a rosa dos ventos.

Diz Vespuccio: « Sahindo desta paragem (a primeira em que desembarcaram) seguimos a nossa navegação entre léste e suéste, que assim corre a costa, e fizemos varias escalas, mas não achámos gente com quem pudessemos tratar, e assim navegámos tanto até que vimos voltar a costa para sudoeste; e como passámos um cabo, a que puzemos o nome de Santo Agostinho, principiámos a seguir á feição da terra. Está este cabo dis-



Mapa referente á costa do Brazil, copiado da geographia de Ptolomeo

E' certo que Vespuccio precisa bem os grãos á quem da equinoxial, do primeiro porto avistado, que diz serem cinco, bem como os do cabo de Santo Agostinho em oito; mas correndo a costa desde o rio Maranhão até o cabo de S. Roque, na direcção de oeste a léste, com pequena inclinação para léste quarta suéste, os cinco grãos de latitude são encontrados em diversos pontos muito distantes uns dos outros. Acresce ainda que a costa entre um e outro cabo corre na direcção de sul quarta suéste, e a distancia não é

tante do lugar em que vimos matar os dous christãos cento e cinquenta leguas para o le-vante, em oito grãos além da equinoxial para o sul. »

Vê-se por este trecho que os exploradores não notaram o descahimento da costa desde o cabo de S. Roque até o de Santo Agostinho, que é sul quarta suéste, nem tão pouco demarcaram o mesmo cabo de S. Roque. Este engano de Vespuccio foi continuado pelo editor da *Geographia de Ptolomeu*, pois que descrevendo a costa diz :

«... dalli (cabo de Focosseco) mette-se tanto para o sul que apenas fica um gráo longe do Equador em a longitude de trezentos e vinte. Novamente torna-se a estender para o norte até á latitude antecedente; depois do que, vai a praia fazendo varias enseadas até á longitude de trezentos e vinte e quatro gráos e meio, onde faz um grande seio que olha para o norte, cujo ponto mais austral está na latitude de tres gráos e meio; o meio da enseada tem a longitude de trezentos e vinte e cinco, a parte mais oriental de trezentos e vinte e sete, com a latitude acima dita. Daqui volta ao nascente, descendo para o sul tortuosamente até á longitude de trezentos e quarenta gráos, na latitude meridional de quasi quatro gráos. Depois sóbe um tanto para o nascente até o cabo de Santa Cruz, em a longitude de trezentos e quarenta e quatro gráos, e latitude sobre-dita. Depois volta, e mette-se para dentro pouco a pouco sinuosamente até á embocadura do rio de Santa Luzia, e promontorio de Santo Antonio, que está na longitude de trezentos e quarenta gráos e meio, e na latitude meridional de dezoito...»

Por esta descripção da costa e pelo que diz Vespucio, bem como demonstra o mappa de Ruysh, fica-se em duvida se este cabo de Santa Cruz será acaso o cabo de S. Roque, pois tanto uma noticia como outra condiz com a descripção da costa até elle, o que não acontece até o actual cabo de Santo Agostinho.

Em verdade, a costa norte do Brazil correndo desde o Amazonas até o cabo de S. Roque na direcção de oeste para leste, com pequena inclinação para les-sueste, dahi é que se pronuncia fortemente para sul quarta sudoeste até o cabo de Santo Agostinho, e dahi por diante para su-sudoeste.

A inclinação da costa entre os dous cabos é tão sensível que a longitude de um a outro apenas faz differença de 16', ficando o cabo de Santo Agostinho em 25° 48', e o de S. Roque em 26° 2', sendo entretanto a latitude, o ultimo 5° 6' e o primeiro 8° 20' <sup>15</sup>

Semelhante inclinação não podia deixar de ser notada pelo navegador que, procurando o sul do Brazil, vindo da costa norte, tivesse de transpôr o dito cabo de S. Roque, pois embora a costa do cabo de Santo Agostinho para a parte austral seja mais pronunciada para su-sudoeste, não é tão sensível este descahimento e tanto para notar, como navegando do norte e dobrar o cabo de S. Roque.

Cumpre notar que a maioria das cartas geographicas não são exactas no delineamento

da costa brasileira nos referidos pontos que ventilamos.

Como quer que seja, parece-nos que o cabo de que se trata é o de Santo Agostinho, o ponto mais oriental de toda a America, e que tambem presumimos ser André Gonçalves quem o baptizou com o nome de cabo de Santa Cruz.

A segunda missiva de Vespucio dirigida para Pariz concorda com a descripção da costa percorrida ao norte da terra de Santa Cruz, com a differença notavel, porém, que nella elle diz que desde que avistou terra até o cabo de Santo Agostinho havia uma distancia de trezentas leguas. A ser exacta esta asserção, o primeiro ponto a que aportaram seria além do Maranhão, no Amazonas, ou em suas proximidades.

Não crêmos que fosse assim, achando mais conforme a sua primeira carta dirigida a Soderine, pois concorda mais com a derrota que seguiu da costa d'Africa até lançar ferro em terras brasileiras.

Fixar, pois, o ponto em que os primeiros exploradores desembarcaram em terras brasileiras é uma temeridade. Pelo numero de leguas que Vespucio relata, e muito principalmente pela navegação em rumo de les-sueste que elle declara correr a costa, esse ponto não podia ser o cabo de S. Roque, porque não o menciona, e porque delle ao de Santo Agostinho a costa não corre nessa direcção mas sim su-sueste.

Accresce ainda que no espaço de vinte leguas áquem do cabo de S. Roque a terra era despoitada, como o affirma Gabriel Soares; cheia de alcantis á beira-mar e com pouco arvoredo; esteril e fraca e sem portos capazes de segura ancoragem.

Entretanto Vespucio diz que no ponto em que fizeram o desembarque havia gente e por signal bastante hostile aos exploradores.

Ainda mais: a ser no cabo de S. Roque era natural que na travessia de Bezeguiche ao ponto conjecturado encontrasse a ilha de Fernão de Noronha que pouco dista do cabo de S. Roque, além de que um desembarque nas proximidades do dito cabo era perigoso senão impossivel pelos baixos que o circundam, como diz o almirante Quintella.

Alguns commentadores das cartas de Vespucio objectam que a elle aportar á costa norte do Brazil as correntes maritimas não permittiam que a navegação fosse de oeste para leste, levando pelo contrario as embarcações para o noroeste, tal é a sua força até o mez de Setembro.

Com effeito, Diogo Garcia, o habil piloto portuguez ao serviço de Hespanha, que

<sup>15</sup> Merid. de Lisboa.

em 1527 fez uma viagem ao Rio da Prata, de que nos deixou uma interessante *Memoria*, dada á luz pelo visconde de Porto-Seguro, e que nos parece foi o primeiro que notou as correntes maritimas sahidas do golpho de Guiné, diz o seguinte a este respeito <sup>16</sup>:

« Desta ilha da Boa-Vista (Cabo-Verde) fizemo-nos á véla no rumo de sul, e nesta travessia se ha de navegar com muito resguardo e bom saber da pilotagem, por causa das correntes sahidas dos rios de Guiné, que empurram os navios para o noroeste, caminho das Indias de Castella. Destas correntes não se soube resguardar Sebastião Gaboto, porque não era marinheiro, nem sabia navegar.

« Desde as ilhas de Cabo-Verde até o cabo de Santo Agostinho a direcção é em sudoeste, mas para o dobrar navega-se ao sul e ás vezes sul quarta sudoeste, pois mesmo com esta derrota ainda assim é trabalhoso para o transpor, taes são as grandes correntes proximas ao seu littoral, que como disse correm para o noroeste.

« Esta travessia tem quinhentas leguas e em geral sempre nella ha calmarias, muitas trovoadas e aguaceiros, causados pelo excessivo calor da linha equinoxial. »

Accrescentam outros que ao piloto que não fôr pratico da navegação naquellas paragens é impossivel navegar com terra á vista, e

<sup>16</sup> Parece-nos que este Diogo Garcia foi o mesmo que dez annos depois acompanhou D. João de Castro á India, em 1528, pilotando a não *Grifo*, referido no seu *Roteiro de Lisboa á Goa*, ultimamente publicado em Lisboa com eruditas annotações pelo Sr. Andrade Córvo.

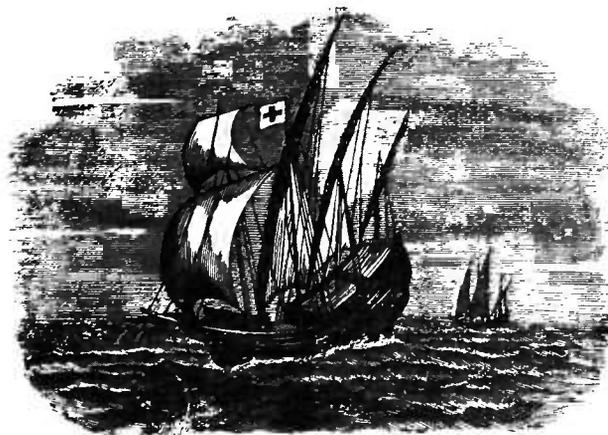
muito menos a fazer desembarques pelos baixos e escolhos de que está povoada a costa, muito principalmente pelos baixos de S. Roque que se prolongam pelo espaço de dez leguas para o norte.

E' certo que as correntes maritimas são um obstaculo para a navegação, principalmente naquelles tempos em que o poderoso auxilio do vapor não era conhecido nem sonhado, mas ainda assim essas correntes eram vencidas pertinazmente com os fracos meios de que a nautica podia dispôr. A escala que as armadas para a India faziam pela terra de Santa Cruz, fugindo ás correntes e calmarias proximas á costa africana, desfavoraveis para a ida, eram aproveitadas para a volta, e ainda assim muitos navios as venceram, indo dobrar o cabo da Boa-Esperança, com longa demora, com insano trabalho, é verdade, mas realizavel.

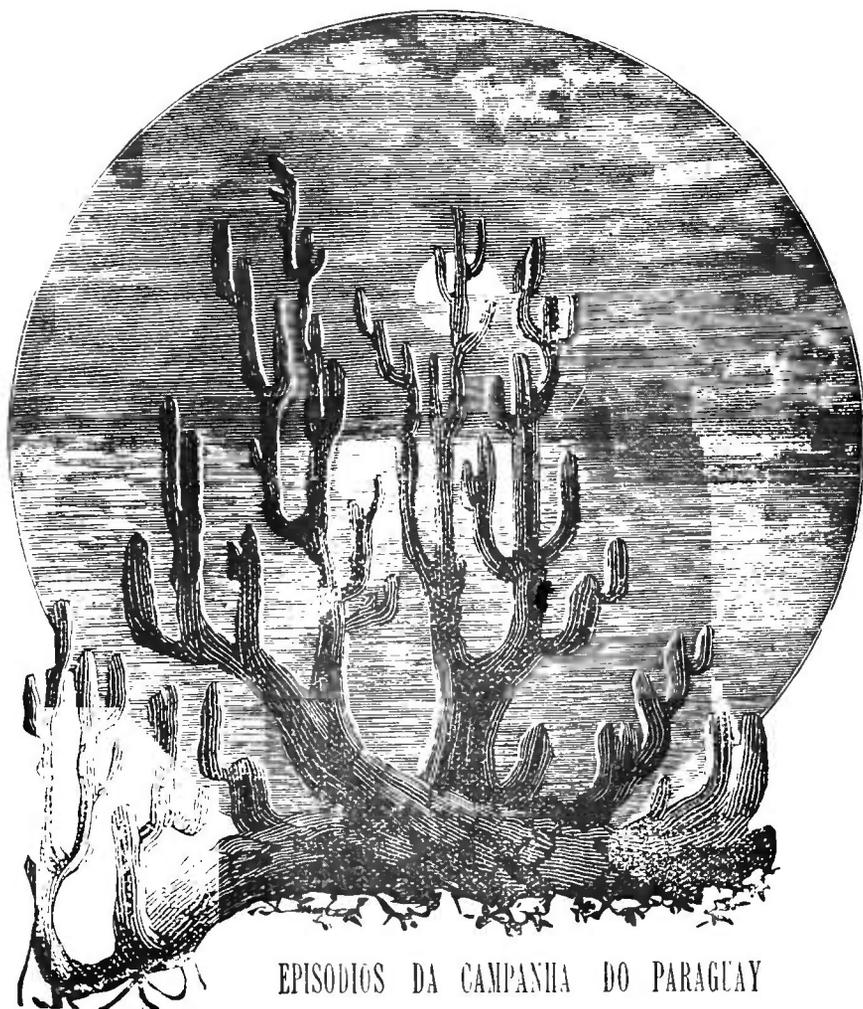
Emquanto á falta de bons portos e perigos que a costa norte do Brazil offerece á navegação, é um facto incontestavel, pois que sem um bom pratico qualquer embarcação que tente margear suas costas não o póde conseguir sem arriscar-se a naufragio certo.

Formar-se, pois, juizo exacto sobre a navegação destes primeiros exploradores na costa norte do Brazil, segundo o que diz Vespuccio, é o que não se póde fazer, pois tudo nelle é vago, confuso, contraditorio, como mais largamente demonstraremos no correr de nossas palestras.

(*Continúa.*)



CARAVELLA



## EPISÓDIOS DA CAMPANHA DO PARAGUAY

Abordagem aos nossos encouraçados

**E**ra uma noite escura; nuvens grossas cobriam a abobada celeste; o ambiente pesado, as aves nocturnas esvoaçando nas margens do rio Paraguay e piando de quando em vez, prenunciavam medonho acontecimento.

Passaram-se as horas quando, pela madrugada do dia 2 de Março de 1868, transformára-se em realidade aquillo que um espirito prescrotador, uma alma supersticiosa, já teria adivinhado.

Os paraguayos, em numero de 1200, aproveitando a escuridão, atacaram a primeira grande divisão de nossa esquadra: foi um assalto ardiloso, feito aos encouraçados por homens robustos e escolhidos, d'entre os mais corajosos, pelo proprio Lopez, semi-nú, armados de espadões, facões e granadas de mão, transportados em canoas mascaradas por *camalotes*. Teriam sorprendido essa valente divisão se não fôra o guarda-marinha José Roque da Silva, que, estando de ronda, desconfiou dos montões de hervas fluctuantes, e em boa hora, por isso que traziam

como contrabando canoas prenhes de inimigos, que, deslisando mansamente pela correnteza do rio, procuravam as amuradas dos nossos vasos de guerra para dar-lhes uma inesperada abordagem.

A' presença de espirito e perspicacia desse joven official muito se deve o bom exito, que tiveram nossas forças, nesse horrivel ataque.

Reconhecer, voltar os remos, e gritar para o *Lima Barros* e *Cabral* que iam ser abordados, foi obra de instantes, não deixando mesmo assim de correr o risco de morrer envolvido com os assaltantes na ocasião em que subia para o *Lima Barros*, a cuja guarnição pertencia.

Quem ouvisse o bater do coração desses bravos tripolantes, com certeza não lhes poderia contar as palpitações, tal foi a nova que receberam! Da mesma sorte era preso o destemido Roque da Silva, que gritava—avante!—aos denodados marinheiros do seu escaler-vigia.

A' voz do official, os tripolantes carregavam os remos, fazendo o pequeno barco-avisador correr, voar sobre as aguas, como o brigue que vai de velas pandas ao brandinho soprar de virações benignas.

A distancia foi vencida rapidamente. Os encouraçados tinham os ferros a fundo, em linha perpendicular á direcção da corrente das aguas e á distancia de dous kilometros.

Apezar da celeridade com que suas guarnições chegaram a postos, não foi possivel opporem-se a que no *Lima Barros* o inimigo firmasse pé em numero de 400 e tambem abordassem o *Cabral*.

A' testa de suas guarnições, os invictos commandantes capitão de fragata Aurelio Garcindo Fernandes de Sá e capitão-tenente João Antonio Alves Nogueira faziam prodigios de valor, defendiam-se resolutamente, heroicamente, e seriam victimados pelos golpes dos ferozes inimigos se não conseguissem, á força de uma desmedida bravura, recolher-se ás torres e casamatas.

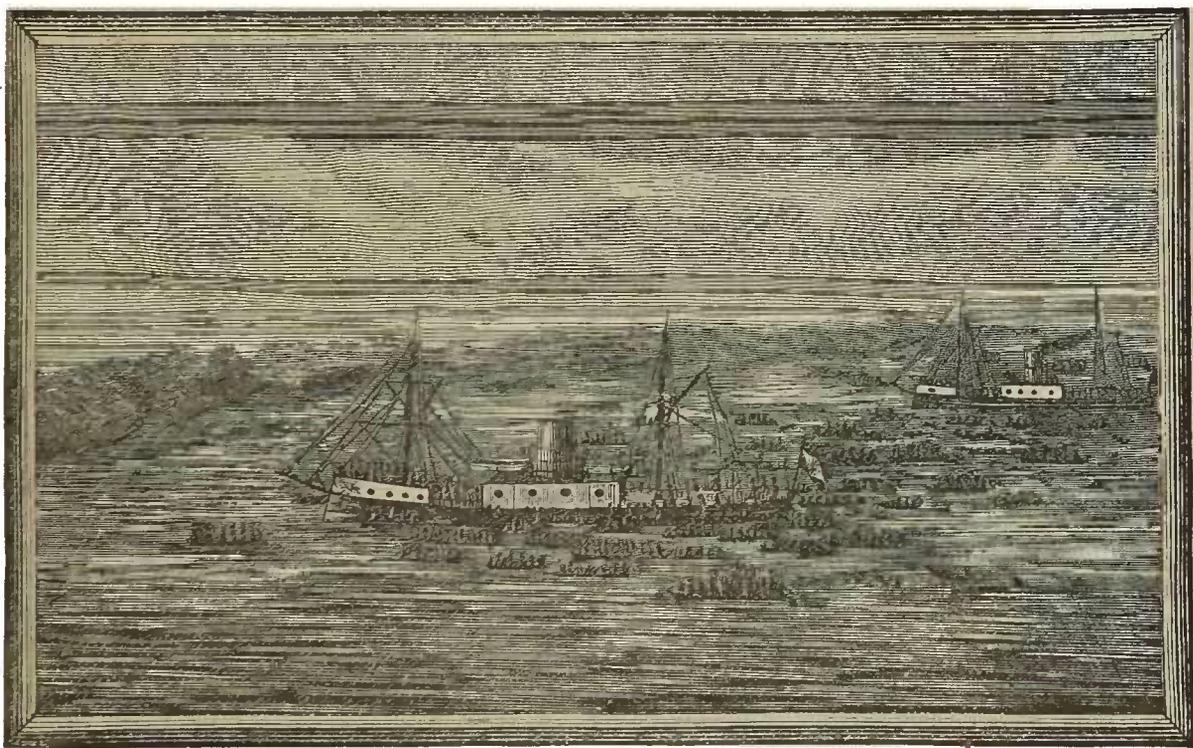
Ainda não era tudo ; grande porção de canoas se dirigiam ao *Silvado* e *Herval*.

Do *Silvado* era commandante o venturoso e arrojado capitão-tenente Jeronymo Francisco Gonçalves, que, mandando logo largar a amarra por mão, levantou seus fogos, e, collocando-se entre os dous encouraçados, começou a lançar sobre elles metralha, como lhe aconselhava a critica situação em que estavam aquelles vasos de guerra.

O *Herval* com a maxima rapidez apromptou a machina, e, seguindo o movimento do *Silvado*, se arremessou com elle, ora sobre os navios abordados, ora sobre as canoas de que estava o rio coberto, causando ao inimigo consideravel destroço.

pela doce correnteza das aguas, passava uma multidão de corpos, hirtos, esphaceiados, de paraguayos.

O fogo havia cessado. O *Silvado*, o *Herval* e o *Mariz e Barros* perseguiram algumas canoas, cujos tripolantes se lançavam ao rio como ultimo recurso de salvação ; comtudo ainda persistiam em não abandonar os navios abordados um grande troço de paraguayos, que os julgavam presas suas ; mas essa illusão de momento foi dissipada, porque o capitão-tenente Jeronymo Gonçalves, por iniciativa propria, fez manobrar o navio de seu commando para abordar um dos navios assaltados, e, de arma branca, á frente de sua bizarra e valente guarnição, exterminou



ABORDAGEM AOS ENCOURÇADOS

Ao sangue frio e reflexão dos bravos capitães-tenentes Jeronymo Gonçalves e Helvecio Pimentel se deve a pouca perda dos navios assaltados, por isso que souberam tornarlhes o sacrificio o menos sanguinolento que era possivel.

Surgiam os primeiros raios da aurora ; a luz do sol irradiava o horisonte com seus clarões que vinham illuminar a victoria. A claridade do dia nascente dava a este painel um aspecto fantastico, como se fosse a viva representação dos sonhos de Dante ou das scenas descriptas por Poë.

No rio espelhado pela luz havia um largo lençol de sangue, e devagar, conduzidos

o inimigo a golpes de espada e de sabre, completando assim a victoria, que era saudada pelos entusiasticos vivas a S. M. o Imperador e á armada brazileira !

Esse entusiastico brado foi secundado pela voz das guarnições dos navios abordados, que, abandonando as guaridas e casamatas, içavam triumphantemente a bandeira nacional nos penões do *Lima Barros* e *Cabral*, em substituição ao estandarte tricolor que o arrojo do inimigo tinha feito tremular nos navios. Teve neste assalto lugar saliente o heroe Jeronymo Gonçalves, já conhecido pelo desassombro no combate, valor e sangue frio por muitas vezes manifestados.

Tambem foi um dos bravos desse dia *Maurity*, que inscreveu seu nome no rol das glórias de nossa marinha a par dos invictos *Jeronymo Gonçalves*, *Abreu Coimbra*, *Elizario Barbosa*, *Mariz e Barros*, e quantos formavam essa radiante e esplendorosa pleiade de jovens officiaes, a quem o paiz deve os triumphos de *Riachuelo* e *Curupaity*.

No entanto o inimigo, forte e ousado, não se havia ainda capacitado da inefficacia das tentativas que sobre a nossa esquadra fazia, por isso, na noite de 9 para 10 de Julho, atacou o encouraçado *Barroso* e o monitor *Rio Grande*, este fundeado junto á mata da margem esquerda do rio, aquelle acima do *Tagy*, na boca de uma lagoa em que se apoiava a rectaguarda de nossas infantarias.

Os paraguayos, sahindo do rio Vermelho, em vinte canoas, amarradas duas a duas, formando em cada canoa uma tripolação de doze soldados e um official, depois de terem costeado a ilha « *Montevita*, » descobriram-se por detraz de um grande grupo de hervas aquaticas, á pequena distancia do *Barroso*, que, tendo toda sua guarnição a postos, na casamata, fazia fogo de fuzilaria sobre elles.

Mas a coragem, para bem dizer, selvagem, que caracterisava os nossos inimigos, levou-os a emprehender um formidavel ataque ao *Barroso*, que, assaltado por elles, despejava de seus bordos bem nutrida saraivada de metralha, ciando á ré para desfazer-se das canoas assaltantes.

Esta manobra offereceu o melhor resultado. pois grande numero de canoas foram destruidas e suas tripolações deitaram-se á agua.

E' preciso lembrar aqui o glorioso nome do capitão de fragata *Arthur Silveira da Motta*, hoje barão de *Jaceguay*, que, abandonando as torres, poz-se á frente dos officiaes e praças de sua guarnição, e repellio os mais temerarios inimigos poupados pela metralha.

Não perdiam, porém, os paraguayos occasião de ver se podiam tirar vantagem da

luta, e na illusão de seus dourados sonhos tinham a estulta pretensão de possuir um dos nossos encouraçados !

Repellidos do *Barroso* e já se tendo apoderado da canoa do commandante, dirigiram-se com uma « chata » ao monitor *Rio Grande*, travando-se ahi uma luta medonha e desigual entre quinze paraguayos e o bravo capitão-tenente *Antonio Joaquim*, que, só, se achava na tolda do monitor.

Seria completa a victoria se na luta não tivesse desaparecido, victima de seu heroismo, o commandante do *Rio Grande*.

*Antonio Joaquim* era o typo do marinheiro; de simples marujo fez-se official superior de nossa armada.

Seu nome já estava inscripto no numero dos dilectos filhos do Brazil, e pairava nos braços da immortalidade.

Os temerarios ataques de abordagem aos nossos encouraçados não eram emanados sómente da idéa fixa do dictador *Lopez*; *miss Lynch*, a irlandeza predilecta do tyranno, tambem afagava esse inepto pensamento, como promissor de grandes resultados. Ella animava a tropa, mostrando-se meiga, boa, dedicada á republica, e promettendo aos soldados as mais bellas recompensas pelo valor praticado em combate.

Assim influenciada, e porque não dizer, honrada pela magnanimidade da loura amante de *Lopez*, essa turba, arrastada ao sacrificio pelo despotismo de um dictador feroz, fazia por melhor merecer as falladas recompensas; mas, infelizmente para elles, uma força superior se lhes apresentava: era a nossa força armada, sujeita á disciplina, enthusiasmada pela defesa da patria, guiada por homens intelligentes e valorosos.

Possam as rapidas linhas que aqui deixo lembrar ao meu paiz o nome dos heroes desses assaltos, nomes que collocaram a nossa marinha de guerra entre as melhores do mundo !

F. F. DE ARAUJO,  
Capitão de infantaria.



## A VESPERA DE SANTO ANTONIO

Nem vossê imagina, dizia-me o vizinho Anastacio um dia destes, o que foi a vespera de Santo Antonio, ha quarenta annos, nesta boa e leal cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro.

Logo pela madrugada, a dona da casa punha-se a pé e toca a sacudir, para fóra da cama, os escravos. As mulheres para os aprestos internos e os homens para os externos.

— José! negro, diabo, pega nesse barril e vai buscar agua para lavar a casa; anda, diabo! E tu, Joaquim, vai ver o cesto para ir com o *sinhô* às compras.

— *Hué!* gemia o negro velho a tiritar de frio; cesto *tá hi*, mas *sinhô tá drumindo*.

— Vai ver o cesto e não me converses.. Maria! oh Maria! queres que te vá levantar com o chicote?... Onde, diabo, se mettu essa sapeca da Sebastiana?

— *Tou judando vesti nhanhã*, respondia a negrinha nova, passada por contrabando pelas praias da Jurujuba.

— Tambem esta « lambisgoia » hoje é que deu para querer que ajudem a vestir-a... Oh Catharina! oh diabo! esse café ainda não está prompto?

— *Tá quasi, sinhá.*

— Quasi, quasi, e o *sinhô* não tarda levantar-se.

— Nhonhô, fica quieto, nhonhô! gritava do corredor a Sebastiana, com quem o rapazinho já andava se ensaiando.

— Juca! já principias! Tambem esta asanhada não pára!... Onde estás mettida, diabo!

— Venho do quarto de *nhanhã*...

— Tambem essa empada não se acaba de vestir.

— Se eu estou aqui, mamã, dizia a Carola entrando na sala do jantar, com os olhos ainda tumidos de somno.

— Vá bater no quarto de seu pai; digalhe que o tiro de peça já deu ha *que tempos*...

Com pouco lá vinha o dono da casa, arrancando com esforço o pigarro da garganta, arrastando as chinellas, bocejando e a resmungar: que a canalha não o deixava dormir; que o diabo levasse Santo Antonio e a sua festa; porque não lhe haviam antes posto o nome de Ambrosio ou Pancraccio: a esta hora estaria livre de gastar dinheiro e ainda em cima não o deixarem dormir. Se já estava feito o café? se já haviam posto ao fogo a agua para pellar o leitão? se tinham

posto a escorrer as garrafas para o vinho que logo tinha de vir? se o Joaquim estava prompto com o cesto?

Afinal lá ia vestir-se, tomava o café e sahia, recommendando que não se esquecessem de avisar a padaria que tinham quatro assados; de mandar dizer ao Villaça que não deixasse de vir ainda mesmo com as pernas quebradas; de tornar a lembrar ao Chico da confeitaria o presunto, o doce e os dous pães-de-lot.

E lá ia elle, depois de voltar três ou quatro vezes para uma nova recommendação, acompanhado do Joaquim, com um cesto vazio á cabeça e um samburá ao braço.

Lá pelas oito horas da manhã voltava o Joaquim ajoujado ao peso de uma carga immensa: um leitão a berrar como um desesperado, um Perú calado como um philosopho, quatro gallinhas e dous patos a grazinarem como mulheres velhas, um peixe colossal com a cabeça a sahir por um lado do cesto e o rabo pelo outro, dous palmitos, um cento de camarões, um grande mólho de salsa e cebolinho, duas duzias de ovos, uma porção de ervilhas, um canteiro de alface, louro, pimenta, tomates, mil adminiculos, emfim, difficil de « esmar, » como diriam os classicos.

Emquanto andava o bom do Sr. Antonio, lá pelo mercado, a colher tudo isso, e por bom preço, a mulher virava a casa ao avesso. Lavavam-se os soalhos, vasculhavam-se as paredes, esfregava-se o trem de cosinha, bruniam-se os castiçoes e os talheres de prata, desarrumava-se o apparelho de porcelana, enfeitava-se o oratorio, punham-se as colchas ricas nas camas, mudavam-se as cortinas das portas das alcovas.

As pretas por um lado e as negrinhas pelo outro, estas sob o mando da filha e aquellas da mãe, faziam tudo isso no meio de gritos, risadas, chôro, ganir do cachorrinho, miar da gata, chilrar dos passaros e palrar do papagaio.

O Juca a beliscar a Sebastiana, a Carola a ir de vez em quando á janella ver o Mau-duca do armarinho, a Quininha a comer os torresmos com farinha e o Janjão a berrar com os dedos escaldados pelo doce de côco que fóra furtar ao tacho.

De vez em quando *truz, truz*... « Quem é? » E' o caixeiro da confeitaria que vem trazer ás encomendas. *Truz, truz*: outra vez? E' o homem do açongue que vem perguntar a que horas quer o sangue para o sarrabulho. Agora é o padeiro que traz as roscas para depois de moidas polvilhar as bringel-las recheiadas; logo é o pipote de Lisboa, que era o *Clarete* daquelle tempo; depois é o

Champagne que o compadre Peixoto costuma mandar todos os annos ; e, finalmente, chega o essencial, o mais importante da festa, a carroça das cannas, carás, batatas e a foguetaria : cartas de bichas, rodinhas, pistolas, busca-pés, foguetes do ar, bombas e bombões.

A's cinco horas da tarde chega a guarda avançada das visitas :

A sogra do Sr. Antonio, D. Ursula da Conceição, proprietaria das casas novas da rua do Senado e do sobrado grande da rua Nova do Conde, antes de chegar o chafariz do Lagarto.

Mora ahi ; tem as lojas alugadas a um carpinteiro portuguez, a quem protege com o fim de casal-o com a sua cria de estimação, a Plilomena, uma mulatinha muito espevitada, que só bebe chá, torce o nariz ao café, lê por cima, marca a retroz e diz que « tomara muitas moças brancas se comparar com ella na criação. »

Depois da D. Ursula vem o compadre Peixoto, socio de um armazem de molhados, solteirão e apatacado ; o outro compadre, o Braga, com a filbarada, oito, incluindo o de colo ; o Villaça, procurador de causas, muito divertido, diz boas pilherias e come como um frade, e a proposito desta comparação nunca se esquece de contar a anecdota que acaba por « comi como um burro. »

A' noitinha vem a vizinhança : o seu Soares do Thesouro, com a mulher e as duas cunhadas ; o Sergio, guarda-livros do francez da fabrica de seges ; o Azevedo, da Policia, com a Gertrudes, a *person d'elle*, como informam as mucamas umas ás ontras ; o seu Christovão, o inconsolavel viuvo da professora de Carola, que está sempre fallando na sua *defunta*, e só por lembrar-se della é que vem ao leitão e ás cannas assadas.

A's oito horas da noite o Paulinho, cunhado do Sr. Antonio, que canta modinhas ao violão e faz brindes em versos, commanda a cerimonia de accender a fogueira.

A Sebastiana traz um morrão, que o Sr. Antonio offerece delicadamente á sogra.

— Qual, diz esta ; isto já não é comigo ;

dê a sua mulher, que é quem está em idade disso : chegar o fogo á fogueira...

E suspira, memorando não sei lá que pensamentos.

Afinal o fogo atêa-se aos gravetos, a lenha começa a estalar, cresce a fogueira e o Paulinho manda aos ares um foguete de quatro estouros.

Agora vereis : « Mamã, me dá bichas ! » « Papai, quero rodinhas ! » « Seu Paulinho, me accenda esta rodinha. » « Menina, não chegue a cara á boca da pistola ! » « Juca ! não atires bichas aos pés da Sebastiana » « Ai que me queimo ! Ui ! que está quente ! » « Que batata gostosa ! » « Quer um rolete de canna ? » « Prefiro um carásinho mimoso. »

E a festança toca ao auge. A foguetaria estruge, a fogueira estala e as cannas estouram.

A' meia-noite annuncia-se « a ceia na mesa ! »

Chega a vez do leitão, do Perú, dos patos, das gallinhas ; estas ensopadas e de canja, aquelles assados e enfileirados, com mólhos de salsa nas pernas e rodellas de limão no corpo.

Tudo come, tudo falla, tudo grita, tudo berra :

— Viva Santo Antonio !

A rhetorica é laconica e incisiva.

— Oh seu Antonio, á sua saude e do seu chará lá do céo.

— Viva Santo Antonio lá em cima e nós cá por baixo que o festejamos.

— E por muitos annos.

— A' dona da casa e a Santo Antonio !

— A Santo Antonio ! para que dê um bom esposo a D. Carola.

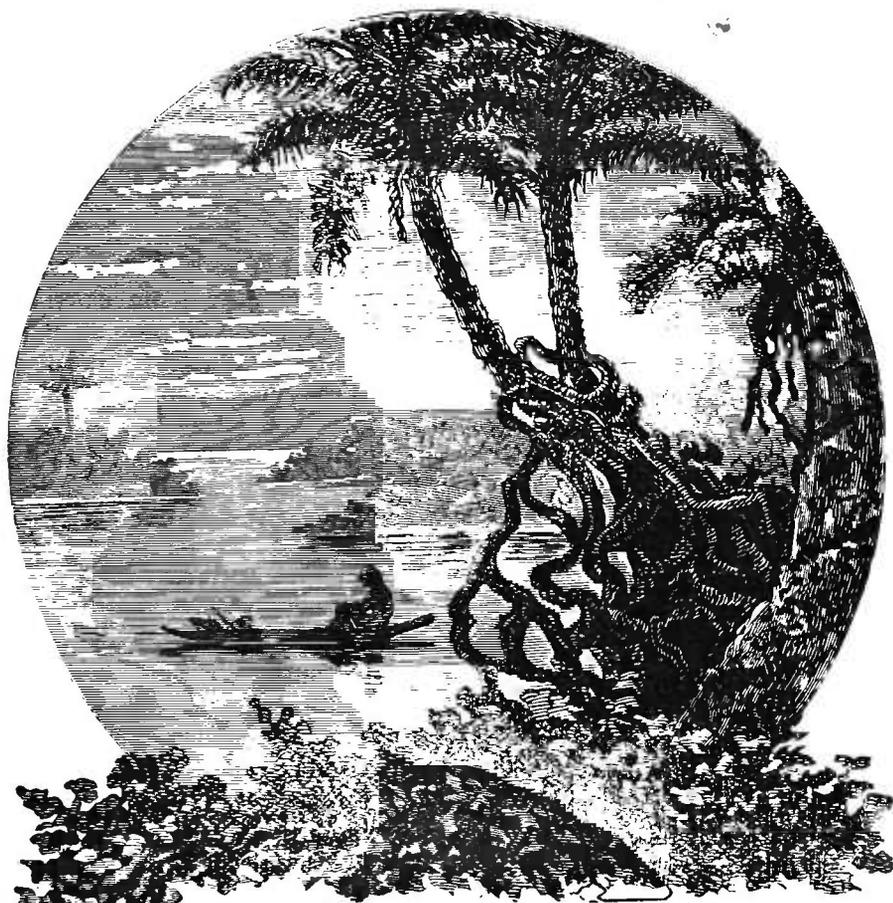
— Amen, diz a avó já meio *na pinga*, querendo abraçar o genro cuidando que fosse o seu « defunto marido, que Deus haja, » como depois explica o caso.

Fallou-se em defunto, tanto basta para que seu Christovão enxugue mais um copinho, lembrando-se de « sua defunta. »

E assim, dizia-me o velho Anastacio, se festejava no meu tempo o Santo Antonio.

F. F.





## Yára

Lenda Amazonica

oi na taba dos Manãos.

Um dia um moço tapuio, filho de *taxáua*, seguiu em uma *ygára* o igarapé que banha a ponta do Taruman.

Era o mais valente, o mais forte e o mais bello da tribu.

Na ponta da sua flecha pairava certa eira a morte.

O seu tacape era o terror da onça e do Mundurucú.

E um dia, em uma *ygára*, o moço seguiu o igarapé que banha a ponta de Taruman.

A tarde ia linda, e o sol, mergulhando por detraz da collina, onde se erguia a floresta, dourava as aguas do rio Negro.

E a *ygára*, impellida pelo braço robusto do moço Manãos, cortava ligeira, como a setta do seu arco, as aguas do riacho.

De noite, alta noite, o moço voltou.

Estava triste e não dormio.

A mãe d'elle chorou por ver a tristeza de seu filho e quiz conhecer o motivo de suas magoas.

O moço fallou assim:

« — Ouve, mãe, ouve, porque só a ti

posso contar a dor que me vai n'alma.

« Era uma moça linda... como nunca vi nem entre as filhas dos Manãos, nem dos Mundurucús. Quando a *ygára* vogava, ouvi um canto longinquo, mais doce do que o do coruchué, mais terno que o arrullo da jurity. Fra della. Estava sentada á margem do rio. Tinha os cabellos cõr da pedra amarella e nelle enlaçadas as flores do mururé, e cantava como jamais ouvi cantar. Depois seus olhos verdes, como as pedras das *icamiabas*, fitaram-se em mim.

« Um momento olhou-me e em seguida estendeu-me os braços, e o seu corpo, esbelto como assahyseiro, mergulhou nas aguas do igarapé, que resvalaram-lhe pelo dorso

branco com as pennas da garça.»

E o moço calou-se.

A velha ouviu, chorou e disse:

« — Não voltes, filho, não voltes ao igarapé da Taruman. Essa virgem é a *yára*, a mãe d'agua. Seu sorriso mata como a flecha do guerreiro e sua voz é traidora como a pépéua que se occulta nas folhas. Filho, por Tupan, não voltes ao igarapé do Turuman.»

A cabeça do moço inclinou-se sobre o peito e elle ficou mudo.

E no dia seguinte, quando o sol se punha, a *ygára* cortava ligeira as aguas de Taruman.

O moço Manãos nella ia e não voltou mais á taba de seus pais.

Não souberam mais d'elle.

Ousados pescadores contavam á noite, junto ao fogo da *óca*, que, ao passarem de volta de suas pescarias pelo igarapé do Taruman, quando a noite vai alta, viam ao longe o vulto de uma mulher que cantava, e junto della o de um guerreiro moço.

E se algum mais atrevido se approximava, as aguas do rio abriam-se e os vultos desapareciam nelles.

JOSÉ VERISSIMO.

## O Congresso do Sr. Silvestre

Meu velho amigo Silvestre Pinto de Mendonça Furtado da Costa entendeu fazer da ilha em que mora, e onde é o maior proprietario, uma especie de estadinho sob o protectorado do imperio; uma dictadura, da qual é elle o dictador.

O amigo Silvestre é homem de seus setenta annos, casado, com filhos, genros, noras e netos; numerosa familia, da qual é elle o patriarcha querido e abençoado. Tirando-lhe as manias dictatoriaes, o amigo Silvestre é o que se póde chamar, na mais ampla acepção da phrase — um bom pai de familia. Amigo ás direitas, bom cidadão, e até, para que nada lhe faltasse, foi sempre um bom guarda nacional.



O AMIGO SILVESTRE

Começou por servir nas antigas milicias, e passando-se para a guarda civica percorreu todos os postos, desde o de simples cabo de esquadra até o de tenente-coronel-commandante do 43º da ilha em que habita e das adjacentes.

— Sou o commandante em chefe destas forças, dizia elle muito ancho de si, á frente de uma duzia de caipiras, quando outr'ora

acompanhava a procissão ou fazia continencias á effigie imperial no dia 2 de Dezembro.

O amigo Silvestre é juiz de paz, subdelegado, delegado da instrucção publica, prior da irmandade de Nossa Senhora da Fé, que é da matriz, e, finalmente, o compadre e padrinho geral da parochia.

Não se casa rapariga alguma na ilha que não seja elle o padrinho, e tambem não se baptiza a primeira criança em um casal que não seja elle o compadre. Não ha que errar; vendo-se um daquelles insulares é dizer logo: aquelle ou é afillhado ou compadre do amigo Silvestre.

Lá por uma manhã, tarde ou noite, entra-lhe pela porta a dentro um velhote seguido de um rapaz, que faz gyrar o chapéo entre os dedos, e uma rapariga que enrola e desenrola a ponta do chale machinalmente, baixando o olhar hypocritamente.

— *Seu compadre*, com sua licença, vai dizendo o velhote; senhora comadre, licença sua tambem. Aqui está a sua afillhada Podóca... Entra, rapariga!... Oh! que geitos são esses, toda cheia de vergonhas... Que menina acanhada esta sua afillhada, senhora comadre; tambem não sei a quem sahio.. Olhe, a mim não foi.

Emquanto a Podóca timida e desageitadamente vai cumprimentando os padrinhos, o velhote, segurando pelo braço o rapaz, vai dizendo:

— *Seu compadre*, sabe quem é este *marmanjão*? E' o Manduca da tia Engracia; veja como está isto!..

— Um homem, *seu compadre*, um homem. E' cá da ilha?

— Não, *seu compadre*; agora é que quer ser. A mãe mandou elle para o Arsenal aprender carpintaria branca, porque, *seu compadre*, isto de um homem saber officio é ter um beneficio, e o rapaz sahio-se com geito para a cousa, faz trabalho limpo; isto que elles chamam obra de esquadria é com elle... sim, senhor, faz obra assejada; um par de caixilhos, uma porta de vidraça, uma veneziana, sahe-lhe das mãos que parece feito por marceneiro. Lá em casa está uma caixa de costura que elle fez para a Podóca, que é uma joia, *seu compadre*; póde-se lavar com um bochecho d'agua.

— Mas vamos a saber, atalha o Silvestre: agora que já sabe o officio, o que quer elle?

— O que quer? O bom filho á casa torna, *seu compadre*. Se ha de andar lá pela côrte, que é cidade de perdição e malfeitoria, o rapaz quer trabalhar por cá mesmo. *Seu compadre* tem sempre obras; *seu Chico Teixeira* vai levantar casa nova para a familia que está crescendo como porquinhos da

India; o João da Praia vai concertar a venda: tudo isto são obras boas; demais, elle tem sua mãe, que está velhinha; sua mãe, *seu compadre*, a quem não se deve faltar com o pão e o respeito.

— Bom, bom, se pensa assim é que tem juizo. E o que mais?

— E o mais é, *seu compadre*, que a nossa Podóca está moça. Quem havia de dizer! parece que foi outro dia que *seu compadre* levou ella á pia... Lembra, *sinhá* comadre?

— Se me lembro! grita de lá do extremo da casa a D. Gertrudes; por signal que chovia nesse dia *como quê*... *Ihi!* aquillo é que era agua, minha Nossa Senhora da Fé, parecia que o mundo vinha abaixo!

— E nós *toca p'ra riba!*... e foi; nem por isso deixou de ferver o *samba* como nunca!... Pois, *seu compadre*, elles brincaram juntos em pequeno, jogaram o *tempo será* e a *cabra cega*. E o *seu compadre* sabe que isto de um rapaz e uma rapariga brincarem em pequenõs...

— Acabam casando grandês, se sei!... A Gertrudes que o diga.

— Deixe-se disso, *seu Silvestre!* acode a D. Gertrudes com um sorriso vaidoso e um profundo suspiro que traduz eloquentemente as saudades dos *bons tempos*. Ouça o que o *seu compadre* está dizendo.

— Pouco mais tenho a pôr na carta, *sinhá* comadre; elles querem, a mãe d'elle tambem quer, nós lá em casa queremos; agora quem decide a questão é o *seu compadre*.

— O que eu decido é que elles devem casar. E quanto antes.

— E já se vê que o *seu compadre*...

— Ha de ser o padrinho...

— Se é de lei.

— Mas, vamos a saber, o rapaz já está alistado na guarda nacional?

— Isso é com *seu compadre*.

— Póde provar renda legal para ser eleitor?

— Isso é com *seu compadre*.

— Vossê o que é, *seu moço*? E' dos nossos ou dos outros?...

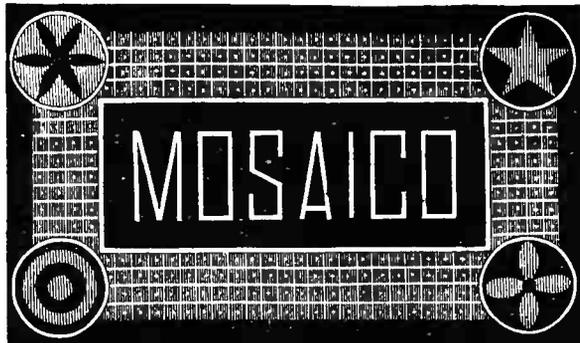
— E' do partido de *seu compadre*, isso não se discute.

— Bom, bom... a velha tem uma casinha e dous escravos, póde-se provar a renda legal. E vai-me para a 5ª companhia, para o lugar do Pedro Ariosca, que morreu outro dia.

Dias depois está casado o Manduca, da tia Engracia, a parochia tem mais um eleitor e a 5ª companhia mais um guarda.

Dahi a dez ou doze mezes o Manduca vai dar parte ao padrinho que lhe acaba de nascer um *Manduquinha*, e que a Podóca havia feito tenção de que seu padrinho fosse tambem do pequerrucho.

(Continúa.)



Conta Antonio Galvão, nos seus *Descobrimientos antigos e modernos*, que, tendo Vasco Nunes de Balboa noticia da existencia do mar do Sul (oceano Pacifico), em 1513, determinou ir descobri-lo, apesar dos obstaculos e perigos que corria, pelas hordas selvagens que povoavam o isthmo de Panamá. Acompanhado por duzentos e noventa soldados e alguns indios, para lhe servirem de guias, Balboa partio de Darien, e ora por paz, ora por guerra, penetrou no interior do paiz, onde ficou sorprendido por encontrar, na povoação de um senhorio chamado *Carcca*, negros captivos, com o cabello encarapinhado como os da Africa, o que nunca os hespanhoes haviam encontrado em toda a America.

Quando Fernão Cortez penetrou no Mexico em 1519, pedindo informações sobre o mar do Sul, os mexicanos mostraram-lhe uma tela de algodão, onde estava debuxada toda a costa do Pacifico, com seus portos, ilhas e enseadas.

Outro mappa encontrou o mesmo Cortez em 1524, quando marchou contra Christovão de Olide, em que fielmente se achavam representadas as montanhas, campinas, valles, rios, cidades e villas de Nicaragua, e outros paizes limitrophes.

A maior largura da America do Sul de léste a oeste é do cabo de Santo Agostinho á cidade peruana de Truxilo, no oceano Pacifico, no mesmo paralelo e latitude, computada em oitocentas leguas. O seu comprimento norte sul anda em novecentas e cincoenta leguas desde Caracas, no mar das Antilhas, ao cabo de Horn.

## Aos nossos assignantes



Motivos imperiosos, muito longe de nossa prevenção, obrigam-nos, bem a nosso pesar, a interromper provisoriamente a publicação do *Brazil Illustrado*.

Cumpre explicar-nos.

Quando de nos começo á publicação do *Brazil Illustrado* havíamos feito em commenda para a Europa de papel especial, que não se encontrava aqui no mercado, isto com antecedencia, afin de que no 1º de Janeiro do corrente anno podessemos imprimir o primeiro numero do *Brazil Illustrado*. Houve demora, e como nossa tenção estava firmada, resolvemos fazer subir o primeiro numero em outro papel, e assim continuarmos até o fim do anno.

Afinal o papel chegou, e como o achassamos bom, com requisitos para a melhor nitidez da impressão, deliberámos continuar com elle a publicação e reimprimir o primeiro numero para assim igualar a côr do papel. Isto fizemos ver aos nossos assignantes.

A remessa do papel encomendado dava para seis mezes de publicação do nosso jornal, e para que não viesse a faltar, fizemos nova commenda, mais ampla, visto o papel preferir nossos desejos.

Desconfiados na execução de nosso pedido, isto é, que o papel seria igual, ficámos sorprendidos quando o recebemos, pois que, embora de boa qualidade, amarelado também e de bom corpo, faz comtudo muita differença na côr, e por conseguinte a continuarmos a impressão nelle ficava o volume do *Brazil Illustrado* mesclado, metade de uma côr e metade de outra.

Assim, resolvemos suspender provisoriamente a publicação do *Brazil Illustrado* até que nos chegue papel igual ao que temos usado, rogando entretanto aos Srs. assignantes de anno, que tiverem presumpções de que é uma escapula da nossa parte, uma especulação, como infelizmente por ahi apparece constantemente, mandar receber a importancia dos seis mezes restantes, que será paga pontualmente pelos editores abaixo assignados.

Tomando esta resolução, não lesamos a ninguém, sendo nós os únicos prejudicados.

Não obstante esta suspensão, o *Brazil Illustrado* ha de continuar, e todo o tempo de demora ha de ser aproveitado em promptificar grande numero de gravuras, cujas cópias

possuimos, não só por havermos feito aquisição de copiosas e variadas photographias, representando paizagens, obras d'arte e lugares pittorescos de todos os pontos do Brazil, como desenhos que obsequiosamente nos têm sido enviados de diferentes localidades, e que cabe aqui nos confessarmos reconhecidos aos cavalheiros que acudiram ao nosso appello.

Os innumerados obstaculos para a realização de publicações como o *Brazil Illustrado* podem ser avaliados mes no pelos que poucas irroções tinham da imprensa. Paiz novo, falta de fabricas de papel, tintas, machinismos e outros accessorios relativos a officinas typographicas, ha ainda a falta de artistas xylographos, arte nascente entre nós, e por conseguinte circumscripta, o que nos tem obrigado a afanosas fadigas para occorrer a multiplos trabalhos, variados e de imprescindivel dever.

Devemos dizer com franqueza, ainda que com magoa, que não temos sido bastante coadjuvados pelos amadores da boa leitura, sã e instructiva; mas confessamos: longe, bem longe, está essa indifferença para o desanimo que porventura nos viesse esmorecer, não seguindo a rôta encetada. E' certo que o limitado numero de assignantes nem para a quarta parte da despeza tem chegado; mas como o nosso fito ao encetarmos a publicação do *Brazil Illustrado* não foi o lucro, com outras verbas de receita contamos para fazer face á despeza, sem com isto dizermos que regeitamos a coadjuvação publica.

Da imprensa da côrte e provincias só temos louvores a significar-lhes, agradecidos, pelas palavras de animação que nos têm dirigido, encorajando-nos a proseguir na publicação do *Brazil Illustrado*, incentivo a que procuraremos corresponder, não só melhorando as gravuras, a impressão, como na escolha de boas artigos.

O nosso proceder parece-nos correcto.

Assim, pois, rogamos aos Srs. subscriptores do *Brazil Illustrado*, que pagaram o anno e não se conformarem com a demora, mandar receber o excedente á rua Sete de Setembro n. 157.

Rio de Janeiro, 30 de Junho de 1887.

Os editores-proprietarios,  
PINHEIRO & C.







